

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CÂMPUS DE TRÊS LAGOAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM GEOGRAFIA

COMUNIDADE YUBA: LIMITES E PERSPECTIVAS DA PRODUÇÃO
COMUNITÁRIA CAMPONESA

EDUARDO ROBERTO MENDES

Três Lagoas

2011

EDUARDO ROBERTO MENDES

**COMUNIDADE YUBA: LIMITES E PERSPECTIVAS DA PRODUÇÃO
COMUNITÁRIA CAMPONESA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação – Mestrado em Geografia/CPTL/UFMS – Área de Concentração Análise Geoambiental e Produção do Território, como exigência final para obtenção do Título de Mestre em Geografia, sob orientação do(a) Prof^(a) Dr^(a) Valéria de Marcos.

Três Lagoas

2011

MENDES, Eduardo Roberto.

**COMUNIDADE YUBA: LIMITES E PERSPECTIVAS DA PRODUÇÃO
COMUNITÁRIA CAMPONESA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação – Mestrado em Geografia/CPTL/UFMS – Área de Concentração Análise Geoambiental e Produção do Território, como exigência final para obtenção do Título de Mestre em Geografia, sob orientação do(a) Prof^a Dr^a Valéria de Marcos.

Aprovado em: 29 de Agosto de 2011.

Banca Examinadora

Presidente e Orientadora: Prof^a. Dra. Valéria de Marcos

Instituição: USP

Assinatura: _____

Prof. Dr. João Edmilson Fabrini

Instituição: UNIOESTE

Assinatura: _____

Profa. Dra. Rosemeire Aparecida de Almeida

Instituição: UFMS

Assinatura: _____

A Celina e Melina, pilares da minha vida.

Aos integrantes da Comunidade Yuba que abriram “suas portas” e suas vivencias para realização deste trabalho, e que trazem a esperança de dias melhores.

A todos aqueles que acreditam e lutam por um mundo menos desigual e mais justo.

Agradecimentos

A maior riqueza de todas, minha família, Melina (filha) e Celina (esposa) pelo apoio, ajuda e compreensão das minhas ausências, enquanto o tempo que frequentei as aulas do mestrado, as saídas de campo e a elaboração deste trabalho.

Aos meus pais (Léa e Luiz) pela educação que nos foi dada e irmãos (Luiz e Iracema) pela força apesar da distância.

A Profa. Valéria orientadora na maioria das vezes “virtual” pela distância geográfica. Pela dedicação e “puxões de orelha”. Pela paciência na orientação e correção deste trabalho.

Aos integrantes da Comunidade Yuba que abriram suas “portas”, vidas e anseios, propiciando assim a realização deste trabalho. Em especial Satiko Yuba que sempre nos recebeu, orientou e nos forneceu materiais enriquecendo nosso trabalho. E pelo exemplo de solidariedade, cooperação e ajuda mútua que a comunidade nos mostra nos dias de hoje, em uma sociedade tão carente desses adjetivos.

Aos professores da graduação e da pós-graduação pela contribuição acadêmica. Em especial a Profa. Rosemeire Almeida (sempre crítica e instigadora na geografia agrária) e a Profa. Edima Aranha que contribuíram para o aperfeiçoamento deste trabalho na banca de qualificação.

Ao coordenador do curso Prof. Sakamoto e secretário Michel pelo apoio.

Aos colegas de nossa turma do mestrado: Mie, Fábio (mineiro), Rodrigo, Valter, Laís, Edson, Luciano, Hermiliano, Felipe, Fernando e Cezar.

Aos colegas da internet, por disponibilizarem livros, na rede, para que todos tenham acesso a obras raras e de difícil acesso.

A CAPES pela bolsa de estudos, em parte do período enquanto cursava o mestrado e que auxiliou para o andamento deste trabalho.

“A conquista de espaços livres sócio-econômicos não se realiza no desvio político, na via oficial, nem no extravio, mas através da constituição de uma contra-sociedade. Liberdade quer dizer não se deixar embuir pelo mercado, nem se deixar administrar pelo estado, mas organizar as relações sociais sob direção própria – sem a interferência de aparelhos alienados.”

Grupo Krisis.

RESUMO

O objetivo principal deste trabalho é o de entender como se dá a territorialização da Comunidade Yuba. Composta por camponeses, localizada no município de Mirandópolis, região noroeste do Estado de São Paulo, é formada por japoneses e descendentes, que migraram para o Brasil a partir da década de 1920. Foi fundada em 1935 por Issamu Yuba, japonês de forte personalidade que, através de leituras libertárias, idealizou uma sociedade baseada no tripé: “trabalho, arte e religião”, o qual, por sua vez, forma a identidade territorial de seus integrantes. Além do tripé, a comunidade tem seu funcionamento interno baseado no trabalho e posse comunitária dos frutos do trabalho. Tais ideais, a nosso ver, se aproximam das teorias anarquistas dos séculos XIX e XX, principalmente do anarquismo comunista do geógrafo Kropotkin que tem como moto: “De cada um de acordo com as suas possibilidades; e a cada um de acordo com as suas necessidades”. Para tal, este trabalho foi feito através de revisões bibliográficas e trabalhos de campo. Procurou-se em um primeiro momento apresentar as teorias de organização comunitárias no campo e, em seguida, algumas dessas práticas no Brasil, mostrando que o modo de reprodução da Comunidade Yuba não é uma exceção, quanto ao campesinato brasileiro, onde várias práticas de produção/consumo comunitários já foram (e são) vivenciadas. Para compreender o contexto de criação da comunidade, realizou-se uma contextualização sobre a imigração japonesa para o Brasil, sobre a vida destes imigrantes em novas terras estrangeiras. As causas da vinda da família Yuba para o Brasil também foram tratadas, assim como a vida e o ideal de Issamu Yuba. A partir daí passou-se a analisar o processo de instalação da comunidade e como ela vem se reproduzindo durante seus 76 anos de existência. Sua dinâmica de funcionamento na atualidade foi estudada detalhadamente através de cinco espaços: do trabalho, da arte, da religião, da política e da economia que, juntos, nos permitem compreender como se dá a territorialização da Comunidade Yuba, comprovando assim seu status camponês e confirmando as práticas comunitárias ligadas ao anarquismo comunista, elaborado por Kropotkin.

Palavras-chave: Comunidade Yuba, territorialização, camponês, produção comunitária, Kropotkin.

RESUMEN

El objetivo principal de este trabajo es entender cómo es la territorialización de la Comunidad Yuba. Compuesta por los campesinos en el municipio de Mirandópolis, al noroeste de São Paulo, se compone de japoneses y sus descendientes que emigraron a Brasil desde la década de 1920. Fue fundada en 1935 por Yuba Issamu, fuerte personalidad de Japón que, a través de la lectura libertaria, prevé una sociedad basada en el trípode: "El trabajo, el arte y la religión", que, a su vez, las formas de la identidad territorial de sus miembros. Además el trípode, la comunidad ha basado su trabajo interno y la propiedad comunitaria de los frutos del trabajo. Estos ideales, en nuestra opinión, están cerca de las teorías anarquistas de los siglos XIX y XX, principalmente anarquista Kropotkin, geógrafo comunista bajo el lema: "De cada cual según sus posibilidades, y cada uno de acuerdo a sus necesidades". Con este fin, este trabajo se realiza a través de revisiones bibliográficas y trabajos de campo. Hemos intentado en un primer momento de presentar las teorías de la organización de la comunidad en el campo y luego algunas de estas prácticas en Brasil, muestra que el modo de reproducción de la Comunidad Yuba no es una excepción, como los campesinos de Brasil, donde las prácticas de producción de varios / uso de la comunidad han sido (y son) con experiencia. Para comprender el contexto de la creación de la comunidad, que se celebró un fondo de la inmigración japonesa a Brasil, sobre la vida de los nuevos inmigrantes en el extranjero. Las causas de la familia de Yuba que vengan a Brasil, se han dirigido, así como la vida y el ideal de Issamu Yuba. A partir de ahí comenzamos a analizar el proceso de construcción de la comunidad y la forma en que ha estado jugando durante sus 76 años de existencia. Su dinámica de funcionamiento en los tiempos modernos se ha estudiado en detalle a través de cinco áreas: trabajo, arte, religión, política y economía, que en conjunto nos permiten comprender cómo la territorialización de la Comunidad de Yuba, lo que demuestra su estado y el campesino confirmando las prácticas comunitarias relacionadas con el anarco-comunismo, desarrollado por Kropotkin.

Palabras clave: Comunidad Yuba, territorialización, campesino, la producción comunitaria, Kropotkin.

LISTA DE MAPAS E CROQUIS

Mapa 1 – Localização da Comunidade Yuba. _____ 16

Croqui 1 – Croqui da área total da Comunidade Yuba 2011. _____ 96

Croqui 2 – Croqui da sede da Comunidade Yuba 2011. _____ 97

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cartaz de 1925 de uma empresa de imigração convocando japoneses para trabalhar no Brasil.	45
Figura 2 - Issamu Yuba (1935).	58
Figura 3 - Primeira moradia da família Yuba.	60
Figura 4 – Perfuração do poço.	60
Figura 5 – Equipe de Baseball da Aliança em 1928.	61
Figura 6 – Início da Comunidade Yuba em 1935.	64
Figura 7 – Aquisição de piano em 1948.	69
Figura 8 – Apresentação no Natal de 1950.	69
Figura 9 - Construção do Teatro (1961).	73
Figura 10 – Ensaio do balé em 1961.	73
Figura 11 - Integrantes da Comunidade em 2010.	90
Figura 12 – Vista aérea da sede comunidade.	94
Figura 13 – Refeitório comum.	117
Figura 14 – Três “turistas” (ao centro) trabalhando ao lado de um integrante da comunidade (à esquerda) e do funcionário da comunidade (à direita).	119
Figura 15 – Cozinheiras e auxiliares trabalhando na cozinha comunitária.	121
Figura 16 – Integrante na lavanderia comunitária.	124
Figura 17 – Reparo de veículo na oficina da comunidade.	125
Figura 18 – Integrante da comunidade usando maquinários da oficina.	125
Figura 19 – Avicultura Poedeira.	127
Figura 20 – Criação dos porcos.	128
Figura 21 – limpeza após o abatimento.	128
Figura 22 – Horta.	130
Figura 23 – Forno para fabricação de carvão.	132
Figura 24 – Produção de móveis.	134
Figura 25 – Peça para o acabamento.	134
Figura 26 – Limpeza entre os pés de quiabo.	135
Figura 27 – Seleção e empacotamento do quiabo.	136
Figura 28 – Cultivo de Abobrinha.	137
Figura 29 – Pesagem e embalagem da pimenta.	138
Figura 30 – Colheita de goiaba.	139
Figura 31 – Seleção da goiaba.	140
Figura 32 – Seleção da manga.	142
Figura 33 - Furos sendo selados com parafina após implantação dos fungos.	144
Figura 34 – Troncos com os fungos em uma das estufas.	144
Figura 35 – Cogumelos frescos sendo embalados.	145
Figura 36 – Cogumelos secos embalados.	145
Figura 37 – Produção de geléia.	146

Figura 38 – comercialização de produtos caseiros em festejo na comunidade.	150
Figura 39 – Museu “Osamu Sato”.	152
Figura 40 – Memorial “Kitahara Wako”.	153
Figura 41 – Esculturas em granito feitas por Ohara. Em destaque a obra póstoma “Rising”.	154
Figura 42 – Esculturas de “Rochas em madeira” feita por Katsue Yuba.	155
Figura 43 – Quadros de “Rochas em madeira” feita por Katsue Yuba.	155
Figura 44 – Córrego de onde é retirada a argila.	156
Figura 45 – fornos de cozimento das cerâmicas.	156
Figura 46 – Algumas das peças cerâmicas produzidas na comunidade.	157
Figura 47 - Biblioteca da comunidade.	158
Figura 48 – “Katsue e seus contos” de Katsue Yuba.	158
Figura 49 – “A frondosa árvore de Hama” de Katsue Yuba.	158
Figura 50 - Desenho feito por jovem integrante da comunidade.	160
Figura 51 - Desenhos do tema “Copa do mundo” feito por crianças e jovens da comunidade.	160
Figura 52 - Pintura de Katsue.	160
Figura 53 - Pintura de Katsue.	160
Figura 54 – Apresentação de “cordas Yuba”.	161
Figura 55 – Apresentação “festa junina”.	161
Figura 56 – Aula de violino com Yazaki.	162
Figura 57 – Uso dos instrumentos musicais no dia-a-dia.	162
Figura 58 – Apresentação do coral.	163
Figura 59 – Apresentação do Balé Yuba.	163
Figura 60 – Apresentação do Balé Yuba.	163
Figura 61 – Apresentação do Balé Yuba.	164
Figura 62 – Apresentação do Balé Yuba.	164
Figura 63 – ensaio para o teatro de 2008.	166
Figura 64 – preparação de cenário 2009.	166
Figura 65 – Apresentação da peça “Era uma vez” natal de 2008.	168
Figura 66 – Apresentação da peça “Os cinco espíritos rebeldes” em 2009.	168
Figura 67 – Apresentação da peça “Don to Harai” em 2010.	168
Figura 68 – Apresentação da peça “Don to Harai” em 2010.	168
Figura 69 – Público no festejo de Natal.	171
Figura 70 – Preparação do barracão.	171
Figura 71 – festejo de inauguração do ponto de cultura “cultivar a arte.	172
Figura 72 – lançamento do livro “YUBA” de Lucille Kanzawa.	172
Figura 73 – TV, vídeo cassete, DVD e acervo.	175
Figura 74 – Oração feita por Takimoto antes das refeições.	176

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Estrutura populacional da Comunidade Yuba em 2008.	77
Gráfico 2 – Estrutura populacional de Mirandópolis, 2008.	77
Gráfico 3 – Estrutura populacional do estado de São Paulo, 2008.	77
Gráfico 4 – Média de idade em anos por regiões, 2008.	79
Gráfico 5 – Porcentagem de idosos por regiões, 2008.	79
Gráfico 6 – Evolução populacional da zona rural na mesorregião de Araçatuba.	82
Gráfico 7 – Evolução populacional (rural) do município de Mirandópolis.	83
Gráfico 8 – Evolução populacional (de origem japonesa) do bairro das Alianças.	84
Gráfico 9 – Evolução populacional da Comunidade Yuba.	85
Gráfico 10 – Perda de população rural das regiões entre 1970 e 2007 (%).	87
Gráfico 11 – Estrutura populacional Comunidade Yuba, 2011.	99
Gráfico 12 – Pirâmide etária da Comunidade Yuba, 2011.	100
Gráfico 13 – Pirâmide etária do estado de São Paulo, 2011.	101

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Imigração Japonesa ao Brasil por período (%).	44
Tabela 2 – Instalação do Bairro das Alianças.	51
Tabela 3 - Evolução populacional de origem japonesa e/ou descendentes no Bairro das Alianças.	67
Tabela 4 - População por faixa etária da Comunidade Yuba 2008.	76
Tabela 5: População por faixa etária do Bairro das Alianças 2008.	78
Tabela 6: População de Mirandópolis por faixa etária 2008.	78
Tabela 7: Evolução populacional da mesorregião de Araçatuba.	82
Tabela 8: Evolução populacional do município de Mirandópolis.	83
Tabela 9: Evolução populacional de origem japonesa e/ou descendentes no Bairro das Alianças.	84
Tabela 10: Evolução populacional da Comunidade Yuba.	85
Tabela 11: População por faixa etária da Comunidade Yuba 2011.	98
Tabela 12 – Locais de comercialização da produção comunitária.	149

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Comparação das práticas das Comunidades Palma e Yuba.	34
Quadro 2 - Principais apresentações do Balé Yuba.	165
Quadro 3 – últimas apresentações do teatro Yuba.	167
Quadro 4 – Associação Issamu Yuba 2003.	179
Quadro 5 – Associação Comunidade Yuba 2003.	181
Quadro 6 – Associação Comunidade Yuba 2010.	181

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1. TEORIA E PRÁTICA DA ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA E COLETIVA NO CAMPO E EXPERIÊNCIAS NO BRASIL	19
1.1 O anarquismo e a organização social do campo	19
1.1.1 A Escola Mutualista	22
1.1.2 A Escola Socialista	25
1.2 Práticas de organização comunitária e coletiva no campo influenciadoras ou influenciadas pela Comunidade Yuba	29
1.2.1 A Colônia Varpa	29
1.2.2 A Comunidade Palma	30
1.2.5 A comunidade Sinsei	34
2. A IMIGRAÇÃO JAPONESA PARA O BRASIL	42
2.1 Imigração japonesa no Bairro das Alianças	51
3. A COMUNIDADE YUBA: HISTÓRICO	56
3.1 A vinda e o ideal de Issamu Yuba	56
3.2 O início da Comunidade Yuba	62
3.2.1 As bases, práticas e a história da Comunidade Yuba	63
3.2.2 Estrutura populacional da comunidade entre 1970-2008	76
4. A COMUNIDADE YUBA ATUALMENTE	89
4.1 Estrutura	93
4.1.1 Estrutura física	93
4.1.2 Estrutura populacional	98
4.2 Funcionamento interno da comunidade, o tripé: Trabalho, Arte e Religião e as bases administrativas e econômicas	108
4.2.1 Trabalho	112
4.2.2 Arte (atividades culturais)	151
4.2.3 Religião	175
4.2.4 Administração	178
4.2.5 “Caixa-comum”	187
CONSIDERAÇÕES FINAIS	200
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	204

INTRODUÇÃO

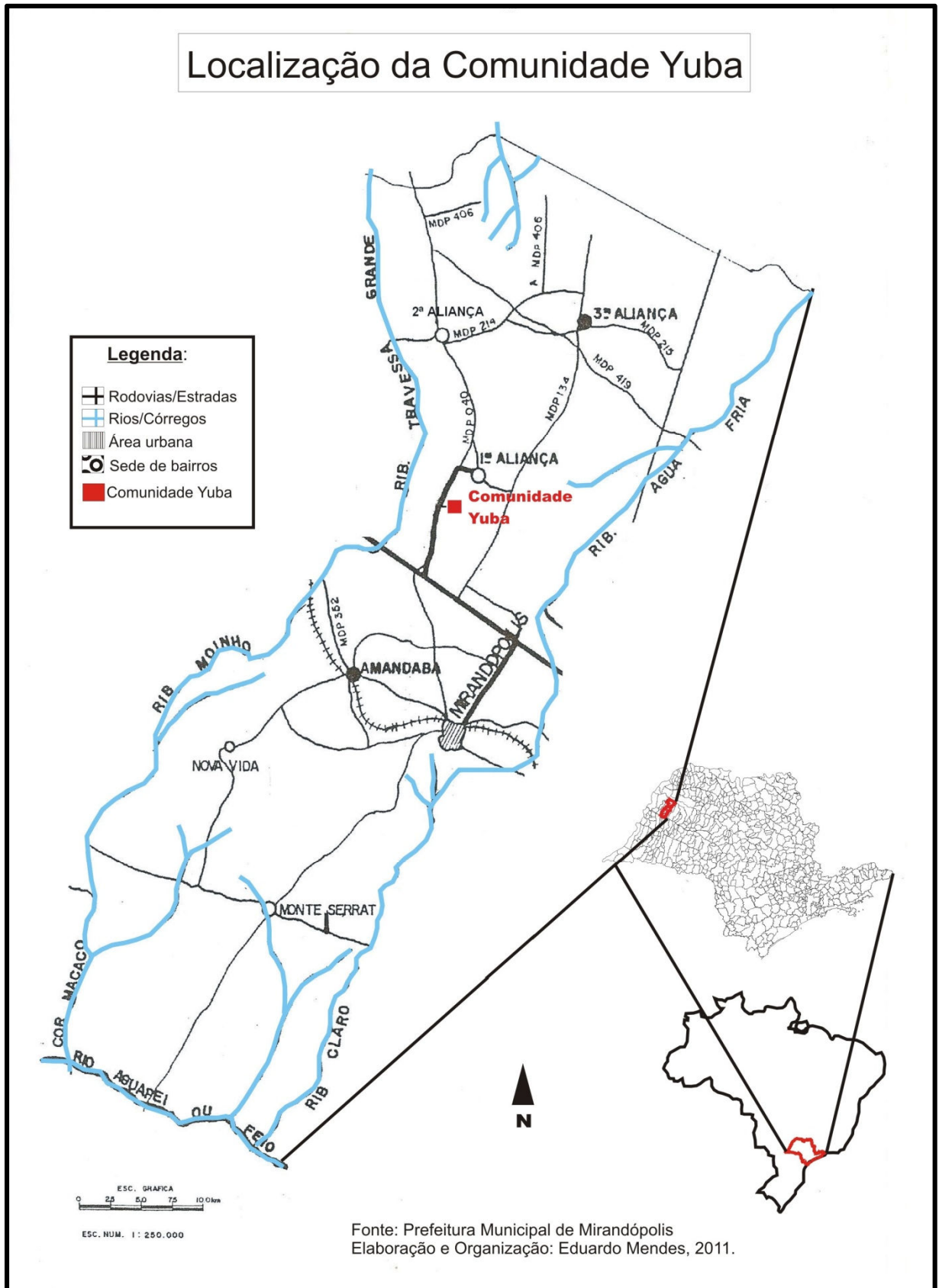
No Brasil e no mundo o campesinato vem (re)inventando diferentes formas de resistência quanto a reprodução do seu modo de vida, pautados na permanência na terra e na produção de alimentos. O presente trabalho tem como ponto central entender como se dá a territorialização e resistência da Comunidade Yuba, entendidos por nós como um grupo de camponeses, que colocam em prática uma forma diversa de organização da produção.

A Comunidade Yuba, localizada atualmente no município de Mirandópolis, noroeste do Estado de São Paulo (mapa 1), é resultado da influência de leituras libertárias realizadas por seu idealizador e fundador, Issamu Yuba, jovem imigrante japonês que chegou ao Brasil no início do século XX com sua família. O conjunto de fatores (ideais, local, etnia, cultura) fez nascer a Comunidade Yuba em 1935, com Issamu Yuba no comando e alguns amigos que compartilhavam dos mesmos ideais e práticas.

Quanto ao funcionamento interno da comunidade, ela está assentada no tripé: trabalho, arte e religião, idealizado por Issamu Yuba, formando a identidade territorial da Comunidade. Resultado do tripé, e não menos importante, temos na dinâmica interna da comunidade com os aspectos políticos e econômicos. Esse conjunto, apresenta-se da seguinte forma na Comunidade Yuba: o trabalho é comunitário, a arte é praticada livremente, a religião também é praticada no seu dia-a-dia, a administração política é feita por uma diretoria e integrantes da comunidade, e a economia é baseada em um caixa-comum. Cada uma dessas práticas são entendidas neste trabalho como espaços da comunidade que, juntos, constituem o território da Comunidade Yuba.

Essa territorialização é chamada por seus integrantes de **“sistema yuba”** que, além dos aspectos já citados, também compreende a produção comunitária, de acordo com as possibilidades de cada um, e a posse dos frutos do trabalho de acordo com as necessidades de cada um.

O modo de vida diferenciado, pautado no “sistema yuba”, leva os integrantes da Comunidade Yuba a praticarem um modo *sui generis* de resistência do campesinato brasileiro, e que muito lembra os ideais anarquistas propostos por autores dessa linha, principalmente do anarquismo comunista, elaborado pelo geógrafo Kropotkin.



Mapa 1 – Localização da Comunidade Yuba.

Logo, o estudo aprofundado sobre o funcionamento da comunidade busca contribuir para as discussões e estudos sobre o campesinato brasileiro, mostrando mais uma das formas de vivência diversificadas desta classe. Para tal, este trabalho está dividido em quatro capítulos, como segue.

O **primeiro** capítulo, intitulado: **“Formas de organização comunitária no campo, teoria e práticas no Brasil”** trata da exposição da teoria anarquista, principalmente relativa ao campo, suas principais escolas/correntes e autores, das quais muitas idéias podem ser encontradas em plena (con)vivência na Comunidade Yuba. Logo após, apresentamos algumas práticas de comunidade rurais no Brasil baseadas no sistema comunitário, pautadas na ajuda mútua entre seus integrantes, levando a considerar, assim, que a Comunidade Yuba, não é uma exceção quanto ao campesinato brasileiro, onde várias práticas de produção/consumo comunitários já foram (e são) vivenciadas.

O **segundo** capítulo, **“A imigração japonesa para o Brasil”** aborda como se deu este fato, iniciando pelo histórico da situação econômica e política do Japão na época, a forma de imigração através das empresas japonesas criadas para este fim, a chegada e as dificuldades dos primeiros imigrantes que destinavam-se aos cafezais do Estado de São Paulo, e a criação dos primeiros núcleos de colonização com o propósito de fixar este imigrante para que este não mais retornasse ao seu país de origem. Por conseguinte, abordaremos como se deu o desenvolvimento do núcleo de colonização das Alianças (1ª, 2ª e 3ª Alianças), onde, no início do século XX, chegou a família Yuba e os demais imigrantes que formaram a Comunidade Yuba.

O **terceiro** capítulo, **“A Comunidade Yuba: Histórico”**, faz um resgate histórico da vivência da família Yuba no Japão, e os motivos que a fez migrar para o Brasil. As leituras, o sonho, a luta e as práticas vivenciadas por Issamu Yuba, homem de forte personalidade e que não media esforços em busca de colocar o ideal: “trabalhar, rezar e amar as artes” em prática. A instalação da Comunidade Yuba, comandada por ele desde 1935, e seu histórico até o ano de 2008. Neste capítulo, também foi feito um levantamento do desenvolvimento populacional da comunidade e seu entorno no período de 1970 a 2007, mostrando que a comunidade teve uma maior resistência populacional comparada as demais regiões.

Já o **quarto** capítulo: **“A Comunidade Yuba atualmente”**, mostra a condição camponesa de seus integrantes e a dinâmica interna da comunidade desde a

criação da “Associação Comunidade Yuba” (2003) até hoje, sempre pautada no tripé idealizado por Issamu Yuba “trabalho, arte e religião” e na produção/consumo comunitário, embora com uma maior abertura política. Analisa também como tal prática deu origem à territorialização da comunidade que, por sua vez, carrega consigo práticas dos ideais anarquistas. Para entendermos essa territorialização são analisados os espaços da comunidade: **estrutura material; estrutura populacional**; cada base do **tripé: o trabalho, a arte (atividades culturais) e a religião; a administração e o caixa-comum**, que juntos formaram a identidade territorial de seus integrantes, leia-se do “**sistema yuba**”¹.

Espera-se que a análise e estudo da Comunidade Yuba possa contribuir para o estudo do campesinato brasileiro, que luta dia-a-dia, buscando manter seu modo de vida com a produção de gêneros alimentícios, apesar da carência de políticas voltadas a sua reprodução. Acreditamos-se que o “sistema yuba”, pautado na produção/consumo comunitários e nas práticas buscando o bem estar de seus integrantes, pode vir a contribuir para melhorar as práticas de resistência de outros camponeses.

Este estudo, por sua vez, só foi possível graças à grande abertura dos integrantes da Comunidade Yuba sobre suas vivências, anseios e perspectivas, ao que somos muito gratos. Espera-se, de alguma forma, retribuir a confiança em nós depositada.

¹ O uso da expressão “sistema yuba” foi mantida, pois é conforme eles próprios denominam a identidade territorial do grupo. Não acreditamos que seja um sistema propriamente dito, mas sim um conjunto de práticas que norteia o cotidiano da comunidade.

1. TEORIA E PRÁTICA DA ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA E COLETIVA NO CAMPO E EXPERIÊNCIAS NO BRASIL

No decorrer do tempo muitos autores procuraram desenvolver teorias sociais buscando uma menor desigualdade social e, conseqüentemente, uma melhor harmonia entre os homens. Entre eles destacamos os autores anarquistas, cujas discussões, a nosso ver, têm uma maior proximidade com o nosso objeto de estudo, a Comunidade Yuba, comunidade camponesa localizada em Mirandópolis-SP, fundada em 1935, e onde se encontram presentes várias práticas comunitárias, principalmente no trabalho, produção, consumo e cultura.

Os anarquistas propuseram teorias sociais pautadas no espontâneo associativismo, coletivismo ou comunitarismo dos povos, sempre buscando a justiça e a liberdade. Por isso, fazer o resgate do desenvolvimento das teorias anarquistas e das formas de organização comunitárias no campo, pautadas na solidariedade e ajuda mútua se faz de suma importância para que seja possível compreender as práticas comunitárias da Comunidade Yuba e revelar que tais práticas não se configuram como exceções, mas sim como algo que ocorre entre os homens desde os tempos imemoriais, como defende Kropotkin (2010) em seu livro *“Ajuda mútua: um fator de evolução”*.

1.1 O anarquismo e a organização social do campo

O anarquismo é - em termos gerais - uma doutrina de crítica da sociedade atual, visando sempre uma transformação e buscando a liberdade individual sem desprezar o social.

A palavra “Anarquismo” quase sempre foi mal usada ou entendida de forma preconceituosa. Nos dicionários sempre se encontram duas ou mais concepções do que vem a ser o anarquismo. Geralmente uma delas o apresenta como sinônimo de bagunça, desordem e caos, enquanto a outra, por sua vez, o apresenta como uma teoria política libertária de transformação da sociedade (WOODCOCK, 2002).

A etimologia da palavra Anarquismo vem do grego: “*anarchos*” que quer dizer “sem governo”, ou seja, uma ideologia que tem como pressuposto a idéia de

inexistência de qualquer tipo de governo, poder e/ou autoridade. Isso pode ser ruim para muitos, mas bom no ponto de vista dos anarquistas.

O pensamento anarquista é de que a humanidade é uma só e não se deve incorrer no erro de se estabelecer qualquer tipo de poder, mesmo que seja o poder da classe proletária, como defendiam os marxistas. Para os anarquistas, qualquer forma de poder é prejudicial ao indivíduo e à sociedade, podendo a sociedade sofrer as mesmas conseqüências (autoritarismo e coerção por parte do Estado). Para os anarquistas as instituições governamentais são intrinsecamente injustas e autoritárias, o que as tornam prejudiciais à sociedade. Portanto, para eles, o Estado é desnecessário, existindo outras formas alternativas e viáveis para a organização da sociedade.

No geral os anarquistas depositam muita esperança nos camponeses e no seu estilo de vida comunitária como promessa de futuro. Aliás, muitos vêem as comunidades rurais como uma forma de sociedade que mais se identifica com os seus ideais, logo, muitas sociedades com ideais anarquistas tentaram esta forma de vida.

A filosofia anarquista tem ainda um núcleo comum que é a visão naturalista da sociedade, ou seja, acreditam que o homem possui todas as possibilidades para viver em liberdade e harmonia como qualidade inerente, sendo por natureza um ser social. Os anarquistas, na sua maioria, foram pessoas com teorias e princípios formulados e desenvolvidos na prática. Apenas uma minoria usou violência como forma de expressão, na maioria das vezes “homens quase sempre solitários, movidos por uma curiosa mistura de idealismo austero e paixão apocalíptica” (WOODCOCK, 2002, p. 15-16). Tais homens foram usados como exemplo pelos políticos e pelos meios de comunicação para exaltar e depreciar as idéias e movimentos anarquistas. Tal fato faz com que historiadores do anarquismo, como Woodcock (2002, p. 7) considerem que poucas “doutrinas ou movimentos foram tão mal entendidos pela opinião pública e poucos deram tantos motivos para confusão pela própria variedade de formas de abordagem e ação” como o anarquismo.

Dentro do anarquismo existe uma variedade de linhas de pensamento, classificadas por Woodcock como “Escolas anarquistas”, referentes aos séculos XIX/XX. São elas: a Individualista², a Mutualista, e a Socialista, esta última sendo

² O estudo profundo desta escola anarquista não é necessário neste trabalho, já que, ao nosso ver não se aproxima do nosso objeto de estudo, a Comunidade Yuba. A escola individualista, por sua

dividida em duas correntes (Coletivista e Comunista), sobre as quais falaremos a seguir.

De acordo com Woodcock (2002), o primeiro filósofo que apresentou idéias mais sistematizadas daquilo que futuramente iria se consolidar como o ideal anarquista foi **Willian Godwin** (1756 -1836), visto pelos historiadores anarquistas como o precursor da teoria anarquista. Protestante iluminista, via na sociedade um fenômeno que se desenvolvia naturalmente, capaz de funcionar independentemente de um governo, pois tinha convicção na capacidade destruidora da autoridade dos Estados. A moral também é vista como um alicerce de seu pensamento, onde a sinceridade, verdade, integridade e justiça são necessárias para o homem alcançar o aperfeiçoamento moral, acreditando que a educação tinha que usar estes elementos para alcançar a liberdade, atribuindo os erros humanos como decorrentes de uma má educação.

Godwin fez uma crítica ao Estado, considerando que ele devia ouvir o povo e não falar e impor suas vontades. Segundo Woodcock (2002) o livro “Justiça Política” se assenta em 4 pilares básicos: 1. o caráter do homem é consequência de suas percepções – pois não nascemos nem bons, nem maus; 2. a forma mais poderosa de agir sobre o pensamento é com o governo; 3. o governo é tão mau na teoria quanto na prática, 4. o homem está em constante processo de aperfeiçoamento. Este quarto princípio o leva a acreditar que a mola propulsora para este desenvolvimento e aperfeiçoamento seja a justiça, e que este senso de justiça traz consigo a ajuda mútua entre os homens.

Godwin defende uma simplificação e descentralização de todas as formas de governo, onde ocorreria um gradual desaparecimento deste tipo de administração. Propõe como solução “paróquias” que serão as futuras “comunas” citadas por Proudhon e Kropotkin, onde as leis seriam quase desnecessárias e haveriam assembleias gerais para serem decididos assuntos de interesse da comunidade. Mas como vê um mal nas assembleias gerais, pois estas só representariam a vontade da maioria, defendia seu uso com moderação, acreditando que o homem

vez, tem como principal autor Max Stirner que defende a total liberdade individual de cada um, porém não dispensa a união voluntária para determinado fim, desfazendo-se tão logo este seja alcançado. Mais informações em: NETLLAU, Max. **História da Anarquia das origens ao anarco-comunismo**. Editora Hedra, 2008; WOODCOCK, George. **História das idéias e movimentos anarquistas - Vol. 1 A idéia**. Tradução de Júlia Tettamanzy. Porto Alegre: L&PM, 2002.

atingiria tal desenvolvimento que esta prática seria extinta³ (WOODCOCK, 2002). Também via no desenvolvimento e nas máquinas um meio para o homem trabalhar menos, fato este que muitos filósofos de seu tempo também imaginavam e que não aconteceu até hoje, pois as máquinas estão nas mãos da classe capitalista e são usadas para aumentar seus lucros, sendo usadas não em benefício de toda a humanidade como pensavam os libertários anarquistas, mas sim daqueles que detém o capital. Por fim, acreditava na distribuição espontânea, e não na troca de mercadorias, como forma vivência do homem, idéia esta que mais a frente será a base do ideal anarquista comunitário de Kropotkin.

Após Godwin outros autores se destacaram na formulação sobre a teoria anarquista. Porém, é sobre as escolas anarquistas que apresentam organização da sociedade que se aproximam da Comunidade Yuba que iremos focar nosso estudo neste momento.

1.1.1 A Escola Mutualista

A Escola Mutualista tem na associação livre dos produtores um meio para alcançar um fim: a liberdade individual. Suas idéias são elaboradas por **Pierre Joseph Proudhon** (1809-1865) que foi o primeiro filósofo a se auto-intitular anarquista e a influenciar de forma marcante os teóricos da escola socialista, onde encontramos muito dos ideais mutualistas, principalmente no que diz respeito às associações e às federações.

Para Proudhon o homem não podia viver isolado, sendo a sociedade, para ele, uma ordem natural. Porém, as relações sociais deveriam ter a justiça como princípio:

A justiça é a estrela que governa a sociedade, o pólo em torno do qual o mundo político gira, o princípio regulador de todas as transações. Nada acontece entre os homens salvo em nome do direito, sem a invocação da justiça (PROUDHON⁴ apud WOODCOCK, 2002, p. 123).

O Mutualismo de Proudhon considera que o homem tem direito em tudo aquilo que produz, mas não sobre os meios de produção, pois as matérias-primas

³ Esta visão mais tarde influenciaria muitos anarquistas como Kropotkin.

⁴ *De la Justice dans la Révolution et dans l'Église*

vêm da natureza e as instalações técnicas se constituem em uma herança da humanidade. Portanto para Proudhon, a propriedade seria a verdadeira origem da riqueza, aquilo que constitui a desigualdade de homem para homem:

[...] outrora o servo tinha a terra por generosidade do senhor, assim hoje o trabalho do operário depende da disposição e necessidade do senhor e proprietário: é o que se chama possuir a título precário. Mas essa condição precária é uma injustiça porque implica desigualdade no mercado. O salário do trabalhador não ultrapassa o consumo corrente e não lhe assegura o salário do dia seguinte, enquanto que o capitalista encontra no instrumento produzido pelo trabalhador uma base de independência e segurança quanto ao futuro. Pois este fermento reprodutivo - esse eterno germe da vida, o preparo e a manufatura dos implementos para a produção - constitui a dívida do capitalista para com o produtor, uma dívida que ele jamais paga; e é essa recusa fraudulenta que causa a pobreza do operário, o luxo da indolência e a desigualdade de condições. E foi isso, mais do que qualquer outra coisa, que recebeu apropriadamente o nome de exploração do homem pelo homem (PROUDHON, 1975, p. 102).

Proudhon contra a propriedade privada propõe a **propriedade posse**, em que, uma família ou um grupo de famílias podem ter acesso à posse da terra onde ela tem a possibilidade de trabalhar (e trabalha) com seus próprios braços e meios. Portanto, defende que as terras devam ser um bem coletivo, onde todos possam ter acesso na forma de posse e não mais por títulos de propriedade. No seu livro “o que é propriedade?” ele coloca algumas proposições sobre o assunto, como:

I - A **posse** individual é a condição da vida social; cinco mil anos de propriedade o demonstram: a **propriedade** é o suicídio da sociedade. A posse está no direito; a propriedade é contra o direito. Suprimam a propriedade conservando a posse; e apenas por essa modificação no princípio modificareis tudo nas leis, no governo, na economia, nas instituições: expulsareis o mal da terra. II - Sendo igual para todos o direito de ocupar, a posse varia com o número de possuidores; a propriedade não pode formar-se. III - Sendo o efeito do trabalho também o mesmo para todos a propriedade perde-se pela exploração estranha e pelo arrendamento. IV - Resultando necessariamente todo o trabalho humano de uma força colectiva (*sic*) toda a propriedade se torna, pela mesma razão, colectiva (*sic*) e indivisível: em termos mais precisos, o trabalho destrói a propriedade (PROUDHON, 1975, p. 246 – grifo do autor).

Quanto ao modo que deveria funcionar a sociedade, Proudhon defendeu o princípio federativo. Segundo ele, associações deveriam ser criadas e controladas pelo próprio povo, nas quais as relações sociais seriam decididas através de

acordos mútuos e contratos, que deveriam operar a partir dos níveis mais simples da sociedade, buscando-se cada vez mais a autonomia de cada grupo. Estas associações se federariam entre si formando federações regionais, que por sua vez se federariam com outras de maior abrangência geográfica, até chegar a um último nível (mundial) onde as decisões estariam pautadas nos anseios e reivindicações propostas pelos níveis mais baixos, com isso levando a uma pulverização do poder. Assim, para Proudhon (2001, p. 103),

o sistema federativo é aplicável a todas as nações e a todas as épocas, pois que a humanidade é progressiva em todas as suas gerações e em todas as suas raças, e que a política de federação, que é por excelência a política do progresso, consiste em tratar cada população, no momento que se indicará, segundo um regime de autoridade e de diminuição da centralização, correspondente ao estado dos espíritos e dos costumes.

Proudhon acreditava que o sistema federativo, poderia se desenvolver de tal modo a levar a extinção do poder, o que levaria à anarquia final substituindo assim os Estados modernos.

1.1.2 A Escola Socialista

Para os anarquistas da escola socialista o individualismo praticado pelos homens era advindo da influência das sociedades depois da criação das formas de governos. Consideravam também que tal individualismo ainda não havia conseguido contaminar toda a sociedade, já que muitos ainda preservavam (e preservam) práticas de ajuda mútua, esta por sua vez, trazendo mais benefícios do que o individualismo.

Os anarquistas desta escola defendem a expropriação dos bens que possam causar exploração do homem pelo homem, inclusive a propriedade, e indicam uma sociedade organizada em comunas administradas pelo próprio povo que seria as idéias de federalismo de Proudhon. Para os anarquistas socialistas, esta nova sociedade deveria estar baseada na sociabilidade, solidariedade e ajuda mútua para assim, conquistarem uma sociedade mais justa.

Esta escola, por sua vez, está dividida em **duas correntes**: a **coletivista** e a **comunista**. Ambas têm as mesmas bases socialistas, diferenciando-se somente na forma como concebem o acesso aos frutos produzidos pelo trabalho.

A **corrente coletivista** tem como principal representante **Michael Bakunin** (1814-1876), que defendia a igualdade de condições para o desenvolvimento de cada indivíduo. Ao pensar como seria a organização de uma sociedade futura, Bakunin considerava que seria preciso:

Organizar la sociedad de tal suerte que todo individuo, hombre o mujer, al llegar a la vida, encuentre medios poco más o menos iguales para el desenvolvimiento de sus diferentes facultades y para su utilización por el trabajo; organizar una sociedad que al hacer imposible para todo individuo, cualquiera que sea, la explotación del trabajo ajeno, no deje a cada uno participar en el disfrute de las riquezas sociales, que en realidad no son producidas nunca más que por el trabajo, sino en tanto que haya contribuido directamente a producirlas mediante el suyo (BAKUNIN, 2009, p. 23).

Bakunin pregava a importância do federalismo, a extinção dos governos e a formação de associações livres, agrícolas e industriais. Diferia da proposta mutualista pelo fato de defender a coletivização dos meios de produção, não aceitando nem a propriedade posse que Proudhon aceitava. Defendia ainda a igualdade política, social e econômica entre os sexos e a abolição do direito de herança:

en tanto que la herencia exista, habrá desigualdad económica hereditaria, no desigualdad natural de los individuos, sino desigualdad artificial de las clases, y ésta se traducirá necesariamente siempre en la desigualdad hereditaria del desenvolvimiento y de la cultura de las inteligencias y continuará siendo la fuente y la consagración de todas las desigualdades políticas y sociales. La igualdad del punto de partida al comienzo de la vida para cada uno, en tanto que esa igualdad sea dependiente de la organización económica y política de la sociedad, a fin de que cada uno, hecha abstracción de las naturalezas diferentes, no sea propiamente más que el hijo de sus obras, tal es el problema de la justicia (BAKUNIN, 2009, p. 23).

Com isso Bakunin esperava que, no futuro, o direito de cada homem fosse igual à sua produção, o que fazia com que a posse dos frutos produzidos seria individual, sendo esta uma das bases da corrente coletivista defendida por ele, que pode ser sintetizada na máxima: **“De cada um, de acordo com suas possibilidades; para cada um, de acordo com o seu trabalho.”**

Diferente da forma que Bakunin pensava sobre o consumo das riquezas socialmente produzidas, **Piotr Alexeevich Kropotkin** (1842-1921) acreditava que o

modo de distribuição das riquezas socialmente produzidas deveria se dar de acordo com as necessidades de cada indivíduo. Para que isso pudesse ocorrer, Kropotkin defendia uma ampla expropriação das propriedades e dos bens de produção, acreditando que estes deveriam pertencer à comunidade, ou seja, a todos. Para ele,

sendo os meios de produção obra coletiva da humanidade, devem regressar à coletividade humana. A apropriação pessoal não é justa nem proveitosa. Tudo é de todos, visto que todos precisam de tudo, visto que todos têm trabalhado na medida das suas forças, e que é materialmente impossível determinar a parte que poderia pertencer a cada um na produção atual das riquezas (KROPOTKIN, 1953, p. 7).

Neste fato Kropotkin tem o mesmo pensamento de Bakunin defendendo - a posse coletiva desses bens - mas considerava que a posse individual dos frutos do trabalho contada pelas horas trabalhadas, não caberia em uma sociedade onde tudo era de todos, fazendo uma crítica aos coletivistas:

não podemos admitir com os coletivistas que uma remuneração proporcional às horas de trabalho fornecidas por cada um à produção das riquezas possa ser um ideal ou mesmo um passo à frente para esse ideal. [...] o ideal coletivista nos parece irrealizável numa sociedade que considerasse os instrumentos de produção como um patrimônio comum. [...] o individualismo mitigado pelo sistema coletivista não poderia existir ao lado do comunismo parcial da posse por todos do solo e dos instrumentos de trabalho. Uma nova forma de posse requer uma nova forma de retribuição. Uma nova forma de produção não poderia manter a antiga forma de consumo, como não poderia acomodar-se às antigas formas de organização política (KROPOTKIN, 1953, p. 14).

Kropotkin acreditava que o sistema salarial era uma das bases do capitalismo e assim acredita que, quando um fosse superado o outro também o seria. Por isso Kropotkin defendia a máxima: **“De cada um de acordo com as suas possibilidades; e a cada um de acordo com as suas necessidades”**, marco e moto do anarquismo comunista.

A forma política como seria organizada a nova sociedade para Kropotkin era a mesma de Proudhon e Bakunin, sendo através das comunas e federações.

Kropotkin no seu livro *Ajuda Mútua* mostra vários exemplos da resistência de camponeses que lutavam para continuar a viver em sistemas comunais de terras e serviços, e outros que se uniam para melhorar nas suas produções:

Os fatos mostram que [...] a comunidade aldeã é a melhor forma de introduzir diversos aperfeiçoamentos na agricultura e na vida da aldeia em seu conjunto. Aqui, como em outros lugares, a ajuda mútua é um condutor do progresso melhor do que a guerra de cada um contra todos [...]. Tudo o que se espera das pessoas que vivem sob o sistema da comunidade aldeã é que todo tipo de trabalho que entra, por assim dizer, na rotina da vida das aldeias (conservação de estradas e pontes, represas, drenagem, fornecimento de água para irrigação, corte de madeira, plantação de árvores etc.) seja feito por toda a comuna, assim como o arrendamento da terra e a capina – mediante o trabalho dos velhos e dos jovens, dos homens e das mulheres (KROPOTKIN, 2009, p. 197).

Comprovando este fato, Kropotkin acreditava que existia vida social em todos os níveis de escala, desde animais como insetos, aves e mamíferos, assim como toda a humanidade em todos os seus estágios de desenvolvimento até hoje. Ele considerava que a ajuda mútua não era um ideal ético, mas sim um fato cientificamente comprovado, e que este seria mais importante para a evolução das espécies do que a “luta livre contínua”⁵ defendida pelos neo-darwinistas.

mesmo que não conhecêssemos quaisquer outros fatos da vida animal além dos relacionados às formigas e às térmitas, já poderíamos concluir com segurança que a ajuda mútua (que leva à confiança mútua, a primeira condição da coragem) e a iniciativa individual (a primeira condição do progresso intelectual) são dois fatores infinitamente mais importantes para a evolução do reino animal do que a luta de todos contra todos (KROPOTKIN, 2009, p. 27).

Segundo Kropotkin, hoje há muito desperdício com intermediários, objetos de luxo e produção de coisas desnecessárias que são produzidas para aumentar o consumismo, sendo uma força de trabalho gasta sem necessidade. Portanto, com a instalação de uma sociedade anarquista, o tempo de trabalho poderia ser diminuído, podendo as pessoas terem mais tempo para praticar atividades culturais, já que o homem não vive só para suprir suas necessidades básicas, ele também necessita de algo para exercitar sua mente, proporcionando assim momentos prazerosos:

Admitamos enfim que todos os adultos menos as mulheres ocupadas na educação das crianças se obrigam a trabalhar cinco horas por dia,

⁵ Idéia defendida principalmente por T. H. Huxley, que em 1888 escreveu *The Struggle for life (A luta pela vida)*, um manifesto a favor do darwinismo social com uma visão de eterna “luta de gladiadores” e “luta livre contínua”. Huxley afirmava que o conflito não era apenas desejável para o progresso, mas inevitável. Então, a partir de 1890, Kropotkin propõe refutá-las com vários artigos publicados primeiramente na revista *Nineteenth Century* de 1890 a 1896 e mais tarde reunidos no livro: *A Ajuda Mútua: Um Fator de Evolução* publicado em Londres no ano de 1902.

dos vinte ou vinte e dois anos até os quarenta e cinco ou cinqüenta e que se empregam em ocupações à sua escolha em qualquer dos ramos do trabalho humano considerado “necessário”. Uma tal sociedade poderia em troca garantir o bem-estar de todos os seus membros, - isto é, um bem-estar diversamente real do que hoje goza a burguesia. – E cada trabalhador dessa sociedade disporia por outro lado pelo menos de cinco horas diárias, que poderia consagrar à ciência, à arte e necessidades individuais fora da categoria do “necessário” [...]. o homem não é um ser que possa viver exclusivamente para comer, beber e procurar um abrigo. Desde que tenha satisfeito as exigências materiais, as necessidades a que se possa atribuir um caráter artístico se apresentarão tanto mais artísticas e ardentes (KROPOTKIN, 1953, p. 43-44).

Kropotkin defendia que os trabalhadores deveriam buscar o “bem-estar para todos”, que se pautaria resumidamente no:

[...] direito de se apoderarem de toda a riqueza social; de tomar as casas e instalar-se nelas conforme as necessidades da família; de tomar os víveres acumulados e de servir-se deles de modo a conhecer o bem estar, depois de ter demasiadamente conhecido a fome. Proclamam o seu direito a todas as riquezas – fruto do labor das gerações passadas e presentes e usam delas de modo a conhecer o que são os altos gozos da arte e da ciência, demasiado tempo açambarcados pelos burgueses. E afirmando o seu direito ao bem-estar, declaram o seu direito de decidirem eles mesmos o que deve ser esse bem-estar. O direito ao bem-estar é a possibilidade de viver como seres humanos e criar os filhos para os fazer membros iguais de uma sociedade superior à nossa (KROPOTKIN, 1953, p. 13).

Segundo Woodcock (2002, p. 214), a originalidade do pensamento de Kropotkin o tornou o principal responsável pela mudança da teoria anarquista como “teoria séria e idealista de transformação social, e não mais uma doutrina de violência de classes e de destruição indiscriminada”.

As contribuições das escolas anarquistas sobre como seria o modo de produção de uma futura sociedade anarquista nos dão luz para o entendimento de algumas práticas de comunidades camponesas ocorridas no Brasil, sobre as quais discorreremos a seguir. O mesmo pode ser dito sobre a Comunidade Yuba, sobre a qual nos deteremos mais longamente no capítulo quatro, onde podemos identificar alguns dos ideais anarquistas em plena vivência na comunidade.

1.2 Práticas de organização comunitária e coletiva no campo influenciadoras ou influenciadas pela Comunidade Yuba

As experiências trazidas neste momento do trabalho estão ligadas de alguma forma à história da Comunidade Yuba, seja antes de sua instalação, como forma de influenciar sua construção, como no caso da Comunidade Palma (onde esta é consequência da necessidade de mudança na forma de reprodução de alguns integrantes da colônia Varpa) ou, de depois de sua instalação influenciar outras comunidades como no caso da Comunidade Sinsei, pela sua forma comunitária de (re)produção, já que esta última foi formada por ex-integrantes da Comunidade Yuba.

1.2.1 A Colônia Varpa

De acordo com Mulatinho (1982), a prática de produção comunitária no Brasil foi vivenciada na Colônia Varpa, constituída a partir da imigração leta no período 1922/23. Para a instalação da Colônia foram adquiridos cerca de 2.100 alqueires de terras em Tupã-SP. Em um primeiro momento partiram cerca de 453 imigrantes para o local, que em pouco mais de um ano já abrigava 2.223 pessoas. De acordo com o autor, “uma providência que se revelaria de fundamental importância para a sobrevivência de todos os imigrantes nos primeiros meses no Brasil foi a organização de um CAIXA COMUM, que se dera ainda no navio” (MULATINHO, 1982, p. 129).

A área adquirida deveria ser dividida em glebas a serem destinadas a cada família individualmente, porém, por falta de recursos, enquanto a medição da gleba não se concluiu, os imigrantes construíram acomodações comuns, trabalhando a terra coletivamente. Por meio de assembléias foram instituídos vários cargos administrativos para aqueles que se “encaixavam” melhor nessas funções. Quanto à Religião, ela era formada na sua grande maioria de protestantes da Igreja Batista, o que formava o alicerce da colônia. Tudo que era feito estava baseado nos escritos da Bíblia e na “vontade de Deus” (VASSILIEF⁶ apud MARCOS, 1996).

⁶ VASSILIEFF, I. **Imigração leta no Brasil: a experiência da Colônia VARPA na Alta Paulista - 1922/1964**. Dissertação (Mestrado). Departamento de História, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo : FFLCH/USP, 1979.

As terras disponíveis para serem divididas e distribuídas foram classificadas em lotes agrícolas, profissionais e urbanos, com diferentes tamanhos e localidades. Os primeiros a escolher foram os que mais haviam contribuído para o caixa-comum no navio. Com as terras divididas, as famílias com mais recursos passaram a se dedicar individualmente a seus lotes. As atividades econômicas em Varpa foram bem diversificadas, com setores: primário, secundário e terciário. Suas principais atividades eram: agropecuária, madeira, sericicultura e transportes (VASSILIEFF⁷ apud MARCOS, 1996). Com a política de miscigenação do governo nas décadas de 1960 e 1970 acentuou-se a entrada de brasileiros, instalaram-se bares, casas de jogos, policiamento, etc. o que influenciou na vida da comunidade que pouco a pouco perdeu as suas bases e sua essência.

1.2.2 A Comunidade Palma

A Comunidade Palma, de acordo com Mulatinho (1982) foi fundada em 20 de julho de 1929, por cerca de 350 integrantes da Colônia Varpa (viúvas, órfãos de guerra, solteiros sem recursos) que não tinham como dedicar-se a seus lotes individualmente. Estes, por sua vez, foram alojados em 290 alqueires de terra na Colônia Varpa, constituindo assim uma comunidade com estrutura e modo diferenciados de Varpa.

A Comunidade tinha como estrutura fundante, na seguinte ordem de importância, (1) a religião, (2) a etnia e (3) o modo de vida comunitário. Sua administração tinha um presidente mais sete membros da Diretoria, com assembleias realizadas mensalmente e/ou quinzenalmente, onde vários assuntos eram discutidos e decididos.

Para entrar na comunidade era necessário praticar a mesma religião professada pelos imigrantes. Palma tinha uma estrutura de casas de madeira, serraria, moinho, oficina, engenho, tipografia, enfermaria, cozinha, refeitório, escola missionária e templo de orações. Existia ainda uma tipografia que funcionava como imprensa com fins de evangelização e o trabalho consistia em oito horas diárias, com atividades religiosas e culturais realizadas à noite (MULATINHO, 1982).

⁷ VASSILIEFF, op. cit.

Mulatinho (1982) afirma que a economia e produção de Palma tinham como base o consumo dos seus integrantes. Dedicavam-se à pecuária e à avicultura como atividades principais e, em menor escala, à apicultura, piscicultura, hortifruticultura e à produção de mandioca, açúcar e algodão.

Mulatinho (1982) afirma que todas as atividades eram feitas comunitariamente, procurando respeitar as aptidões de cada um e que o consumo se dava de acordo com as necessidades de cada um, fato que durou até 1930 pois, “muitos ficavam prejudicados por modéstia nas suas solicitações” (MULATINHO, 1982, p. 170). Após esta data foi criado um sistema de retribuição de salários, contados por horas trabalhadas, portanto, a forma de produção da comunidade passa a ser coletiva (de acordo com o trabalho de cada um).

Outro fato que merece ser destacado foi a circulação, por dez anos, de moeda própria no interior da comunidade. Isso ocorreu até 1939, tendo sido extinta quando um agente do governo os alertou para a possibilidade de falsificação. Após este período a forma de retribuição pelo trabalho fora feita em conta corrente individual de cada trabalhador (MULATINHO, 1982).

Porém:

O valor deste pagamento ou distribuição [era] bastante variável: de acordo com o desempenho da economia da corporação o valor estipulado num dado momento [era] aumentado ou diminuído. [...] Sendo assim, se [houvesse] aumento na receita a comunidade vota[va] nas assembléias aumentar a redistribuição; se [houvesse] diminuição, a comunidade vota[va] diminuir o que cada um receb[ia]. (MULATINHO, 1982, p. 171).

As decisões políticas da comunidade eram feitas por uma diretoria composta por sete membros, e por meio de assembléias com a participação de todos os integrantes da comunidade maiores de 18 anos, onde eram tomadas as decisões sobre o funcionamento da comunidade, tendo liquidação em maioria simples (MULATINHO, 1982).

Segundo Mulatinho (1982) a rotina de seus moradores na maioria dos casos iniciava-se às 5:00h da manhã quando era dado o sinal através das badaladas de um sino instalado em meio às edificações da comunidade e às 6:00h era servido o café. O início dos trabalhos se dava às 6:30h e às 11:30h era emitido novo sinal avisando sobre a suspensão das atividades para o almoço, que era servido às 12:00h. O retorno ao trabalho era feito às 13:30h indo até às 17:00h. O jantar era

servido às 18:15h. Todas as refeições de seus integrantes eram feitas em uma grande cozinha comum, onde as mulheres se organizavam em grupos para realizar esta atividade. Após as 19:00h, em alguns dias da semana, se realizavam atividades culturais como corais e orquestras.

Fora dessa rotina programavam-se muitas festividades, como a comemoração anual do dia de ação de graças em novembro, os cultos de ação de graças pelas colheitas, as festas de encerramento de cursos que eram ministrados lá, festas para as crianças, festas de recepção a alguma autoridade, principalmente pastores que visitavam a comunidade (MULATINHO, 1982, p. 190).

Além do coral e orquestras já citados, outras atividades culturais também eram praticadas na comunidade, tais como: alfabetização das crianças por professoras da própria comunidade, cursos religiosos, imprensa escrita com grande diversidade de publicação de livros, revistas e jornais, sendo a grande maioria com conteúdo religioso (MULATINHO, 1982).

A partir da década de 1960, a saída de jovens muitas vezes junto com suas respectivas famílias, foi se tornando cada vez mais intensa, ocorrendo uma crescente diminuição nas atividades exercidas na comunidade. Em 1982, quando Mulatinho realizou suas pesquisas, residiam na comunidade cerca de 19 pessoas, na sua maioria idosos. De acordo com Adachi⁸ (apud MARCOS, 1996), em 1993 restavam apenas três idosos. Hoje, pelas pesquisas bibliográficas realizadas⁹ foi possível verificar que onde existia a comunidade Palma hoje existe uma colônia de férias voltada para o turismo ecológico.

Enquanto durou a comunidade seus integrantes procuraram manter o modo de vida, segundo modelos de sociedades primitivas cristãs. O ideal comunitário dos letões que orientou a organização da Comunidade é expresso pelo professor Ronis, membro fundador de Palma, da seguinte forma:

“[...] trabalhariam cada um fielmente no seu setor, comendo todos a mesma comida à mesa, tendo seus cultos diários à noite para refrigério de suas almas. Viveriam todos em amor e para o bem comum, servindo o Senhor da maneira como ele mesmo o revelasse, no decorrer do tempo, até a sua segunda vinda, não tendo preocupações com problemas materiais. Entenderam que assim

⁸ Informação obtida através de trabalho de campo de pesquisa realizado pela da autora naquele momento.

⁹ Através da internet no site <<http://www.fazendapalma.com>> em Março de 2010.

corresponderiam melhor ao chamamento divino que cada um sentiu no seu íntimo quando deixou a sua pátria e migrou para o Brasil. Especialmente a idéia da segunda vinda de Cristo levou alguns a buscar o modo de vida dos primitivos cristãos em Jerusalém, quando ninguém considerava nada como seu próprio, para que todos tivessem o necessário para a sua manutenção e ninguém padecesse carência alguma” (RONIS¹⁰ apud MULATINHO, 1982, p. 190).

Como pode ser observado, a religião era o centro da comunidade, norteador das suas práticas comunitárias e coletivas. Como bem salienta Mulatinho (1982, p. 180), “em Palma tudo estava impregnado de religiosidade”.

De acordo com Mulatinho (1982), Ravagnani (1987), o site do Bairro das Alianças¹¹ e o site da Comunidade Yuba¹², Issamu Yuba, esteve várias vezes passando temporadas na comunidade Palma, para conhecer e vivenciar a experiência de vida em comum dos imigrantes letos, antes de fundar a Comunidade Yuba. Sem dúvida, muitos elementos presentes na Comunidade Palma influenciaram as práticas de Issamu Yuba, quando este fundou a Comunidade Yuba. Resolvemos apresentar em forma de quadro, os elementos que diferenciam e se aproximam da Comunidade Yuba, para melhor apreciação e comparação entre as duas práticas (quadro 1).

Através do quadro 1, podemos perceber a grande influência da Comunidade Palma na estruturação da Comunidade Yuba. Muitas práticas vivenciadas ali foram copiadas e adequadas por Issamu Yuba. Dessas, as que mais nos interessam no momento são as práticas de produção coletivas e comunitárias das duas comunidades. Palma inicia suas atividades com a produção comunitária (todos trabalhavam comunitariamente e recebiam **de acordo com as necessidades de cada um**, a sua livre escolha), para em um segundo momento passarem a produzir de forma coletiva (todos trabalhavam coletivamente e recebiam individualmente **de acordo com as horas trabalhadas**). Já a Comunidade Yuba mantém a reprodução comunitária (todos trabalham comunitariamente e recebem de acordo com a necessidade de cada um).

¹⁰ RONIS, O. **Uma epopéia de Fé: a história dos Batistas letos no Brasil**. Rio de Janeiro: Junta de educação religiosa e publicações, 1974.

¹¹ <<http://www.gendaiza.org/alianza/lib/palma.html>>

¹² <<http://brasil-ya.com/yuba/index.html>>

Quadro 1 – Comparação das práticas das Comunidades Palma e Yuba		
Aspectos	Comunidade Palma	Comunidade Yuba*
Bases	Religião protestante, etnia, vida comunitária	Etnia, vida comunitária, prática das artes e do cristianismo
Administração	Diretoria composta por sete membros	Issamu Yuba
Decisões importantes	Assembléia geral, Diretoria.	Issamu Yuba
Divisão do Trabalho conforme:	Aptidão e necessidade. Grupos de trabalho. Homens e Mulheres.	Aptidão e necessidade. Grupos de trabalho. Homens e Mulheres.
Estrutura Física	Serraria, moinho, ferraria, oficina mecânica, engenho, tipografia, enfermaria, conjunto cozinha-refeitório em comum, escola missionária, templo religioso, casas das famílias	Serraria, oficina mecânica, cozinha-refeitório em comum, biblioteca-escola, casas das famílias, barracão com palco (teatro)
Produção	Pecuária, avicultura (principais), e apicultura, farinha, açúcar, algodão, hortifruticultura.	Avicultura (principal), e hortifruticultura, café e tomate.
Movimentação financeira	Caixa-comum (até 1930), Moeda interna - trabalhador recebe por hora trabalhada (até 1939), depósito em conta corrente individual (após 1939)	Caixa-comum, com total controle de Issamu Yuba.
Hábitos alimentares	Europeus, com inserção de alguns hábitos brasileiros.	Japonês, com inserção de alguns hábitos brasileiros.
Atividades Culturais	Literatura, instrumentos musicais, coral. (ligados a religião)	Literatura, instrumentos musicais, coral, esportes, balé, teatro. (temas diversificados)

*As características aqui citadas da Comunidade Yuba se referem à época em que a comunidade esteve sobre o controle de Issamu Yuba.

Fontes: MULATINHO (1982); RAVAGNANI (1987); MARCOS (1996); COMUNIDADE YUBA (2010); MENDES (2011).

Organização: Eduardo Mendes, 2011.

1.2.3 A comunidade Sinsei¹³

A Comunidade Sinsei, tem sua origem na imigração de japoneses vindos a partir da década de 1920 para o Estado de São Paulo. Em um primeiro momento seus integrantes fizeram parte da Comunidade Yuba, vivenciando seu dia-a-dia. Porém, com o decorrer do tempo, estes começaram a não concordar com a forma

¹³ Todas as informações sobre a referida comunidade são oriundas da revisão bibliográfica do trabalho de Marcos (1996). Para maiores informações consultar: MARCOS, V. **Comunidade Sinsei (u)topia e territorialidade**. 400 f. Dissertação (Mestrado). Depto. de Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 1996.

administrativa de Issamu Yuba, que, segundo Marcos (1996) conduzia a comunidade de forma autoritária, sem abertura para que outros integrantes pudessem participar das decisões sobre a comunidade, realizando, em alguns momentos, gastos excessivos com a própria comunidade ou com viagens, jogos e mulheres. Diante de sua pouca aptidão financeira levou a comunidade várias vezes à falência. A cada crise arrumava outros credores e, nesse processo, acabava se endividando cada vez mais.

Todos estes fatos aos poucos foram causando desconforto e revolta por parte de alguns integrantes da comunidade, até que, em 1956, após uma intervenção do Banco America do Sul, à época o principal credor de Issamu Yuba, foi decretada a falência da comunidade¹⁴. No momento da decretação da falência Issamu Yuba se encontrava em São Paulo, em busca de um novo credor para suas dívidas (MARCOS, 1996).

Diante desta situação, e sabendo que a intervenção do Banco América do Sul para fins de despejo não tardaria a acontecer, o então Prefeito do Município de Guaraçai-SP, e também um de seus credores, José Marques, dirigiu-se à comunidade para explicar aos integrantes o que estava acontecendo. Ao término da explicação convidou-os para transferirem-se para sua fazenda em Guaraçai-SP - a Fazenda 320 - administrada pelo Sr. Manoel Rodrigues Marques (MARCOS, 1996, p. 85).

Com isso, todos os integrantes da comunidade foram para as terras de José Marques ficando lá por alguns dias. Logo Issamu Yuba retornou e após alguns dias convocou uma reunião com os integrantes da comunidade, chamando-os para voltarem às terras da comunidade. Apenas metade dos integrantes da comunidade (que na época tinha cerca de 200 pessoas) aceitaram a convocação. A outra metade decidiu permanecer na fazenda, por não aceitar mais a liderança da comunidade da forma como era conduzida por Issamu Yuba.

Neste momento ocorre a cisão da comunidade em dois grupos, tendo um seguido Issamu Yuba e o outro permanecido na comunidade. Vale ressaltar que estes últimos não negavam a forma de produção comunitária praticada na Comunidade Yuba, apenas não aceitavam a forma centralizadora com que Issamu Yuba administrava a comunidade. Tanto é que, após a retirada daqueles que acompanharam Yuba, o grupo que permaneceu na fazenda reuniu-se e decidiu por

¹⁴ Trataremos deste assunto com mais detalhes no capítulo três “A Comunidade Yuba: histórico”.

continuar a vivência em moldes comunitários, semelhante à forma praticada na Comunidade Yuba, modificando essencialmente a forma administrativa e aquela de acesso ao caixa comum.

Conforme Marcos (1996), aqueles que não acompanharam Issamu Yuba permaneceram nas terras de José Marques, onde logo decidiram fazer algumas reuniões para decidir sobre o futuro a seguir. Decidiram continuar vivendo em comunidade, fundando assim a Comunidade Sinsei¹⁵, mantendo algumas práticas da Comunidade Yuba, como o caixa-comum e o trabalho comunitário, porém buscando uma forma mais democrática de tomada de decisões, com assembleias ordinárias mensais e a formação de uma Diretoria – composta pelo Presidente, Secretário, Tesoureiro e seus respectivos vices – em uma estrutura parecida com a da Comunidade Palma. Nas assembleias era garantida a participação e opinião de todos os integrantes da comunidade, que possuíam, sem distinção, o mesmo poder de voto. Foi essa a forma encontrada para discutir os problemas e buscar soluções compartilhadas por todos.

Como na nova comunidade não havia um líder que controlasse o trabalho realizado por cada um, exigindo-lhes cada vez mais empenho, o próprio ato do trabalho sofreu modificações. [...] tudo o que realizassem/produzissem seria usufruído por toda a comunidade, de forma homogênea - e não apenas por seu líder, como na antiga Comunidade Yuba – eles dedicavam-se com muito mais prazer e empenho ao trabalho, o que garantia a prosperidade da comunidade. Isto tudo, porém, era feito respeitando-se os limites de cada um¹⁶ (MARCOS, 1996, p. 98).

Nas terras de José Marques – então prefeito de Guaraçai – permaneceram por cinco anos. Foram acomodados na Colônia – conjunto de casas destinadas como moradia aos colonos de café - vivendo de duas ou três famílias por casa, de forma a acomodar os colonos que já moravam na fazenda e os recém acolhidos integrantes da comunidade¹⁷. Trabalharam na colheita de café, sendo combinado com o dono da fazenda que as retiradas seriam feitas baseando-se no mínimo indispensável para garantir a manutenção das necessidades básicas, sendo o restante devido anotado para acerto futuro, quando a fazenda conseguisse sair da

¹⁵ Sinsei em japonês quer dizer “Vida Nova” (Marcos, 1996, p.119)

¹⁶ Segundo Marcos (1996) a nova forma de composição e prática da comunidade tem relação com o anarquismo comunista proposto por Kropotkin.

¹⁷ A fazenda 320, de propriedade de José Marques, então Prefeito de Guaraçai-SP e um dos credores de Issamu Yuba, dedicava-se ao cultivo do café em sistema de colonato.

difícil situação financeira pela qual passava¹⁸. Portanto, as famílias recebiam uma pequena parte em dinheiro por semana, insuficiente para garantir o consumo das famílias. Mais tarde foi cedia uma área para o plantio de horta e mandioca e para a criação de suínos, o que melhorou um pouco as condições de alimentação dos integrantes, porém ao custo da super exploração da força de trabalho (MARCOS, 1996).

Após cinco anos de trabalho na fazenda 320, os membros da comunidade juntaram suas economias e compraram uma gleba de 10 alqueires em Guaraçaí-SP, local onde se encontra instalada a sede até hoje. Tentou-se por várias vezes fazer o “acerto final” com os administradores da fazenda, sem êxito. Saíram da fazenda levando apenas seus pertences e as economias provindas dos produtos vendidos particularmente (MARCOS, 1996).

Em suas próprias terras, com a ajuda do professor agrônomo Seichi Fujisaki, decidiram produzir culturas diversificadas, dando preferência àquelas de primeira necessidade, tomando-se o cuidado de não procurar somente a renda, mas também garantir sua reprodução, com o máximo de aproveitamento possível da força de trabalho disponível na comunidade. Por exemplo, além de cultivarem boa parte dos alimentos destinados ao consumo e de diversificar o número de gêneros que seriam comercializados, usavam o esterco da criação da galinha para adubar a horta, integrando assim as atividades. Em 1969 foi adquirida outra área de cerca de 20 alqueires, distante 2 km da sede. (MARCOS, 1996)

Para manter uma base de liberdade e respeito mútuo, a organização interna da Comunidade Sinsei, de acordo com Marcos (1996), baseou-se no tripé: Assembléia, Religião e Caixa comum. De acordo com a autora, as **assembléias** eram os locais onde os membros da comunidade se reuniam para discutir e decidir assuntos diversos: entrada e saída de integrantes, construção de benfeitorias, festejos, eleição de diretoria - para os cargos de: Presidente, Vice-Presidente, Secretário, Vice-Secretário, Tesoureiro e Vice-Tesoureiro, com mandato de um ano - o que não mudava em nada a participação dos demais, apenas tornava as assembléias mais funcionais. Nos primeiros anos a assembléia funcionava com mais vigor, porém nos últimos anos era pouco usada – somente em casos urgentes – e contava com pouca participação dos integrantes. Marcos (1996) aponta a saída e

¹⁸ Parte pelo empréstimo não pago por Issamu Yuba, junto ao dono da fazenda, que era um de seus credores.

morte de vários membros como justificativa para tal situação, sendo que além deste fator houve em algumas ocasiões conflitos de geração, onde a palavra e as vontades dos mais velhos se sobressaíam, desestimulando os mais jovens a participar.

A **religião** constituía-se em outro “alicerce de grande importância para a comunidade. É possível até que seja o mais importante” (MARCOS, 1996, p. 156). Isso decorria da dificuldade da vida comunitária, em especial da necessidade de se relacionar com os erros do próximo, onde a religião os ensinava e/ou os ajuda a praticar o perdão, sendo um importante fator de coesão do grupo. Porém, Marcos acredita que este “perdão” também prejudicava a comunidade, já que eram deixados de ser discutidos/resolvidos problemas do dia-a-dia da comunidade, o que acabava dificultando alguns relacionamentos entre seus integrantes. A religião seguida por seus integrantes é a cristã anglicana, sendo os cultos semanais realizados pelo Reverendo Fukashi Mori, visto como o líder espiritual da comunidade, sendo o responsável pela organização e sustentação da comunidade nos seus primeiros anos. Quando este começou a sofrer com problemas de saúde, foi substituído por seu filho Shinobu Mori (MARCOS, 1996).

O **caixa comum**, o terceiro tripé da comunidade, é composto por contas bancárias onde são depositados os recursos provindos das vendas da comunidade, e de onde saem os recursos para quitar seus compromissos. Desde a fundação da comunidade ele permanece sob a responsabilidade do tesoureiro, que busca suprir as necessidades do grupo, sejam elas individuais ou coletivas, produtivas ou não. Existe o almoxarifado onde ficam bens de primeira necessidade e de onde podem ser retiradas as mercadorias pelos moradores da comunidade. Outros bens podem ser adquiridos em lojas na cidade por seus integrantes, sendo o acerto realizado pelo tesoureiro em data combinada com a loja. O sentido de comunidade é muito forte, sendo que no geral tem-se consciência dos gastos que podem ser realizados ou não (MARCOS, 1996).

Marcos (1996) destaca a **organização territorial** da comunidade na época de seu trabalho em: **atividades de produção, atividades de serviço, atividades de comercialização e atividades de cultura e lazer**, assim distribuídas:

- **Atividades de Produção**: avicultura poedeira - escolhida a principal, por já terem conhecimento, por ter uma integração com outras atividades, e por ter um mercado considerado seguro; a roça - também de extrema importância, de onde é

retirada 70% de recursos para a reprodução da comunidade – nela estão inseridos a fruticultura, a horticultura, e a cultura de cereais; a sericicultura que é a terceira atividade de maior importância; a pecuária leiteira, destinada para o auto-consumo, com comercialização do excedente a partir da redução do número de integrantes; a suinocultura também destinada ao consumo com eventual comercialização do excedente.

- **Atividades de Serviço**: A cozinha – preparo de shoyu, missô, sabão, limpeza de louças, preparo das refeições, etc.; atividades gerais – apoio e preparo de produtos para comercialização, atividades de limpeza, roupas, salão e faxina geral, costuras; serviços gerais – reparos em maquinários e demais instalações.

- **Atividades de Comercialização**: vendas no atacado para mercados, hotéis, distribuidores e ao CEAGESP; vendas no varejo feitas diretamente na comunidade, em feiras públicas e numa quitanda/mercearia da própria comunidade localizada no município de Ilha Solteira.

- **Atividades de Cultura e Lazer**: educação – aulas para os jovens, assinatura de jornais e revistas; festividades – como o natal, ano novo, casamentos, aniversários da comunidade e de seus integrantes, filmes, recreações fora da comunidade, “pic nics”, etc.

No momento de seu trabalho¹⁹ Marcos (1996) afirma que a comunidade Sinsei, estava passando por um processo de desmembramento e saída de alguns de seus integrantes desde a década de 1970, o que foi se intensificando nas décadas seguintes. Os motivos apontados para as saídas eram estudo e trabalho no Brasil ou no Japão (dekassegus). Segundo a autora, a causa principal desta saída, era o conflito entre gerações, onde os mais velhos, em virtude das experiências de falências e necessidades nos tempos da Comunidade Yuba, e receosos de passar por dificuldades novamente, barravam e não levavam em conta as idéias e projetos de modificação/inação que eram propostos pelos mais jovens. Em alguns casos, porém, houve o retorno de alguns que foram trabalhar e/ou tentar a vida fora da comunidade e não se adequaram ao modo da sociedade vigente. Houve também casos de pessoas que saíram e obtiveram êxito econômico fora da comunidade, como aquisição de casas, carros, etc.

¹⁹ Início até meados dos anos 1990.

Em visitas de campo ocorridas em outubro de 2009 e novembro de 2010²⁰, pudemos ver que algumas instalações e atividades estavam sendo desativadas ou diminuídas, dado o pequeno número de integrantes. A comunidade conta no momento com apenas vinte integrantes (em sua maioria idosos) e com dois funcionários contratados, assalariados, para ajudar em serviços gerais da comunidade, fatos que não apagam dos integrantes a lógica da produção comunitária.

Dos exemplos de comunidades apresentados neste capítulo, a Comunidade Sinsei é a que mais se aproxima da Comunidade Yuba, já que levaram consigo muitas das práticas vivenciadas quando faziam parte da Comunidade Yuba, indo além no que se refere à tomada de decisão e acesso aos frutos do trabalho comunitário.

Analisando a organização das duas comunidades, verificam-se grandes semelhanças, diferenciando-se apenas em alguns aspectos como por exemplo nas atividades culturais, que na Comunidade Yuba são mais presentes; na administração e acesso aos frutos do trabalho, que ocorre de forma auto-gerida e comunitária na Comunidade Sinsei e que durante muito tempo ocorreram de forma centralizada na Comunidade Yuba, fato que tem se modificado nos dias atuais, com a busca de maior descentralização na condução da Comunidade Yuba.

O problema enfrentado pela saída de integrantes e o envelhecimento da população também são parecidos, ainda que na Comunidade Yuba nos últimos anos se verifique uma maior abertura para os jovens no que diz respeito à participação no quadro da diretoria, e talvez este seja o diferencial que poderá fazer com que a Comunidade Yuba tenha uma menor perda da população comparada àquela vivida pela Comunidade Sinsei.

As experiências de produção comunitária e coletiva aqui explicitadas são uma pequena parte dentre muitas outras práticas de solidariedade e ajuda mútua vivenciadas pelo mundo quanto à produção, uso da terra e consumo. Entre eles é possível indicar práticas de usos comum da terra como os faxinais no Paraná; diferentes experiências de cooperativas do MST; comunidades religiosas nos EUA (Menonitas e Amish); coletivos espanhóis; os Kibutzim de Israel; os ejidos no

²⁰ Em ocasião de trabalho de campo da disciplina “Campesinato, Anarquismo e Agricultura” ministrada pela Profa. Dra. Valeria de Marcos no programa de mestrado em geografia da UFMS – Três Lagoas.

México; os ecovilágios na Itália, só para citar alguns dos tantos exemplos que têm sido estudados por Marcos (1996, 2004) e por outros pesquisadores preocupados com a busca de alternativas de organização da vida para/do campesinato na atualidade.

Com os estudos teóricos de base anarquista e a exposição de algumas destas experiências pudemos verificar que os casos de organização de comunidades a partir de uma vivência comunitária não foram meras utopias pensadas e imaginadas pelos anarquistas. Ao contrário, estas experiências foram/são vivenciadas colocando muitas vezes em prática princípios anarquistas, mesmo sem que a maioria delas se auto-intitulem adeptas a esta filosofia.

Podemos afirmar que as práticas vivenciadas por estes grupos/comunidades/colônias, provêm daquilo que os anarquistas acreditam – principalmente em Kropotkin – ser intrínseco aos homens: o instinto de justiça, cooperação e liberdade. Parte dessas práticas nasceram de necessidades impostas pelo avanço do capitalismo, fruto da busca de um melhor meio de vida através de formas de produção, uso de ferramentas e consumo mais cooperados, ainda que cada experiência guarde suas particularidades históricas, regionais, étnicas e culturais.

No caso da Comunidade Yuba, os aspectos históricos, regionais, étnicos e culturais são pontos-chaves para o entendimento da sua constituição e desenvolvimento até os dias de hoje, razão pela qual se faz de grande importância o resgate destes aspectos, através do estudo da imigração japonesa para o Brasil, o que faremos no capítulo seguinte.

2. A IMIGRAÇÃO JAPONESA PARA O BRASIL

De acordo com Dimitri Fazito (2005), compreensão com a qual concordamos, a migração tem um caráter coletivo, não ocorrendo apenas por decisões individuais. O autor ressalta ainda que as sociedades sempre utilizam de estratégias de deslocamento como respostas práticas às pressões demográficas, culturais, políticas e econômicas. Ao migrarem em grupo, os migrantes tendem a formar redes migratórias que

consist[e]m de laços sociais que ligam comunidades expulsoras a pontos específicos de destino nas sociedades receptoras. Esses laços unem migrantes e não migrantes em uma teia complexa de papéis sociais e relações interpessoais complementares, mantidos por conjuntos informais de expectativas recíprocas e comportamentos prescritos. [...] **Esses laços sociais não são criados pelo processo migratório mas antes adaptados a ele, sendo reforçados, ao longo do tempo, através da experiência comum dos migrantes** (FAZITO, 2005, p. 3-4, grifo nosso).

Como pudemos ver no capítulo anterior, estes “**laços sociais**” são encontrados entre os imigrantes das comunidades e colônias citadas que com o tempo os usam e aperfeiçoam para uma maior e melhor adaptação a nova – e muitas vezes desconhecida – realidade que encontram.

No caso da Comunidade Yuba, seus integrantes que aqui chegaram através da imigração japonesa do início do século XX, também recorreram aos “**laços sociais**” para garantir uma melhor adaptação ao local de destino. Isso se deu de forma mais intensa no segundo período da imigração japonesa com a criação das chamadas “colônias”, onde esses imigrantes tiveram a oportunidade de assegurar e praticar grande parte de sua cultura e costumes.

Segundo Wawzyniak (2004), os antecedentes no Japão que desencadearam o início da imigração japonesa para o Brasil surgiram com o ingresso do Japão na Era Moderna, através de várias reformas nos campos econômico, religioso, educacional e administrativo feitas por Meiji, que governou o país de 1868 a 1912. Estas transformações, por sua vez, chegaram ao campo com a introdução de tecnologias que diminuía a necessidade de força de trabalho a ser empregada nas atividades agrícolas.

Esse quadro desencadeou uma intensificação do êxodo rural, levando os camponeses a se mudarem para os subúrbios das cidades industrializadas e a se proletarizarem. As cidades iam ficando saturadas, os empregos tornavam-se cada vez mais raros, dando origem a uma massa de trabalhadores miseráveis. Em uma década (1890-1900) a população passou de 30 milhões de habitantes para 45 milhões. Diante dessa situação o governo desenvolveu estratégias de expansionismo que culminaram nos conflitos com a China (1894-95) e na conquista de Taiwan; com a Rússia (1904-05), com a anexação das ilhas Sakhaline e Kouriles na Coreia e, enfim, na tomada da Micronésia da Alemanha, em 1914 (WAWZYNIAK, 2004, p. 42-43). Aliado a esses acontecimentos, para alcançar êxito nos seus projetos de modernização, o país também começou a estimular a emigração, criando, em 1896, uma lei de proteção ao emigrante, amparando-os para emigrarem legalmente para outros países (SAKURAI, 1998).

No começo a emigração foi estimulada pelo governo japonês para a Coreia, Havaí e Califórnia, até que, em 1908, E.U.A. Canadá e Havaí criaram severas restrições para os imigrantes japoneses (SAKURAI, 1998). Por sua vez, o Brasil desde 1892 começava a desenvolver abertura para imigração asiática com a aprovação da Lei n.º 97 (05/10/1892) pelo poder legislativo, que permitia a livre entrada de imigrantes chineses e japoneses no território nacional (Nunes, 2008), facilitando assim a entrada de imigrantes japoneses nesta “nova terra de oportunidades”. Foi neste contexto que o Brasil em 1908 se transformou em uma nova rota de emigração, através da concretização destes acordos.

Porém, parte da elite brasileira, pautada em conceitos de raça e preocupados com a constituição de um país de “raça pura”, de preferência branca, viam a miscigenação como forma de obstáculo à civilidade e ao desenvolvimento. De acordo com Wawzyniak (2004), não bastasse a ideologia de misturas de raças, muitos ainda alertavam para o “perigo amarelo”, já que, para os países ocidentais o Japão se mostrava em pleno desenvolvimento, entrando no cenário mundial como potência em expansão, disputando com as potências ocidentais poderes territoriais e econômicos (a cultura e a forma imperial vivida pelos japoneses eram vistas por parte da elite como algo perigoso).

Diante destes supostos empecilhos muitos não acreditavam na concretização deste tipo de imigração,

Esse empreendimento foi considerado por muitas autoridades e intelectuais da época como fadado ao fracasso. Acreditava-se que ele não vingaria, com base nas teorias raciais propagadas no século anterior por Gobineau. Vários intelectuais brasileiros colocaram como ponto central de sua retórica a inadmissibilidade do japonês, apontada como prejudicial à 'formação de uma raça pura' no Brasil e imprópria à realidade brasileira (DEZEM²¹ apud WAWZYNIAK, 2004, p. 60).

Tais considerações não foram suficientes para impedir seu início. Com o pleno desenvolvimento e expansão da área de cultivo dos cafezais rumo ao oeste do Estado de São Paulo e com a suposta “falta de mão-de-obra” para as fazendas de café, em 1908 o início da imigração japonesa se concretizou com um acordo firmado entre Brasil e Japão, fato que contemplara o interesse de ambos os países, já que o Japão via na emigração de seus patricios uma forma de diminuir a superpopulação que assolava o país naquela época.

De acordo com Suzuki (1995, p. 57), desde o começo da imigração japonesa, com a chegada do primeiro navio Japonês (Kasatu Maru) no Porto de Santos, em 18 de Junho de 1908, até a década de 1980, entraram cerca de 240.000 pessoas no país. Quanto aos números da imigração, Suzuki (1995) e Sakurai (1998) dividem a imigração japonesa para o Brasil em três grandes períodos (tabela1):

Tabela 1 – Imigração Japonesa ao Brasil por período (%)		
Períodos	Nº DE IMIGRANTES	PORCENTAGEM
1908-1923	31.414	13,4%
1924-1941	137.572	67,1%
1952-1963	45.650	19,5%
Total	234.636	100%

Fonte: Suzuki²², apud Sakurai 1998, p. 10.

Organização: Eduardo Mendes, 2011.

O período de 1908 a 1923 é denominado pelos autores como “experimental”. A emigração era feita através de empresas japonesas criadas para esse fim (figura 1), prometendo aos imigrantes terras férteis, enriquecimento rápido e boa aceitação social. Em geral esses imigrantes chegavam ao Brasil mal vistos pela sociedade e cercados de muito preconceito por sua diferença física, cultural e religiosa. Por outro lado, para os japoneses, a imigração para o Brasil era vista como uma grande

²¹ DEZEM, Rogério. **Inventário Deops**: módulo III, japoneses: Shindô Renmei: terrorismo e repressão. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2000.

²² SUZUKI, Teiichi, (1969) **The Japanese Immigrant in Brazil- Narrative Part**, Tokyo, Tokyo University Press.

oportunidade de enriquecimento rápido visando um retorno para suas origens assim que pudessem. Porém, as promessas das empresas de imigração e o sonho que traziam na bagagem não se realizaram na prática, como veremos adiante.

Segundo Wawzyniak (2004, p. 50), a primeira empresa a assinar acordo com o governo de São Paulo foi a *Empire Emigration Company*, com sede em Tóquio, em 1907. Este primeiro contrato, de acordo com Seto; Uyeda²³ (apud WAWZYNIAK, 2004, p. 51) estabelecia "somente a entrada de famílias com 3 a 10 pessoas, com mais de 12 anos de idade, portanto, capacitada para o trabalho na agricultura". Daí a explicação dessas empresas de imigração ter a preocupação de ministrar cursos preparatórios para o trabalho e a nova realidade que estes imigrantes iriam encontrar no Brasil.



Figura 1 – Cartaz de 1925 de uma empresa de imigração convocando japoneses para trabalhar no Brasil.

Fonte: <<http://my.opera.com/perfeito/blog/colonizacao-japonesa-no-brasil>>
Acessado em: 29.11.2010

As empresas de emigração japonesas firmavam contratos com o governo de São Paulo, onde eram estabelecidas regras de ambas as partes.

Ao governo do Estado de São Paulo ficou a responsabilidade de subvencionar parte do transporte dos imigrantes, fornecer moradia, assistência médica, indenizar, nos casos de morte e invalidez, ter intérprete e apontadores para cada grupo de 200 imigrantes

²³ SETO, Cláudio; UYEDA, Maria Helena. **Ayumi - caminhos percorridos**: memorial da imigração japonesa – Curitiba e Litoral do Paraná. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

introduzidos e remunerar a companhia japonesa, por imigrante, para cobrir as despesas com a viagem. Uma parcela desse subsídio era paga pelos fazendeiros, que, posteriormente, descontavam dos salários dos imigrantes (WAWZYNIAK, 2004, p. 51).

Já as companhias de imigração japonesa ficavam obrigadas a

providenciar o exame médico dos emigrantes, antes do embarque; à devolução ao contratante, da importância por ele adiantada caso algum elemento fosse considerado não apto a desempenhar suas funções ao chegar ao Brasil; ao reembolso das despesas proporcionais aos dias de trabalho, nos casos de abandono do serviço por parte do trabalhador, durante a vigência do prazo contratual; e, enfim, à nomeação de um inspetor que, além do japonês, falasse o português ou o francês para facilitar a comunicação entre as partes (SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA²⁴ apud WAWZYNIAK, 2004, p. 51).

Como podemos ver, ao chegarem no Brasil os imigrantes eram enviados para as fazendas de café pelas empresas, em conjunto com o Governo do Estado de São Paulo. Assim, eles assinavam dois contratos, um com a empresa de imigração e o outro com o fazendeiro de café para quem ele iria trabalhar, com um prazo de cerca de seis meses cada contrato, referente ao tempo necessário à primeira colheita. Após este período podia-se renovar o contrato ou firmar novo contrato com fazendas vizinhas. Os que não se adaptavam a nova realidade partiam em busca de outras atividades, assim como aqueles que chegavam com algum tipo de formação. Aqueles que chegavam com condições financeiras favoráveis adquiriam terras e se reproduziam como proprietários (WAWZYNIAK, 2004, p. 52).

De acordo com Ocada (2002) chegando aqui, os japoneses se deparavam com um regime de trabalho autoritário, assentado no regime de trabalho escravo:

para seu dia-a-dia os imigrantes deveriam adquirir mantimentos e instrumentos de trabalho – enxada, foice etc. – nos armazéns, sendo as despesas anotadas em uma caderneta para posterior pagamento. Este sistema cerceava aos colonos o controle de suas despesas, pois não lhes dava base para verificação de quanto gastavam. Os armazéns facilitavam-lhes crédito para suprir suas necessidades básicas, mas ao mesmo tempo criavam uma relação de dependência, já que, nesse sistema, os imigrantes não tinham como planejar e controlar seus gastos. Esse foi durante muito tempo um fator "condicionador" da vida na fazenda. Aqueles que não

²⁴ SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA. **Uma epopéia moderna: 80 anos de imigração japonesa no Brasil.** São Paulo: HUCITEC, 1992.

produziam o suficiente ficavam presos às dívidas (WAWZYNIAK, 2004, p. 75).

Outros japoneses, por sua vez, aceitavam as condições e se esforçavam para continuar trabalhando, conforme as regras da fazenda, buscando guardar algum dinheiro, para posteriormente procurar outras ocupações ou adquirirem suas propriedades.

Além disso, as moradias dos imigrantes também eram de péssimas condições, como declara um imigrante japonês através de depoimento:

no chão batido de terra havia palhas, as camas eram feitas de tronco de árvores enfileirados, o acolchoado era feito de retalho de panos de algodão, forrados por cascas de milho e dormiam com uma manta. A refeição era composta por arroz feijão e carne seca. Às cinco horas da manhã soava o sino do despertador e às cinco e meia saíamos para o serviço; trabalhávamos até às seis horas da tarde, totalizando doze horas de trabalho diários (Depoimento de Tojimoro Ibaragui, In: SETO e UYEDA²⁵ apud WAWZYNIAK, 2004, p. 74).

Toda essa gama de dificuldades por parte de alguns que ainda alimentavam o sonho de juntar dinheiro e retornar ao Japão fez com que estes se sujeitassem ainda mais às precárias condições de vida nas fazendas, o que também era estimulado pela cultura e religião de muitos imigrantes que pregavam a necessidade de certo esforço de continuar lutando apesar das situações adversas e de não desistir nunca.

Segundo Sakurai (1998) essas dificuldades geravam descontentamentos entre muitos imigrantes que, juntamente com as dificuldades de adaptação como aquelas ligadas à cultura, ao clima e à alimentação, fazia com que grande parte desses imigrantes não cumprissem os contratos firmados com os fazendeiros, fugindo antes de seu término.

Com o passar do tempo, o imigrante japonês percebeu a grande dificuldade de concretização do seu sonho de rápido enriquecimento e retorno para o país de origem.

“Em 1914 a subvenção estadual [do governo de São Paulo] foi extinta sob a alegação de que os japoneses eram instáveis como trabalhadores em fazendas” (YOSHIOKA, 1994, p. 20). Porém, em 1917 o governo paulista assinou um novo contrato com a Companhia de Emigração *Takemura Shokan Kaisha*, e passou novamente a subsidiar a vinda dos imigrantes, já que a falta de mão-de-obra para os

²⁵ Depoimento de Tojimoro Ibaragui, publicado por Noriyasu Seto. In: SETO, Cláudio e UYEDA, Maria Helena. **Ayumi**: caminhos percorrido. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

cafezais continuava sendo um problema a ser solucionado (WAWZYNIAK, 2004, p. 52).

A todo esse quadro de dificuldades somava-se outra problemática na época, a do fechamento das portas dos Estados Unidos para a entrada destes imigrantes. Assim, o Brasil se tornara um dos únicos locais que ainda aceitava o imigrante japonês, o que fez com que o governo japonês passasse a injetar mais dinheiro no projeto de emigração para o Brasil. Tal fato se deu através da mudança de algumas políticas de imigração com o intuito de alcançar o objetivo de fixar este emigrante no seu novo lar, o que contrastava com as aspirações do próprio emigrante que era de juntar dinheiro e voltar para o Japão (SAKURAI, 1998).

Porém,

em 1917, as companhias de emigração japonesas são todas fundidas na Companhia Ultramarina de Empreendimentos, a *Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha*, a K.K.K.K.. Ela é uma empresa estatal controlada diretamente pelo governo japonês [...] A K.K.K.K. passa a exercer um papel fundamental na segunda fase da imigração no Brasil, no desempenho da função tutelar do governo japonês junto aos seus compatriotas. [...] O objetivo maior da K.K.K.K. é o de ir além da emigração. Visa se instalar no Brasil como empresa, aproveitando a quantidade de terras de que dispõe o país, para implantar a criação de colônias sob sua supervisão (SAKURAI, 1998, p. 11-12).

De acordo com Yoshioka (1994, p. 21), os núcleos de colonização japonesa começaram a surgir timidamente na década de 1910, sendo em Iguape, no litoral de São Paulo, a instalação do primeiro núcleo.

Somente nos finais da década de 1910 foi que o governo japonês propôs, em conjunto com o governo brasileiro, uma maior implantação de núcleos de colonização para facilitar a fixação destes imigrantes à nova realidade. A partir daí os imigrantes passam a receber um maior apoio por parte dos governos com a criação de associações, escolas e bancos no Brasil, propiciando um maior desenvolvimento, crédito e apoio aos imigrantes chegados no país.

Com essas mudanças na política japonesa sobre emigração para o Brasil, o segundo período de 1924 a 1941 foi o de maior fluxo de vinda dos imigrantes japoneses para o Brasil, com cerca de 67% do total do período compreendido entre 1908 e 1963 (SUZUKI, 1995).

Na década de 1930, por exemplo, a imigração japonesa representou 44% do total de imigrantes estrangeiros que entravam no Brasil, e que, naquele momento, já abrigava a maior população japonesa fora de seu país (SUZUKI, 1995, p. 58). Segundo Saito²⁶ apud Marcos (1996, p. 61) existiram três principais tipos de povoamento distintos:

a) colonização planejada, quando as empresas colonizadoras (de capital privado) encaminham os imigrantes para as glebas já divididas em lotes. Os núcleos assim formados (ijû-chi) já dispõem de melhoramentos tais como educação, saúde pública, cooperativas, etc.

b) povoamento voluntário, formado a partir da fundação voluntária de núcleos em diferentes áreas do país, por colonos que já haviam passado um estágio nas fazendas de café. Os motivos que ocasionam a formação desses núcleos, também chamados de Shokumin-chi (colônia) são, entre outros, a origem comum, a religião, experiências comuns (pessoas que viajaram no mesmo navio e/ou trabalharam na mesma fazenda), parentesco, amizade, etc.

c) colonização oficial, quando os imigrantes são conduzidos para núcleos coloniais mantidos pelo poder público. Seu funcionamento assemelha-se ao da colonização planejada, porém, ao invés de permanecerem, de certa forma, isolados, eles irão encontrar colonos brasileiros e/ou de outras nacionalidades no mesmo local.

Segundo Marcos (1996) na região de nosso estudo – Primeira, Segunda e Terceira Aliança – o tipo de colonização no qual se deu o contexto de imigração japonesa foi o de **colonização planejada**, colonização que, segundo Saito²⁷ (apud MARCOS, 1996, p. 62), envolveu apenas 4% do total de imigrantes japoneses no Brasil, sendo a maioria da colonização japonesa no país do tipo de povoamento voluntário. Quanto à ordem interna dessas comunidades, eram regidas por valores e padrões culturais japoneses.

Com os crescentes investimentos e apoio do governo japonês, este imigrante conseguiu ter uma maior facilidade de se adaptar e se fixar no novo país através das colônias, onde sua cultura e religiosidade encontraram um campo mais propício para se desenvolver. Aliado a estes fatos, o acesso ao mercado de terras no Japão se tornou mais restrito, pelos altos preços da época, o que fez com que, com o passar do tempo, muitos imigrantes já não pensassem mais em voltar ao seu país de origem (SAKURAI, 1998, p. 17). Outros ainda, com notícias de sucesso dos núcleos

²⁶ SAITO, H. **Habitação rural dos japoneses nos estados de São Paulo e Paraná**. São Paulo : Escola de Sociologia e Política de São Paulo : 1957.

²⁷ SAITO, op. cit.

de colonização por parte de parentes e amigos, já imigram com intuito de fixar moradia no novo país, adquirindo lotes/glebas de terras no Brasil ainda no Japão, através das empresas de imigração criadas para este fim.

Esse tipo de imigração, denominada por Sakurai (1998) de “tutelada” se encerrou em 1941, quando as relações diplomáticas entre os dois países foram cortadas pelos conflitos da Segunda Guerra Mundial, tendo o Brasil declarado apoio ao grupo adversário do Japão. “A imigração tutelada do governo japonês teve assim, uma eficácia não só econômica, mas sobretudo simbólica para os japoneses que escolheram o Brasil como destino” (SAKURAI, 1998, p. 20).

Os investimentos por parte do governo japonês com a instalação dos núcleos de colonização significaram uma abertura de oportunidades e de ascensão social para esses imigrantes, superiores às que teriam tido no Japão. Aos poucos o Brasil passou a ser visto não mais como um local de “passagem” mas sim, como um local de fixação, onde podiam prosperar e ter uma vida mais digna, já que na sua nova morada eles já trabalhavam por conta própria, não devendo submeter-se à exploração dos fazendeiros, tinham certa estabilidade econômica e mantinham suas bases culturais através dos núcleos de colonização. Aos poucos não pensavam mais em retornar ao Japão.

O entendimento deste segundo período da imigração é de extrema importância para nosso trabalho já que vários acontecimentos neste período irão influenciar de forma direta a constituição e desenvolvimento da Comunidade Yuba, como a instalação do núcleo das Alianças (1922-27), a chegada de Issamu Yuba, idealizador da comunidade (1926) e o início das atividades da Comunidade Yuba (1935).

Como podemos ver, este segundo momento da imigração japonesa que abrange as décadas de 1920 até o início da década de 1940, pautado nos núcleos colonizadores, se difere substancialmente daquele primeiro momento onde os imigrantes eram encaminhados para as fazendas de café. Neste segundo momento, o imigrante irá se territorializar, criando vínculos econômicos, políticos e culturais com o território que ele vê como seu. A partir de então o sentimento de *pertença* – tanto material como simbólico – passa a ser palpável, fato que não havia ocorrido no primeiro momento da imigração japonesa, quando os imigrantes eram encaminhados para trabalhar nas fazendas de café.

Portanto, é este o sentimento capaz de concretizar uma territorialização de um modo de ver, viver e pensar que os moradores do Bairro das Alianças – núcleo de colonização criado e constituído por esta imigração “tutelada” pelo governo japonês na década de 1920, nos moldes de colonização planejada – vão vivenciar nesta sua nova morada. E é este o local onde irá se desenvolver as origens da fundação da Comunidade Yuba, e onde ela se localiza atualmente. Portanto, é de extrema importância realizar o resgate histórico da região para entendermos a territorialização ali ocorrida que será pano de fundo da criação e desenvolvimento da Comunidade Yuba.

2.1 Imigração japonesa no Bairro das Alianças

De acordo com Gomes (1988) e Yoshioka (1994), a instalação do Bairro das Alianças, através de seus três núcleos (1ª, 2ª e 3ª Alianças) no município de Mirandópolis – SP se configurou entre 1924 e 1927 da seguinte forma (tabela 2):

Tabela 2 – Instalação do Bairro das Alianças					
Ano	Núcleo	Associação / provincia de origem	Alqueires comprados	Tamanho total (alq.)	Direção do núcleo
1924	1ª Aliança	Além-Mar Nagano	2.200	2.200	Wako e Kitahara
1926	2ª Aliança	Tottori Shinano	1.200 800	2.000	Hashimura
1927	3ª Aliança	Ultramarina de Toyama Shinano	1.300 1.700	3.000	Matsuzawa
Total Bairro das Alianças (1ª, 2ª e 3ª Alianças) - 7.200 alqueires					

Fonte: Yoshioka (1994) e Gomes (1988).
Organização: Eduardo Mendes, 2011.

Sobre a nomenclatura do bairro, Yazaki (2004, p. 7) afirma que: “O núcleo chamaria-se (*sic*) ‘Aliança’, que tem o significado de ‘dar as mãos’ – sugerindo cooperação mútua”.

Segundo Gomes (1988) e Yoshioka (1994), todas as terras foram compradas de um mesmo dono, o Senador Rodolfo Agripino Nogueira da Rocha Miranda.

Posteriormente, cada núcleo foi dividido em lotes, que por sua vez foram comprados pelos imigrantes ainda no Japão. Tais lotes eram

de três tipos com 10, 15 e 20 alqueires, e só poderiam ser vendidos às pessoas filiadas a *Shinano Kaigai Kyokai* - Associação de Shinano para o Exterior - *Yugen Sekinin Shinano Totchi Kobai Riyo Kumiai* - Cooperativa de Aquisição e Aproveitamento de Terra Sociedade Limitada - ou *Nambei Totchi Kumiai* - Cooperativa de Terras da América do Sul - e respectiva família (YOSHIOKA, 1994, p. 42).

Além das Alianças, “outros núcleos ainda foram criados com compras de terras do mesmo proprietário, constituindo os bairros, Vila Nova, Nova Aliança, Formosa e Oriente” (GOMES, 1988, p. 15). De acordo com Gomes (1988) e Yoshioka (1994), as principais dificuldades e vantagens dos imigrantes que chegaram no início dos núcleos das Alianças eram:

Dificuldades:

- Derrubada de matas virgens;
- Ausência de infra-estrutura de acesso;
- Moradias a serem construídas;
- Falta de abastecimento de água;
- Falta de infra-estrutura médica e de locomoção para este fim;
- Alimentação diferenciada;
- Dificuldade na obtenção ou troca de gêneros alimentícios; e
- Problemas de comunicação fora dos núcleos.

Vantagens:

- Os imigrantes vindos saíam geralmente da mesma região do Japão, viajavam no mesmo navio, ingressavam nos mesmos núcleos e por isso enfrentavam problemas comuns;
- Certo isolamento que contribuiu para a manutenção de costumes e atividades culturais desses imigrantes;
- Vinda de imigrantes no sistema “*yobi yosse*” (a chamado de um morador anterior) reduzindo problemas de isolamento e propiciando o fortalecimento da ajuda mútua;

- Trabalho comunitário referente à conservação de estradas, feita pelos próprios habitantes;
- Associativismo e cooperativismo muito presente, com alto grau de solidariedade;
- Rápida construção de armazéns, escolas, templos, serrarias, clubes e escritórios administrativos nos núcleos.

Além destes fatores, muitos dos imigrantes vindos para as Alianças tiveram passagem pela Associação Rikko do Japão – (*Nippon Rikko Kai*²⁸). “Seria um grupo religioso? Uma escola de preparo de imigrantes? Uma associação para colonização? O que pode inferir das entrevistas e da análise de suas realizações é que ela abrange todas as atividades mencionadas” (YOSHIOKA, 1994, p. 69).

Shigueshi Nagata, presidente da associação na década de 1920, resumia os objetivos da associação da seguinte forma: “Cultivamos primeiro as pessoas, depois o café” (NAGATA²⁹ apud KANZAWA, 2010, p. 10). Assim, segundo Yoshioka (1994), estes imigrantes antes de chegarem ao Brasil tinham aulas em “escolas que preparavam os emigrantes para o exterior” (YOSHIOKA, 1994, p. 28), onde pregavam alguns ensinamentos como:

- Apologia à emigração;
- Desapego financeiro e material;
- Proibição de bebida e cigarro;
- Crer e confiar em Deus;
- Espírito desbravador;
- Lutar, como em um campo de batalha;
- Valorização do esforço individual, autoconfiança;
- Sentimento de solidariedade;

Toda essa preparação ocorreu devido à preocupação, por parte do governo japonês, de que este imigrante não voltasse mais ao seu país de origem, já que o

²⁸ “*Rikko* - palavra retirada do chinês, cujo significado de fundo bíblico, tem o sentido de “seguir por seu próprio esforço”/Kai - Associação” (YOSHIOKA, 1994, p. 41).

²⁹ Fonte não citada.

excesso de população poderia ter colocado em risco projeto de modernização que se buscava no país, conforme citado anteriormente.

No que tange as principais atividades produtivas do Bairro predominam a avicultura e o cultivo de café, atendendo a demanda do mercado regional e nacional, e o cultivo de hortaliças e legumes para consumo e venda local (SILVA, 1988; GOMES, 1988).

A ocupação das Alianças foi baseada, conforme já dito, no modelo de colonização planejada, tutelada pelo governo japonês. Além desse fator Yoshioka (1994) afirma que nas Alianças aportaram imigrantes com um perfil diferenciado dos colonos das lavouras de café, como intelectuais e/ou pessoas com formação escolar e/ou com profissões e posições sociais mais altas do que os que imigravam comumente, sendo:

a primeira experiência com emigrantes de classe média que não vislumbravam um futuro promissor no seu país e este contingente representava também um dos pontos de estratégia nacional tanto para reduzir tensões sociais, como para propiciar a seus cidadãos a fixação definitiva em condições planejadas, como uma organização ordenada e controlada (YOSHIOKA, 1994, p. 59)

Handa³⁰ apud Yoshioka (1994, p. 54-55) cita algumas profissões, grau de estudo e posições de alguns dos moradores do Bairro das Alianças:

[...]

- Técnico da Companhia Ferroviária da Província da Coréia;
- Segundo tenente do Exército, primeiro na aviação do Japão;
- Formado em horticultura pela Faculdade de Agronomia, desenvolvendo pesquisas sobre genética vegetal;
- Oficial (tesoureiro);
- Alto burocrata da Casa Imperial;
- Formado pela escola de comércio e indústria de Kuramae: realizou serviços de topografia nos núcleos de colonização;
- Formado em Pedagogia e chefe da agência dos correios;
- Major do Exército e veterinário;
- Engenheiro Naval dos estaleiros Mitsubishi, formado em Engenharia pela Universidade de Tóquio;
- Discípulo de Hachisaburo Hirao, presidente dos estaleiros Kawasaki e quarto grau de Kendô;
- Um dos fundadores da “Vila Brasil – Estados Unidos”, com imigrantes que vieram da Califórnia;
- Poeta tankaísta;

³⁰ HANDA, T. **O imigrante japonês**: História de sua vida no Brasil. São Paulo: T. A Queiroz, 1987.

- Capitão do Exército, da patrulha de defesa da Manchúria;
 - Haikaista e engenheiro;
 - Médico;
 - Empresário;
- [...]

Quanto ao aspecto cultural, Yoshioka (1994, p. 59) assinala ainda a existência do Instituto Kurihara, onde alguns moradores do bairro faziam observações e anotações sobre a luz zodiacal e estrelas cadentes, sendo este material publicado em revistas especializadas japonesas. O instituto contava ainda com pesquisas antropológicas e na área de botânica.

Este ambiente diferenciado juntamente com a chegada de Issamu Yuba à região que possibilitará a criação e desenvolvimento da Comunidade Yuba. É sobre a vida de Issamu Yuba, a fundação e o histórico da Comunidade Yuba que trataremos no próximo capítulo.

3. A COMUNIDADE YUBA: HISTÓRICO

3.1 A vinda e o ideal de Issamu Yuba

De acordo com Yuba (1993); Yazaki (2003) e Bartaburu (2010) Issamu Yuba, nascido em 1906, na cidade de Nishinomiya da província de Hyogo, Japão, era filho primogênito de Kura (mãe) e Tamenosuke (pai), sendo a família Yuba uma família muito antiga, que governou sua região por muitas gerações, como pode ser visto nas passagens do livro de Shigueru Yuba³¹, irmão de Issamu Yuba:

Meu avô foi o primeiro aluno da escola Keioguijuku, fundada por Yukiti Fukuzawa (importantíssima personagem na história do Japão do século dezenove) (YUBA, 1993, p. 15).

Meu pai Tamenosuke era o único filho homem. [...] No início da era Meiji (meados de 1880), quem tinha um filho que seria o sucessor, o educava de forma especial. Era lhe dado tanto cuidado, que se não soubesse usar dinheiro, isso não se fazia necessário. Dizem que no tempo do seu curso primário, meu pai levava sempre o travesseiro para que pudesse tirar uma soneca na hora que bem quisesse [...]. Ele fez curso ginásial no Keioguijuku (atual Universidade de Keio), na condição de “filhinho de papai” na cidade de Nishinomiya, região de Kansai (oeste do Japão) (YUBA, 1993, p. 14).

Como pode ser observado no relato, o pai de Issamu Yuba, Tamenosuke, teve uma educação especial, com certos privilégios, tanto por fazer parte de família importante e tradicional de sua região, quanto por ser o sucessor de seu pai como chefe da família.

Tamenosuke Yuba, chefe de uma família muito numerosa totalizando dez pessoas (Kura-esposa, Shizu-mãe, e sete filhos Issamu, Minoru, Shigueru, Hatsune, Kishiko, Hiromu e Motoi), procurou outras atividades para ganhar dinheiro:

[...] no ano 6 da era Taisho (começo de 1917), em Osaka, num local chamado Dotombori, foi iniciar um negócio de táxi sob o nome de Yumya. Meu pai, que nunca tinha sofrido para ganhar dinheiro, acabou tendo um tremendo fracasso. Na tentativa de se recuperar, comprou um terreno que na época tinha águas termais. Como havia planos de construção de uma linha férrea de Takarazuka até Arima,

³¹ Shigueru Yuba, irmão de Issamu Yuba, que viveu com a família até o início da vida adulta e depois partiu para estudar, se tornando reverendo da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, lançando o livro “O migrante que virou pastor” em 1993.

investiu muito até esvaziar os cofres do banco da vila. Mas a construção da linha férrea foi cancelada. Como não havia mais ninguém interessado em comprar o terreno, tal qual um barco que afunda, sua fortuna também afundou. Acabou, por fim, vendendo as montanhas, que por gerações e gerações pertenceram à família, e as terras de plantio (YUBA, 1993, p. 15-16).

Assim, com pouca aptidão financeira Tamenosuke, leva a família a falência. Tanto as dificuldades quanto os privilégios vividos por Tamenosuke influenciaram na forma de criação de seu filho primogênito, Issamu Yuba, que seria seu sucessor no futuro. Issamu Yuba teve uma criação diferenciada dos outros filhos da família, tendo certas regalias como podemos ver no relato de Shiguero Yuba (1993, p. 16-18):

Comecei a trabalhar distribuindo jornal, nessa época ganhava dez yens [...] quando ficou sabendo que iríamos para a América do Sul, o patrão me deu treze yens como presente de despedida, o que muito me alegrou; e assim voltei para casa, meu irmão mais velho que me recepcionou disse: “Empreste-me um pouco desse dinheiro”. Num estalar de dedos tomou o dinheiro e foi para a cidade de Kobe. E o que ele comprou foi um luxuoso boné de pele de camelo e um livro da biografia de Tolstói. [...] mesmo no falar, na força ou na condição de irmão mais velho, sabia que não podia ir contra ele e que só apanharia. Então recuei. [...] Na época, a forma de governo de minha família determinava que os dois [Tamenosuke (pai) e Issamu (filho primogênito)] eram os líderes e ponto final. O restante deveria somente obedecer, seguir e ser conduzido, tanto que não se podia nem dar opiniões, ou melhor, não era permitido (YUBA, 1993, p. 17-18).

De acordo com Bartaburu (2010), Issamu Yuba, tinha como sonho ser marinheiro. Depois de três tentativas frustradas de ingressar na escola naval, com 19 anos, quando vai a casa de um primo em Kobe tentar pela quarta vez seu sonho (que não conseguiu realizar), tem contato com leituras libertárias como a de Rousseau e Leon Tolstói. Segundo Ravagnani (1987), além de Rousseau e Tolstói, Issamu Yuba (figura 2) teve também como base filosófica, Saneatsu Mushanokōji, que tinha ideais de vida coletiva camponesa, destacando-se uma vida regada ao trabalho na terra; o incentivo à arte, como as músicas, pintura, esculturas; a religião e a fé cristã, que negava a fortuna e a posse individual, tendo como princípio o pensamento de que a terra é de todos.



Figura 2 - Issamu Yuba (1935)

Fonte: <http://www.brasil-ya.com/yuba/news_frameset.html>

Acessado em: 22 de maio de 2010.

Segundo Nagae (2006), Mushanokōji (1885-1976) se classifica na corrente literária Shirakaba que “ocupou o cenário literário por volta de 1915 com uma visão de vida claramente oposta ao Naturalismo³², e baseada em um pensamento idealista e humanista, que valoriza a individualidade e a natureza humana” (NAGAE, 2006, p. 56).

[...] Mushanokōji mostra o **egocentrismo entrelaçado ao amor ao próximo**. Situando-se em plena época da Primeira Guerra Mundial, escreve o drama *Sono Imoto* (Sua Irmã, 1914) e *Aru Seinen no Yume* (Sonho de um Jovem, 1916), opondo-se à guerra, **clamando pela união do povo para promover mudanças** no país e protestando contra a pressão desumana do governo japonês praticada na Ilha de Formosa em 1915. Esse seu **pensamento humanista e contestador** do poder nacional, ao capitalismo e ao imperialismo **foi direcionado para a construção de um pequeno local** chamado *Atarashiki Mura* (Nova Vila), em 1918. Em Setembro **adquire** com recursos próprios **uma área** de cerca de 33 mil m², em Hinata, na Província de Miyazaki. **Dezenove companheiros da revista vão para o local, onde iniciam**, em Novembro, **uma vida agrícola e artística, em busca de harmonia**. Enquanto esteve na vila, Mushanokōji desenvolveu intensa produção literária, escrevendo obras como *Kofukumono* (Um Felizardo, 1919), *Aru Otoko* (Um Certo Homem, 1921-23), *Daí San Inja no Unmei* (O Destino do Terceiro Ermitão, 1921-22) e *Aiyoku* (Desejo Carnal, 1926). Mushanokōji, porém, começa, de fato, a deparar com os obstáculos para os quais

³² Escola literária baseada na fidelidade a realidade e na experiência, segundo a qual o indivíduo é determinado pelo ambiente e pela hereditariedade.

os socialistas o alertaram, pois a vila deixa de funcionar por problemas financeiros (NAGAE, 2006, p. 57-58, grifo nosso).

Os trechos destacados na citação são da vida de Mushanokōji, mas podem ser referidos perfeitamente às ações praticadas por Issamu Yuba, na busca de seu ideal. O pensamento e a vida de Mushanokōji certamente foram os que mais influenciaram Issamu Yuba a idealizar sua comunidade, embasando sua idéia de formar futuramente uma comunidade nos moldes de suas leituras.

Segundo Bartaburu (2010), em 1926, quando Issamu Yuba voltava de Kobe para sua aldeia natal, ele tem contato, na estação de trem, com cartazes de propagandas da *Nippon Rikko Kai*³³, com dizeres estimulantes de uma “terra prometida, livre e sagrada na América do Sul”. Os problemas financeiros pelos quais passavam a família Yuba, os estímulos à imigração, às leituras libertárias e à posição de líder que tinha na família, fazem com que Issamu use seu poder de persuasão, estimulando seu pai e sua família inteira a emigrar para o Brasil. Com essa emigração, Issamu vislumbrava a grande oportunidade de colocar seus ideais em prática, construindo assim “um novo céu e uma nova terra na América do Sul” (YUBA, 1993, p. 18). Assim, com as notícias de consolidação das Alianças aliada às dificuldades econômicas familiares e ao seu sonho libertário, em abril de 1926 Issamu Yuba, avós, pais e sete irmãos embarcaram no navio Hawai-Maru rumo ao Brasil (BARTABURU, 2010).

Após 56 dias de viagem, em 26 de maio de 1926, em meio ao forte cheiro de café, a família Yuba desembarcava em Santos. Com um trem providenciado pelo governo, após dois dias e duas noites, passando por montanhas e cafezais, após quinhentos quilômetros pelas matas virgens chegam em Lussanvila (atual município de Pereira Barreto-SP). Lá havia um caminhão os esperando para levar a família Yuba até a Colônia Aliança, onde chegaram no dia primeiro de junho daquele ano, instalando-se em uma gleba de terras de vinte alqueires (YUBA, 1993, p. 22-25).

É importante frisar que a família Yuba chegou ao Brasil e instalou-se no núcleo das Alianças, formado, como vimos no capítulo anterior, pela “colonização planejada”. Uma vez instalados em suas próprias terras, a preocupação inicial era com a sua reprodução:

³³ Para mais detalhes ver o segundo capítulo “A imigração japonesa para o Brasil” página 48.

Começamos o desmatamento, cavamos o poço, construímos barracos [figuras 3 e 4]. Queimamos os montes, plantamos café, arroz, vagem e milho. Semeamos também verduras. Para tudo isso, nem era necessário colocar adubo. A própria mata já tinha deixado o seu adubo, acumulando folhas das árvores, e, de forma assustadora, os vegetais iam crescendo. (YUBA, 1993, p. 25-26).



Figura 3 - Primeira moradia da família Yuba.
Fonte: YUBA, 1993, p. 40.



Figura 4 – Perfuração do poço.
Fonte: YUBA, 1993, p. 40.

Três meses após a sua chegada no Brasil, no mês de setembro, Issamu já havia organizado um time de baseball (figura 5), excursionando a São Paulo em 1927, ganhando por três anos consecutivos o campeonato brasileiro, sendo considerado um dos precursores desse esporte no país (YAZAKI, 2003). Com isso, Issamu Yuba dava seus primeiros passos como pessoa influente na região.

O início da instalação da família Yuba foi marcado por grandes dificuldades, em boa parte vencida pelo entusiasmo de reconstruir uma vida nova, recomeçando do zero. Assim, esta nova etapa de suas vidas foi vista como um momento de renascimento de cada integrante dessa grande família. Como pode ser observado no relato de Shigueru:

A terra era virgem, não havia história, não havia méritos e, portanto, não havia nada que perturbasse o nosso coração. Tínhamos apenas o trabalho pioneiro de abrir a mata e de construir o que estava no ombro de cada um de nós. [...] quem tinha uma forte ambição pelo dinheiro, construiria um mundo de dinheiro; o moralista, um mundo de moral; o idealista um mundo ideal; o que trata da fé, um mundo de fé... A terra virgem nos dava a possibilidade de cada um construir o seu mundo. Porque ainda era um mundo nu [...]. O que tínhamos a fazer era pegar a enxada e enfrentar a mata. A mata virgem que Deus havia preparado durante milhares de anos [...]. Não se podia ver mais do que dez metros à frente; havia uma infinidade de tipos de plantas. Se olhássemos para cima, víamos grandes árvores que

estendiam seus enormes galhos e tornavam as tardes escuras [...]. A família Yuba, como se diz no mundo, “nunca pegou no pesado”. O mais pesado que tinha pego era no lápis. Se “quem não pega não come”, a família Yuba não deveria nem existir, nem ao menos comer. Agora tínhamos que suar bastante, e por isso eu me senti ainda mais vivo. Havíamos começado uma nova vida. (YUBA, 1993, p. 25-26).



Figura 5 – Equipe de Baseball da Aliança em 1928.
 Fonte: <www.gendaiza.org/alianza/lib/25-07.html>
 Acessado em: 22 de maio de 2010.

Apesar do entusiasmo, os imigrantes enfrentaram problemas com o trabalho duro na mata e o tipo de alimentação à qual tinham que se adequar:

A nossa refeição diária era realmente primitiva, pois não tínhamos missô (massa de soja), nem shoyu (molho de soja). Nas vezes que comíamos carne bovina, ou o animal tinha morrido doente, ou de velhice. Por isso não era lá uma carne decente. O arroz era do tipo plantado em terra seca, portanto era um arroz todo solto e seco. [...] O corpo humano precisa de certas proteínas na alimentação, e só tínhamos carne seca. A sardinha seca era insignificante [...] como era salgado para nós, quase não dava para comer [...]. Peixe fresco, nem em sonho! [...] Não havia nenhuma fruta. Todos os dias só nabo e acelga. [...] como trabalhávamos pesado e suando o dia inteiro, sempre sentíamos fome, e o corpo reagia pedindo comida doce e salgada (YUBA, 1993, p. 28-29).

Nestas situações de dificuldades, a religião exercia papel fundamental. A família Yuba recebia visitas esporadicamente do reverendo Yasoji Ito (da Igreja Anglicana) em sua casa, onde se reuniam para cantar hinos sacros, fazer a leitura

da bíblia e ouvir os sermões do pastor (YUBA, 1993). De base cristã, a família Yuba aceitava o novo desafio como permitidos por Deus. As dificuldades deveriam ser enfrentadas para que posteriormente fosse possível colher os frutos de seus esforços. Segundo Yuba (1993), por volta de 1930, em uma de suas visitas, o reverendo Ito dirigiu-se à propriedade da família Yuba com o objetivo de recrutar algum integrante da família para sua igreja, sendo o primeiro nome cogitado o de Issamu Yuba, que recusou a indicação dizendo:

“Não quero me tornar um pastor ‘quadrado’; se me tornar um pastor sei que me farão assim. Não quero isso!” (YUBA, 1993, p. 54).

“Farei uma nova vila: o que é meu é seu, o que é seu é meu também, todos os bens serão comunitários, deveremos nos perdoar mutuamente e fazer uma nova terra onde todos possam ter uma vida baseada na ajuda mútua” (YUBA, 1993, p. 77).

A recusa de Issamu Yuba e seus argumentos comprovam a personalidade forte e os objetivos do jovem Yuba com a vinda para o Brasil.

3.2 O início da Comunidade Yuba

Na busca de seus objetivos, em 1933 Issamu Yuba com um companheiro, passou uma temporada visitando a Comunidade Palma³⁴ - situada em Tupã-SP, organizada em moldes comunitários - com o objetivo de estudar e vivenciar a vida em comum, a fim de colocar seu ideal em prática:

sobre a presença de dois japoneses há até uma referência que evidencia o quanto a experiência de vida comunitária levada a cabo pelos letões era observada atentamente por aqueles que com eles tinham algum contato. A referência feita numa das atas afirma que ‘estão no meio da corporação dois japoneses da colônia Aliança afim (sic) de durante 6 meses aprender o modo de vida em corporação e talvez realizar iniciativa idêntica no meio dos japoneses” (MULATINHO, 1982, p. 162).

Dois anos depois, em 1935, Issamu Yuba enfim conseguiu por seu ideal em prática: com sua família e alguns poucos amigos, adquiriu uma área de 40 alqueires

³⁴ A Comunidade Palma foi apresentada no primeiro capítulo deste trabalho “Teoria e prática da organização comunitária e coletiva no campo e experiências no Brasil”. Para mais detalhes ver: MULATINHO, H. V. **Palma: a construção de uma comunidade utópica (1924-1970)**. 290 f. Tese (Doutorado). Depto. de Antropologia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 1982.

no bairro de Formosa, município de Guaraçai–SP. Com o lema “Criação de uma nova cultura”, deu início às atividades da “Fazenda Yuba”, pautada na ideologia de Issamu Yuba, traduzida na máxima “**Cultivar, rezar e amar as artes**”, criando assim as bases de sustentação e de identidade da comunidade, as quais irão permanecer intactas nos seus 76 anos de existência (COMUNIDADE YUBA, 2010).

Todavia, vale a pena destacar o que parece ser consenso na história de Yuba: o fato dele ter um poder de persuasão muito grande, o que o tornou capaz de levar as pessoas a acreditarem e participarem do projeto de vida que ele pregava. Uma das provas disso é que, com apenas 19 anos, convenceu sua família a emigrar para o Brasil, embora seu pai fosse contrário à idéia. Sua influência também foi verificada nas entrevistas que realizamos com integrantes da comunidade durante nossa pesquisa de campo.

*Existem muitas imagens sobre ele, porque eu ouço muitas histórias, e cada um enxerga de uma forma [...] tem muita gente que vê ele como um Deus, perto de um Deus, né? E tem gente que não gostava dele. [...] Mas tem uma coisa que todo mundo fala que é igual, é que ele atraía muita gente, ele tinha uma força que atraía as pessoas [...]*³⁵

A imagem de Yuba é contraditória, conforme pode ser observado pelo relato acima. Muitos o adoravam e outros o odiavam, porém todos tinham em mente a figura de um homem de forte personalidade, que não media esforços para pregar o seu ideal e colocá-lo em prática.

3.2.1 As bases, práticas e a história da Comunidade Yuba

De acordo com Shigueru Yuba (1993), Issamu Yuba costumava dizer:

“quero tentar construir um novo céu e uma nova terra, ter intimidade com a terra, praticar a arte e fazer uma sociedade que pratique a religião” (YUBA, 1993, p. 54)

Este ideal de Issamu Yuba, pautado no **tripé – trabalho na terra, prática das artes e da religião** – foi a principal base através da qual se desenvolveu uma **identidade** entre os integrantes da comunidade.

³⁵ Depoimento de integrante da Comunidade Yuba, em Setembro de 2006, colhido durante trabalho de monografia: MENDES, Eduardo R. **A vida e obra do geógrafo anarquista Piotr Alexeevich Kropotkin e seus ideais na atualidade: estudo de caso da Comunidade Yuba em Mirandópolis-SP**. Três Lagoas, 2006. 101p.

No início da comunidade, em 1935, ela era composta somente pela família de Yuba e alguns amigos mais próximos (figura 6), sempre com Issamu Yuba no comando, tomando todas as decisões e fazendo o controle administrativo e financeiro da comunidade (BARTABURU, 2010).



Figura 6 – Início da Comunidade Yuba em 1935.
 Fonte: < www.gendaiza.org/alianza/lib/24-02.html >
 Acessado em: 22 de Julho de 2011.

Em 1939, Issamu Yuba funda a Associação "Aliança Sansei-Ren I" - Liga Rural dos Moços (COMUNIDADE YUBA, 2010). Segundo Marcos (1996) esta associação estava ligada à cooperativa da região. "O objetivo desta associação foi de reunir jovens japoneses do campo para dar-lhes apoio, assistência e encorajá-los a continuar no campo" (RAVAGNANI, 1987, p. 31). Com mais esse empreendimento, Yuba segue sua luta pelos ideais de vida coletiva camponesa, se destacando cada vez mais como liderança na região das Alianças. Assim, "foi proposto por Issamu Yuba e seus companheiros, um projeto para avicultura e formação de granjas. O projeto era: as galinhas além de produzirem carnes e ovos, também produziram esterco para fertilizar a terra já gasta com a produção do café e algodão" (RAVAGNANI, 1987, p. 31).

Segundo Marcos (1996, p. 77), a Sansei-Ren teve grande sucesso, expandindo suas ações para outras cidades do interior de São Paulo e Paraná.

Porém a forma de Issamu Yuba administrar a associação acabou por levá-la à falência:

Freqüentemente ele adquiria bens - tais como caminhões, tratores, e outros tipos de maquinários, os quais, não raro, eram utilizados por sua comunidade ou para pôr em prática seu projeto de fixação do homem no campo - não somente sem realizar qualquer tipo de cálculo como também sem consultar previamente a Cooperativa, à qual a **San Sei Ren** era ligada. Esta prática forçava a Cooperativa constantemente a arcar com os débitos, já que Issamu Yuba raramente arrumava outras fontes de renda para este tipo de transação. A situação chegou a tal ponto que a Assembléia da Cooperativa decidiu encerrar todo e qualquer tipo de crédito à **San Sei Ren** e confiscar seus bens, como tentativa de ressarcir-se de parte das perdas (MARCOS, 1996, p. 78).

Mesmo após a extinção da associação, Yuba continua com a prática da avicultura poedeira da seguinte forma:

Cada família trabalhava autonomamente, subordinando-se apenas a Issamu Yuba. No início seus novos seguidores permaneciam morando em suas próprias casas, recebendo o material para a construção dos galpões (feitos de bambu) e os pintainhos. Cada família deveria construir os galpões e dedicar-se à criação das aves. Cada membro da família era responsável por 100 aves, o que fazia com que a quantidade de aves sob responsabilidade de cada família dependesse de seu próprio tamanho. Após construídos os galpões e já de posse das aves, Issamu Yuba passava a fornecer, semanalmente, a ração para o trato das aves durante o período. Fornecia-lhes também, quando necessário, medicação para evitar a contração de doenças e/ou a contaminação do lote. Cada vez que a produção começava a diminuir, Issamu Yuba fornecia um novo lote de pintainhos para dar continuidade às atividades. Toda a produção de ovos, bem como as aves fora da fase de postura - excluída a parte destinada ao consumo da família e/ou da Comunidade Yuba - era entregue a Issamu Yuba para comercialização em São Paulo. Após a comercialização, era fornecida uma pequena quantia em dinheiro a cada família para que pudessem garantir seu sustento/reprodução (MARCOS, 1996, p. 78-79).

De acordo com Marcos (1996), mais uma vez Yuba falhou na forma de administração da atividade.

Ocorre que, por não realizar nenhum tipo de controle entre o total de dinheiro gasto e recebido com a comercialização, Issamu Yuba começou a adquirir empréstimos junto ao Banco América do Sul e/ou com agiotas, e a comprometer previamente toda a comercialização para saldá-los, atitude que marcava sua subordinação em relação ao banco. Sendo assim, ao mesmo tempo em que buscava subordinar

outros camponeses, ele próprio subordinava-se ao capital financeiro, subordinação à qual não tinha controle. Com isto, as famílias passaram a deixar de receber não só o dinheiro para a compra dos mantimentos necessários e outros tipos de gastos, como também a própria ração para o consumo semanal das aves. Esta situação acabou gerando uma alteração na forma como a atividade vinha sendo desenvolvida. Descontentes com o não cumprimento do trato, boa parte das famílias abandonou a atividade e voltou a trabalhar autonomamente. Outras, porém, resolveram deslocar-se para a sede da Comunidade Yuba, a fim de ter garantido, no mínimo, a sua própria reprodução. Não foram raros os casos de famílias que entregaram suas antigas propriedades a Issamu Yuba para que ele pudesse saldar as dívidas contraídas (MARCOS, 1996, p. 79).

Com isso, a Comunidade Yuba passou a receber mais pessoas, aumentando assim o seu número de integrantes. De acordo com relatos dos integrantes da comunidade, nesta época, os trabalhos assim como as refeições, a prática das artes e da religião, eram feitos de forma comunitária. A comunidade contava com o caixa-comum, onde era depositada a entrada de dinheiro provindo da produção da comunidade e retirada às quantias para pagar as dívidas, tudo isso sob o comando e controle de Issamu Yuba.

Quanto à rotina de trabalho³⁶:

Todos acordavam às 4h30 ao som do berrante e dirigiam-se a uma grande área em frente ao refeitório para fazerem ginástica, sob orientação/supervisão de Issamu Yuba, a fim de garantir um corpo mais saudável para o dia de trabalho. Após, dirigiam-se ao refeitório para o café da manhã e em seguida partiam para seus afazeres cotidianos. A jornada de trabalho encerrava-se em torno das 17h00/18h00, quando então dedicavam-se aos treinos de baseball. Durante a jornada de trabalho haviam ainda pausas para duas refeições - o almoço e o café da tarde. Após o jantar, os camponeses passavam a ter lições de piano e/ou a ensaiar os cânticos para o coral. Normalmente estas atividades encerravam-se em torno das 21h00/22h00 (MARCOS, 1996, p. 90).

De acordo com os relatos dos integrantes da comunidade, Issamu Yuba sempre ressaltou a importância da prática do tripé (trabalho, arte e religião) por parte dos integrantes da comunidade no seu dia-a-dia, considerando que “um completa o outro, na busca de uma vida melhor³⁷”. Daí entendermos que as praticas na

³⁶ Não foi possível recuperar informações sobre a rotina de trabalho da comunidade nesta época. No trabalho de Marcos (1996, p. 90) ela afirma que a rotina da comunidade após a divisão (1956) “continuou seguindo os mesmos padrões anteriores”, portanto acreditamos que a rotina que a autora apresenta seja a mais próxima da realidade, naquela época.

³⁷ Depoimento de integrante da Comunidade Yuba, em Outubro de 2010.

Comunidade Yuba, desde o começo até os dias de hoje estão adequadas para que o tripé tenha espaço garantido na rotina de seus integrantes.

Segundo Dezem (2009), entre 1937 e 1939, as políticas do “Estado Novo” pautadas no nacionalismo baixou vários decretos proibindo o uso e ensinamento de línguas estrangeiras nas escolas, a circulação de jornais em outras línguas que não fosse a portuguesa, exercício de atividades políticas, desfiles e manifestações públicas por estrangeiros. Além disso, a aproximação do Brasil com os Estados Unidos em uma época de iminente conflito deste último com os países do “Eixo”, fez com que os japoneses fossem vistos como inimigos por parte dos brasileiros, ocorrendo assim um aumento nas práticas racistas contra estes estrangeiros no país. Isso fez com que muitos japoneses voltassem ao seu país de origem. Já outros, procuraram locais onde se sentiam menos afetados pelos acontecimentos, sendo um desses locais os núcleos de colonização das Alianças que, na época da Segunda Guerra, teve o maior número de habitantes de sua história (tabela 3).

Tabela 3 - Evolução populacional de origem japonesa e/ou descendentes no Bairro das Alianças	
Ano	Total
1934	4120
1938	5161
1941	5400
1950	4879
1960	5081
1970	3788
1980	2928
1993	775
2001	644
2003	625
2008	509

Fontes: SOCIEDADE COLONIZADORA BRASIL LTDA (1935); GOMES (1988); YAZAKI (2003); ROTARY CLUB MIRANDÓPOLIS (2008); COMUNIDADE YUBA (2010)
Organização: Eduardo Mendes, 2011.

Consequentemente, a Comunidade Yuba também passou a receber mais pessoas nessa época:

Muitos nikkeis vieram pedir asilo depois que a guerra estourou, para escapar da repressão. Issamu nunca negava. Quando gente do

governo veio investigar como é que podia haver tanto japonês junto, ele argumentou que estavam trabalhando para o crescimento do país. O governo autorizou. Nos anos da guerra aquele pedaço do Brasil foi um dos raros lugares onde a língua japonesa pôde ser usada (BARTABURU, 2010, p. 15).

Para Ravagnani (1987, p. 32), “a guerra fez com que a comunidade se fechasse ainda mais, gerando no grupo o sentimento de auto-defesa [...] [a comunidade] se constituía quase que totalmente auto suficiente, pois procura[va]m poucos recursos fora”. Sempre segundo a autora, contando com o aumento do número de integrantes, Issamu Yuba começou a desenvolver o projeto de estabelecer uma grande granja com gaiolas incubadoras, barracões e plantações de milho espalhadas pela área.

Yuba raciocinava economicamente, pois verificava que como 50% do milho procedia do interior de São Paulo, poderia atuar invertendo esse mercado, nesse caso compraria milho da região e enviaria os ovos para São Paulo. [...] Feito todo o levantamento sobre o projeto, a conclusão [foi] que o negócio poderia ser rentável (RAVAGNANI, 1987, p. 31-32).

Com isso, Yuba colocou em prática seu projeto de avicultura poedeira. Os ovos eram despachados para São Paulo via ferroviária e rodoviária. Com o passar do tempo começou-se a vender pintainhos, gaiolas, esterco e madeira (RAVAGNANI, 1987). Logo,

a comunidade tornou-se uma pequenina aldeia, com casas para famílias, dormitórios para os solteiros, uma cozinha grande e com salão de jantar, uma lavanderia e banheiros, em comum. Os membros se dividiram em vários serviços: cozinhar, plantar verduras, colher ovos, ensinar as crianças, e até cuidar da saúde da comunidade. Além desses serviços, também havia esportes, encenações de peças de teatros, música e palestras sobre assuntos diversos, como também discussões sobre filosofia e política (RAVAGNANI, 1987, p. 32) (figuras 4 e 5).

As atividades culturais sempre foram estimuladas por Issamu Yuba, estando presentes na vida de seus integrantes desde seus primeiros anos de vida (figuras 7 e 8).



Figura 7 – Aquisição de piano em 1948.
Fonte: COMUNIDADE YUBA, 2011.



Figura 8 – Apresentação no Natal de 1950.
Fonte: COMUNIDADE YUBA, 2011.

Com o passar dos anos a comunidade foi crescendo cada vez mais. De acordo com Yoshioka (1994) e Comunidade Yuba (2011), entre **1942 e 1945 a comunidade chegou ao seu auge, contando com cerca de 250 integrantes**, sendo considerada a maior granja de avicultura poedeira da América do Sul com mais de 220.000 aves.

Segundo Marcos (1996) a cada uma das atividades da comunidade foi designado/a a um/a camponês/esa, para que ficasse responsável pelo seu bom andamento. Com isso Issamu Yuba poderia controlar a comunidade melhor e de forma mais organizada.

Dividiu também a avicultura em vários "setores", tais como reprodução, chocadeira, seleção dos pintainhos para comercialização (machos e fêmeas), trato das aves até a fase de postura, trato das aves em fase de postura, coleta, classificação e embalagem dos ovos para comercialização e, mais tarde, trato, abate e armazenagem, em câmara fria, das aves fora da fase de postura comercializadas como aves de corte. (MARCOS, 1996, p. 80)

Yoshioka (1994), Marcos (1996) e Bartaburu (2010) afirmam que um dos grandes problemas de Issamu Yuba era querer crescer em demasia. Segundo Marcos (1996, p. 80), Issamu Yuba tinha planos maiores, identificados no "Plano Yuba", cujo objetivo principal era o

[...] de estender seu ideal de fixação do homem no campo, mediante a recuperação da fertilidade do solo. Através de seu "plano" ele reuniria em uma só atividade os pequenos camponeses da região (mais de mil famílias, distribuídas em cerca de 12 mil alqueires de terra na região), fornecendo-lhes inicialmente 500 galinhas para cada um a título de empréstimo.

Em reportagem da revista “O Cruzeiro”, em 1951, Ferreira³⁸ (apud MARCOS, 1996, p. 80-81) detalha o que poderia ser a extensão desse “Plano Yuba”:

A obrigação que o beneficiado contrairia consiste no emprego obrigatório do adubo na terra e a entrega de 30% da produção de ovos para atender aos reclamos da “Idéia”³⁹ (...). Esses trinta por cento constituirão um “fundo de reserva”, para satisfazer as necessidades coletivas, como a compra de remédios, de máquinas, etc. A alimentação das aves correrá por conta do emprestador. Os tratores trabalhariam gratuitamente nas terras de todos. Dar-se-ia assistência técnica agrícola e avícola geral. (...) Com o “Fundo de Reserva” montaríamos aqui uma escola que teria funções universitárias. Todos os pendores encontrariam nela acolhimento e ambiente propício para desenvolvimento. Teríamos cursos agrícolas, avícolas, mecânicos, de pintura, de música, etc. Os que se destacassem iriam se aperfeiçoar em São Paulo, no Rio, na Europa ou nos Estados Unidos, por conta da coletividade. (...) E multiplicaríamos várias vezes a produção agrícola paulista.

Porém, Issamu Yuba continuava falhando no que dizia respeito à administração da comunidade. Tais falhas, segundo Honma⁴⁰ (apud RAVAGNANI, 1987, p. 34), eram causadas “pelo despreparo e pelas manobras econômicas, [...] [pel]a pouca experiência e [pel]o deslumbramento de muito dinheiro nas mãos, com gastos excessivos com mulheres, viagens, extravagâncias desnecessárias, [e] caprichos pessoais”.

Enquanto isso Issamu Yuba continuava adquirindo outros empréstimos para quitar os antigos, o que levou a comunidade várias vezes à falência. O conjunto destes fatores levou a um descontentamento de muitos integrantes dentro da Comunidade Yuba e a uma preocupação crescente de seus credores.

Segundo Bartaburu (2010), a dívida de Issamu Yuba com o Banco América do Sul no início da década de 1950 era de um terço de todo o capital do banco⁴¹. Com isso,

Visando solucionar o problema e recuperar a vitalidade da comunidade, o Banco América do Sul, em acordo com os demais credores de Issamu Yuba, fundou, em 1948, a **Sociedade Agrícola de Guaraçai**. A comunidade continuava trabalhando e produzindo

³⁸ Reportagem publicada no dia 17 de março de 1951 na revista “O Cruzeiro”, retirada do trabalho de Marcos (1996).

³⁹ O ideal de Issamu Yuba.

⁴⁰ Depoimento de Walter Honma a Ravagnani, 1987.

⁴¹ O autor não disponibilizou o valor real da dívida.

normalmente, mas não podia mais realizar a comercialização de sua produção, tampouco controlá-la. A partir da criação desta Sociedade, Issamu Yuba não aparecia mais como proprietário ou sócio da comunidade. Todas as transações comerciais - seja de venda da produção, seja de aquisição de alimentos para reprodução dos camponeses ou de insumos para a avicultura - passavam a ser feitas pela nova Sociedade, controlada pelo Banco América do Sul. Para garantir o respeito às novas normas, a Sociedade contava também com dois interventores do Banco. Um deles foi enviado à estação ferroviária de Guaraçaí, por onde os ovos eram despachados para comercialização em São Paulo, de forma a exercer o controle sobre a produção que estava sendo enviada e emitir as notas. O outro foi para a comunidade, onde passou a morar para poder controlar a produção mais de perto (MARCOS, 1996, p. 83 – grifo da autora).

Segundo Marcos (1996, p. 83-84), Issamu Yuba, visando “driblar” a fiscalização, passou a comercializar os ovos clandestinamente por via rodoviária (fato inédito para época). Porém, o dinheiro ganho com esta prática não era suficiente para seus gastos. Com o tempo, passou a vender também, respectivamente, galinhas de baixa produção para o corte, galinhas em plena postura, galinhas chocadeiras e pintainhos. Com isso, a entrada de dinheiro da Sociedade diminuiu e, com ela, a parte repassada para a comunidade para sua reprodução. A reação da Sociedade foi a de vender os caminhões usados por Yuba, deixando-o sem ação. Neste momento Issamu Yuba pediu ajuda ao então prefeito de Guaraçaí – SP, José Marques, que intercedeu, cedendo

[...] 8 alqueires de terra, para a gente plantar o arroz, que é o alimento básico, e permissão de construir um barracão para criar galinha, de forma que, como tinha os cafezais, então ficamos de fornecer o esterco para a adubação do café. E ele interessou nisso, o começo da atividade, mas ele fez isso para solucionar o problema lá da comunidade e adubar a plantação do café (HONMA⁴² apud MARCOS, 1996, p. 84).

Diante do agravamento da situação, o Banco América do Sul, em 1956, convocou uma reunião com os credores de Issamu Yuba onde foi decretada a falência da *Sociedade Agrícola de Guaraçaí*. “De acordo com a resolução da referida reunião, os integrantes da comunidade deveriam sair das terras, deixando ali todas as benfeitorias e pertences, inclusive os de uso pessoal” (MARCOS, 1996,

⁴² Depoimento do Sr. Walter Yukio Honma, em entrevista gravada em janeiro de 1996, no trabalho de Marcos (1996).

p. 86). Neste momento Issamu Yuba se encontrava em São Paulo, à procura de um novo credor (MARCOS, 1996).

Diante desta situação, e sabendo que a intervenção do Banco América do Sul para fins de despejo não tardaria a acontecer, o então Prefeito do Município de Guaraçaí-SP, e também um de seus credores, José Marques, dirigiu-se à comunidade para explicar aos integrantes o que estava acontecendo. Ao término da explicação convidou-os para transferirem-se para sua fazenda em Guaraçaí-SP - a Fazenda 320 - administrada pelo Sr. Manoel Rodrigues Marques (MARCOS, 1996, p. 86).

Naquele momento, todos se dirigiram para a Fazenda de José Marques e se instalaram dentro do que foi possível (MARCOS, 1996). Porém,

ao retornar à comunidade e tomar conhecimento sobre o ocorrido, Issamu Yuba desaprovou a atitude tomada por seus companheiros durante sua ausência e procurou assumir novamente o controle da situação. Durante vários dias permaneceu fechado na casa que lhe fora destinada na fazenda, procurando encontrar uma saída. Decorridos alguns dias sem se pronunciar, Issamu Yuba convocou uma reunião extraordinária onde expôs o seu ponto de vista - quando então defendeu a idéia de que eles deveriam sair da fazenda e voltar para as terras da comunidade [...]. Issamu Yuba pediu que aqueles que com ele concordassem levantassem suas mãos. O que ele não contava, porém, era que a metade dos membros da comunidade (que possuía cerca de 200 pessoas na época), permanecessem com as mãos abaixadas. E, mais ainda, que entre estes, estivessem Tetsuhiko Yuba e Minoro Yuba, respectivamente, seu filho primogênito e um de seus irmãos (MARCOS, 1996, p. 86-87).

De acordo com Adachi⁴³ (apud MARCOS, 1996, p. 87) o filho e o irmão de Issamu “foram convencidos a partir com ele sob a alegação de que os pais de Yuba sofreriam muito ao ver seus filhos e netos separados em duas comunidades distintas”. Aqueles “que seguiram Issamu Yuba, acomodaram-se, inicialmente, em um barracão [...] [emprestado] no bairro das Alianças [...] trabalhando em terras arrendadas na própria região” (MARCOS, 1996, p. 88). Passado um período de “oito meses da separação, Yuba recebeu de um amigo da Primeira Aliança uma gleba de terras de 10 alqueires para que a comunidade pudesse fixar-se e reiniciar novamente suas atividades” Adachi⁴⁴ (apud MARCOS, 1996, p. 89). Aqueles que

⁴³ Fonte oral.

⁴⁴ Fonte oral

não acompanharam Issamu Yuba permaneceram na Fazenda 320 e fundaram a Comunidade Sinsei⁴⁵ (MARCOS, 1996).

Segundo Marcos (1996), após a divisão a Comunidade Yuba manteve-se sob o comando de Issamu Yuba, que continuou investindo na avicultura como principal atividade da comunidade. O sistema de trabalho seguia praticamente a mesma rotina anterior à divisão.

Segundo Bartaburu (2010), em 1961 chegou à comunidade o casal de artistas Hissao Ohara e Akiko Ohara, ele escultor, ela bailarina. No mesmo ano, faltando dez dias para o Natal, Issamu Yuba decidiu construir um novo palco para as apresentações de balé, que antes eram feitas em um barracão de lona. “Sem muito pensar [Issamu] pôs abaixo o cafezal em frente à ferraria e botou a comunidade inteira para trabalhar, dia e noite. Até as crianças ajudaram, carregando telhas. No dia de Natal, pela manhã, o teatro estava de pé” (BARTABURU, 2010, p. 16) (figura 9). Com a chegada do casal o balé passou a ser praticado de uma forma mais profissional, com a participação de todos os integrantes da comunidade (figura 10).



Figura 9 - Construção do Teatro (1961).
Fonte: COMUNIDADE YUBA, 2011.



Figura 10 – Ensaio do balé em 1961.
Fonte: COMUNIDADE YUBA, 2011.

O balé Yuba fez várias apresentações no Brasil e, esporadicamente, no Japão e em outros países, em especial na América do Sul. Várias autoridades

⁴⁵ Mais detalhes ver página 29 do capítulo 1 deste trabalho “Teoria e prática da organização comunitária e coletiva no campo e experiências no Brasil” e em MARCOS, V. **Comunidade Sinsei (u)topia e territorialidade**. Dissertação (Mestrado). Depto. de Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 1996. 400p.

prestigiaram os eventos tanto dentro como fora comunidade⁴⁶ (MARCOS, 1996, p. 90).

Até meados da década de 1970 a comunidade manteve sua forma de reprodução pautada no ideal de Issamu Yuba e dirigida muitas vezes com rigor pelo seu líder. Em 1976, num acidente automobilístico, Issamu Yuba vem a falecer e, “a partir de então, a comunidade passou a ser liderada, como bem salienta Adachi⁴⁷, econômica e oficialmente por seu filho primogênito, Tetsuhiko Yuba, e culturalmente por Akiko Ohara” (MARCOS, 1996, p. 91).

Segundo Marcos (1996), como Tetsuhiko era menos autoritário que Issamu Yuba, algumas transformações foram se processando, fato que ocorre até hoje. A comunidade deixou de ter uma administração totalmente centralizada, vindo existir assim a constituição de “outros poderes” com a formação inclusive de “caixas particulares” por parte de alguns integrantes, que ficavam com todo ou grande parte do dinheiro provindo dos produtos que produziam, para reinvestimento na própria atividade ou não. Outra mudança significativa, segundo Adachi⁴⁸ (apud MARCOS, 1996), foi a substituição da avicultura poedeira pela fruticultura da goiaba, como atividade principal da comunidade. Assim, na década de 1990, a goiaba era a principal atividade da comunidade, na qual trabalhavam cerca de 30 integrantes na colheita, poda e seleção da fruta. A maior parte era comercializada com o CEAGESP em São Paulo, enquanto outra parte era vendida para uma cooperativa em Mirandópolis (MARCOS, 1996). A avicultura poedeira perdeu espaço para a goiaba, porém ainda contavam com uma produção significativa, com um total de 2.600 aves, distribuídas em 15 galpões, onde trabalhavam três integrantes (MARCOS, 1996).

Além dessas atividades havia ainda, em menor proporção, as seguintes atividades produtivas: horta, galinha caipira e gado – voltados para o consumo interno –, suínos e cogumelo shiitake que, além do consumo interno, também eram comercializados. Também compunham as atividades da comunidade as atividades de serviços como: cozinha e lavagem das roupas sendo feitas pelas mulheres. (MARCOS, 1996).

⁴⁶ Para mais detalhes sobre as apresentações e autoridades que prestigiaram o Balé Yuba ver quadro 1 na página 160 do capítulo 4 “A Comunidade Yuba atualmente”.

⁴⁷ Fonte oral.

⁴⁸ Fonte oral.

As atividades culturais e educacionais serviam como “base para a construção/consolidação de sua identidade [...] [garantindo] a coesão do grupo em torno do ideal de Issamu Yuba e a reprodução desse ideal” (MARCOS 1996, p. 103-104). Na década de 1990 tais atividades eram constituídas por: Ballet Yuba (principal), teatro, cerâmica, aulas de japonês (até os 7 anos de idade), filmes, esportes (baseball, soft, judô, ping-pong, atletismo e futebol) (MARCOS, 1996).

Segundo alguns integrantes da comunidade⁴⁹, essa estrutura e a forma de vivência entre seus membros praticamente não sofreram mudanças⁵⁰ até Janeiro de 2003, quando foi criada a “Associação Issamu Yuba” presidida por Tetsuhiko Yuba e uma diretoria composta por Tesoureiro e Secretário. Esses foram os primeiros passos de mudanças na forma de administrar a comunidade, fato que irá se consolidar com a morte de Tetsuhiko Yuba, em setembro do mesmo ano. Em outubro do mesmo ano ocorreu a mudança do nome da associação para “Associação Comunidade Yuba” juntamente com seu corpo de diretores principalmente por motivos financeiros⁵¹.

Outro aspecto que chama a atenção é a perda populacional da comunidade, que a partir da década de 1960/1970 vem se intensificando. De acordo com relatos dos integrantes e com a comparação com o quadro da comunidade em períodos anteriores, o número de jovens na comunidade vem decaindo ano a ano:

Antes tinha bastante jovens, a gente se reunia a noite, todo mundo. Às vezes saía o pessoal pra passear na cidade era bastante gente, agora tem pouco, o pessoal (jovens) dificilmente se junta mais⁵².

De fato, no início dos anos 1990, a comunidade contava “[...] com aproximadamente 90 integrantes, em sua maioria jovens e crianças” (MARCOS, 1996, p. 94). As mudanças na estrutura populacional da comunidade após a década de 1970, até os dias de hoje foram causadas basicamente pela saída dos jovens o que, por sua vez, acabou gerando outras conseqüências como por exemplo, o menor número de casamentos e menor número de nascimento de crianças⁵³.

⁴⁹ Conversamos sobre este assunto com três pessoas.

⁵⁰ Exceto algumas funções de integrantes que mudaram e/ou se adaptaram a outras funções dentro da comunidade com a saída de alguns integrantes para trabalhar no Japão como dekasegui.

⁵¹ Discutiremos estes motivos mais detalhadamente no próximo capítulo.

⁵² Depoimento de jovem integrante da comunidade em abril de 2010.

⁵³ As causas das saídas dos jovens serão tratadas mais à frente no trabalho. O que nos interessa no momento é conhecer a atual estrutura populacional da comunidade para desvendarmos como se dão as relações internas entre seus membros.

3.2.2 Estrutura populacional da comunidade entre 1970-2008

Acreditamos ser de extrema importância não só analisarmos a estrutura populacional da Comunidade, mas também compará-la com o seu entorno. Para isto, será feita uma análise comparativa dos dados de 2008⁵⁴, para a população japonesa/descendentes do Bairro das Alianças - 1ª, 2ª e 3ª Alianças -, a população do município de Mirandópolis e a do estado de São Paulo. Posteriormente, faremos o resgate histórico desde a década de 1970 até 2007 para compararmos a perda da população da Comunidade Yuba com o seu entorno.

Em **2008** a Comunidade Yuba apresentava a seguinte estrutura populacional (tabela 4):

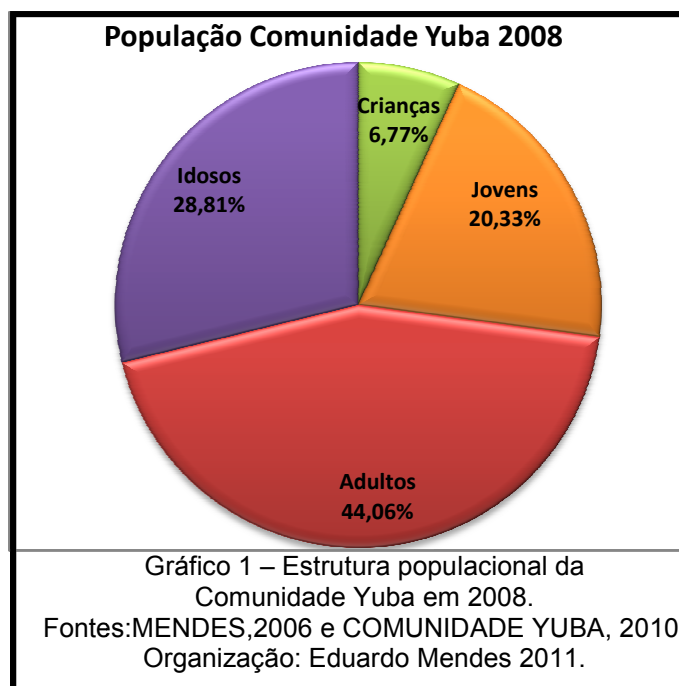
Tabela 4 - População por faixa etária da Comunidade Yuba – 2008					
Classificação	Faixa de idade	Nº de pessoas			Porcentagem
		H	M	Total	
Crianças	0 – 11	3	1	4	6,77%
Jovens	12 – 25	8	4	12	20,33%
Adultos (a)	26 – 50	5	6	11	18,64%
Adultos (b)	51 – 60	7	8	15	25,42%
Adultos (a+b)	26 – 60	12	14	26	44,06%
Idosos	61 ou mais	6	11	17	28,81%
Total		29	30	59	100%

Fontes: MENDES, 2006 e COMUNIDADE YUBA, 2010.

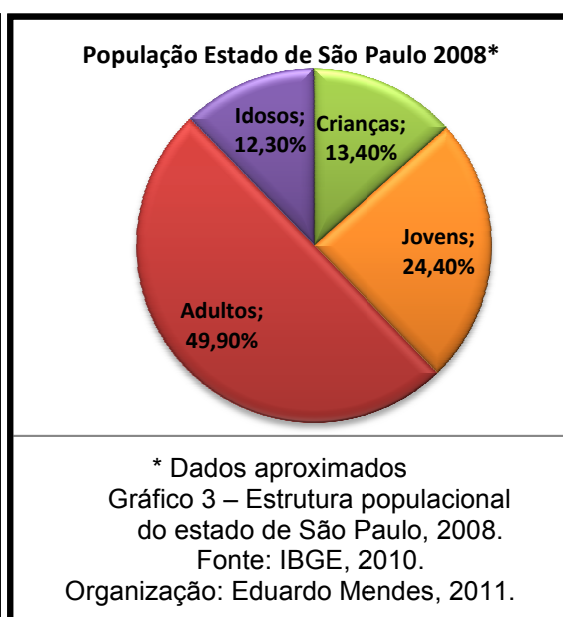
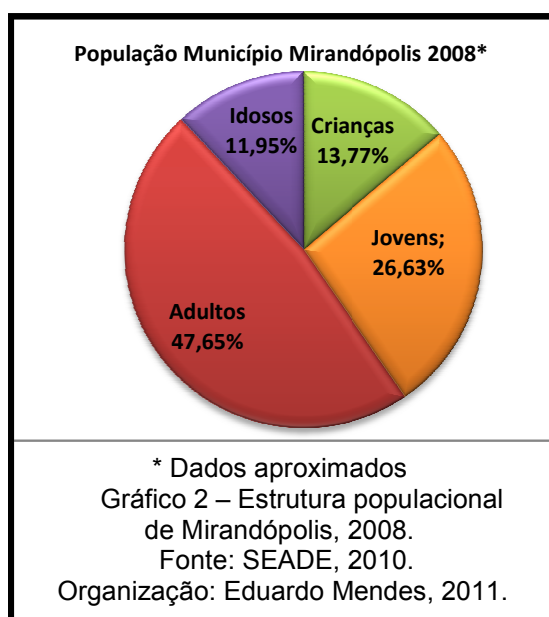
Organização: Eduardo Mendes, 2011.

Através da análise da estrutura populacional da Comunidade Yuba podemos ver que os **jovens** integram **20,33%** e as **crianças** **6,77%** os quais, **juntos**, irão compor **27,1%** dos integrantes da comunidade, ou seja, pouco mais de um quarto dos integrantes da comunidade estão em idades entre **0 e 25 anos**.

⁵⁴ A escolha deste período do ano de 2008 se deu pela falta de informações em faixas etárias para o bairro das Alianças, do município de Mirandópolis e do estado de SP para o ano de 2010. As informações que tínhamos disponibilizadas eram da Comunidade Yuba de 2008, através de dados da Comunidade, de dados da população japonesa/descendente do bairro das Alianças (Associação Cultural e Esportiva Nipo-Brasileira das Alianças) e os dados do censo de 2007 do IBGE e do SEADE que aproximamos para o ano de 2008 para o município de Mirandópolis e o estado de São Paulo. Contudo, acreditamos que no ano de 2008 os dados são mais consistentes e seguros, e sua adequação, no caso do município de Mirandópolis e do Estado de SP, sofreriam uma distorção menor do que se adequássemos todas as informações para o ano de 2010.



Ao compararmos os dados da Comunidade Yuba com o município de Mirandópolis e com o estado de São Paulo⁵⁵ (2008), percebemos uma semelhança na estrutura populacional e uma nítida diferença comparando com a Comunidade Yuba, principalmente entre as crianças que representam menos da metade dos integrantes. Já os idosos apresentam mais do que o dobro desta faixa etária de pessoas comparando a Comunidade Yuba com o seu entorno.



⁵⁵ Não foi possível comparar os dados da Comunidade com o dos moradores das Alianças, já que, não foi possível encontrar um levantamento por faixa etária desta última região.

É possível destacar também que quase metade da população da **Comunidade Yuba (44,06%)** integra a faixa de **26-60 anos**, considerada **adulta**. Dentro desta faixa, mais da metade dos adultos (57,7%) tem idade entre 51 e 60 anos. Os **idosos** por sua vez, representam a segunda posição entre as faixas etárias no total de integrantes da comunidade, correspondente a **28,81%**. Para compararmos a população adulta e idosa da Comunidade Yuba com seu entorno apresentamos os dados do bairro das Alianças e do município de Mirandópolis:

Tabela 5: População por faixa etária do Bairro das Alianças⁵⁶ – 2008			
Classificação	Faixa de idade*	Nº de pessoas	Porcentagem
5ª geração	NF	6	1,2%
4ª geração	NF	74	14,6%
3ª geração	NF	129	25,4%
2ª geração	NF	207	40,8%
1ª geração	NF	79	15,6%
Não descendentes	NF	14	2,8%
Total		509	100%

* (NF) Dados não fornecidos.

Fonte: Associação cultural e esportiva nipo-brasileira das Alianças, 2009.

Organização: Eduardo Mendes, 2011.

Tabela 6: População de Mirandópolis por faixa etária – 2008*			
Classificação	Faixa de idade	Nº de pessoas	Porcentagem
Crianças	0 – 9	3651	13,77%
Jovens	10 – 25	7058	26,63%
Adultos	26 – 59	12627	47,65%
Idosos	60 ou mais	3168	11,95%
Total		26499	100%

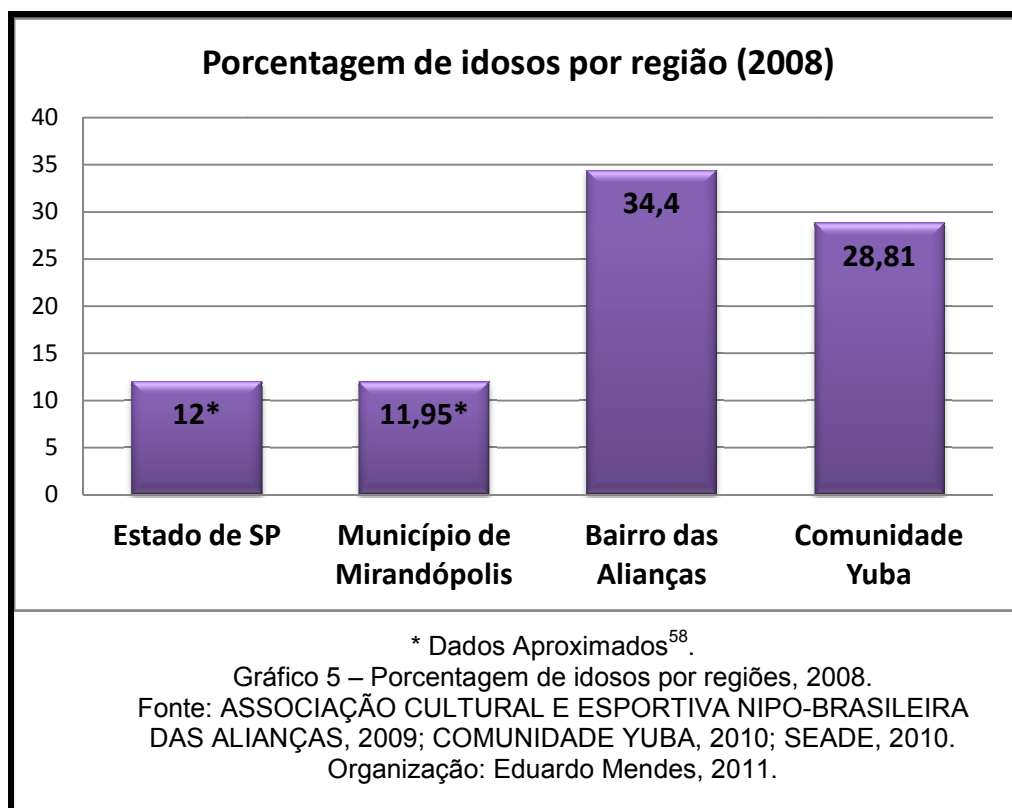
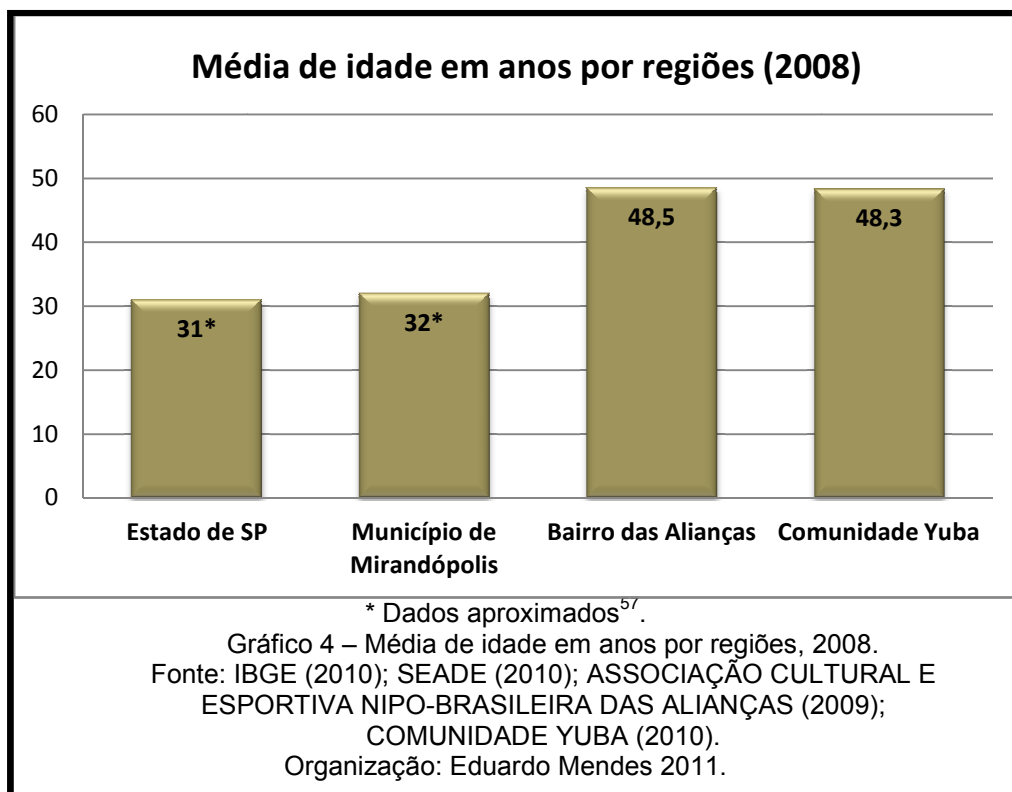
*Estimativa de Eduardo Mendes, 2011 levando em conta os censos de 2007 e 2010.

Fonte: SEADE, 2010; IBGE, 2010.

Organização: Eduardo Mendes, 2011.

No bairro das Alianças foram contados moradores japoneses/descendentes, lembrando que o bairro se desenvolveu pelo modelo de colonização planejada, portanto os costumes e culturas são muito próximos dos praticados na Comunidade Yuba. Com isso, o que podemos afirmar, é que a estrutura populacional das Alianças está bem próxima àquela da Comunidade Yuba, como podemos perceber na média de idade e na porcentagem da população idosa:

⁵⁶ No caso do Bairro das Alianças não foi possível encontrar dados através das faixas etárias, mas sim, a divisão por geração daqueles que chegaram no Brasil. Portanto o que podemos afirmar é que, quanto mais próximo da 1ª geração, a idade do morador é mais avançada, e quanto mais próximo a 5ª geração a idade do morador é menor. Não existe uma faixa etária pré-fixada para cada grupo de gerações, não sendo possível a comparação em faixas etárias com a Comunidade Yuba.



⁵⁷ Baseados no censo de 2007 foi calculado como poderia estar no ano de 2008, usando as taxas de crescimento faixas de idade do ano de 2007.

⁵⁸ Baseados no censo de 2007 foi calculado como poderia estar no ano de 2008, usando as taxas de crescimento faixas de idade do ano de 2007.

Como podemos ver nos gráficos 4 e 5, há uma semelhança muito grande dos dados do estado de São Paulo e do município de Mirandópolis. Em contrapartida, os dados do bairro das Alianças e da Comunidade Yuba conservam uma distância latente, que por sua vez se aproximam muito um do outro. Esta proximidade dos dados de média de idade e de pessoas com mais de 60 anos entre o Bairro das Alianças e a Comunidade Yuba nos mostra que o fenômeno de envelhecimento da população presente nos dois locais é maior do que a média geral do município de Mirandópolis e do estado de São Paulo. Acreditamos que esta proximidade se dê, pois muitos dos preceitos, bases, modo de vida e práticas da cultura oriental dos moradores das Alianças foram comuns aos da Comunidade Yuba na formação do núcleo de povoamento da região.

Quanto à qualidade de vida, acreditamos que o tipo de alimentação feita pelos membros da comunidade e descendentes de japoneses moradores das Alianças, baseadas em arroz, legumes, verduras, frutas, peixes e alimentos com pouca gordura e bastante balanceada, aliada a exercícios físicos e intelectuais - como as freqüentes práticas de atividades culturais - auxiliam nesta alta média de idade. Porém, no caso da Comunidade Yuba, o envelhecimento da população é um fator que pode trazer alguns problemas, como a diminuição da mão-de-obra, o aumento dos gastos com remédios⁵⁹ e do número de pessoas com necessidade de cuidados especiais.

Para sanar a falta de mão-de-obra, a comunidade conta com um funcionário desde o final da década de 1990, além da contratação de diaristas quando necessário. A presença dos chamados “turistas”⁶⁰ – normalmente japoneses que estão em turismo pelo Brasil e que passam uma temporada na comunidade, trabalhando em troca de alimentação e hospedagem - também complementam a força de trabalho, juntamente com alguns visitantes que, esporadicamente ajudam nas atividades do dia-a-dia da comunidade.

De acordo com Mendes (2006) há uma crescente preocupação por parte dos integrantes da comunidade com a saída de integrantes para fixar moradia fora da comunidade. Por isso, foi feito um levantamento dos dados populacionais da comunidade e de seu entorno desde a década de 1970, até o ano de 2007, para

⁵⁹ Quanto aos gastos com saúde dos integrantes da comunidade, geralmente os idosos recebem aposentadorias, sendo que este dinheiro fica totalmente para uso livre do próprio idoso, portanto parte deste dinheiro é destinado também ao uso de remédios quando necessário.

⁶⁰ Trataremos mais detalhadamente sobre este assunto no próximo capítulo.

analisarmos se esta perda populacional da comunidade é um fenômeno apenas interno, ou geral na região em que a comunidade está localizada. Além disso, será verificado, onde a perda populacional é maior, se na Comunidade Yuba ou no seu entorno. Decidimos resgatar as informações e fazer as comparações a partir da década de 1970, já que só foi possível resgatar informações a partir desta década para a mesorregião de Araçatuba, onde está inserida a Comunidade Yuba.

A partir das décadas de 1960/1970, com o crescimento da industrialização no país e, principalmente, na região sudeste, há uma corrida para as áreas urbanas, onde grande parte da população rural migra do campo para as cidades. Aliado a este fenômeno praticamente na mesma época entra em cena a chamada “revolução verde”, que consistiu no incentivo ao uso de sementes melhoradas, insumos industriais e mecanização dos processos de plantio, manejo e colheita das atividades rurais, buscando uma maior produção com menores custos, expulsando trabalhadores rurais e suas famílias para as áreas urbanas. Com isso vimos uma crescente diminuição da população rural no país e, principalmente, nas regiões mais industrializadas, como é o caso da região sudeste.

Mais especificamente para a nossa região de estudo e seu entorno fizemos um levantamento histórico cujos dados foram representados através de tabelas e gráficos com a intenção de fazer uma comparação do movimento da população rural da região com a Comunidade Yuba, a fim de verificar seu desenvolvimento durante os anos.

População Mesorregião⁶¹ de Araçatuba⁶²

⁶¹ Segundo o IBGE (2003, p. 223) as mesorregiões geográficas são formadas por conjuntos de municípios contíguos, pertencentes à mesma unidade da federação, que apresentam uma identidade regional originada a partir de formas de organização do espaço geográfico definidas pelas dimensões socioeconômica, natural e histórica, assim como pela rede de comunicação e de lugares que configuram uma articulação espacial. Estas mesorregiões foram criadas na década de 1960, portanto os primeiros dados desta região se deram no censo de 1970.

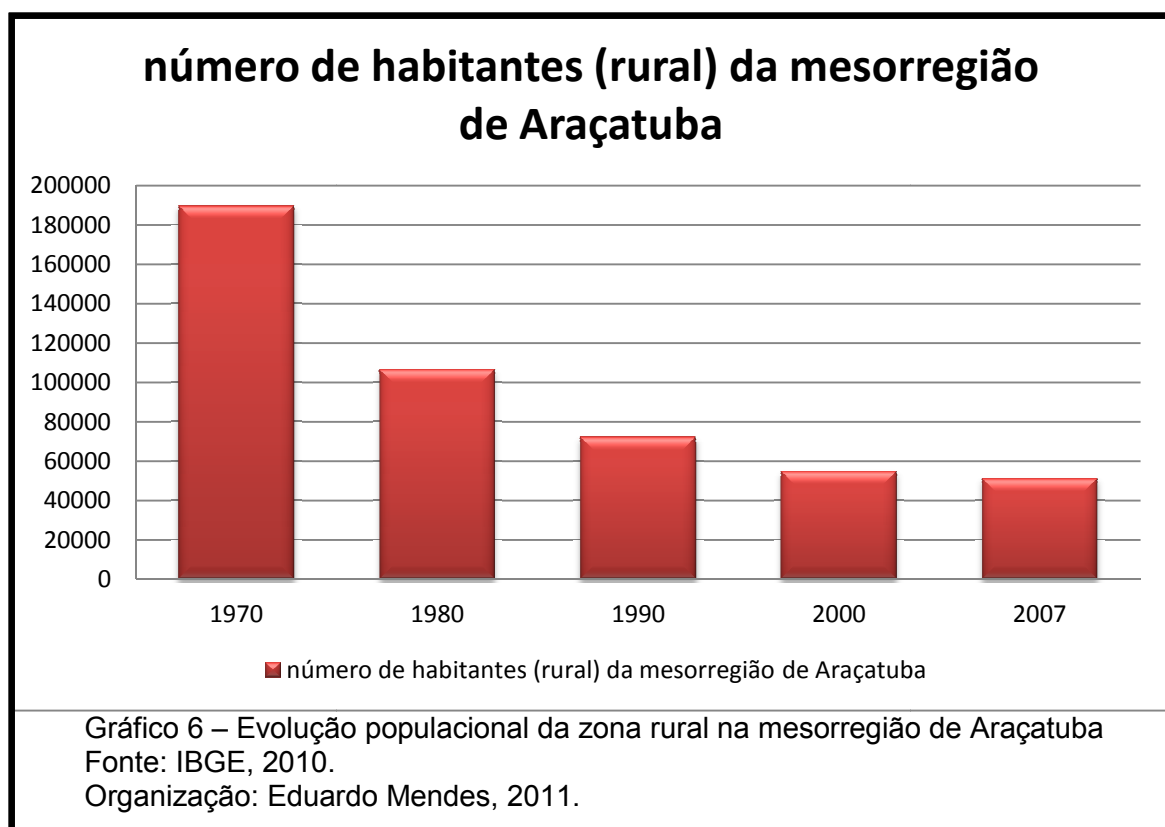
⁶² A Mesorregião de Araçatuba é constituída por 38 municípios: divididos em 3 microrregiões que são: Microrregião de Andradina: Castilho, Itapura, Andradina, Mirandópolis, Murutinga do Sul, Nova Independência, Sud Mennucci, Pereira Barreto, Ilha Solteira, Suzanópolis e Guaraçai. Microrregião de Araçatuba: Santo Antônio do Aracangua, Bento de Abreu, Guararapes, Valparaíso, Rubiacea, Lavínia e Araçatuba. Microrregião de Birigui: Alto Alegre, Barbosa, Buritama, Glicério, Turiúba, Lourdes, Penápolis, Santópolis do Aguapeí, Avandhandava, Bilac, Coroados, Gabriel Monteiro, Birigui, Piacatu, Luiziânia, Braúna, Brejo Alegre e Clementina.

Tabela 7: Evolução populacional da mesorregião de Araçatuba				
Ano	Urbana	Rural	Total	Variação* (%) Rural
1970	292032	189700	481723	-
1980	384836	106556	491392	- 43,82
1991	505417	72193	577610	- 32,24
2000	580749	54790	635539	- 24,10
2007	610046	51136	661183	- 6,66

*A variação consiste na perda (negativa) ou ganho (positivo) da população rural, em porcentagem entre os períodos especificados.

Fonte: IBGE, 2010.

Organização: Eduardo Mendes, 2011.



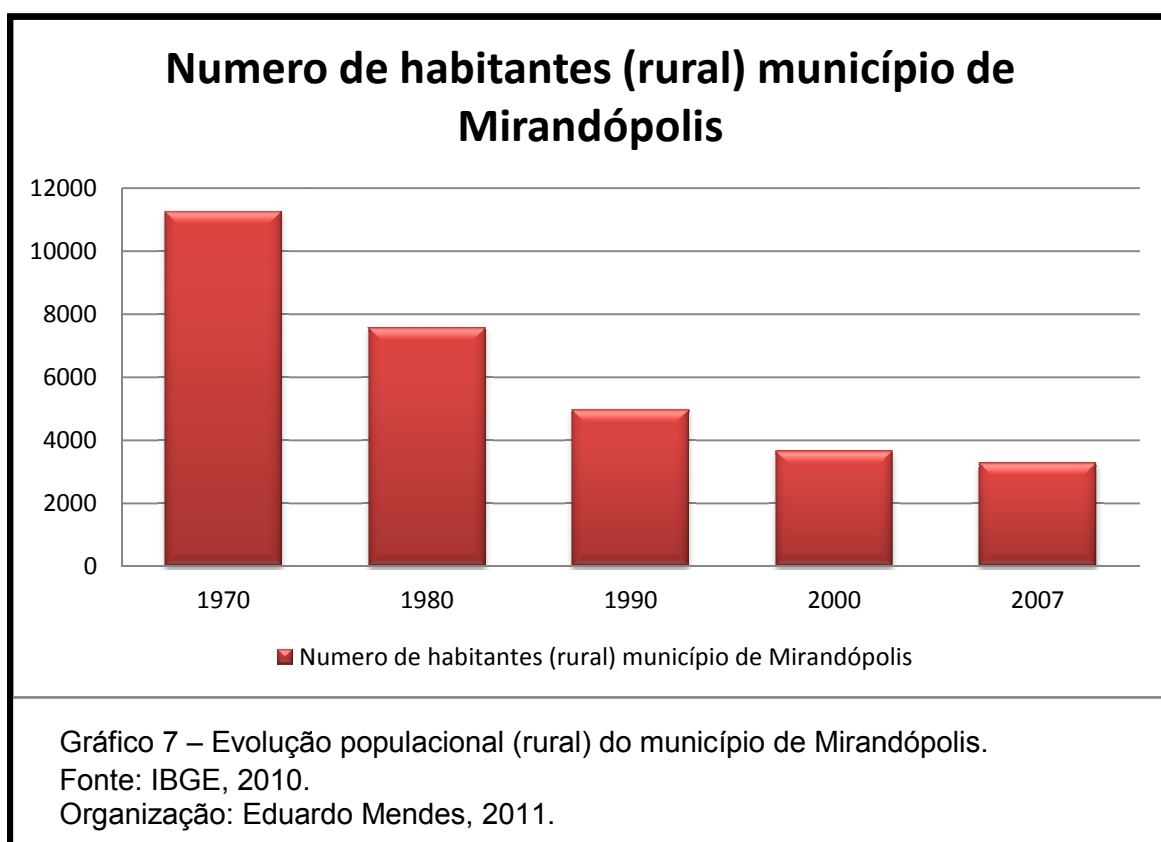
População do município de Mirandópolis

Tabela 8: Evolução populacional do município de Mirandópolis				
Ano	Urbana	Rural	Total	Variação* (%) Rural
1970	12295	11254	23549	-
1980	13973	7557	21530	- 32,85
1991	19476	4957	24433	- 34,40
2000	22287	3649	25936	- 26,38
2007	22258	3271	25849	- 10,35

*A variação consiste na perda (negativa) ou ganho (positivo) da população rural, em porcentagem entre os períodos especificados.

Fonte: IBGE, 2010.

Organização: Eduardo Mendes, 2011.



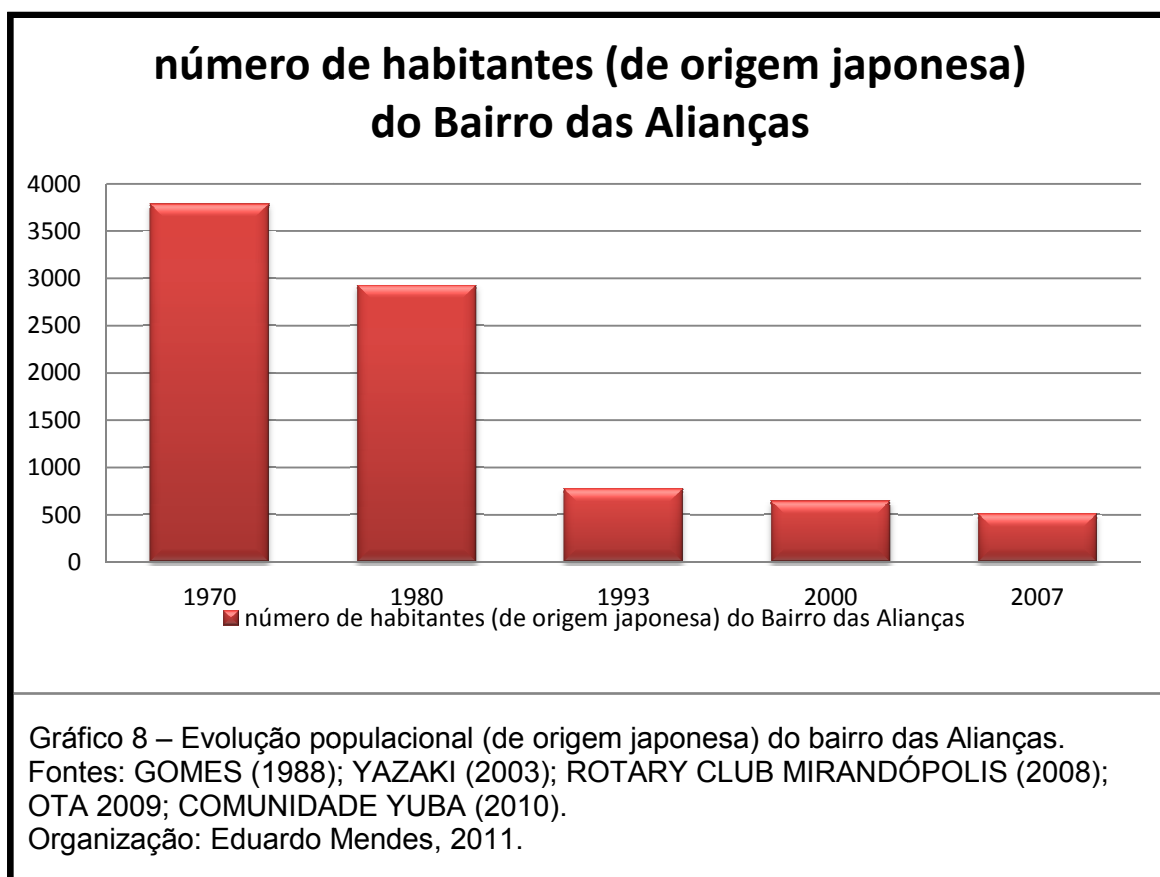
Bairros das alianças População de origem japonesa e/ou descendente

Tabela 9: Evolução populacional de origem japonesa e/ou descendentes no Bairro das Alianças*		
Ano	Total	Variação (%)
1970	3788	-
1980	2928	- 22,70
1993	775	- 73,53
2001	644	- 16,90
2007*	532	- 14,88

* Em todos os dados incluem os moradores da Comunidade Yuba.

Fontes: GOMES (1988); YAZAKI (2003); ROTARY CLUB MIRANDÓPOLIS (2008); COMUNIDADE YUBA (2010)

Organização: Eduardo Mendes, 2011.



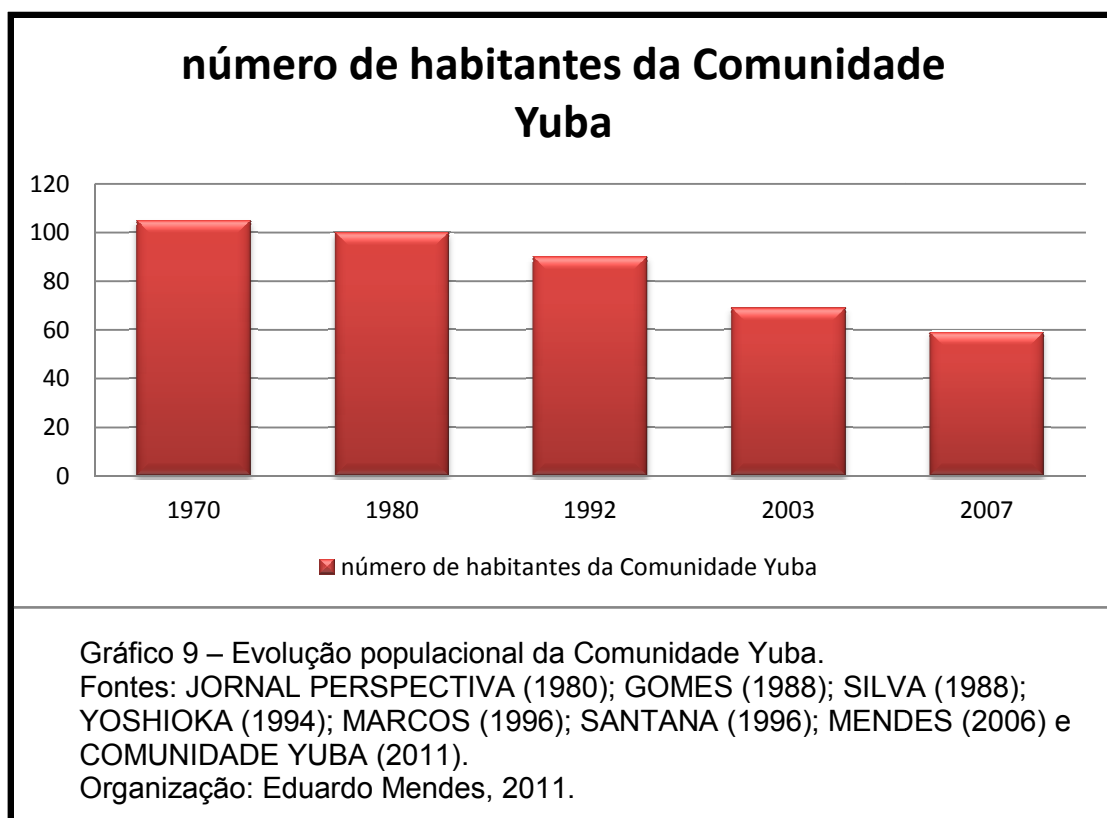
Comunidade Yuba⁶³

Tabela 10: Evolução populacional da Comunidade Yuba		
Ano	Total de habitantes	Variação (%)
1970	105***	- 4,54
1980	100	- 4,76
1992	90	- 10,0
2003	69	- 13,75
2007	59	- 3,27

*** Estimativa (não oficial).

Fontes: JORNAL PERSPECTIVA (1980); GOMES (1988); SILVA (1988); MARCOS (1996); SANTANA (1996); MENDES (2006) e COMUNIDADE YUBA (2011).

Organização: Eduardo Mendes, 2011.



⁶³ Estes dados remetem a residentes fixos da comunidade, sem levar em conta os filhos e parentes de integrantes que não residem na comunidade. Os visitantes e “turistas” também não entraram nesta contagem.

A evolução populacional da Comunidade Yuba e seu entorno

A perda da população rural nas regiões analisadas se intensificou pelo aumento da industrialização nestas regiões e pela mecanização do campo, a qual expulsou grande parte da população rural. Acrescente-se a esta perda da população rural a partir da década de 1970 incentivos à monocultura da cana-de-açúcar como o Programa Nacional do Alcool (PROÁLCOOL - 1975), cujas ramificações na região oeste do estado de São Paulo como o PRÓOESTE e o PROCANA consolidaram a expansão do cultivo da cana-de-açúcar na região segundo FERREIRA JÚNIOR; HESPAHOL (2006).

O número da saída de japoneses e descendentes do distrito das Três Alianças se intensificou nas décadas de 1980-90 pelo fato combinado da crise econômica brasileira aliada a uma maior abertura e necessidade de mão-de-obra estrangeira no Japão, com o pagamento de altos salários. Com isso, neste período, muitos descendentes foram tentar melhorar de vida como *dekassegui* no Japão:

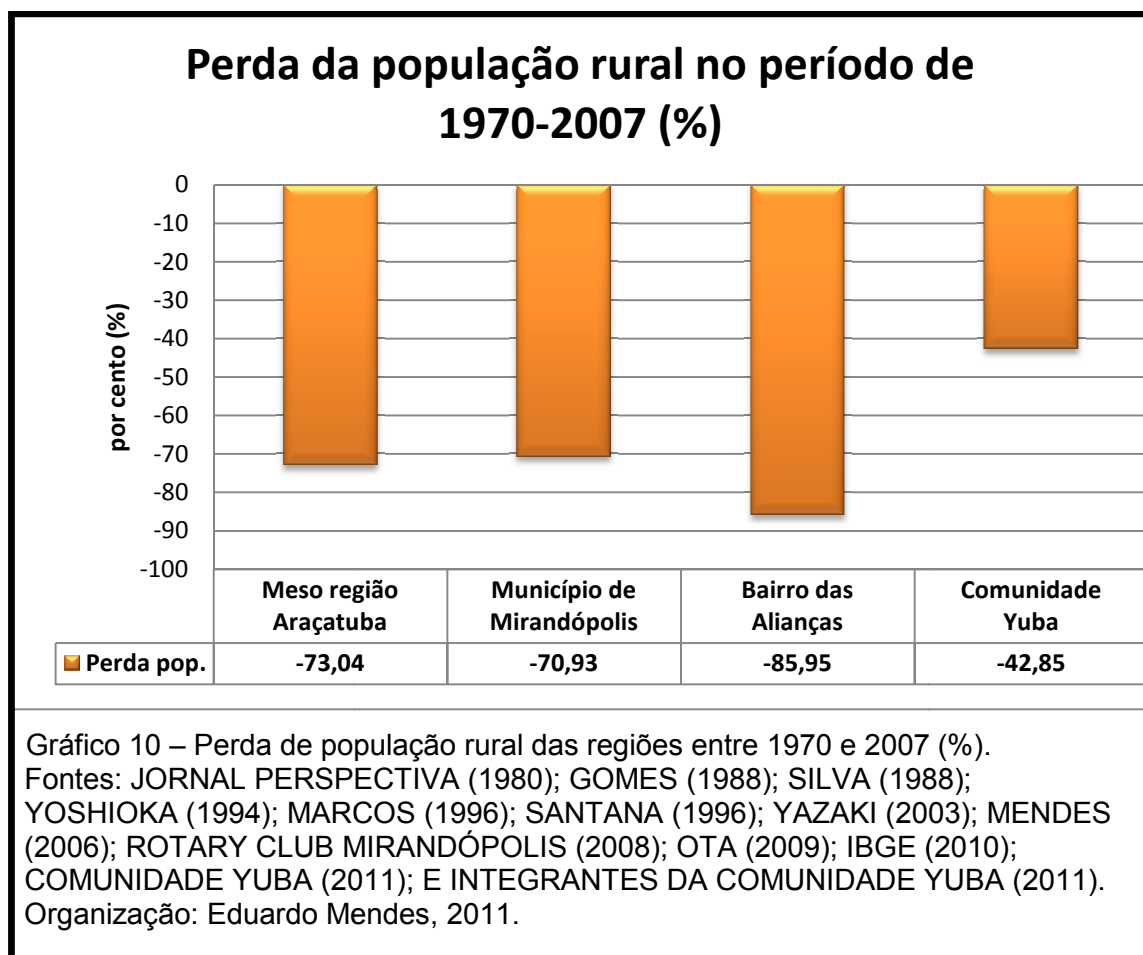
De 1987 a 1988, verificamos um crescimento de 84,84% [de brasileiros no Japão]. Em 1988/1989 foi de 249,31% e, maior ainda em 1989/1990: 288,42%, isto é, se em 1987 havia 2.250 brasileiros registrados e em 1991 passou a ter quase 120 mil, ou seja, em 4 anos aumentou mais de 53 vezes, na virada dos anos 1980 para 1990 (JAPAN IMMIGRATION ASSOCIATION⁶⁴ apud SASAKI, 2010, p. 1).

A partir daí a queda do número de moradores japoneses e descendentes nas Alianças fica menos acentuada. No que tange à Comunidade Yuba, entre 1970 e 1980 a perda de integrantes era bem pequena, cerca de 4%. A partir da década de 1980, essa perda se intensificou, com destaque para dois fatores que contribuíram para tal: de um lado, a perda de seu idealizador e líder, Issamu Yuba, em um acidente automobilístico ocorrido em 1976, o que de fato desestabilizou a vivência na comunidade; de outro, a já mencionada corrida de *dekasseguis* para o Japão nos anos 80 e 90. Comparando os dados da Comunidade Yuba com o seu entorno temos as seguintes conclusões:

A perda da população rural em 37 anos (1970-2007) na **mesorregião de Araçatuba** foi de **73,04%**. No mesmo período no **município de Mirandópolis** essa perda foi de **70,93%**. Já no **bairro das Alianças** perdeu-se no mesmo período

⁶⁴ JAPAN IMMIGRATION ASSOCIATION / *Zaidan Honin Nyukan Kyokai*, 1995-2009.

86,56% da população japonesa ou de descendência japonesa. Comparado com o mesmo período a **Comunidade Yuba** perdeu **42,85%** de sua população.



Levando em conta todos estes dados podemos perceber que apesar da preocupação de seus integrantes com a saída de integrantes para fixar moradia fora da comunidade, e conseqüentemente com a diminuição do seu número de integrantes, a perda populacional da comunidade, comparada ao seu entorno, foi menor nos períodos analisados. Com isso, podemos perceber que a forma de vivência da Comunidade Yuba, baseadas na reprodução comunitária, acaba se configurando como uma forma mais eficaz de resistência camponesa.

Apesar das influências sofridas pelo “mundo de fora” como o apelo ao consumismo e a esperança de fazer uma vida fora da comunidade para muitos integrantes, bem como das dificuldades internas, a comunidade durante todos estes anos vem lutando para manter sua identidade e o ideal de seu fundador, Issamu Yuba, baseado no tripé: “trabalho, arte e religião”, assim como sua forma de

reprodução comunitária. Desvendar as estratégias e formas de resistência praticadas hoje na comunidade é o nosso objetivo do próximo capítulo.

4. A COMUNIDADE YUBA ATUALMENTE

Atualmente⁶⁵ a Comunidade Yuba conta com cerca de 25 famílias, tendo 51 integrantes, sendo: 20 solteiras, 5 viúvas, 2 divorciadas e 24 casadas. Os integrantes (figura 11) são divididos em 25 famílias, dez das quais têm sobrenome Yuba e somam 24 pessoas. Já outras quinze famílias são Naganawa, Minowa, Imamoto, Takimoto, Mochizuki, Ohara, Yazaki (2)⁶⁶, Takayama, Kumamoto, Tsuji, Kobayashi, Ichisato, Isobe, Sugimoto, que correspondem a 27 integrantes. No momento⁶⁷ cinco japoneses visitantes, compartilham o dia-a-dia da comunidade chamados pelos integrantes da comunidade de “turistas”⁶⁸.

Todos vivem em uma área de aproximadamente 35 alqueires. A propriedade jurídica da terra está em nome de duas pessoas da família Yuba, porém esta situação é apenas formal, pois na prática não existe divisão das terras entre as famílias ou integrantes. A língua oficial continua sendo a japonesa, porém quase todos dominam também o português – exceto alguns adultos e idosos.

Nos depoimentos dos integrantes da comunidade, recolhidos nos trabalhos de campo, os próprios integrantes da **comunidade** fizeram questão de dizer que ela é uma “**grande família**”, o que torna desnecessária a criação de regras rígidas para reger o dia-a-dia, estabelecido através de um estatuto. Como toda família, apresenta pontos bons e ruins, conflitos e solidariedade entre seus integrantes.

Desde sua criação, um dos objetivos da comunidade - que está dentro do ideal de Issamu Yuba - foi o de garantir condições melhores de reprodução da vida para os camponeses.

⁶⁵ Fevereiro de 2011.

⁶⁶ São duas famílias com o sobrenome Yazaki.

⁶⁷ Fevereiro de 2011.

⁶⁸ Trataremos sobre este assunto mais a frente. Os “turistas” **não** estão sendo contados como integrantes da comunidade.



Figura 11 - Integrantes da Comunidade em 2010.
 Fonte: <http://www.brasil-ya.com/yuba/news_frameset.html>
 Acessado em: 02.06.2011.

A própria necessidade de diminuir as dificuldades de reprodução e fixação do homem no campo é que gerará o território não-capitalista da Comunidade Yuba. As práticas comunitárias de (re)produção sob as quais a Comunidade Yuba se assenta são identificadas nos escritos de Kropotkin, que apontava na direção de que mesmo sobre as dificuldades do sistema capitalista individualista, muitos homens procuram as práticas comunitárias, que por sua vez, para o autor se destacam como a melhor forma de (re)produção:

[...] mesmo sob o temerário sistema individualista que prevalece agora, as massas agrícolas mantêm devotadamente sua herança de apoio mútuo; e, tão logo os Estados relaxam as leis de ferro por meio das quais têm quebrado todos os vínculos entre os homens, estes são imediatamente reconstituídos, apesar das dificuldades políticas, econômicas e sociais, que são muitas, e de modo a responder melhor às exigências da produção moderna (KROPOTKIN, 2009, p. 193-194).

A Comunidade Yuba, ainda hoje, continua praticando o princípio de cooperação mútua nas diversas atividades desenvolvidas, com produção e consumo

comunitários, tendo como base o pensamento e os ideais do tripé: trabalho, arte e religião, iniciados pelo fundador da comunidade, Issamu Yuba.

Para analisar a comunidade neste capítulo, partimos do pressuposto que ela é uma unidade de produção camponesa, ou seja, sua economia, “serve exclusivamente para satisfazer as necessidades das famílias ou grupos de trabalhadores” (CHAYANOV, 1981, p. 136), sendo impossível aplicar o cálculo capitalista de lucro como exemplifica Chayanov:

O camponês ou artesão que dirige sua empresa sem trabalho pago, recebe como resultado de um ano de trabalho, uma quantidade de produtos que, depois de trocada no mercado, representa o produto bruto de sua unidade econômica. Deste produto bruto devemos deduzir uma soma correspondente ao dispêndio material necessário no transcurso do ano; resta-nos então o acréscimo em valor dos bens materiais que a família adquiriu com o seu trabalho durante o ano ou, para dizê-lo de outra maneira, o *produto de seu trabalho*. Este produto do trabalho familiar é a única categoria de renda possível, para uma unidade de trabalho familiar camponesa ou artesanal, pois não existe maneira de decompô-la analítica ou objetivamente. Dado que não existe o fenômeno social dos salários, o fenômeno social de lucro líquido também está ausente. Assim é impossível aplicar o cálculo capitalista de lucro (CHAYANOV, 1981, p. 138).

Oliveira (2007) nos traz sua contribuição para a compreensão desta questão, mostrando que o movimento de circulação de capital do capitalista se diferencia do camponês da seguinte forma:

Na produção capitalista, ocorre o movimento de circulação do capital expresso nas fórmulas: $D — M — D$ na sua versão simples, e $D — M — D'$ na sua versão ampliada. Já na produção camponesa, se está diante da seguinte fórmula $M — D — M$, ou seja, a forma simples de circulação das mercadorias, onde a conversão de mercadorias em dinheiro se faz com a finalidade de se poder obter os meios para adquirir outras mercadorias igualmente necessárias à satisfação de necessidades. É, pois, um movimento do vender para comprar (OLIVEIRA, 2007, p. 40).

Este movimento é predominante na Comunidade Yuba, porém, cabe ressaltar que, ao mesmo tempo que ela é uma comunidade camponesa ela se organiza de

forma diferenciada, ou seja, comunitária. Portanto, em algumas situações prevalece a lógica camponesa, já em outras irá prevalecer a lógica comunitária⁶⁹.

Oliveira (1991) lembra ainda que:

Essa realidade do processo M – D – M no capitalismo abre pois a possibilidade de que o camponês possa, em determinadas circunstâncias, receber uma quantidade de dinheiro acima daquela necessária para aquisição das mercadorias que necessita. Nesse caso, pode pois ocorrer sobra de dinheiro, ou seja, é possível ocorrer acumulação desse dinheiro. O mesmo raciocínio, no sentido inverso, leva o camponês a pauperização. Ou o equilíbrio entre a venda e a compra abre a possibilidade de que o camponês permaneça na mesma situação, uma situação de “remediado” (OLIVEIRA, 1991, p. 53-54).

Na Comunidade Yuba, quando ocorre a sobra de dinheiro, ela é revertida em melhores condições de vida de seus integrantes, ou seja, o nível de bem estar é elevado. Este “bem estar” para o anarquista Kropotkin é ponto chave de seu pensamento. Para o autor,

O bem-estar sempre foi o mais poderoso estímulo ao trabalho. O trabalhador livre que vê o bem-estar e o luxo aumentar em proporção dos seus esforços, desenvolve infinitamente mais energia e obtém os produtos de primeira ordem muito mais abundantes. Nisso está todo o segredo. É por isso que uma sociedade que visa o bem-estar de todos e à possibilidade de todos gozarem a vida em todas as suas manifestações, fornecerá um trabalho voluntário infinitamente mais considerável do que a produção obtida até agora sob o aguilhão da escravidão e do salariado (KROPOTKIN, 1953, p. 64).

Na passagem de Kropotkin, o “bem estar” está ligado não só as necessidades físicas e biológicas dos homens, mas também das artísticas, morais e científicas, que por sua vez devem ser de livre escolha de cada um. Estes aspectos citados pelo autor se encontram em pleno funcionamento na Comunidade Yuba, como poderemos ver no discorrer desse capítulo.

⁶⁹ Entraremos em mais detalhes sobre este assunto no discorrer deste capítulo.

4.1 ESTRUTURA

4.1.1 Estrutura física

A comunidade Yuba será apresentada em dois croquis, sendo o ***croqui 1*** correspondente à ***área total*** da comunidade e o ***croqui 2*** correspondendo à área da ***sede*** da comunidade⁷⁰.

A comunidade Yuba está situada, como já dito, numa área de 35 alqueires (croqui 1), onde **a propriedade é de todos os integrantes da comunidade** já que, não existe propriedade privada para nenhum membro, inclusive não existindo portão na entrada, e nenhum tipo de cerca entre as casas dentro da comunidade (figura 12).

A prática de uso comunitário da terra que vemos na Comunidade Yuba está muito próxima daquilo que Kropotkin chamou de comunas, onde teria acesso a terra aqueles que nela trabalhassem, formadas por uma ou um conjunto de famílias. Além da propriedade, os bens de produção também pertencem a todos dentro da comunidade, exceto os objetos pessoais. Kropotkin segue esta linha dizendo que:

sendo os meios de produção obra coletiva da humanidade, devem regressar à coletividade humana. A apropriação pessoal não é justa nem proveitosa. Tudo é de todos, visto que todos precisam de tudo, visto que todos têm trabalhado na medida das suas forças, e que é materialmente impossível determinar a parte que poderia pertencer a cada um na produção atual das riquezas (KROPOTKIN, 1953, p. 7).

Além do aspecto de apropriação comum dos meios de produção, Kropotkin sinaliza sobre a posse dessa produção, que para ele deve ser comunitária, prática esta que encontramos presente na Comunidade Yuba⁷¹.

A comunidade tem uma produção comunitária, pautada na policultura (croqui 1), produzindo cerca de 60% de tudo que necessita, assim como, alguns produtos cultivados são voltados para as comercialização.

⁷⁰ Decidimos dividir o croqui da comunidade para melhor visualização da sede, já que está no croqui da área total da comunidade aparece, muito pequena, não proporcionando visualizar os detalhes

⁷¹ Trataremos sobre este assunto detalhadamente, mais a frente no trabalho.



Figura 12 – Vista aérea da sede comunidade.
Fonte: foto cedida por Masakatsu Yazaki em Outubro de 2010.

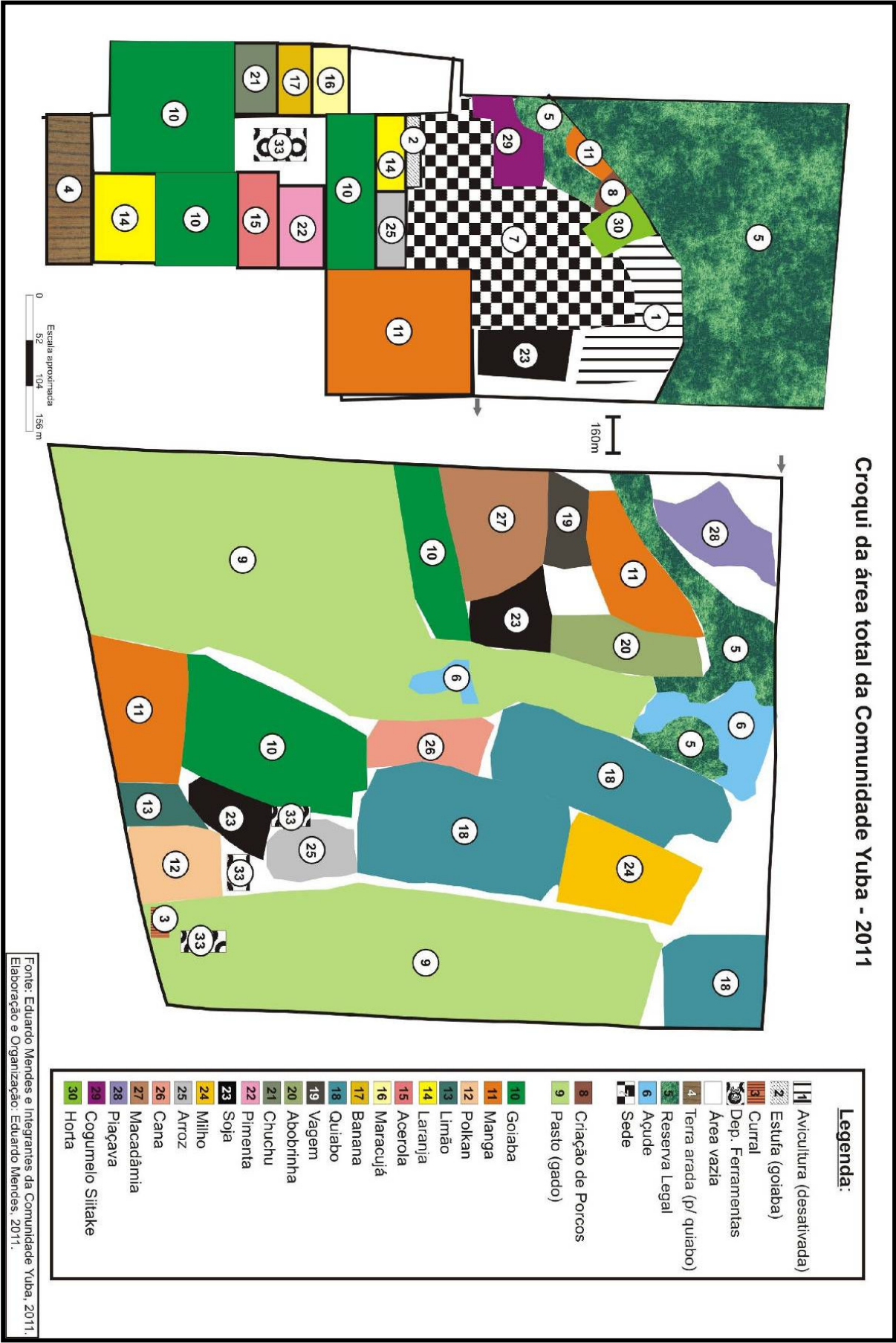
A comunidade tem várias casas, na sua grande maioria de alvenaria, divididas em: *casas das famílias* (croqui 2, nº 31), sendo que cada família vive em uma casa e a uma casa voltada para as visitas chamada de: *casa das visitas* (croqui 2, nº 31a), divididas em quartos que são usados individualmente ou por duplas de visitantes e turistas. Cada família é responsável pela limpeza de sua casa. A construção destas casas, na sua maioria, foi feita por pessoas contratadas, de fora da comunidade, pois não existe na comunidade pessoas com habilidade para construção. O dinheiro para construção é retirado do caixa-comum e algumas vezes, enviado pelos filhos de alguns integrantes que estão no Japão trabalhando como dekassegus. Sendo as casas usadas preferencialmente para a família, porém de acordo com a necessidade podem ser usadas por aqueles que necessitarem. Algumas casas possuem banheiros, outras não. Há banheiros comunitários (croqui 2, nº 32), além do ofurô (croqui 2, nº 40), para o tradicional banho japonês.

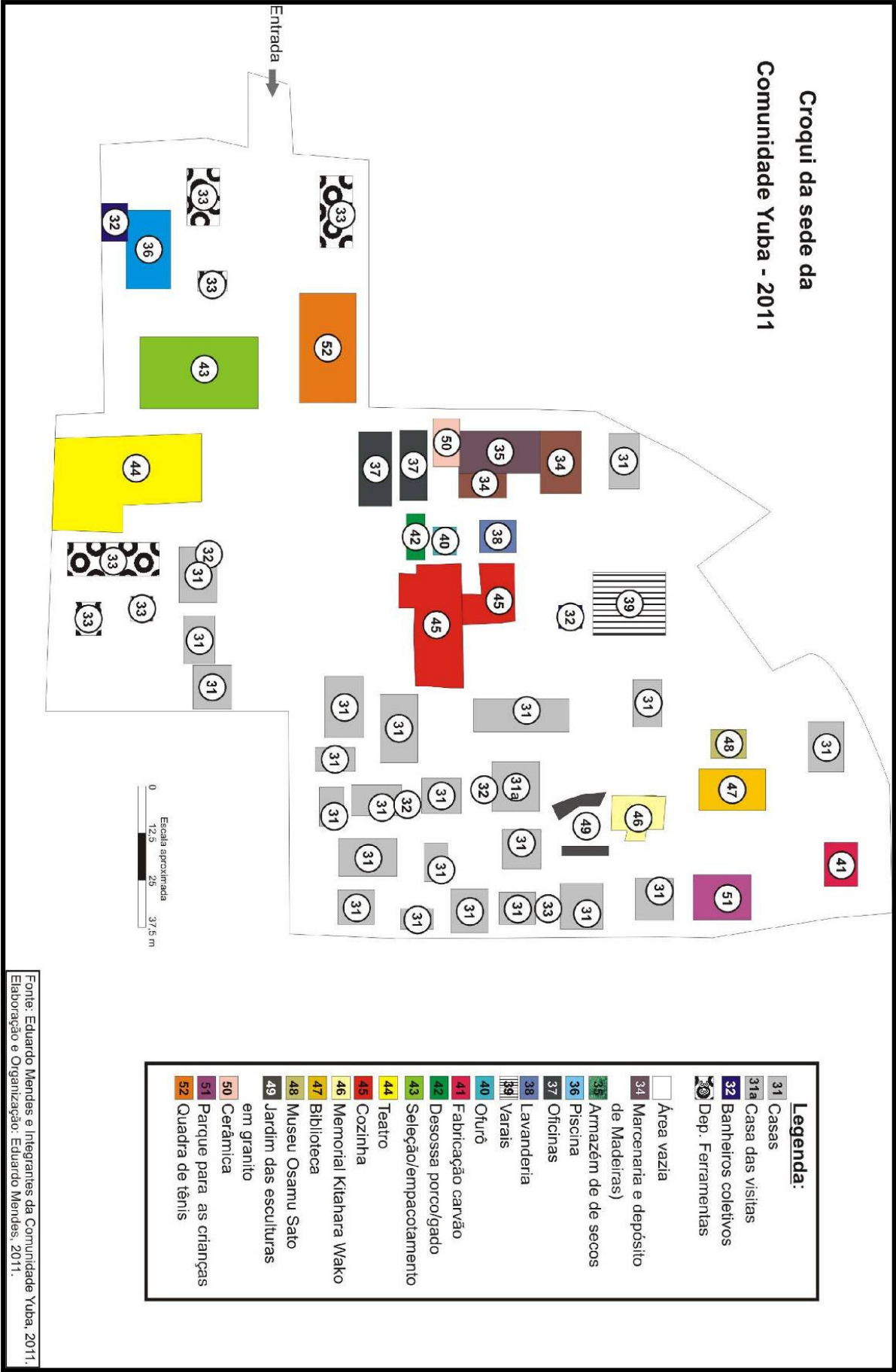
Para os maquinários e tratores existe uma oficina (croqui 2, nº 37) onde os mesmos são reparados e consertados sempre que necessário, na maioria das vezes

pelos próprios membros da Comunidade. Há também um veículo para saídas das pessoas para a cidade, para compras, ou para passeios dos jovens.

Existem vários galpões que são usados para o armazenamento das máquinas e ferramentas (croqui 2, nº 33, 34, 35 e 37) e trabalhos manuais (croqui 2, nº 42), assim como aquele onde ocorre a seleção de goiaba (croqui 2, nº 43), uma piscina (croqui 2, nº 36), uma grande lavanderia comunitária (croqui 2, nº 38), varais comunitários (croqui 2, nº 39), um ofurô (croqui 2, nº 40) para o tradicional banho japonês; O Teatro Yuba (croqui 2, nº 44) onde está localizado o grande palco utilizado para as apresentações do balé, teatro e coral e também é usado para secagem de grãos e garagem para veículos; um pequeno museu (croqui 2, nº 48) com peças indígenas, um jardim (croqui 2, nº 49) onde estão expostas ao ar livre esculturas artesanais feitas por Hisao Ohara, uma biblioteca (croqui 2, nº 47) com mais de 10.000 exemplares, na sua maioria em japonês, que serve também como espaço de aulas de japonês e de pintura. Há ainda um memorial (croqui 2, nº 46) que foi construído para arquivar os documentos da comunidade, um forno para fabricação de carvão (croqui 2, nº 41) vários fornos (croqui 2, nº 50) para confecção de cerâmicas, uma pequena marcenaria (croqui 2, nº 34), uma grande cozinha comunitária (croqui 2, nº 45) onde são preparadas as refeições tanto dos membros como dos visitantes, e o refeitório (croqui 2, nº 45) onde são as mesmas consumidas, e que funciona também como sala de vídeo, reuniões, assembléias e velório. Existe ainda um pequeno parque para as crianças (croqui 2, nº 51) e uma quadra de tênis (croqui 2, nº 52).

Croqui da área total da Comunidade Yuba - 2011





4.1.2 Estrutura populacional

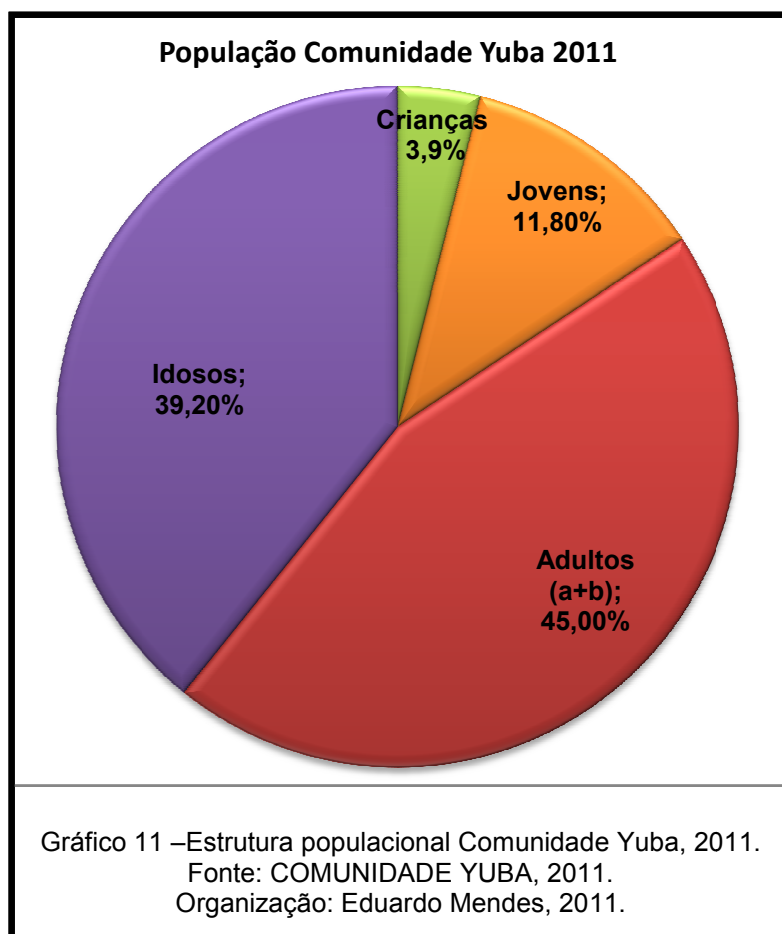
Como foi visto no capítulo anterior, através dos dados populacionais históricos, a Comunidade Yuba tem resistido melhor do que seu entorno no que tange a perda populacional. Todavia, a crescente saída de jovens e, consequentemente, a diminuição destes na estrutura populacional da comunidade, assim como o envelhecimento de sua população, tendo por consequência direta o aumento da presença de idosos continua sendo uma das maiores preocupações de seus moradores.

Na Comunidade Yuba a estrutura populacional sofreu algumas mudanças consideráveis entre o período de 2008 a **2011**, principalmente no que se refere à sua população **jovem**, que em 2008 correspondia a 20,33% da comunidade, passando a corresponder a apenas **11,8%** em 2011. Já a população **idosa**, que em 2008 correspondia a 28,81% dos integrantes da comunidade, em 2011 corresponde a **39,2%**, intensificando ainda mais a pouca presença de jovens e o crescimento da população idosa na comunidade. Atualmente⁷² a Comunidade Yuba apresenta a seguinte estrutura populacional:

Tabela 11: População por faixa etária da Comunidade Yuba – 2011					
Classificação	Faixa de idade	Nº de pessoas			Porcentagem
		H	M	Total	
Crianças	0 – 11	1	1	2	3,9%
Jovens	12 – 25	4	2	6	11,8%
Adultos (a)	26 – 50	6	5	11	21,5%
Adultos (b)	51 – 60	5	7	12	23,5%
Adultos (a+b)	26 – 60	11	12	23	45%
Idosos	61 ou mais	8	12	20	39,2%
Total		24	27	51	100%

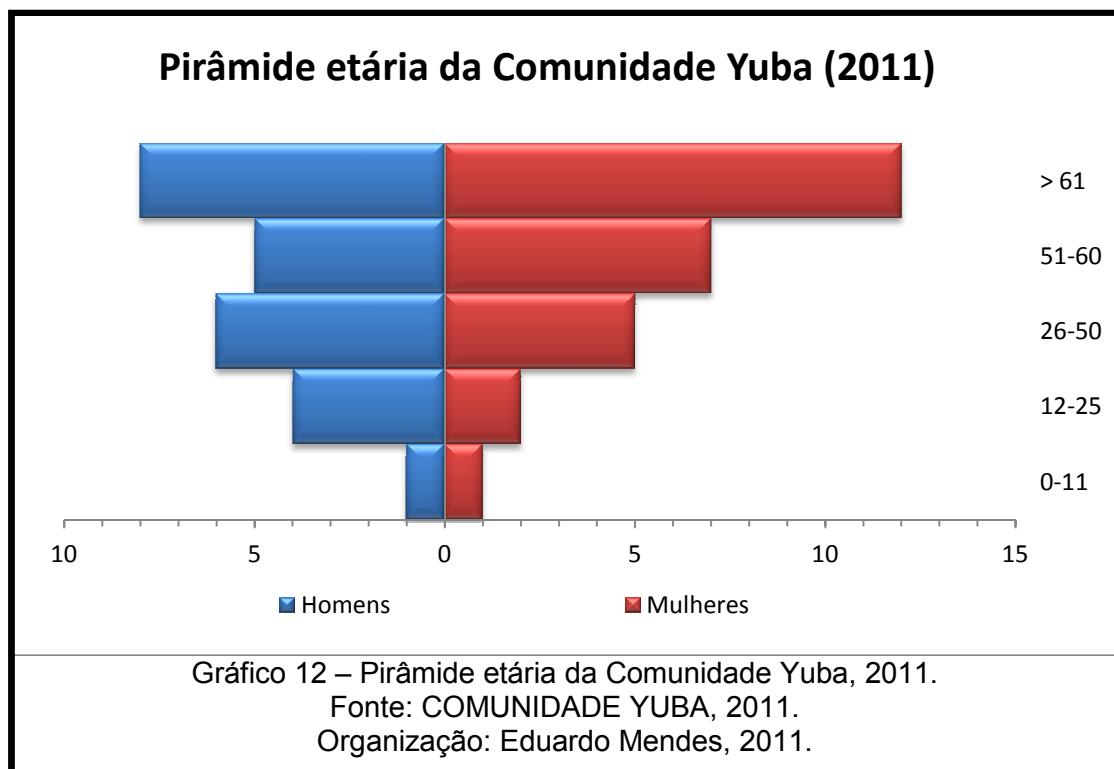
Fonte: COMUNIDADE YUBA, 2011.
Organização: Eduardo Mendes, 2011.

⁷² Fevereiro de 2011.



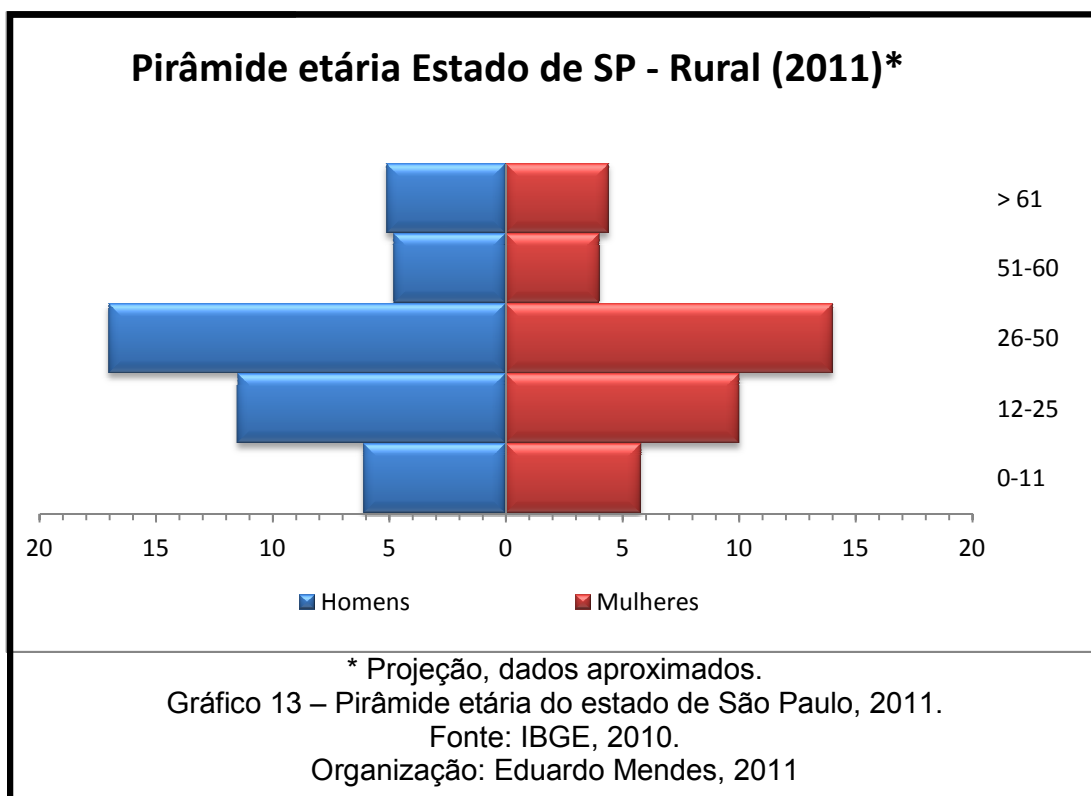
Na Comunidade há uma predominância de pessoas **adultas** (45,0%) e **idosas** (39,2%) que, juntas, correspondem a **84,2%** da população total da comunidade. Já as **crianças** (3,9%) e **jovens** até 25 anos (11,8%) integram juntas **15,7%** do total dos integrantes da comunidade.

A Comunidade Yuba hoje é composta de uma grande maioria de pessoas adultas e idosas, tendo uma média de idade (2011) de 53,74 anos, que pode ser considerada alta quando comparada ao Estado de São Paulo, cuja média de idade (projeção) é de 32 anos (SEADE, 2010).



A estrutura populacional da Comunidade Yuba em 2011, representada por pirâmide etária, se mostra na forma “invertida”, com o topo largo representando que a maioria da população residente tem idade mais avançada. Partindo do topo para a base, o corpo da pirâmide começa a ficar mais estreito, indicando menor número de adultos, comparado aos idosos. Já a base, é considerada estreita, indicando a pouca presença de jovens e crianças. Outra colocação importante é a diferença entre homens e mulheres, que na idade mais avançada (depois dos 51 anos), sendo o número de mulheres predominante. No que tange aos jovens e adultos a população masculina é a que predomina (entre 12 e 50 anos). Já as crianças (de 0 a 11 anos) a população masculina e feminina são iguais, contanto com apenas um integrante de cada sexo.

Conforme a apresentação dos primeiros dados publicados pelo IBGE (2010) no estado de São Paulo, sua população rural está representada por pirâmide etária da seguinte maneira:



Fazendo-se a comparação entre as duas pirâmides, podemos ver a grande distinção na base, onde estão representadas as crianças e os jovens: comparada à pirâmide da população rural do estado de São Paulo, a Comunidade Yuba possui uma porcentagem menor de crianças e jovens. A área intermediária onde está representada a população adulta até 50 anos também se distingue bastante, onde a Comunidade Yuba apresenta porcentagem muito baixa em relação ao estado de São Paulo.

Porém, quando analisamos a pirâmide em direção ao topo, estas distinções existentes entre as duas pirâmides se invertem, ou seja, a Comunidade Yuba apresenta uma porcentagem maior de adultos de 51 a 60 anos, fato que se torna mais latente em relação aos idosos de mais de 61 anos de idade, quando a comunidade apresenta praticamente o triplo de porcentagem de população rural idosa do estado de São Paulo. Portanto, através dos dados mostrados podemos concluir que os problemas causados pela saída dos jovens da comunidade vêm se intensificando cada vez mais, o que comprova a preocupação dos integrantes da comunidade sobre este assunto.

Jovens e crianças

Saída

A comunidade conta atualmente⁷³ com oito pessoas entre crianças (2) e jovens (6) com idades entre 0 e 25 anos, número considerado baixo em comparação aos anos e épocas anteriores. A saída de jovens é um problema que a comunidade enfrenta desde sua constituição, e que começou a se acentuar a partir da década de 1970.

Os motivos de saída dos jovens são variados: vontade de conhecer e explorar lugares diferentes, saída para estudos, para trabalho, para juntar dinheiro, falta de perspectiva de alguns dentro da comunidade e a busca de maior autonomia individual.

A saída dos jovens é lamentada pelos integrantes da comunidade, porém é vista com naturalidade, não sendo feitas críticas ou restrições para aqueles que escolhem esse caminho.

É eu acho que jovem se quiser sair tem que sair né, não tem que ficar segurando porque é direito deles também, ninguém vai falar 'não, você não pode sair'. O que eu acho estranho é o jovem não querer sair (risos). Porque jovem tem que ver coisa diferente também, ficar aqui a vida inteira sem sair, aí que eu ia achar estranho⁷⁴.

O depoimento do integrante adulto da comunidade comprova o direito e liberdade de cada um fazer suas escolhas, sem que haja represália por parte dos outros integrantes da comunidade.

Muitos que saem para estudar, depois de formados não encontram na comunidade e/ou na região grandes chances de crescer profissionalmente, o que se transforma em um problema de difícil solução. Porém, não se trata de um movimento em sentido único. Existem pessoas na comunidade, jovens e adultos, que já moraram fora para trabalhar ou estudar, e que retornaram para comunidade⁷⁵, como é o caso do integrante cujo depoimento transcrevemos abaixo:

Em 1998 eu fui pro Japão. Aí só trabalha, recebe o dinheiro não precisa se preocupar com outras pessoas, só pensa (sic) em mim,

⁷³ Fevereiro de 2011.

⁷⁴ Depoimento de integrante da comunidade em setembro de 2010.

⁷⁵ Não foi possível obter o número exato dessas pessoas, a secretaria da comunidade nos colocou que seria em torno de 15 a 20 pessoas.

*ganha dinheiro né, gasta como quiser. Jovem é difícil voltar, vai pra fora acostumar com as coisas lá fora, arruma emprego aí fica difícil voltar. Porque aqui como é tudo família, família grande, aí tem muito problema, muita coisa assim dor de cabeça né, tem que pensar em todo mundo*⁷⁶.

Acreditamos que o problema a que se refere o morador, é de que falta determinada autonomia financeira para os integrantes da comunidade. Outros tiveram experiências fora da comunidade, porém acreditaram que a comunidade seria um lugar melhor para se morar, comparado ao que viveram fora:

*Eu já senti vontade de sair, mas hoje não, eu sei que eu gosto daqui, então eu fico. Eu morei fora já, estagiei nos Estados Unidos. Fiquei um ano e meio né, aí eu comecei a perceber que aqui é muito bom, comecei a ver as vantagens daqui e eu não vejo a razão de estar morando fora*⁷⁷.

Percebemos que os integrantes da comunidade não julgam aqueles que querem sair, pois de um jeito ou de outro, entendem os motivos que fazem determinadas pessoas tomarem essa decisão. Assim, a saída de pessoas da comunidade é vista como normal, um direito que cada pessoa tem, o que não significa que a notícia não seja recebida com certa tristeza para quem fica. Portanto, quando determinada pessoas que viveu fora e queira voltar para a comunidade retorna, ela é sempre recebida de braços abertos.

*Quem quer voltar a gente fala: volta né?! A gente aceita o pessoal que quer voltar, não tem problema nenhum. [...] Já teve bastante gente que foi, trabalhou lá fora e voltou, eu fui um deles também*⁷⁸.

Muitos integrantes pensam e discutem o que poderia ser feito para evitar a saída de moradores da comunidade e, quem sabe, de recrutar alguns daqueles que já foram, para voltar a fazer parte da comunidade.

Eu penso, já pensei muito né. O que eu faço pro pessoal ficar aqui? até hoje eu penso... mas eu vi, [que] eu queria sair também. Quem quer sair deve sair né, e se gostou de lá fica, e se gosta daqui pode voltar a qualquer hora, então a opção é deles. Eu já fiquei muito tempo preocupado com isso, já fiquei muitas horas e dias quebrando

⁷⁶ Depoimento de integrante da comunidade em outubro de 2010.

⁷⁷ Depoimento de integrante da comunidade em setembro de 2010.

⁷⁸ Depoimento de integrante da comunidade em setembro de 2010.

*a cabeça com isso, hoje eu já percebi que não adianta, vai acontecer o que vai acontecer, e se ninguém voltar a gente vai viver aqui normal também sabe. Seria melhor com eles né, mas não é porque eles saíram que a gente vai ficar ruim, a gente vai ter que viver feliz aqui, então, o mais importante é eu viver feliz aqui, seria bem melhor, quanto mais gente aqui melhor. Mas isso não é um motivo que vai deixar eu aqui triste todos os dias. Eu já tive isso né, eu ficava assim muito depressivo sabe de vê gente saindo, mas hoje eu já me curei (risos). Eu tenho razão, e eles tem razão também né*⁷⁹.

Acreditamos que este tipo de discussão e de práticas que estimulem ex-integrantes a voltar a fazer parte da comunidade é uma das saídas que pode diminuir a perda de integrantes da comunidade e de possível volta daqueles que um dia partiram.

Inclusão de moradores vindos de fora

O ingresso de pessoas de fora, ou seja, que não são nascidas na comunidade mas que tenham a intenção de fixar moradia na comunidade, é um assunto delicado. Todos os integrantes com quem conversamos afirmam que a comunidade é aberta a todos, desde que se adéquem ao “sistema yuba” de vivência. Durante a pesquisa que realizamos vimos uma grande presença de moradores que vieram do Japão e que fixaram moradia definitiva na comunidade. Alguns exemplos são:

Teruo Katayama, que trabalha na horta. Saiu do Japão com 25 anos de idade, no final da década de 1960, por desentendimentos com familiares. Veio como imigrante, já com a intenção de fixar moradia aqui no país. Conheceu a comunidade quando foi visitar um amigo que estava de passagem na comunidade, e decidiu passar uma temporada:

*cheguei aqui na década de sessenta [1960], tinha uns 25 anos, vim encontrar um amigo que estava aqui na comunidade, de passagem, aí gostei, decidi ficar um tempo, aí acabei conhecendo minha mulher, casei tive filhos, tudo. Aí não teve mais jeito de sair né (risos)*⁸⁰.

Hoje ele continua casado com sua companheira – sendo o casal responsável pela horta da comunidade – tiveram um casal de filhos que cresceram na comunidade. Hoje, o rapaz mora nos Estados Unidos trabalhando como jardineiro, e

⁷⁹ Depoimento de integrante da comunidade em setembro de 2010.

⁸⁰ Depoimento de integrante da comunidade em outubro de 2010.

a moça estuda em uma universidade pública, onde cursa fisioterapia. Katayama participa ativamente dos eventos culturais – principalmente do coral e das peças teatrais – dando a eles grande importância.

Outro exemplo que podemos citar é de **Masakatsu Yazaki**, que trabalha no acervo de documentos e é sapateiro. Segundo Bartaburu (2010), Masakatsu ficou sabendo da existência da comunidade ainda em Tóquio no Japão, por uma vizinha. Saiu do Japão em 1963, com 19 anos de idade com o sonho de viver experiências diferentes aqui no Brasil. Depois de passar pelos Estados Unidos onde estudou música, veio para o Brasil e ficou na comunidade, casando-se com uma sobrinha de Issamu Yuba, com quem teve quatro filhos.

Masakatsu declara ter se identificado muito com a comunidade:

A primeira impressão que tive foi de um lugar bem diferente, mas ao mesmo tempo muito familiar. Eu me identifiquei⁸¹

Hoje Masakatsu ministra aulas de violino e violoncelo para outros integrantes da comunidade e pessoas da região além de escrever e dirigir peças teatrais. Um de seus filhos saiu da comunidade⁸² com a família, para morar e trabalhar no Japão. Outro filho trabalha na parte da comercialização da comunidade, participando também de alguns eventos culturais.

Outro caso é o de **Akiko Ohara** (bailarina) que veio para comunidade em 1961, com a intenção de passar uma temporada com o seu marido Hisao Ohara⁸³ (escultor). Com o passar dos anos, ela e seu marido acabaram se estabelecendo definitivamente na comunidade. Destacando-se no campo cultural, principalmente com o balé que, com a formação profissional de Akiko, se tornou a atividade cultural de maior importância para a comunidade, destacando-se pela sua originalidade.

Era uma situação muito empolgante. Essa gente era como um tecido branco que eu poderia tingir da cor que eu quisesse. Mas percebi que toda técnica que eu tinha não servia aqui. Não poderia exigir qualidade de bailarino com a estrutura física que eles tinham. O camponês tem muita força e muita expressão nas mãos. Preferi não matar essa característica deles com um padrão vindo de fora. [...] Eles não são tecnicamente profissionais, mas tem uma capacidade de expressão que muitos bailarinos profissionais não têm. É raro eu

⁸¹ Depoimento de Masakatsu Yazaki em entrevista para Bartaburu (2010, p. 18).

⁸² Novembro de 2010.

⁸³ Falecido em 1989, aos 57 anos de idade.

me emocionar com um espetáculo de dança, mesmo os de grandes coreógrafos: muita técnica, pouca beleza. Vendo o Balé Yuba eu me emociono. É o que me dá vontade de continuar o trabalho⁸⁴.

Até hoje Akiko Ohara, com 75 anos, é quem cria e ensaia as coreografias do Balé Yuba.

Yoshiki Tsuji é outro caso de imigrante japonês que, por circunstâncias da vida, veio parar na comunidade. Saiu do Japão com a idéia de rodar o mundo em uma bicicleta, passando por vários países, entre eles: Índia, Paquistão, Turquia, Grécia, Estados Unidos, México, Equador e Argentina. Tomou conhecimento da existência da comunidade por um turista japonês que encontrou na Guatemala. Curioso, veio com a intenção de passar um tempo na comunidade, conheceu a atual esposa com quem formou família e teve quatro filhos (BARTABURU, 2010).

Eu acreditava que a forma ideal de se viver seria o comunismo, mas percebi que isso só seria possível numa comunidade pequena como a Yuba⁸⁵.

Tsuji participa ativamente das atividades culturais da comunidade: toca clarineta, participa do coral e do teatro.

Estes exemplos ilustram o histórico e a vivência de alguns integrantes vindos de fora e que se integraram perfeitamente na comunidade, comprovando que existe abertura para as pessoas que queiram se inserir na comunidade. A “única” exigência feita pela comunidade é a adequação deste novo morador ao modo de vida da comunidade, ou seja, ao “**sistema yuba**⁸⁶” de viver, pautados no tripé: trabalho, religião e arte, na forma de retribuição pelo trabalho, e nos costumes e cultura japonesa. É o que pode ser observado através do depoimento de um integrante:

Quem quer morar aqui tem que se adequar ao modo da comunidade, se não se adequa não pode viver aqui, tem que ir embora mesmo⁸⁷.

Esta adequação ao “sistema yuba” é mais facilmente assimilada por japoneses e seus descendentes, comparada com os brasileiros como nos declara um dos integrantes da comunidade:

⁸⁴ Depoimento de Akiko Ohara em entrevista para Bartaburu (2010, p. 20).

⁸⁵ Depoimento de Yoshiki Tsuji em entrevista para Bartaburu (2010, p. 17).

⁸⁶ Trataremos detalhadamente deste assunto mais a frente no trabalho.

⁸⁷ Depoimento de integrante da comunidade em junho de 2010.

[...] eu acho difícil brasileiro morar aqui, se às vezes é difícil até pra gente, pra brasileiro é mais difícil ainda né? [pergunto, “e porque?”] Acho que pela cultura, cultura muito diferente né⁸⁸.

A cultura a que se refere o entrevistado diz respeito principalmente aos costumes de vivência, a hierarquia dentro da família e da sociedade, a língua diferenciada, e a dedicação ao trabalho e o modo de vida comunitário⁸⁹. Recentemente houve um caso de inserção de um brasileiro como integrante da comunidade. Em setembro de 2006⁹⁰, havíamos conversado com um brasileiro, recém integrado, que à época morava na Comunidade há um ano e seis meses. Vindo do sul, descendente de família alemã, ficou sabendo sobre a comunidade através de um amigo, resolveu conhecer e ficou. Naquela ocasião declarou que tinha sido e era muito difícil a adaptação, que já havia resistência por parte dos mais idosos no que se referia à língua falada, tendo sido repreendido algumas vezes quando era visto com outros jovens da comunidade falando em português⁹¹. O rapaz afirmava que na questão do trabalho era tranquilo, ou seja, ninguém o havia obrigado a trabalhar em determinado lugar, tendo trabalhado com goiaba, abóbora e quiabo, e afirmando que, com o passar do tempo, havia “ganho” um espaço para cultivar uvas, na ocasião em fase de testes. Naquele momento ele estava noivo de uma jovem da comunidade e pretendiam casar-se em breve.

Ainda em 2006 ouvimos o depoimento de um jovem, nascido na comunidade sobre o assunto. Perguntado se as pessoas da comunidade influenciam na vida dos jovens casais, colocando como exemplo o caso citado, ele respondeu:

Se um casal que queira morar aqui, a gente tem que receber essa pessoa como membro da família, é como se fosse na sua casa, se você fosse casar com alguém e morar na sua casa com sua mãe, eu acho que sua mãe vai querer questionar ou saber pelo menos quem ele é e qual o objetivo dele. Não vai falar pode entrar na casa, não é bem assim né, eu acho que é necessário e vai acontecer [o questionamento]⁹²

⁸⁸ Depoimento de integrante da comunidade em junho de 2010.

⁸⁹ A comunidade é regida pela cultura japonesa, onde estes valores estão presentes e arraigados em seus integrantes, por isso entendemos a colocação do integrante.

⁹⁰ Em Mendes, 2006.

⁹¹ Este fato é compreensível, pois a língua oficial dentro da comunidade é a japonesa, e se uma pessoa se propõe a ser um integrante da comunidade, deve se adequar a ela.

⁹² Depoimento de jovem integrante da comunidade em setembro de 2006.

Confirmando o relato acima, com o nosso retorno à comunidade em 2010 para a realização da presente pesquisa, recebemos informações através de relatos que os jovens se casaram em 2008, mas que alguns integrantes mais velhos não aceitaram a presença do rapaz, alegando que ele não havia se adaptado ao “modo yuba de se viver” e que, portanto, não seria possível fixar moradia definitiva na comunidade. O pai da moça com quem o “gaijin”⁹³ se casou, nos disse em depoimento que:

*O pessoal [integrantes da comunidade] não aceitou [a presença d]ele [para] morar aqui na comunidade, porque disseram que ele não queria aprender a falar japonês, não conseguiu aprender né, porque é muito difícil*⁹⁴

De acordo com Marcos (1996), há relatos dos tempos de Issamu Yuba de que este não aceitava de modo algum ver os integrantes da comunidade se comunicando em português, repreendendo-os quando isso ocorria. Hoje é mais difícil ocorrer este tipo de prática por parte dos mais velhos, como afirma os jovens integrantes da comunidade com quem conversamos. Ainda de acordo com relatos sobre a aceitação ou não do ingresso do jovem na comunidade, foram realizadas quatro reuniões para se discutir o assunto. A decisão final foi o veto à presença do morador “gaijin” dentro da comunidade. Hoje o casal reside na cidade de Mirandópolis e são donos de um bar. A moça naquela época ministrava aulas na escola do bairro das Alianças, atividade que continua desempenhando até hoje. Tendo em vista essa decisão da comunidade, percebe-se que o “gaijin” não conseguiu se adequar ao modo de vida do “sistema yuba” para fixar moradia na comunidade.

4.2 Funcionamento interno da comunidade, o tripé: Trabalho, Arte e Religião e as bases administrativas e econômicas.

O ideal do **tripé: Trabalho, Arte e Religião** foi elaborado por Issamu Yuba a partir de sua experiência de vida e das leituras realizadas. Tais referências

⁹³ Denominação dos japoneses para pessoa que não é japonesa, estrangeiro.

⁹⁴ Depoimento de integrante da comunidade em outubro de 2010.

formavam a base do que ele esperava como sendo o ideal para uma vivência harmoniosa do homem do campo, pautadas nos preceitos:

1. Do **trabalho**, pregando uma ocupação e cultivo não predatório da terra, com maior eficiência econômica, buscando assim uma maior fixação do homem no campo.
2. Da **arte**, através de sua prática, onde o camponês desenvolveria também suas capacidades intelectuais, tanto individualmente como em grupos, com e na comunidade.
3. Da **religião**, pautadas nos preceitos cristãos, propiciando uma maior harmonia pessoal e para com o próximo.

Em uma das entrevistas realizadas com uma das filhas de Issamu Yuba que reside na comunidade, pudemos ouvir:

Meu pai dizia que quando ta junto: arte, trabalho e religião, a gente tem tudo, aí a vida ta completa né?! Porque tudo tem uma ligação. [...] tudo vem da natureza, a gente tem que cuidar, porque nós somos muito pequenos, e a natureza é tão grande, é ela que fornece tudo que precisamos, então tem que tirar o que precisa, mas tem que cuidar também, porque se não cuidar como que a gente vive? [...] quando eu pinto, danço, faço arte eu me inspiro na natureza, porque você vê as cores, sente o ar, o cheiro, vê que tudo é uma coisa só⁹⁵.

Confirmando a explanação da filha de Yuba, e analisando os ideais de Issamu Yuba, vemos realmente que todos têm uma ligação entre si, dependendo um do outro para o pleno funcionamento da comunidade. Para nós os ideais de Issamu Yuba juntamente com o modo de vivencia comunitário da comunidade constituem a **identidade** dos integrantes da comunidade. Para entendermos como se dá essa configuração da identidade de seus integrantes hoje, foram buscadas suas bases e significados na história do desenvolvimento da comunidade e de alguns de seus principais atores, como já foi feito no capítulo três deste trabalho. Para Marzulo (2007, p. 58):

A ênfase na relação entre identidade social e espaço, pressuposto do trabalho, e a construção do quadro contemporâneo de diluição da função matricial das identidades indivíduo, classe e nacionalidade, são pontos de partida para enfrentar a questão da existência de um “efeito de território” na formação identitária, conforme se encontra difundido ao nível do senso comum (inclusive o científico).

⁹⁵ Depoimento de Katsue Yuba em novembro de 2010.

Encaminha-se dessa forma, a abordagem da definição dessas matrizes para um sentido sócioistórico. Ou seja, se **realiza um trabalho de (re) construção histórica dessas identidades sociais para compreende-las** em sua função matricial, priorizando a análise de sua formação, tornando capaz de **dar sentido à configuração assumida contemporaneamente** (grifo nosso).

Castells⁹⁶ apud Cruz (2007, p. 97) vê a **identidade** como “um processo de **construção de significados** com base em um atributo cultural ou, ainda, um **conjunto de atributos culturais inter-relacionados** o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significação” (grifo nosso).

Esta identidade, por sua vez, “é sempre uma construção histórica dos significados sociais e culturais que norteiam o processo de distinção e identificação de um indivíduo ou de um grupo” (CRUZ, 2007, p. 97). Seguindo essa linha de raciocínio, na Comunidade Yuba esta identidade não é fixa, ela vai se modificando durante o tempo, mas sempre buscando manter suas bases (tripé: trabalho, arte e religião).

Neste momento, se faz mister recuperar a contribuição de autores que trabalharam a questão do território e das identidades para buscarmos uma base teórica para as práticas vivenciadas na Comunidade Yuba.

Para Haesbaert (2007, p. 38) território e identidades estão intimamente ligados, pois “não há território sem algum tipo de identificação e valoração simbólica (positiva ou negativa) do espaço pelos seus habitantes”. Na Comunidade Yuba, a valorização da cultura japonesa, do tripé idealizado por Issamu Yuba, e o modo de reprodução comunitária é visto pelos seus integrantes como um norte a se seguir, procurando sempre a manutenção destes valores. Portanto, segundo Haesbaert, temos como resultado desse imbricamento – território/identidades – as **identidades territoriais** (2007, p. 44) que

escolhem-se (ou, concomitantemente, reconstroem-se) espaços e tempos, geografias e histórias para moldar uma identidade, de modo que os habitantes de um determinado território se reconhecem, de alguma forma, como participantes de um espaço e de uma sociedade comuns (HAESBAERT, 2007, p. 44).

⁹⁶ CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

Diversos fatores como o modo diferenciado dos núcleos de colonização japonesa da região (bairros das Alianças, Formosa e Oriente), a nacionalidade, práticas de costumes japoneses de seus integrantes, as bases da comunidade, reguladas pelo tripé: trabalho, arte e religião, pautadas no ideal de sociedade de Issamu Yuba, a produção comunitária e a forma de posse dos frutos produzidos, ou seja, as práticas territoriais, administrativas, econômicas e culturais e seus significados, foram se (re)criando neste território geográfico *sui generis* da Comunidade Yuba, com o passar dos seus 76 anos de existência e abarcando quatro gerações, dando origem ao que os próprios moradores da comunidade chamam de “**sistema yuba**” de se viver, que é entendido por nós como a **identidade territorial** dos integrantes da comunidade.

A **identidade territorial** sem dúvida toma por base um contexto muito mais complexo do que a simples “paisagem”, imbricando fatores como a **diferenciação sócio-econômica e cultural dos espaços** (tanto no sentido de diferenças de grau, como no jogo das desigualdades sociais, quanto de **diferenças qualitativas como etnia, religião, língua e outros elementos culturais**), as institucionalidades e **divisões político-administrativas** previamente existentes (que também compõem a “densidade histórica”) e os níveis de mobilidade da população – o peso das **migrações** na construção (multi) identitária (HAESBAERT, 2007, p. 46 – grifo nosso).

Todos os integrantes ressaltam a importância do tripé como a base de sustentação, prática e vivência da comunidade. Cada haste possui a mesma importância na comunidade, como nos atestam as palavras do atual presidente da associação, Luiz Tsuneo Yuba: “*O tripé: trabalho, cultura e religião é a base da comunidade, se um é mais curto do que o outro, cai né*”⁹⁷.

Porém, para esclarecer a territorialização da Comunidade Yuba, analisaremos, a seguir, como o tripé é visto e praticado pelos seus integrantes, e além do **trabalho**, da **arte** e da **religião**, a vida **administrativa** e **econômica** da comunidade serão analisadas como **espaços** onde seu **conjunto** formará o **território da Comunidade Yuba**. Para tal nos baseamos em Raffestin (1993, p. 7), para quem “o território não poderia ser nada mais que o produto dos atores sociais.

⁹⁷ Depoimento de Tsuneo Yuba, presidente da comunidade em outubro de 2010.

São eles que produzem o território, partindo da realidade inicial dada, que é o espaço”.

4.2.1 Trabalho

Para entender melhor como funciona o trabalho na comunidade dividimos este item em: **aspectos gerais do trabalho; atividades de serviços e atividades de produção.**

Aspectos gerais do trabalho

O trabalho na comunidade é comunitário, feito por grupos de pessoas especializadas em determinadas atividades. Cada grupo ou pessoa fica responsável pelo pleno desenvolvimento de sua atividade. Kropotkin (1953) já chamava a atenção para a importância do trabalho comunitário.

[...] tomai uma aldeia russa, da qual todos os habitantes vão ceifar um prado pertencente à comuna ou arrendado a ela, é lá que compreendereis o que o homem “pode” produzir quando trabalha em comum para uma obra comum. [...] cem pessoas fazem em algumas horas o que seu trabalho executado separadamente não teria acabado em alguns dias. Que triste contraste faz ao lado disto o trabalho do proprietário isolado! Poderíamos enfim citar milhares de exemplos entre os pioneiros da América, nas aldeias da Suíça, Alemanha, Rússia e certas partes da França; os trabalhos feitos na Rússia pelas esquadras de pedreiros, carpinteiros, barqueiros, pescadores etc., que empreendem uma tarefa para repartirem diretamente os lucros ou mesmo a remuneração sem passar pelas mãos do intermediário (KROPOTKIN, 1953, p. 64).

Acreditamos que a forma comunitária de trabalho promove uma maior eficácia no que tange ao cumprimento das tarefas por parte de seus integrantes. Outro ponto de destaque para o efetivo cumprimento de tarefas se refere há um constante deslocamento da força de trabalho, nas épocas de grandes safras, como por exemplo, na manga, goiaba e quiabo, ocasião em que trabalhadores de outras atividades são deslocados para estas atividades para auxiliarem na colheita, seleção e empacotamento dos produtos quando há necessidade para que não haja perda de produção. Outro tipo de deslocamento ocorre quando há falta temporária de integrantes para determinada atividade outras razões que não o pico da safra, sendo

as mais comuns doença ou viagens. No caso das viagens, elas podem ocorrer por vontade de um integrante, para visitar amigos e parentes que moram fora da comunidade, ou quando ocorre alguma apresentação cultural do grupo de balé ou coral, ocasião em que alguns integrantes se ausentam da comunidade por um determinado tempo.

*Alguém substitui [quando existe falta], não é por causa que aquela pessoa não está, não dá para dar continuidade. De uma forma ou outra a gente vai preenchendo as lacunas.*⁹⁸

Estes dois tipos de deslocamentos são muito comuns na comunidade, e são encarados por seus integrantes como naturais, razão pela qual eles já estão acostumados a realizar outras atividades além daquelas em que são fixos. Na cozinha há um rodízio semanal entre duas equipes que, por sua vez, são fixas.

Os trabalhos não são classificados como melhores ou piores, todos têm o mesmo peso, independentemente de que se gere algum benefício financeiro ou não. Logo, ninguém é forçado a trabalhar mais ou menos do que o outro. Kropotkin também faz essa discussão no interior da teoria anarquista defendendo a igualdade entre os ofícios, dizendo que qualquer distinção seria prejudicial à sociedade.

Todos os trabalhadores engajados na mina contribuem, na medida de suas forças, da sua energia, do seu saber, da sua inteligência e da sua habilidade, para extrair carvão. E nós podemos dizer que todos tem o direito de “viver”, de satisfazer as suas necessidades e ainda as suas fantasias, depois que o necessário esteja assegurado a todos. Mas como podemos avaliar as suas “obras”? [...] **Nenhuma distinção se pode fazer entre as obras de cada um.** Medi-las pelos resultados leva-nos ao absurdo. Fracioná-las e medi-las por horas de trabalho leva-nos igualmente ao absurdo. Resta uma coisa: colocar as “precisões” acima das “obras” e reconhecer o direito à vida primeiro, depois ao bem-estar para todos os que tomarem uma certa parte na produção (KROPOTKIN, 1953, p. 76 – grifo nosso).

As práticas da Comunidade Yuba sobre esta questão estão de acordo com o que Kropotkin pensava, já que ninguém recebe salário, e nenhum integrante têm vantagem exclusiva para fazerem uso do caixa-comum da comunidade⁹⁹.

⁹⁸ Depoimento de integrante da comunidade em setembro de 2006.

⁹⁹ Sobre este assunto trataremos detalhadamente mais a frente neste capítulo.

Divisão das tarefas

Os integrantes da comunidade apontaram que a divisão das tarefas não é determinada por ninguém, porém as crianças que completam os doze anos vão trabalhar, na sua maioria, na colheita, poda e seleção da goiaba e da manga. Esta prática de iniciação dos jovens nas atividades de manga e goiaba são frequentes e de costume dos integrantes da comunidade, já que a goiaba representa desde a década de 1990 a principal atividade desenvolvida na comunidade, requerendo assim, uma quantidade maior de mão-de-obra. Já a manga também necessita de grande número de pessoas na época de safra (outubro – fevereiro) para sua colheita e seleção, de modo que não haja perda do produto.

Desde quando eu era criança já é assim. [...] não tem ninguém que manda a gente sabe, é de costume mesmo né [ir para goiaba e manga]. [...] Ai quando alguém precisa de ajuda, que vê que não vai dar conta de fazer todo o serviço, aí pede ajuda pros outros [integrantes da comunidade] aí a gente se desloca pra lá pra ajudar¹⁰⁰.

Neste caso ocorre aquilo que Oliveira (1991) chama de “socialização do camponês” onde:

As crianças são iniciadas como personagens da divisão social do trabalho no interior da unidade produtiva do camponês. Ao atingirem 12, 14 anos, passam a desempenhar tarefas dos adultos, desenvolvendo dentro da unidade familiar o trabalho acessório (OLIVEIRA, 1991, p. 60).

Em outras atividades, além da goiaba e manga, quando há necessidade os responsáveis pelas atividades chamam normalmente os mais jovens para ajudá-los, através de conversa informal antes de começar e/ou dar continuidade em alguma atividade (colheita, reparo, etc.) um dia antes, ou no mesmo dia, pela manhã ou pela tarde. Portanto a maioria dos jovens geralmente trabalham em variadas atividades, até que se identifiquem, gostem ou se acostumem com determinada atividade, na qual então se fixam.

Já no caso de haver necessidade de uma pessoa se fixar em determinada atividade - o que pode ocorrer por aumento de produção, mudança, envelhecimento

¹⁰⁰ Depoimento de integrante da comunidade em novembro de 2010.

ou falecimento do responsável - nos foi dito que, na maioria dos casos alguma pessoa, de forma espontânea, se compromete a fazê-lo. Todavia, se futuramente a pessoa quiser mudar de ocupação, tem certa liberdade para isto, desde que a mudança traga algum benefício para a comunidade, não necessariamente financeiro, e que não prejudique a produção da atividade desenvolvida ou a estabilidade do grupo no tocante à divisão das tarefas. Portanto, esta suposta liberdade de mudança de função se torna um pouco limitada, mas não impossível, como podemos comprovar no depoimento de um integrante da comunidade:

A questão do trabalho é bem aberta, ninguém nunca me obrigou a trabalhar num lugar ou no outro. Eu já trabalhei na goiaba, na abóbora e no quiabo [...]. A pouco tempo atrás eu ‘ganhei’ um espaço para cultivar uvas, estou construindo as armações, é que está em fase de testes ainda, mas pretendo ‘mexer’ com isso agora.¹⁰¹

O que se observa é que, para a distribuição dos membros entre as atividades, busca-se respeitar, sempre que possível, a vontade de cada um e o dom natural para determinada função dentro da comunidade, como pode ser visto no depoimento a seguir:

A própria pessoa [escolhe a tarefa], ninguém vai forçar alguém ficar em algum lugar, logicamente todo mundo ajuda todo mundo, se alguém está precisando de ajuda pede, aí a gente vai lá, se a gente estiver desocupado e querer trabalhar em algum lugar é responsável.¹⁰²

Na prática, as pessoas da comunidade assim definem o trabalho comunitário:

Varia muito, é flexível [...] Todas pessoas tem condições de fazer todos os serviços, se vai fazer bem feito, aí vai depender de cada pessoa. Cada pessoa que está no seu cargo é responsável, [...] Quem gosta e tem mais jeito, tem o dom, vai trabalhar no que gosta, na cozinha homem que gosta de fazer comida faz, [...] não é rígido, né. Como é tudo família, então vai quem tem mais jeito pra isso, [...] ninguém determina sabe.¹⁰³

¹⁰¹ Depoimento de integrante da comunidade em setembro de 2006.

¹⁰² Depoimento de integrante da comunidade em setembro de 2006.

¹⁰³ Depoimento de integrante da comunidade em setembro de 2006.

Quem se identifica com determinada atividade e não deseja mudar de ocupação, vai se aperfeiçoando no que faz, e quando esta pessoa não está presente, precisando ausentar-se, ou vai ficando mais velha, não podendo “dar conta” do serviço, vai ensinando para os mais jovens os conhecimentos de seu ofício.

Os meninos que fazem missô já faz isso há quase 20 anos e vai aperfeiçoando, tem que aperfeiçoar né. [...] Na goiaba, tem as meninas que gostam, todas que estão na seleção de goiaba conseguem empacotar, embrulhar direitinho, elas aprendem o ofício sabe, qualquer trabalho que esteja as pessoas vão ensinando os que vão entrando, mesmo na cozinha, qualquer trabalho né.¹⁰⁴

Assim, ao caminhar pela comunidade, é possível observar crianças limpando a piscina e o vestiário com satisfação, todas com botas e algumas com luvas, usadas como equipamento de segurança, moças trabalhando no carregamento e seleção da goiaba também com risos e brincadeiras, o que demonstra que não é um trabalho forçado. Ao contrário, como cada membro tem consciência do seu papel para o bom andamento da comunidade, os conflitos referentes à prática do trabalho, ou seja, pela não realização do mesmo ou por realização com baixo desempenho, são raros, como fica claro no depoimento a seguir:

Não é proibido... Ah, mas isto é muito raro, pois cada um conhece sua responsabilidade e tem que respeitar a outra pessoa. Pois todos sabem que se não fazer o trabalho, alguém vai ter que trabalhar a mais para suprir sua falta.¹⁰⁵

Jornada de trabalho

Na maioria das atividades – exceto a cozinha e a criação de animais – a jornada de trabalho é de segunda a sábado. O anúncio de que as refeições estão à mesa ocorre ao som de um berrante às 6:15 para o café da manhã e por volta das 7:00 os trabalhadores saem para seus afazeres. O almoço e a sobremesa são servidos no refeitório comum (Figura 13) das 12:00 às 14:00. Entre às 17:00 e 18:00 os trabalhadores voltam de seus afazeres, e o jantar é servido às 19:00. Entre estes

¹⁰⁴ Depoimento de integrante da comunidade em setembro de 2006.

¹⁰⁵ Depoimento de integrante da comunidade em setembro de 2006.

períodos a alimentação é livre para as pessoas que quiserem comer frutas, pão, chá, sucos, etc, podendo se servir à vontade.



Figura 13 – Refeitório comum
Fonte: Eduardo Mendes, 2010.

Apesar desses horários estabelecidos, eles são maleáveis. Desde que o serviço seja realizado, o restante do tempo é livre para se dedicar ao que lhe interesse. Portanto, se a atividade for realizada em menos tempo, é possível usar o restante do tempo livre para o que deseja. Chayanov (1981) já chamava a atenção da ligação entre a quantidade de trabalho necessária para reprodução da unidade camponesa, o tamanho e idade na composição da família camponesa.

A quantidade do produto do trabalho é determinada principalmente pelo tamanho e a composição da família trabalhadora, o número de seus membros capazes de trabalhar, e, além disso, pela produtividade da unidade de trabalho e – isto é especialmente importante – pelo grau de esforço do trabalho, o grau de auto-exploração através do qual os membros trabalhadores realizam certa quantidade de unidades de trabalho durante o ano [...] o ponto de equilíbrio é bastante variável. É alcançado da seguinte maneira: de um lado pelas condições específicas reais de produção da unidade, sua situação de mercado, e pela localização da unidade em relação aos mercados (que determina o grau de fadiga do trabalho); de outro pelo tamanho e composição da família e a premência de suas necessidades, que determinam a avaliação do consumo (CHAYANOV, 1981, p. 138-139).

Para Chayanov é um conjunto de fatores (situação de mercado, localização, tamanho e composição da família e de suas necessidades) que indicam como deve ser o trabalho na unidade camponesa. Levando em conta o aumento de idosos na comunidade, e conseqüentemente diminuição na força de trabalho, a complementação dessa força de trabalho se mostra cada vez mais importante, é o que trataremos no item a seguir.

Complementação da força de trabalho

Além da força de trabalho familiar dos integrantes da comunidade, existe ainda a contratação de funcionário(s), a ajuda na força de trabalho dos chamados “turistas” e, esporadicamente, dos visitantes.

Funcionários

A comunidade conta com um funcionário fixo, brasileiro, que trabalha com registro em carteira e possui carga horária semanal de 44 horas. Geralmente ele trabalha na roça, mas não tem uma rotina fixa de trabalho, sendo convocado para os serviços considerados mais “pesados” ou de mais urgência naquele momento. A relação do funcionário com a comunidade fica restrita somente ao trabalho, não participando das atividades culturais e religiosas da comunidade. Geralmente em épocas de necessidade - para concluir uma plantação e/ou colheita - são contratados trabalhadores diaristas. É importante ressaltar que este trabalhador é proprietário de terras no bairro das Alianças e já trabalhava para a comunidade como diarista há muitos anos atrás e depois de um tempo se afastou. Começou a trabalhar fixamente na comunidade há cerca de dez anos, como forma de garantir o bom andamento das atividades produtivas na comunidade, pelo motivo da diminuição da força de trabalho de jovens e adultos na comunidade e conseqüentemente aumento da população idosa, que não podem mais servir a comunidade com a mesma força de trabalho que antes por causa das limitações físicas.

“Turistas”

Os chamados “turistas” são pessoas de diversos lugares e idades que permanecem por um período trabalhando em troca de hospedagem e comida, vivenciando o dia-a-dia da comunidade. Durante este período eles têm tratamento semelhante ao dos membros da comunidade, participando inclusive das atividades culturais desenvolvidas na comunidade, se no caso se interessarem. Os “turistas”, na sua grande maioria, são jovens japoneses que fazem intercâmbio no Brasil e que ficam na comunidade por um período que varia de um a três meses¹⁰⁶. Quanto ao trabalho, são geralmente encaminhados para a lavoura, auxiliando aqueles que a ela se dedicam (figura 14).



Figura 14 – Três “turistas” (ao centro) trabalhando ao lado de um integrante da comunidade (à esquerda) e do funcionário da comunidade (à direita).

Fonte: Eduardo Mendes, 2010.

Esta fonte de trabalho acaba sendo muito interessante para a comunidade, já que aumenta sua capacidade produtiva sem que seja necessário despendar recursos financeiros, se compararmos por exemplo com o pagamento de funcionários, e serve principalmente como um importante reforço à falta de jovens na comunidade¹⁰⁷.

¹⁰⁶ Em alguns casos o período de permanência na comunidade pelo “turista” pode variar para mais ou para menos.

¹⁰⁷ Durante os trabalhos de campo sempre nos deparamos com a presença de turistas (figura 14), variando entre 1 a 5 pessoas, tendo uma média durante o período que estivemos na comunidade de 2/3 pessoas.

Visitantes

Os chamados visitantes, geralmente são amigos de integrantes da comunidade que já tiveram algum tipo de contato anterior de varias formas, como:

Culturais, algum tipo de intercâmbio, através do qual a pessoa passou um tempo na comunidade para realizar algum trabalho científico, reportagem, livro, documentário e/ou filmes. Como aqueles também que ensinaram membros da comunidade conhecimentos culturais como, práticas de instrumentos musicais, pinturas, danças ou culinária.

Comercial, pessoas especializadas que são pagas (ou não) para fazer reparos e consertos em bens da comunidade ou de algum integrante tais como: instrumentos musicais, eletrodomésticos, etc., além de pessoas que ministram aulas de instrumentos musicais, que criam alguma forma de amizade com os integrantes da comunidade.

Alguns **parentes** de integrantes da comunidade que passam alguns dias ou temporadas na comunidade. São filhos, irmãos, primos e sobrinhos que, na maioria das vezes, ajudam nos afazeres, porém sem o compromisso de horários a serem seguidos, sendo feitos por bom senso e/ou boa vontade¹⁰⁸.

Alguns **colegas** da região ou da escola dos jovens integrantes da comunidade também a freqüentam e, esporadicamente, os ajudam nas suas atividades como: na colheita e seleção da manga, goiaba e quiabo, e em outras atividades esporádicas como na instalação de cobertura em um evento festivo que aconteceu na comunidade.

Atividades de serviços

Cozinha

As atividades da cozinha (figura 15) são realizadas por quatro mulheres fixas na cozinha. As quatro mulheres se dividem se revezam semanalmente em dois

¹⁰⁸ Em um caso que pudemos presenciar, o irmão de uma integrante havia ido para a comunidade para suprir a falta que esta deixou para realizar uma viagem de um mês para visitar seu filho. Seu irmão ficou responsável por substituí-la nos seus afazeres naquele mês. No momento de nossa pesquisa a integrante da comunidade já havia voltado, porém seu irmão continuava ajudando e vivenciando o dia-a-dia da comunidade, e nos disse em depoimento que ainda ficaria mais ou menos por três meses.

grupos: o **grupo das cozinheiras** (onde integram duas mulheres) e o **grupo das auxiliares** (onde integram as outras duas mulheres).

A cada semana (de segunda a domingo) estes grupos se revezam na realização destas atividades. Além do grupo das cozinheiras e das auxiliares, há ainda o auxílio de três senhoras idosas que trabalham fixas ajudando o grupo das auxiliares. Visitantes da comunidade e “turistas” também ajudam esporadicamente no desempenho das funções realizadas na cozinha.



Figura 15 – Cozinheiras e auxiliares trabalhando na cozinha comunitária.
Fonte: Eduardo Mendes, 2010.

Grupo das cozinheiras

Este grupo, como já dito, é composto por duas pessoas que iniciam sua jornada de trabalho por volta das 5:00h para o preparo do café da manhã, que será servido por volta das 6:15h, quando a cozinheira toca um de berrante para avisar a todos que o café está pronto e que mais um dia de trabalho está por começar. As cozinheiras tomam café juntamente com todos os integrantes. Por volta das 9:30h elas solicitam ao grupo das auxiliares a colheita dos legumes e verduras que serão usadas no dia, iniciando o preparo da refeição que será servida no almoço.

Não existe um cardápio pré-definido para a semana. Geralmente a cozinheira decide no dia o que vai ser feito para o almoço, ou, dependendo da sobra de alimentos que venha a ocorrer no dia anterior e da disponibilidade dos produtos na

horta que fica próxima à cozinha, esporadicamente é combinado entre as cozinheiras no dia anterior o prato a ser feito no dia seguinte.

As atividades de preparo dos alimentos duram até o meio-dia, quando o almoço é servido. Por volta das 13:30h até as 14:00h preparam o café da tarde, disponibilizando na mesa pães doces, geléias, manteiga e patês que ficam à disposição para quem quiser se servir, não tendo um horário fixo e comum para esta refeição. Por volta das 16:30h tem início o preparo do jantar, que segue praticamente a mesma rotina de preparação do almoço. Esta refeição é servida às 19:00h. Após o término do jantar as cozinheiras estão livres para descansar e/ou participar de atividades culturais

Grupo das auxiliares

O grupo das auxiliares, como já dito, é constituído por duas pessoas que ainda recebem a ajuda de três senhoras de idade avançada, que cortam e picam alguns alimentos como verduras e legumes que serão usadas pelas cozinheiras. Por volta das 7:00h começam o trabalho de lavar a louça do café e limpar as mesas e o chão da cozinha, serviço que dura mais ou menos até as 8:00h.

Por volta das 9:30h começa o preparo do almoço. As auxiliares são responsáveis por recolher da horta, lavar e cortar os legumes e hortaliças que as cozinheiras solicitarem para serem usadas no preparo do almoço. As auxiliares ainda são responsáveis por arrumar a mesa, os talheres e pratos, deixando tudo pronto para que a refeição possa ser servida.

Por volta das 12:45h o grupo começa a lavar a louça suja que foi depositada pelos integrantes, separando-se os talheres, pratos e copos em caixas de plástico diferentes, para facilitar o trabalho. Elas ainda secam e guardam a louça, limpam a cozinha e o refeitório e abastecem os recipientes de vidros com conservas e temperos como azeite, shoyu, vinagre, etc, para que não falte na próxima refeição. Esta atividade dura aproximadamente até as 14:00h.

No período da tarde ficam livres, voltando às atividades por volta das 16:30h, quando irão ajudar as cozinheiras no preparo do jantar, seguindo a mesma rotina do almoço. A partir das 19:30h são responsáveis pela limpeza da cozinha e refeitório, executando estas atividades até as 20:30h.

A prática comunitária, tanto de preparação, quanto na alimentação das pessoas, é um princípio anarquista, que Kropotkin defende dizendo:

¿para qué esas cincuenta mujeres perdiendo la mañana en hacer algunas tazas de café y en preparar aquel almuerzo tan sencillo? ¿Por qué esos cincuenta fuegos, cuando con uno solo y dos personas bastaría para cocer todos esos trozos de carne y todas las hortalizas? (KROPOTKIN, 2006, p. 64)

Kropotkin alertava que uma cozinha comunitária facilitaria a vida das pessoas, tanto na economia de trabalho, tempo e dinheiro.

Invocarão a vantagem de economizar o combustível e os gêneros, estabelecendo cozinhas imensas onde todos viriam buscar a sua ração de caldo, de pão e de legumes. Não contestamos essas vantagens. Sabemos que a humanidade realizou economias em combustível e em trabalho, renunciando primeiro ao moinho braço e depois ao forno onde outrora cada um cozia o seu pão. Seria mais econômico fazer o caldo para cem famílias duma vez em lugar de acender cem fornalhas separadas. Sabemos que há mil modos de preparar batatas, mas que cozidas numa panela só para cem famílias não seriam piores (KROPOTKIN, 1953, p. 28).

Como podemos ver, encontramos estes ideais de Kropotkin em prática na Comunidade Yuba, destacando assim uma de suas bases de reprodução comunitária.

Ofurô¹⁰⁹

Para o preparo do tradicional banho japonês existe uma pessoa, que também faz parte da cozinha, responsável pelo corte da lenha e acendimento do fogo que irá aquecer a água todos os dias ao fim da tarde. Para esta atividade não há rodízio.

Limpeza das casas e banheiros

A limpeza das casas são feitas pelas próprias famílias, enquanto que a dos banheiros comunitários e do ofurô é de responsabilidade de uma integrante que, porém, sempre recebe ajuda de outras integrantes da comunidade para fazer este serviço.

¹⁰⁹ Banheira de água quente onde as pessoas permanecem algum tempo após tomarem banho.

Roupas

A lavanderia é comunitária (figura 16). As roupas de integrantes de famílias já constituídas são de responsabilidade de cada esposa que lava e passa. Para os solteiros e visitantes, existe uma pessoa responsável pelas roupas pessoais e de cama. Esta pessoa sempre recebe ajuda de outras mulheres. As crianças também ajudam na hora da retirada das roupas do varal.



Figura 16 – Integrante na lavanderia comunitária.
Fonte: Eduardo Mendes, 2010.

Oficina

Existem dois barracões na comunidade que são usados como oficinas. Um deles serve para reparos de veículos e maquinários agrícolas dentro da comunidade (figura 17), ficando sob a responsabilidade de um integrante – o tesoureiro. Este integrante trabalha na maioria das vezes sozinho, porém, quando necessário recebe ajuda de outros integrantes (quase sempre do funcionário ou de outro integrante que trabalha nas lavouras).



Figura 17 – Reparo de veículo na oficina da comunidade.
Fonte: Eduardo Mendes, 2010.

No outro barracão funciona outra oficina, onde ficam as máquinas como lixadeiras, motores, furadeiras, soldadores e peças em geral como: chapas de ferro, pregos, parafusos e ferramentas como: chave-de-fenda, alicates, etc. Neste local não existe ninguém fixo, todos da comunidade que precisem de utensílios e/ou confeccionar peças para uso pessoal e de trabalho são livres para usá-la quando necessitam (figura 18).



Figura 18 – Integrante da comunidade usando maquinários da oficina.
Fonte: Eduardo Mendes, 2010.

Atividades de produção

Para entendermos melhor este setor, as atividades de produção da comunidade foram divididas em produção para **consumo interno** e **comercialização**. Vale destacar que tudo que é comercializado também é consumido pela comunidade, enquanto que o inverso não é verdadeiro, ou seja, a maioria do que é produzido para o consumo interno não é comercializado.

Consumo Interno

Os produtos para **consumo interno** são: *in natura* - galinhas, ovos, porcos, lingüiça, carne bovina (esporadicamente), leite, hortaliças, arroz, milho verde, feijão, soja e cana-de-açúcar. Com algum tipo de *preparo* - logurte, shoyu, carvão, ácido pirolenhoso, parte do adubo orgânico, e sabão. Existem ainda produtos que são manufaturados dentro da comunidade, mas comprados de outros produtores, como é o caso do café, que é comprado em grãos crus, torrado e moído na comunidade. As frutas produzidas para a comercialização também são consumidas, como manga e goiaba e a cerâmica, sendo que esta última é produzida para uso da comunidade mas também é vendida aos turistas e visitantes.

Quanto ao consumo interno, de acordo com as entrevistas realizadas, a comunidade produz cerca de 60% de tudo que é consumido na comunidade ou fabricam produtos com ingredientes comprados de fora, como o pão e o macarrão por exemplo, comprando somente produtos industrializados, como farinha de trigo, açúcar, óleo, roupas e materiais de trabalho.

No momento será apresentada detalhadamente as atividades desenvolvidas na comunidade:

Avicultura poedeira

A avicultura poedeira foi a principal atividade da comunidade desde o seu início até a morte de seu líder, Issamu Yuba em 1976. Tal atividade levou a comunidade a ser considerada a maior granja da América Latina, com cerca de 220 mil aves, fato que rendeu até uma reportagem da revista “O Cruzeiro”, em 1951

(MARCOS, 1996), na qual Issamu Yuba foi chamado de “rei das galinhas” (BARTABURU, 2010, p. 15).

Problemas de ordem financeira levaram a comunidade à falência em 1956 e, conseqüentemente, à queda da produção desta atividade nos anos seguintes. A partir do final da década de 1970 a avicultura poedeira foi sendo substituída pela fruticultura da goiaba como a atividade produtiva mais importante da comunidade, aquela responsável pela maior parte de suas entradas financeiras. Atualmente a comunidade conta com cerca de 90 aves (figura 19) e tem seu funcionamento voltado somente para o consumo interno, sendo uma pessoa responsável pelo cuidado que inclui alimentação, tratamento e recolhimento dos ovos. O esterco também é aproveitado como adubo orgânico e usado na horta da comunidade.



Figura 19 – Avicultura Poedeira.
Fonte: Eduardo Mendes, 2010.

Suinocultura

O rebanho dos porcos (figura 20) na comunidade é de cerca de 100 cabeças. As raças criadas na comunidade não são puras, tendo vários tipos de misturas como: Javali, Sorocaba, Piau, Nilo (caipira) e Landrace. Uma pessoa se responsabiliza pelo tratamento destes animais que são consumidos na própria comunidade. Os porcos são alimentados todos os dias com uma dieta composta

principalmente por milho e soja cozidos, sendo complementados com refugos ou sobras que ocorrem na comunidade de verduras e frutas.

O tempo de criação destes animais, desde o nascimento até o abate, varia de seis a oito meses. São aproveitadas quase todas as partes do porco, fazendo-se inclusive a linguiça. Os mais experientes ensinam os mais jovens a fazer o serviço (figura 21). Esporadicamente os porcos também são comercializados com um restaurante na cidade de Mirandópolis, neste caso sob prévia encomenda.



Figura 20 – Criação dos porcos
Fonte: Eduardo Mendes, 2010.



Figura 21 – limpeza após o abate
Fonte: Eduardo Mendes, 2010.

Leite/Pecuária/Equinos

Em relação ao gado existem cerca de 70 cabeças na comunidade, responsáveis pelo fornecimento de leite para o consumo interno, com uma pessoa responsável pelo tratamento destes animais fazendo a ordenha de leite todos os dias da semana pela manhã. No momento dos trabalhos de campo a comunidade contava com três vacas leiteiras, que ficavam em uma área próxima de onde é feita a ordenha manual, sendo levadas ao curral pela manhã pelo responsável da atividade. Em outra parte do terreno ficam os bezerros que são soltos no curral no momento da ordenha. Os bezerros são amarrados próximos à vaca leiteira, que por sua vez tem suas patas traseiras amarradas para não se movimentarem. Os úberos são lavados com água potável, para dar prosseguimento à ordenha, com o leite ordenhado ficando depositado em um balde, para posteriormente ser colocado em um galão. O procedimento se repete com as outras duas vacas. No total são

retirados por dia cerca de 10 litros de leite que servirão para o consumo interno da comunidade. O consumo pode ser *in natura* ou para fabricação de queijos e iogurtes.

Toda a criação de gado recebe duas vacinas contra febre aftosa ao ano. Já as vacas (fêmeas), além da vacina contra aftosa recebe ainda uma vacina contra brucelose, aplicadas duas vezes, aos três e aos oito meses de idade. As aplicações de vacinas são feitas no curral da comunidade pelo jovem responsável com a ajuda de amigos vizinhos da comunidade para fazer este serviço¹¹⁰. Ocasionalmente ocorre o preparo da alimentação com ração, cana-de-açúcar e milho, geralmente nas épocas de seca/estiagem no inverno. Reparos nos cochos e cercas acontecem quando necessário pelo jovem responsável pela atividade. Cerca de duas ou três cabeças de gado são usadas para o consumo interno por ano na comunidade e, esporadicamente, algumas são comercializadas.

A comunidade conta também com um rebanho de seis cavalos que são usados para apartar o gado. Eles são criados numa área de pasto junto com o gado, e são alimentados com ração, quando necessário, no inverno.

Horta

Os produtos provindos da horta (figura 22) – legumes e verduras – são exclusivamente para o consumo interno. Atualmente¹¹¹ um casal é responsável pela horta, plantando, regando, fazendo reparos, retirando as ervas daninhas e carpindo. As sementes usadas para plantação de legumes e verduras são enviadas do Japão ou trazidas por amigos parentes e turistas, já que a grande maioria das hortaliças consumidas na comunidade é do “tipo japonês”, portanto raramente compradas pela comunidade.

A retirada de bambu para armação de estacas usadas como suporte no cultivo de berinjela, chuchu, ou maracujá, é feita em uma área da própria comunidade pelos responsáveis da horta. Já a palha de arroz é provinda do próprio cultivo de arroz da comunidade e é guardada para futuro uso na horta.

¹¹⁰ O jovem nos falou em depoimento que recebe ajuda dos amigos de fora, pois ele também os auxilia quando necessário nas outras propriedades vizinhas.

¹¹¹ Agosto de 2010.



Figura 22 – Horta.
Fonte: Eduardo Mendes, 2010.

Arroz

O arroz é uma das bases da alimentação da comunidade. Uma pessoa que trabalha na roça fica responsável pela preparação do solo, plantio, cultivo colheita e limpeza do arroz, que é plantado em períodos de bastante chuva, pois esta cultura necessita de muita água para ser produzida. Quando há pouca chuva, a cultura é irrigada para não haver perda do produto. As atividades de preparo da terra e plantio das sementes ocorrem no final de outubro ou começo de novembro e sua colheita acontece no mês de março. A produção é pequena, porém quase sempre consegue abastecer o consumo anual da comunidade. Quando há necessidade de complementação é comprado o arroz do tipo agulhinha no mercado, o que é misturado com o arroz japonês para ser consumido.

Milho verde

A comunidade conta com uma pequena produção de milho verde, voltada para o consumo interno, porém, quando há excesso do produto este é comercializado. Depois de preparada a terra, a semente do milho verde é plantada manualmente praticamente toda semana, em áreas diferentes pelo grupo

responsável pelas lavouras. Após 70/80 dias o milho está pronto para ser colhido. A colheita ocorre dois dias por semana, geralmente nas quartas e sextas. A maior parte vai para o consumo da comunidade e para a alimentação dos porcos. Apenas pequena parte é comercializada. Para a comercialização o milho verde é descascado, limpo e embalado em pratos de isopor cobertos com plástico, sendo que em cada bandeja são acomodados de três a cinco unidades. A maior parte do milho verde comercializado pela comunidade é comprado de um produtor do bairro das Alianças, que fornece o produto limpo e embalado, já pronto para ser comercializado. Este por sua vez, é comercializado para supermercados e quitandas pelos responsáveis pela comercialização dos produtos da comunidade.

Soja¹¹²

A soja é plantada manualmente em pequena escala e usada para o consumo interno, na fabricação de shoyu, missô e tofu que são consumidos pela comunidade. O missô, produzido pelas integrantes da equipe da cozinha, além de ser consumido pela comunidade, também é comercializado em festejos dentro e fora da comunidade.

Cana

A comunidade produz pequena quantidade de cana-de-açúcar que serve somente para compor a alimentação do gado. A cana é plantada manualmente, sendo responsabilidade do grupo da roça. Já a colheita é feita pelo responsável da alimentação do gado sempre que necessário, o que geralmente ocorre no período de estiagem (inverno) para complementação da alimentação.

Shoyu¹¹³

A preparação do shoyu é feita por um integrante da comunidade responsável pela lavoura com experiência no preparo do molho fermentado à base de soja. Ele é

¹¹² Não foi possível levantar mais informações sobre este tipo de produção, pois o responsável não domina a língua portuguesa.

¹¹³ Não foi possível levantar mais informações sobre este tipo de produção, pois o responsável não domina a língua portuguesa.

quem cuida de todas as etapas de produção, realizada cerca de duas vezes por ano abastecendo exclusivamente o consumo interno da comunidade.

Carvão

O carvão é feito em forno (figura 23) construído pelos integrantes da comunidade.



Figura 23 – Forno para fabricação de carvão

Fonte: Eduardo Mendes, 2010.

O carvão é fabricado esporadicamente, conforme a necessidade, por um integrante da comunidade que faz parte de um dos grupos responsáveis pelas lavouras. As madeiras, goiabeiras e/ou eucalipto, são colocadas no forno onde permanecem queimando por cinco dias seguidos. Após este período o carvão produzido deve descansar por dois dias. Depois deste período o produto está pronto para ser utilizado.

Ácido pirolenhoso

Durante a queima do carvão é extraído, através da condensação da fumaça, um líquido através de um sistema de chaminé construído para este fim. Este líquido é despejado em um tambor durante os dias em que o carvão está sendo fabricado. Após o término desta etapa, este líquido fica descansando por seis meses, quando é

retirada a camada superior e descartada, ficando a camada inferior do líquido que constitui o ácido pirolenhoso. Este ácido é usado em mistura a pesticidas químicos para “render mais” e, conseqüentemente, diminuir a ação nociva dos pesticidas, na pulverização das plantas contra os insetos. O ácido pirolenhoso serve também para ser misturado na terra antes do plantio das culturas, como forma de melhorar o terreno, tornando-o mais produtivo, com uma vida útil maior e evitando doenças nas raízes das plantas.

Adubo Orgânico

O adubo orgânico é feito de uma mistura de esterco dos porcos com pó de serra (vindo da marcenaria da comunidade), de tocos dos pés de manga em decomposição (sobras da produção de shitake realizada pela comunidade) e palha de arroz (que também em parte é produzida pela comunidade). Antes de ser usada nos canteiros da horta a mistura deve curtir, coberta por plásticos e lona, durante 20 dias no mínimo.

Sabão

Uma mesma pessoa do grupo das cozinheiras é responsável por fazer o sabão em pedra caseiro. A produção ocorre cerca de três a quatro vezes por ano, com a mistura de banha de porco, soda, álcool e água, os quais são fervidos até dar o ponto e depois são deixados descansar até formar a pedra de sabão. Ele é usado internamente para limpeza de louças e lavagem de roupas na comunidade.

Marcenaria

A produção de móveis (figuras 24 e 25) geralmente é feita por um integrante da comunidade que trabalha na horta, e que se dedica aos móveis esporadicamente, quando necessário. As peças como armários, sapateiras, mesas e cadeiras são feitas em uma pequena marcenaria na comunidade e não são comercializadas, sendo fabricadas exclusivamente para o uso da comunidade.



Figura 24 – Produção de móveis
Fonte: Eduardo Mendes, 2010.



Figura 25 – Peça para o acabamento
Fonte: Eduardo Mendes, 2010.

Esporadicamente, quando há folga de algum integrante que queira participar das atividades da marcenaria, o integrante responsável recebe ajuda na produção dos móveis. Além disso, quando o teatro apresentado nos finais de ano precisa de alguma peça do cenário e de acessórios para os integrantes que irão interpretar papéis nas peças é esse mesmo integrante quem os providencia, geralmente auxiliado pelos integrantes que fazem parte da preparação da festa naquele ano.

Produtos voltados para a comercialização

Os produtos comercializados pela comunidade são: gado, porco (esporadicamente), quiabo, abobrinha, pimenta, milho verde, goiaba, manga, cogumelo shiitake, geléias, doces e cerâmicas. O abacaxi e o limão também são comercializados, porém não são produzidos pela comunidade, sendo comprados de terceiros e revendidos. Outro produto que além de ser produzido pela comunidade e que também é comprado e revendido é o milho verde.

Quiabo

O quiabo é hoje¹¹⁴, ao lado da goiaba, um dos principais cultivos da comunidade. Durante os últimos anos a produção de quiabo vem crescendo, com a tendência de tomar o lugar da goiaba como principal atividade da comunidade.

¹¹⁴ Fevereiro de 2011.

É, produção de quiabo vem crescendo, porque goiaba já não dá tanto retorno, já tem bastante gente que produz aqui na região, já o quiabo ta saindo bem ultimamente, já tem venda garantida né¹¹⁵.

Antes do plantio ocorre o preparo da terra com adubo orgânico, que é comprado de um frigorífico no município de Andradina. A plantação das sementes é mecanizada, realizada com semeadeira e trator.

O quiabo começa a produzir cerca de 80/90 dias depois do plantio, produzindo até cerca de 120/150 dias. A comunidade trabalha sempre com dois campos de quiabo, para manter a produção durante todo o ano e evitar sua falta. Um campo sempre é mais produtivo do que outro devido ao período diferenciado de plantio de cada campo.

Nas plantações de quiabo trabalham uma equipe de duas pessoas fixas para os tratos culturais - limpeza, carpa (figura 26) e colheita dos quiabos - as quais contam com a ajuda de jovens e turistas quando há necessidade de um trabalho mais urgente, como por exemplo a carpa para garantir o desenvolvimento da cultura.



Figura 26 – Limpeza entre os pés de quiabo.
Fonte: Eduardo Mendes, 2010.

A colheita acontece três vezes por semana (segundas, quartas e sextas-feiras) geralmente pela manhã, estendendo-se esporadicamente à tarde e/ou sendo convocados trabalhadores de outras atividades nos casos de muita produção e

¹¹⁵ Depoimento de integrante da comunidade em novembro de 2010.

necessidade de colheita para não perder o produto. Os trabalhadores vão de trator até os campos de quiabo e, usando equipamentos de proteção como luvas, botas, lenços e bonés, iniciam a colheita, ficando cada trabalhador responsável por uma rua. Existe um tamanho mínimo para o quiabo ser colhido – cerca de 8/9 centímetros – contudo este é medido a olho nu, valendo-se da experiência do trabalhador. Os quiabos são colocados em baldes para posteriormente serem despejados nas caixas acomodadas na carroça do trator.

Após esta fase, os quiabos são levados para o barracão de seleção, onde são despejados em um balcão e colocados em bandejas de isopor, acomodando-se de uma a duas fileiras horizontais por bandeja. É neste momento que ocorre a seleção dos mesmos e aqueles com algum defeito - como cabo cortado ou “machucado” – são descartados e destinados à alimentação dos porcos.

As bandejas são pesadas em balança de mesa eletrônica. Existem três tipos de pesos: 300, 400 e 500 gramas. Após serem pesadas, é colocado um rótulo contendo o nome, peso, especificações nutricionais e a validade do produto. Este rótulo ainda conta com a identificação da empresa “Produtos caseiros: Comunidade Yuba”. Posteriormente as bandejas com o produto e o rótulo são plastificadas e lacradas com uma seladora (figura 27), estando prontas para serem comercializadas.



Figura 27 – Seleção e empacotamento do quiabo.
Fonte: Eduardo Mendes, 2010.

Semanalmente são produzidas cerca de 50 caixas, com este número chegando a alcançar 100 caixas nas épocas de safra. Parte dessa produção é consumida internamente e, a maioria, é comercializada com supermercados e quitandas da região.

Abobrinha

A produção de abobrinha (figura 28) pela comunidade ocorre esporadicamente, somente quando tem algum campo vazio. O plantio – que ocorre em meses menos úmidos (maio a setembro) – é feito manualmente, com semente e também com mudas da planta, demorando cerca de 90/100 dias para começar a produzir. A colheita pode durar até 4 meses. O trabalho de plantio, cultivo e colheita do produto é de responsabilidade do grupo das lavouras. A abobrinha precisa ser pulverizada de tempos em tempos, pois como fica em contato com o chão, é mais fácil a proliferação de fungos nos frutos, o que impede sua comercialização.

A comercialização do produto é feita por caixas e sua produção em época de safra é de cerca de 10 caixas por semana, sendo destinada a supermercados e quitandas.



Figura 28 – Cultivo de Abobrinha.
Fonte: Eduardo Mendes, 2010.

Pimenta

A pimenta é produzida pelos responsáveis das lavouras, e sua produção gira em torno de cinco caixas por semana. Após a colheita a pimenta é selecionada, colocada em bandejas de isopor com 200 gramas cada (figura 29), sendo em seguida embaladas para a comercialização.



Figura 29 – Pesagem e embalagem da pimenta.
Fonte: Eduardo Mendes, 2010.

Macadâmia

A comunidade conta com cerca de 500 pés de macadâmia, com a grande maioria em fase de crescimento (não produzem frutos). Algumas poucas árvores começaram a dar frutos que, atualmente, estão sendo consumidos internamente pela comunidade. Os integrantes que cuidam da lavoura nos informaram que irá demorar cerca de três anos para começar a produção e que a mesma será destinada a comercialização.

Goiaba

A goiaba continua sendo um dos principais produtos comercializados da comunidade, sendo produzidas em duas qualidades: Cascão e Pedro Sato. Durante

os últimos anos houve uma diminuição considerável na produção desta fruta, que já chegou a ter quinze alqueires plantados e hoje conta com apenas três.

Até a década de 1990 as mudas das goiabeiras eram germinadas na própria comunidade. Após essa data foi proibido pelo Ministério da Agricultura, com o objetivo de evitar a disseminação de pragas no Estado. A partir de então as mudas são compradas de viveiros nos municípios de Andradina, Penápolis e Taquaritinga, todos municípios do estado de São Paulo.

Os jovens da comunidade, quando chegam aos 11-12 anos de idade são encaminhados para as atividades da goiaba. A maioria dos jovens (homens e mulheres) trabalham na colheita que é feita no período matutino, às segundas, quartas e sábados, indo para os campos de goiaba na carroceria de um trator, levando consigo equipamentos de trabalho (baldes, caixas, botas e luvas) e utensílios para se proteger do sol tais como bonés e lenços.

Cada trabalhador fica responsável por uma “rua”, colhendo as goiabas e colocando-as em um balde que carrega consigo (figura 30).



Figura 30 – Colheita de goiaba.
Fonte: Eduardo Mendes, 2010.

Posteriormente a goiaba colhida é depositada em caixas que ficam na carroceria do trator e, uma vez preenchidas todas as caixas, elas são levadas para o

barracão onde será feita a seleção no período da tarde. Atualmente¹¹⁶ existem três trabalhadores fixos neste serviço, que recebe a ajuda de outros integrantes de outras atividades em épocas de grande produção.

Em período vespertino é feita a seleção das frutas (figura 31), atividade normalmente realizada pelas mulheres. No momento¹¹⁷ são duas pessoas fixas na atividade, sendo convocados outros integrantes da comunidade quando necessário.

A seleção das frutas é feita manualmente, em cinco tipos: *Verde sem manchas*, para comercialização nos mercados e mercearias; *Verde com manchas*, que também vai para os mercados e quitandas, porém são comercializadas com um menor preço; *Granel*, que são comercializadas para feirantes; *Madura*, destinadas ao preparo de doce, na comunidade; *Passada*, destinadas à alimentação dos porcos na comunidade. Após a seleção, as goiabas são colocadas em caixas. A produção é variada durante o ano, com cerca de 50 caixas por semana, produção que se eleva na época da safra a cerca de 100 caixas por semana.



Figura 31 – Seleção da goiaba.

Fonte: Eduardo Mendes, 2010.

Nos outros dias da semana (terças, quintas e sextas-feiras) os responsáveis pela goiaba se dirigem aos campos da fruta para a poda dos galhos. Nas sextas-feiras é feita a pulverização, manualmente, por integrantes do sexo masculino dos

¹¹⁶ Setembro de 2010.

¹¹⁷ Setembro de 2010.

campos da goiaba. Neste dia as mulheres ajudam nas outras atividades da comunidade onde está necessitando de mão-de-obra, geralmente na manga e no quiabo. A produção da goiaba é comercializada com supermercados, quitandas e feirantes da região. Quando ocorre sobra de mercadoria, estas são comercializadas com um intermediário que revende para outros mercados e para o CEAGESP.

Manga

A manga é produzida e comercializada apenas na época da safra, que ocorre entre outubro e fevereiro. São três as variedades das frutas: Espada, Bourbon e Haden.

Quanto ao trabalho, a colheita e seleção são feitas todos os dias durante o verão (segunda à sábado), geralmente pelos jovens, mas também com a participação de alguns adultos, quando necessário. Após a colheita das frutas, realizadas geralmente pelos jovens e manualmente, as mesmas são colocadas em caixas e transportadas até o barracão onde serão selecionadas geralmente pelas mulheres.

O número de trabalhadores na atividade varia conforme a produção e colheita do dia, tendo uma média de quatro a cinco pessoas trabalhando na colheita e na seleção da fruta. A seleção é feita manualmente (figura 32), sendo as frutas classificadas em três qualidades, “A”, “B”, “C”, onde a “A” tem menos ou nenhuma doença (manchas pretas na casca da fruta) e a “C” tem um pouco mais de manchas. Aquelas que não se adequam a nenhuma dessas classificações, geralmente por estarem muito machucadas ou “passadas”, são descartadas e usadas na alimentação dos porcos.

A produção varia muito, sendo em média durante a safra cerca 200 caixas por semana, comercializadas quase todos os dias para supermercados da região. Quando há sobras, as frutas são comercializadas com o CEAGESP e para atravessadores.



Figura 32 – Seleção da manga.
Fonte: Eduardo Mendes, 2010.

Cogumelo shiitake

A produção de cogumelos na comunidade é do tipo *Shiitake* sendo produzidos, hoje, por um casal, responsável por todas as fases de preparação, plantio, cultivo, colheita e comercialização. Este tipo de produção começou a ser feito na comunidade por volta do ano de 1987, quando um integrante da comunidade se interessou pelo cultivo ao ler sobre o assunto em reportagens de revistas e livros. A idéia inicial era cultivar *champignon*, mas o clima da região não era propício, decidindo-se então mudar para outra qualidade, o *shiitake*.

Indicados por amigos, Tsuji e mais dois integrantes da comunidade na época viajaram para Brasília, onde um camponês japonês cultivava o produto, ficando por duas semanas aprendendo todo o processo de cultivo do *shiitake*. Ainda em 1987 Tsuji iniciou a produção na comunidade junto com dois integrantes, que com o passar do tempo desistiram do cultivo. Tsuji insistiu e desde esse ano até hoje continua com este tipo de cultivo na comunidade.

A produção do Cogumelo shiitake consiste basicamente na proliferação de fungos. A base onde é feita a produção são troncos de pés de manga, que por sua vez são retirados de uma área localizada na Segunda Aliança (cerca de 15 km da comunidade). A área conta com muitos pés de manga, sendo derrubados de dois a

quatro pés por semana¹¹⁸ utilizando-se serras elétricas. Posteriormente os troncos são medidos com uma vara de um metro e marcados com giz, para o corte no tamanho ideal que servirão para receber os fungos. Esta parte inicial da produção é feita de uma a duas vezes por semana.

Uma pequena parte dos troncos são serradas em rodela finas, de aproximadamente dois centímetros, que depois serão cortadas em forma de palitos de espessura de um centímetro. Em seguida, com o uso de um martelo e um molde de aço, os palitos são cortados em pequenos cilindros que receberão os fungos.

Os fungos são comprados todos os anos como matrizes, e proliferados pelo responsável pela atividade, através da injeção dos mesmos nos cilindros de madeira que são colocados em vidros lacrados mantendo temperatura e umidade ambiente. Os troncos, com cerca de um metro de comprimento cada, são perfurados com uma furadeira mantendo certa distância de um para o outro. Nesses furos são inseridos os fungos que estão nos cilindros de madeira com o uso de um martelo, os quais serão em seguida selados com parafina (figura 33).

Após esta etapa, os troncos já com os fungos são levados para uma área da comunidade um pouco distante da sede, onde são colocados em galpões desativados, que antigamente serviam para avicultura poedeira, onde permanecem descansando por seis meses. Passado este tempo são levados para a área de cultivo perto da sede e empilhados e cobertos por plásticos, permanecendo assim por cerca de trinta dias. Após este período, os troncos são mergulhados em água ficando ali por 8 horas com temperaturas abaixo dos 18° graus centígrados, sendo colocado gelo para chegar a esta temperatura. Após esse processo os troncos são colocados em pé em estufas (figura 34) e, em cinco dias os cogumelos já estão prontos para serem colhidos.

Após a colheita os troncos ficam em descanso em outra estufa por cinco dias, quando são colocados novamente em água com temperatura controlada, porém nesta etapa recebem um choque, que tem a intenção de reanimar o fungo para que ele possa se proliferar mais rapidamente, produzindo assim o cogumelo. Em seguida os troncos vão para as estufas e novamente após cinco dias estão prontos para

¹¹⁸ Este número depende da umidade do tronco, se estão secos por fora, são colhidos mais, se estão muito úmidos, são colhidos menos, pois fica mais difícil a sustentação da parafina que é colocada para selar os furos onde foram plantados os fungos.

nova colheita. Todo este processo após a primeira colheita é repetido cerca de seis vezes, realizando-se então sete colheitas em cada tronco, de cinco em cinco dias.



Figura 33 - Furos sendo selados com parafina após implantação dos fungos.
Fonte: Eduardo Mendes, 2010.



Figura 34 – Troncos com os fungos em uma das estufas.
Fonte: Eduardo Mendes, 2010.

Após a sétima colheita os troncos são descartados e usados para fazer adubo usado nas plantações em geral da comunidade. No caso dos cogumelos *in natura* estes são selecionados e embalados (figura 35), já os secos, ficam por 24 horas em uma espécie de estufa feita de madeira, ferro e resistência de chuveiro, adaptada pelo produtor, logo depois os cogumelos são empacotados (figura 36).

A produção semanal gira em torno de cinquenta quilos do produto que são comercializados por peso, sendo de diversos tipos e possuindo variados compradores. Para um restaurante de comida japonesa na cidade de Campo Grande – MS, o produto é comercializado fresco, sendo enviado por Tsuji em sacos plásticos lacrados através de transportadoras. Uma quitanda no município de Mirandópolis também compra o produto que é vendido fresco, embalado em bandejas de 200 gramas. Para este comprador o produto também é vendido seco (desidratado), em saquinhos embalados com 50g. Neste caso os jovens da comunidade responsáveis pela comercialização dos outros produtos da comunidade é quem fazem a venda. Dois feirantes da região também vão até a comunidade comprar o produto para revender, neste caso os produtos são vendidos frescos (embalagem de 200g) e secos (embalagem de 50g).



Figura 35 – Cogumelos frescos sendo embalados.
Fonte: Eduardo Mendes, 2010.



Figura 36 – Cogumelos secos embalados.
Fonte: Eduardo Mendes, 2010.

Os refugos também são comercializados em vidros de 100g em conserva com vinagre ou shoyu dentro da comunidade. Neste caso uma integrante que faz parte do grupo das cozinheiras é que prepara a conserva e embala o produto, ficando responsável também por sua comercialização.

Geléia

A idéia inicial de fabricar geléias para a comercialização partiu de uma das integrantes da equipe da cozinha e ocorreu há cerca de seis anos atrás, conforme pode ser observado no relato abaixo:

Eu tava (sic) com vontade de comprar coisa... assim, que usa na cozinha [utensílios] ai não tinha dinheiro né, ai como sobrava geléia que a gente fazia pra comer aqui na comunidade, eu decidi vender um pouco, ai ficou grande [as vendas] né.¹¹⁹

As variedades de geléias produzidas na comunidade são: goiaba, manga, abacaxi, laranja, hana umê e grape fruit. Todas elas seguem praticamente a mesma forma de produção. Em um primeiro momento as frutas são lavadas e descascadas. Bate-se no liquidificador com água e côa. Coloca-se em uma panela grande com açúcar e suco de limão. Dependendo da quantidade fica de uma a duas horas no fogo, sendo mexida constantemente até dar o ponto (figura 37). Usa-se uma blusa

¹¹⁹ Depoimento de integrante da comunidade em outubro de 2010.

improvisada para proteger o corpo e os braços contra a queimadura provinda do líquido que, à medida que se aproxima do ponto, vai ficando mais grosso e, ao entrar em ebulição, acaba espirrando algumas gotas do doce quente.



Figura 37 – Produção de geléia.
Fonte: Eduardo Mendes, 2010.

Terminada esta etapa, a panela é retirada do fogo e a geléia, já pronta, é colocada em potes de vidros que são em seguida fechados. Posteriormente é colada uma etiqueta identificando o produto com a logomarca da comunidade: *“Produto Caseiro: Comunidade Yuba”*.

As geléias são comercializadas na própria comunidade, em alguns eventos, festas da região e no Festival do Japão que acontece todo ano no mês de julho em São Paulo. A venda costuma ser grande. Só no Festival do Japão são comercializadas cerca de mil unidades a cada ano.

Outra época em que o produto tem um aumento das vendas é nos finais de ano, onde pessoas que estão visitando parentes, na grande maioria no próprio bairro das Alianças e redondezas, vão até a comunidade e compram as geléias para consumo próprio e/ou para presentear outras pessoas.

Comercialização da Produção Comunitária

A comercialização da produção comunitária até pouco tempo atrás era feita somente com o CEAGESP no município de São Paulo. No ano de 2004 os responsáveis pela comercialização do produto na época, viram que um vizinho comercializava seus produtos direto para mercados da região e decidiram começar a fazer os contatos com mercados para tentar comercializar seus produtos a um preço maior, buscando uma melhor renda para seus produtos. Este tipo de prática é comum entre os camponeses, onde estes buscam uma maior eficiência financeira para seu dispêndio de trabalho, que pode ocorrer pela troca de cultivo por produtos que dêem maior retorno financeiro, mas sempre tentando manter ou melhorar o nível de bem-estar entre seus integrantes. Como afirma Chayanov (1981):

a exploração familiar tem que utilizar a situação de mercado e as condições naturais, de maneira tal que lhe permitam proporcionar um equilíbrio interno para a família, juntamente com o mais elevado nível de bem-estar possível. Isto se consegue introduzindo na estrutura orgânica da granja uma aplicação de trabalho que prometa o mais elevado rendimento possível por unidade de trabalho [...]. Geralmente os objetivos que proporcionam o mais elevado rendimento do trabalho por unidade de trabalho aplicada, e os que garantem o máximo lucro líquido possível a uma unidade capitalista, são aproximadamente os mesmos. Mas alguns estudos empíricos demonstram que, em inúmeros casos, as peculiaridades estruturais da exploração familiar camponesa abandonam a conduta ditada pela fórmula costumeira do cálculo capitalista do lucro (CHAYANOV, 1981, p. 139-140).

Esta vinculação da comunidade com o mercado não tira a condição de camponês de seus integrantes, já que a busca de uma maior renda para seus produtos faz parte da manutenção das necessidades e melhoria do bem estar da família.

A real mudança na estratégia se deu em uma das assembleias, no ano de 2004, convocada pelo Presidente da comunidade com a participação de todos os integrantes, ocasião em que levantou-se a hipótese de mudar o sistema de comercialização das mercadorias produzidas na comunidade, que antes eram comercializadas somente para o CEAGESP. Com a comercialização para atravessadores, a renda que provinha de seus produtos era muito baixa, levando a

comunidade a dificuldades financeiras, tendo que recorrer a empréstimos para suprir a falta de dinheiro, o que quase levou-a a nova falência no ano de 2003, de acordo com os depoimentos dos integrantes da comunidade.

Os integrantes da comunidade responsáveis pela comercialização, vendo que na região já existiam vendedores certos para os mercados, procuraram outra região para o escoamento de seus produtos, conseguindo aos poucos encontrar compradores nos municípios de Dracena, Tupi Paulista e Junqueirópolis, distantes respectivamente 95, 110 e 125 quilômetros da comunidade.

Na assembléia voltada para este assunto houve discussões com todos os integrantes da comunidade, que decidiram por fim, modificar o sistema de comercialização de seus produtos. A comunidade então passou a comercializar a maior parte possível de seus produtos diretamente para os mercados, mercearias e quitandas, já que desta forma, excluíram os atravessadores, e conseguiriam um preço melhor para seus produtos.

Com isso, as receitas da comunidade melhoraram. Portanto, a comercialização para outras regiões acaba compensando pelo valor pago aos produtos como nos relatou um dos jovens que trabalha na comercialização dos produtos:

“as coisas que produz aqui na região é mais difícil de vender, aqui na região, pois todo mundo tem pra vender, então em outras regiões as vendas são mais fáceis pois as vezes ninguém produz aquele determinado produto, e por isso também pagam um preço melhor. Acaba compensando andar um pouco mais, pra vender por um preço melhor”¹²⁰

O resultado foi satisfatório na opinião dos integrantes da comunidade, pois com isso a entrada de dinheiro melhorou bastante, propiciando uma melhoria no bem estar de vida a todos seus integrantes.

As entregas ocorrem às terças e quintas-feiras, quando dois jovens acordam por volta das 3:00h, carregam o caminhão com a ajuda de mais dois integrantes da comunidade. A quantidade de locais de entrega e tipos de estabelecimentos podem ser observados na tabela a seguir:

¹²⁰ Depoimento de integrante da comunidade em outubro de 2010.

Tabela 12 – Locais de comercialização da produção comunitária					
Estabelecimentos/ Cidades	Mercado	Quitanda	Atacado	Restaurante	Total/ Município
Dracena	7	2	1	1	11
Junqueirópolis	2	2	-	-	4
Tupi Paulista	3	1	-	-	4
Total/ Estabelecimentos	12	5	1	1	19

Fonte: Integrantes da Comunidade Yuba.

Organização: Eduardo Mendes, 2011.

Os produtos comercializados variam conforme a época do ano, sendo que alguns são produzidos somente nas safras. Os produtos comercializados são os seguintes:

Todo o ano: goiaba, abóbora, quiabo, pimenta, cogumelo; abacaxi; milho verde e limão.

Épocas definidas: manga e maracujá.

A comunidade também trabalha com a revenda dos seguintes produtos como o abacaxi, o milho verde e o limão, comprados respectivamente das seguintes regiões: Guaraçaí, bairro das Alianças e Murutinga do Sul.

Devido à diminuição de jovens e, conseqüentemente, o aumento do número de pessoas mais velhas vivendo na comunidade, gerou-se uma modificação nas estratégias de produção e de trabalho de alguns produtos, como é o caso do abacaxi, limão e milho verde onde estes são comprados de outros produtores e revendidos nos mercados. Todavia, esta prática está longe de ser a principal atividade da comunidade. Ela apenas representa uma das diversas opções de renda que a comunidade pratica.

Conforme os relatos dos responsáveis pela comercialização, todos os produtos vendidos são comercializados com todos os tipos de estabelecimentos. Os dois integrantes da comunidade recebem o dinheiro provindo da comercialização com os estabelecimentos e quando chegam a comunidade, passam o dinheiro recebido para o tesoureiro.

Alguns dos gêneros produzidos para venda são comercializados também na própria comunidade, o que ocorre geralmente nos fins de semana, para feirantes e vendedores de beira de estrada. Nestes casos, quem fica responsável por esse tipo de comercialização na comunidade é uma integrante que trabalha na seleção da goiaba.

Geléias e doces também são comercializados em alguns eventos e festas da região, como os “Bon Odori’s”¹²¹, bem como no Festival do Japão que acontece todo ano no mês de julho, em São Paulo. Nestes casos somente alguns integrantes – que variam de dois a quinze, dependendo do tamanho da festa – vão para estes locais comercializarem os produtos.

As comercialização de geleias e doces também ocorrem dentro da comunidade, quando há visitas de excursões, de japoneses ou de estudantes. Neste caso é colocado uma mesa com os produtos na entrada do barracão da cozinha e os produtos são vendidos para quem se interessar.

Esporadicamente, em eventos e festejos dentro da comunidade, também ocorrem a comercialização (figura 38) de geleias, doces, pastéis, udom, yakissoba, refrigerantes e cervejas.



Figura 38 – comercialização de produtos caseiros em festejo na comunidade.

Fonte: Eduardo Mendes, 2010.

Esse tipo de comercialização ocorre somente nos eventos em que há mão-de-obra de integrantes da comunidade disponíveis, já que, em alguns eventos, como na festa de natal por exemplo, muitos integrantes estão ocupados com os preparativos e apresentações das atividades culturais da comunidade, não sobrando assim mão-de-obra suficiente para fazer a confecção e comercialização destes produtos naquele momento. Neste aspecto está comprovado que a lógica da

¹²¹ Festa tradicional japonesa.

comunidade não é o lucro, pois na festa mais movimentada na comunidade, onde recebem o maior numero de pessoas, não são vendidos seus produtos, pois nesta ocasião o objetivo principal é a pratica das artes, como já é de costume da comunidade há vários anos.

4.2.2 Arte (atividades culturais)

Fazendo parte do tripé pensado pelo criador da comunidade Issamu Yuba, as atividades culturais têm um significado de extrema importância para os integrantes da comunidade. Todos os integrantes com os quais conversamos fizeram questão de frisar a importância e o prazer proporcionado pela prática das artes, que por sua vez não é vista pelos integrantes da comunidade como uma diversão ou obrigação, mas sim como uma prática comum do dia-a-dia.

*Essas três coisas (o tripé: trabalho, arte, religião) isso daí é parte da vida sabe? fazer isso o dia-a-dia não apenas como diversão né. Eu por exemplo toco sax e faço teatro, não é assim por diversão, a gente faz por que gosta, não é por obrigação, mas é uma coisa normal pra gente sabe?*¹²²

Pudemos verificar também que a prática de alguma atividade cultural faz com que cada integrante se sinta como parte integrante da Comunidade Yuba, tendo um sentido de identidade do grupo. A maioria faz questão de frisar que “se não existisse a cultura não iria ser a comunidade Yuba”¹²³. Para além desse aspecto de identidade e de satisfação individual e coletiva, as atividades culturais ainda geram renda para a comunidade, através dos cachês recebidos pelas as apresentações do Ballet Yuba que realizam durante o ano.

As atividades culturais são feitas geralmente em horários estipulados à noite, após o dia de trabalho. No tempo livre entre uma atividade e outra ou quando estão de folga também é possível ver pessoas praticando algum tipo de atividade cultural na comunidade. As práticas culturais pelos integrantes da comunidade tem um campo bem diversificado como: museu, memorial, esculturas em granito e madeira, cerâmicas, produção de livros, biblioteca, poesias (Hay Kay), pinturas, aulas de japonês, instrumentos musicais, coral, balé, teatro, festejos de natal e ano novo, e

¹²² Depoimento de integrante da comunidade em Novembro de 2010.

¹²³ Depoimento de integrante da comunidade em Junho de 2010.

outros. Além destas atividades, seus integrantes ainda tem como atividades de lazer, a pratica de esportes e TV's, vídeos e jornais, como veremos mais detalhadamente a seguir.

Museu “Osamu Sato”

O Museu “*Osamu Sato*” (figura 39) contém peças indígenas tais como: cerâmicas, apetrechos, adornos, objetos pessoais dos índios e álbum de fotos.



Figura 39 – Museu “Osamu Sato”
Fonte: Eduardo Mendes, 2010.

O colono que deu nome ao museu era integrante da comunidade e costumava recolher, pesquisar, identificar e classificar todos esses itens que encontrava enquanto estava em vida. O pequeno museu fica dentro da comunidade e é aberto para grupos e pessoas que se interessarem pela visita.

Memorial “Kitahara Wako”

Dentro da comunidade foi construído (no período de junho de 1998 a março de 1999) o Memorial “*Kitahara Wako*” (figura 40) que é um protótipo da primeira casa residencial construída nas Alianças, em 1928. Foi construído comunitariamente e voluntariamente por muitas famílias e pessoas do bairro das Alianças e do Japão. No momento está sendo usado para arquivar documentos históricos importantes da região e da comunidade como: fotos, livros e vídeos sobre a colonização japonesa.



Figura 40 – Memorial “*Kitahara Wako*”
Fonte: Eduardo Mendes, 2010.

O memorial é aberto para o conhecimento das pessoas que visitam a comunidade. O local serve também como escritório de Masakatsu Yazaki, responsável pela organização e arquivamento dos documentos. Ele ainda é responsável por cuidar de um site de correspondências do bairro das Alianças¹²⁴, e do site da Comunidade Yuba¹²⁵, onde são publicados vários artigos sobre o histórico do bairro e da comunidade como, também acontecimentos atuais.

Esculturas

Em Granito

¹²⁴ No endereço eletrônico: <<http://www.gendaiza.org/aliansa/lib/index.html>> (na língua japonesa)

¹²⁵ No endereço eletrônico: <http://brasil-ya.com/yuba/news_frameset.html> (na língua japonesa)

As esculturas em granito foram feitas por Hisao Ohara – falecido em 1989 – o qual chegou na comunidade em 1961, acompanhado de sua esposa, a professora de balé Akiko Ohara. Suas obras foram expostas em vários lugares, inclusive na Bienal em São Paulo, e ganharam vários prêmios. Na comunidade existe um jardim ao ar livre (figura 41) onde estão expostas suas artes. A obra que denominou “Rising” (em destaque), a maior por ele elaborada, em granito preto, acabou sendo sua obra póstuma.



Figura 41 – Esculturas em granito feitas por Ohara. Em destaque a obra póstuma “Rising”
Fonte: Eduardo Mendes, 2010.

Em madeira

Outra artista que já fez exposições de suas obras em São Paulo é Katsue Yuba, filha de Issamu Yuba. Ela realiza suas obras usando sobretudo rochas, madeiras e metais (figura 42). Seus quadros (figura 43) e esculturas se destacam pela originalidade. Através de suas mãos este tipo de arte, o de criar esculturas, continua vivo na comunidade. Além das esculturas e das pinturas em quadros¹²⁶, Renata Yuba se destaca como cantora lírica, cantando em alguns momentos nas apresentações do balé e do teatro Yuba. É também escritora e já tem dois livros publicados¹²⁷.

¹²⁶ Sobre este assunto trataremos mais à frente.

¹²⁷ Sobre a autoria de livros trataremos mais à frente.



Figura 42 – Esculturas de “Rochas em madeira” feita por Katsue Yuba.
Fonte: Eduardo Mendes, 2010.

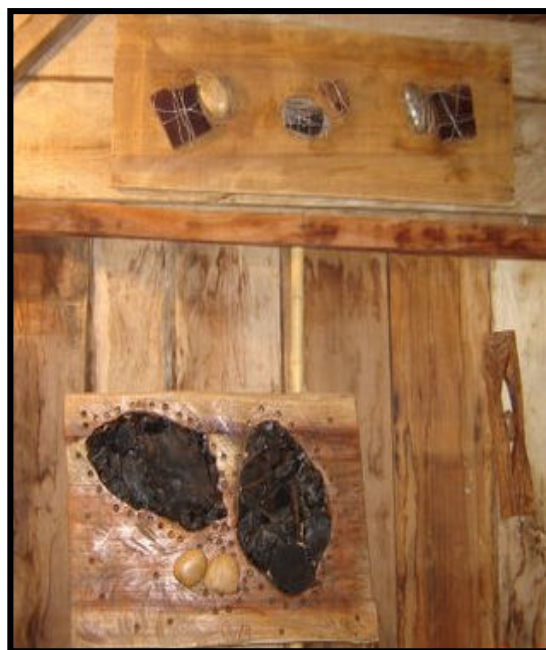


Figura 43 – Quadros de “Rochas em madeira” feita por Katsue Yuba.
Fonte: Eduardo Mendes, 2010.

Cerâmicas

As *Cerâmicas* são feitas por Mitsue Yuba, que começou a atividade com 18 anos, quando um turista que visitou a comunidade há cerca de 30 anos atrás, falou para a integrante que a argila que existia ali poderia ser usada para fazer as cerâmicas. A partir de então, Mitsue começou a praticar a arte, porém sem êxito pois não dominava as técnicas de manusear as cerâmicas. Com a indicação da professora de balé da comunidade, a integrante viajou para o município de Cotia, no estado de São Paulo, onde reside a professora ceramista e artista plástica Shoko Suzuki¹²⁸. Ali permaneceu um período aprendendo as técnicas de produção da cerâmica.

Desde então a artista cuida de todas as etapas da produção das cerâmicas tais como: a retira da argila na margem de um córrego que passa por dentro da área da comunidade (figura 44) deixando-as secar por duas semanas, recolhe as lenhas

¹²⁸ Nascida em Tóquio em 1929, fez sua primeira exposição aos 26 anos. Shoko Suzuki chegou ao Brasil em 1962, onde reside até hoje. Trabalha a cerâmica como técnica e arte, sendo considerada uma das artistas que mais contribuíram para elevar o conceito da cerâmica como arte maior no Brasil. (AKINAWA, 2010).

para o forno (figura 45). Após a secagem o barro é triturado mecanicamente, sendo posteriormente misturado à água juntamente com mais dois tipos de barro que são comprados em pó, até “dar o ponto”.

Além desses produtos, são adicionados, conforme a cor que queira dar ao barro, as seguintes soluções em pó: feldspato de sódio, cinzas de madeira, ferro, cobalto ou cinzas da palha de arroz, deixando a mistura descansar por seis meses. Após este período as peças são modeladas e colocadas ao forno onde são cozidas a 800°C, controlando a temperatura para que as peças saiam uniformes. Enfim, realiza o acabamento final, decorando as peças e novamente colocando-as ao forno de 1200°C de temperatura. Após o resfriamento as peças estão prontas para serem usadas ou comercializadas.



Figura 44 – Córrego de onde é retirada a argila.

Fonte: Eduardo Mendes, 2010.



Figura 45 – fornos de cozimento das cerâmicas.

Fonte: Eduardo Mendes, 2010.

São peças rústicas, mas muito bem trabalhadas, como: *tchaoans*¹²⁹, copos, xícaras, pratos, travessas, vasos e cofrinhos para guardar moedas (figura 46). Parte das peças é destinada ao uso da comunidade, e parte é comercializada, sendo encomendadas antecipadamente ou compradas por visitantes da comunidade. As crianças que se interessam também aprendem a fazer molduras e trabalhar com a argila sob os cuidados da artista.

¹²⁹ Recipiente típico para consumo de missô e udom.



Figura 46 – Algumas das peças cerâmicas produzidas na comunidade.
Fonte: Eduardo Mendes, 2010.

Biblioteca

As leituras são feitas nos momentos de folga pelos seus integrantes. A biblioteca da comunidade possui mais de 10.000 exemplares, a maioria na língua japonesa, adquiridos pelos seus integrantes ou doados à comunidade por pessoas e instituições. Tratam-se de livros de diversos assuntos, como: ciências, artes, filosofia, história, geografia, literatura, religião, infantis, mangás, etc. Todos os integrantes da comunidade têm acesso livre aos livros ali expostos.

A pequena biblioteca foi planejada para o uso dos integrantes da comunidade, porém nada impede que seus livros sejam emprestados para pessoas de fora da comunidade, fato que ocorre ocasionalmente, sendo a Secretária da comunidade responsável pelos empréstimos.

A biblioteca passou por uma reforma de sua estrutura, com a restauração do telhado e piso, conforme pode ser observado na foto abaixo (figura 47).



Figura 47 - Biblioteca da comunidade.
Fonte: Eduardo Mendes, 2010.

Livros

Dois integrantes da comunidade destacam-se pela produção de livros: Katsue Yuba que já publicou dois livros, “Katsue e seus contos” em 1993 (figura 48) e “A frondosa árvore de Hama”, de 2006 (figura 49), este último consiste em poesias feitas pela autora baseada na história de vida de sua mãe.



Figura 48 – “Katsue e seus contos”
de Katsue Yuba.
Fonte: Eduardo Mendes, 2010.



Figura 49 – “A frondosa árvore de Hama”
de Katsue Yuba.
Fonte: Eduardo Mendes, 2010.

Masakatsu Yazaki está escrevendo um livro há quatro anos sobre o histórico da imigração japonesa para o Brasil e Alianças, que pretende lançar entre 2011 e 2012.

Hay Kay

Segundo Franchetti (2004) o Hay Kay é um poema,

composto de 17 durações, centrado numa percepção da transição das estações. As dezessete durações são divididas usualmente em duas frases, que provocam uma contraposição entre o que é passageiro e o que é duradouro, o que é humano e o que é cósmico, o que é pequeno e o que é grande e assim por diante.

Este tipo de poesia é ensinado para cerca de 10 integrantes da comunidade que se interessam pela atividade, que acontece uma vez por mês, aos domingos à tarde, pelo professor Eizo Onizuo, residente no bairro das Alianças. As poesias feitas pelos integrantes da comunidade são enviadas ao Japão, onde são selecionadas e publicadas em um livreto que tem circulação mensal naquele país. O livreto que contém as publicações também são enviados para a comunidade.

Pinturas e Desenhos

As pinturas de quadros e desenhos (figura 50) são feitas geralmente pelos jovens em idade escolar e pelas crianças a partir dos dois anos de idade, porém ocasionalmente participam alguns adultos. As aulas acontecem na biblioteca uma vez por semana, às sextas-feiras à tarde, e são ministradas por Nozomi Yuba e Yumiko Kumamoto.

Os temas trabalhados são bem diversificados, representando histórias, pessoas, objetos, paisagens, temas comemorativos de determinados períodos e da atualidade. Ao final das aulas, as pinturas são expostas em um mural no espaço da cozinha comunitária (figura 51), para que todos vejam.



Figura 50 - Desenho feito por jovem integrante da comunidade.
Fonte: Eduardo Mendes, 2010.

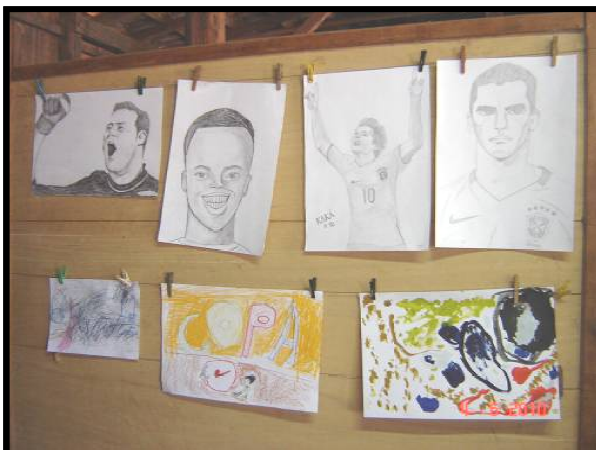


Figura 51 - Desenhos do tema "Copa do mundo" feito por crianças e jovens da comunidade.
Fonte: Eduardo Mendes, 2010.

Outra forma em que se manifesta a pintura na comunidade é através das mãos de Katsue Yuba, que esporadicamente realiza pinturas com uma técnica de misturar areia com tinta aquarela pintando sobre papel de arroz em que aborda assuntos variados como paisagens, plantas e pessoas (figuras 52 e 53). Alguns destes quadros estão expostos no seu ateliê, em sua casa e no refeitório comunitário da comunidade.



Figura 52 - Pintura de Katsue
Fonte: Eduardo Mendes, 2010.

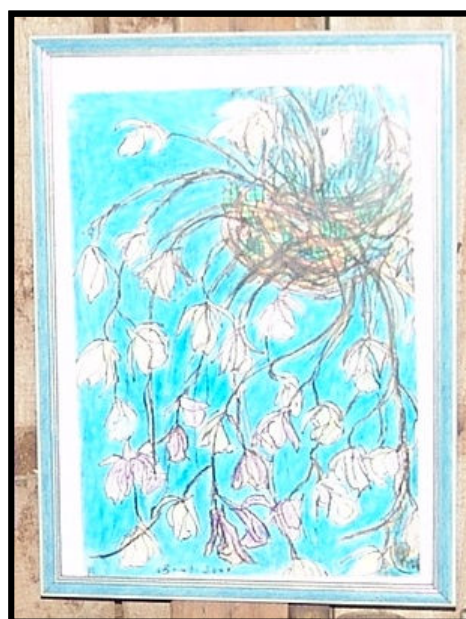


Figura 53 - Pintura de Katsue
Fonte: Eduardo Mendes, 2010.

Aula de japonês

As aulas de japonês são ministradas por Masakatsu Yazaki e Akiko Ohara para crianças de três a sete anos de idade e jovens em idade escolar, no espaço onde está a biblioteca da comunidade, quatro vezes por semana (de segunda à quinta). Ao completarem sete anos as crianças são encaminhadas para freqüentar a escola estadual do bairro das Alianças, ocasião em que vão ter um contato mais aprofundado com a língua portuguesa, já que este contato até os sete anos de idade acontece pela televisão, pelos visitantes e esporadicamente pelos pais e integrantes da comunidade, já que a língua oficial dentro da comunidade é a japonesa.

Instrumentos Musicais

Os instrumentos musicais (figura 54 e 55) como **piano, violinos, violoncelos, clarinete, flautas, acordeom e violão** são tocados em apresentações do tipo “solo”, do teatro, do balé e durante todo o tempo de folga dos integrantes, sendo que cada um toca aquele com o qual mais se identifica.



Figura 54 – Apresentação de “cordas Yuba”
Fonte: COMUNIDADE YUBA, 2010.



Figura 55 – Apresentação “festa junina”
Fonte: Eduardo Mendes, 2007.

As aulas, dependendo do instrumento musical, são ministradas por integrantes da comunidade¹³⁰ (figura 56) ou por professores contratados para este

¹³⁰ Masakatu Yazaki é o professor mais completo da comunidade ministrando aulas de violino e violoncelo para os integrantes que se interessam por estes tipos de instrumentos.

fim. No primeiro caso elas acontecem geralmente de uma a duas vezes por semana, enquanto que no segundo, de uma a duas vezes por mês. No restante dos dias, aqueles que se interessam ensaiam e treinam esporadicamente nos momentos em que convém a cada um.

As crianças começam a ter os primeiros contatos com instrumentos musicais sem rigidez ou horários pré-estabelecidos, sendo ensinadas pelos mais experientes. Nas refeições ou andando pela sede da comunidade nos horários de folga dos integrantes quase sempre é possível ouvir alguma música no ar, seja adultos se aperfeiçoando ou crianças treinando (figura 57).



Figura 56 – Aula de violino com Masakatsu Yazaki.

Fonte: Fonte: Eduardo Mendes, 2010.



Figura 57 – Uso dos instrumentos musicais no dia-a-dia.

Fonte: Eduardo Mendes, 2010.

Coral

As aulas de coral são ministradas às terças e quintas-feiras à noite por uma integrante da comunidade. Fuziko Yuba, que tem experiência na área e ensina e pratica com os membros da comunidade. Destas aulas participam crianças, jovens e adultos, que se apresentam em diversos locais em datas festivas (figura 58) e em velórios realizados dentro da comunidade. O repertório é bem diversificado, abrangendo desde músicas clássicas, religiosas, músicas japonesas e popular brasileira.



Figura 58 – Apresentação do coral.

Fonte: <http://www.brasil-ya.com/yuba/news_frameset.html>

Balé

O balé (figura 59 e 60) é a principal atividade cultural realizada pela comunidade e aquela que projeta o nome da comunidade nacional e internacionalmente, da qual participam a maior parte de seus integrantes. Nesta atividade encontramos todas as gerações dividindo o mesmo palco.



Figura 59 – Apresentação do Balé Yuba.
Fonte: Eduardo Mendes, 2010.



Figura 60 – Apresentação do Balé Yuba.
Fonte: Eduardo Mendes, 2010.

Desde 1961, com a chegada de Akiko Ohara¹³¹ na Comunidade, o balé foi inserido nas atividades culturais e aos poucos foi tomando forma cada vez mais profissional, com horários e dias pré-estabelecidos para os treinamentos, com algumas apresentações feitas fora da comunidade.

¹³¹ Bailarina formada em dança contemporânea em Tóquio.

Em 1965 o então Secretário do Trabalho do Estado de São Paulo visitou a comunidade e assistiu a uma destas apresentações. Por sua solicitação, o ballet excursionou pelas principais cidades do interior do estado, totalizando dez apresentações. Nesta ocasião formou-se o Corpo de Ballet Yuba, que passou a apresentar-se também por todo o território nacional, nos intervalos dos trabalhos da comunidade. Em algumas ocasiões especiais o Ballet apresentou-se também no exterior (MARCOS, 1996, p. 90-91).

Até o ano de 2010 foram realizadas mais de 860 apresentações. O balé tem recebido vários prêmios e chamado a atenção pela técnica, diversificação e originalidade. Os temas trabalhados são bastante diversificados, como o histórico da imigração, músicas japonesas, músicas clássicas (figura 61), música popular e de folclores brasileiros. Em alguns quadros há uma mistura de dança com teatro (figura 62) onde os mais velhos também participam, enquanto em outros há uma mistura de canto lírico com a dança. As apresentações do balé já tiveram cenários desenhados por artistas renomados como Manabu Mabe¹³² e Yoshiya Takaoka¹³³.



Figura 61 – Apresentação do Balé Yuba.
Fonte: Eduardo Mendes, 2010.



Figura 62 – Apresentação do Balé Yuba.
Fonte: Eduardo Mendes, 2010.

Atualmente¹³⁴ os ensaios acontecem às segundas, quartas e sextas-feiras à noite para os adultos. Às terças e quintas à tarde é a vez das crianças da comunidade, juntamente com outras crianças do bairro das Alianças, que fazem as aulas de balé sem precisar pagar nenhuma taxa¹³⁵.

¹³² Pintor, desenhista, gravador e ilustrador que viveu de 1924 a 1997. Mais detalhes em: <<http://www.mabe.com.br>>.

¹³³ Pintor, desenhista, caricaturista e cenógrafo que viveu de 1909 a 1978. Mais detalhes em: <<http://www.itaucultural.org.br>>.

¹³⁴ Novembro de 2010.

¹³⁵ Em alguns números da apresentação do balé, as crianças do bairro das Alianças participam juntamente com as crianças da comunidade.

Quando os integrantes da comunidade viajam para se apresentarem fora, as saídas acontecem nos fins de semana para não prejudicar o andamento dos serviços e compromissos da comunidade. As principais apresentações e prêmios do Balé Yuba (quadro 2) desde o início das suas atividades até 2010 são:

Quadro 2 - Principais apresentações do Balé Yuba		
Ano	Local	Ocasião/ convidado por
1965	Interior de SP (várias cidades)	Secretário do Interior do Estado, Dr. Juvenal Rodrigues de Moraes
1966	São Paulo- SP	Cine Niterói
1971	Brasília – DF	Primeira Dama, Sra. Garrastazu Medici
1974	Bairro das Alianças	Visita do Embaixador do Japão, Sr. Atsushi Uyama. Comemoração 50º aniversário da colonização da 1ª Aliança
1978	Japão	70 anos da Imigração Japonesa para o Brasil
1986	Paraguai	Cinqüentenário da Imigração Japonesa no Paraguai
1991	Japão (13 locais)	40 anos da Nippon Seinen Kyoguikai (Congresso de Moços do Japão) e, 70 anos da Nippon Seinen Kaikan
1994	Manaus – AM	Inauguração da sede da Associação dos Japoneses do Oeste Amazônico
1994	Alianças	70 anos de fundação da colonização da Aliança
1997	São Paulo	Visita do Casal Imperial Japonês
1997	Mirandópolis - SP	Museu Cultural de Mirandópolis com a presença do Ministro de Cultura, Francisco Weffort.
2004	Japão	Homenagem ao governador Yasuo Tanaka, da Província de Nagano - Japão.
2005	Araçatuba-SP	Comemoração do Centenário do Rotary Club.
2005	Paraguai	Comemoração aos 45 anos da Colônia Pirapó.
2005	São Paulo - SP	Comemoração 50 anos da Associação Cultural Nipo Brasil.
2006	Ribeirão Preto-SP	Comemoração 150 anos da cidade de Ribeirão Preto-SP
2007	Santos-SP	Comemoração ao dia da Imigração Japonesa no Brasil
2007	São Paulo - SP	Abertura da exposição fotográfica “Yuba - Onde a arte vive da terra” de Lucille Kanzawa.
2008	São Paulo - SP	Comemoração Centenário da Imigração Japonesa no Brasil
2009	São Paulo	7º Festival de Yosakoi Soran
2010	Comunidade Yuba	Inauguração do ponto de cultura “cultivar a arte” com a presença de autoridades regionais e Célio Turino da Secretaria de Cidadania Cultural do Ministério da Cultura.

Fonte: <http://brasil-ya.com/yuba/news_frameset.html> e Eduardo Mendes, 2011.
Organização: Eduardo Mendes, 2011.

Teatro

As apresentações do teatro acontecem anualmente na própria comunidade, sempre nos dias 25 e 30 de dezembro, como parte das comemorações do natal e ano novo pela comunidade. A escolha do tema, roteiro, ensaios (figura 63), preparação de cenários (figura 64) e figurinos começam geralmente no mês de outubro, e contam com a participação dos integrantes da comunidade de todas as idades.



Figura 63 – ensaio para o teatro de 2008. Fonte: COMUNIDADE YUBA, 2011. Figura 64 – preparação de cenário 2009. Fonte: COMUNIDADE YUBA, 2011.

Há muitos anos atrás os temas eram variados e voltados para o público infantil, como podemos ver nos trabalho de Marcos (1996) que informa que, em 1992 e 1994, o teatro Yuba apresentou as peças “Pinóquio” e “Peter Pan”, respectivamente. Porém, há cerca de dez anos, os temas apresentados estão voltados para a cultura japonesa, como podemos ver na descrição sobre os teatros apresentados em 2008 e 2009 com os títulos: “Era uma vez” e “Os cinco espíritos rebeldes” de autoria e direção dos integrantes da comunidade Masakatsu Yazaki e Yumiko Kumamoto, respectivamente.

O teatro de natal deste ano [2008] “Era uma vez”, é uma homenagem ao Centenário da Imigração Japonesa no Brasil. A peça é baseada em lendas das três províncias que formaram o nosso bairro Aliança, Nagano, Tottori e Toyama. No tempo em que nossos avós eram crianças, as montanhas eram habitadas por diversos seres como: *Bakeguitsune* (raposa que se transforma em pessoas para fazer traquinagens), *Yamamba* (bruxa das montanhas), ogros, demônios e

Kappa (monstro do rio). As histórias que se iniciam com “Era uma vez”, possuem em seu conteúdo as experiências da infância dos nossos antepassados, como o medo da montanha e das profundezas da floresta. Assim, quando ouvimos essas histórias, revivemos o que se passou há 100 anos atrás como se fosse hoje. Se essas histórias forem esquecidas, os seres da floresta deixarão de existir, assim como as experiências e lembranças dos nossos antepassados. Cada vez que “Era uma vez” é dito, o passado se torna presente, e as criaturas da floresta ressurgirão ao entardecer. Decidimos relembra estas histórias em homenagem ao Centenário da Imigração Japonesa no Brasil, porém elas deveriam ser lembradas sempre, e os pequenos ensinamentos contidos nelas devem ser repassados adiante. (COMUNIDADE YUBA, 2010).

O teatro deste ano [2009] chama-se “Os cinco espíritos rebeldes”. Este espetáculo foi inspirado nos fatos históricos da década de 60 do bairro Aliança, época em que os moradores dedicavam-se a produzir intensamente peças de teatro, em comemoração à fundação do bairro. O roteiro foi construído através de ricos depoimentos e diversas fotografias, daqueles que participaram ativamente das atividades culturais da época. Gostaríamos de esclarecer que também foram incluídos elementos de ficção para diversificar o espetáculo. Nas comemorações da fundação do bairro, intensificavam-se as atividades culturais. Até altas horas, cada grupo de moradores realizava diversas apresentações no palco construído ao ar livre e os convidados vinham prestigiar o evento trazendo seus lanches (obentô). Gostaríamos de compartilhar com todos uma parte desta lembrança extraordinária, construída pelos nossos antepassados que buscavam os seus sonhos com a alegria de praticar a arte. (COMUNIDADE YUBA, 2010).

No quadro a seguir (quadro 3) que mostra o ano, título, autor original e Adaptação/Direção das apresentações teatrais realizadas pela comunidade, podemos ver a presença de temas da cultura japonesa.

Quadro 3 – últimas apresentações do teatro Yuba			
Ano	Título	Autor original	Adaptação/Direção
2010	"Don to Harai"	Yumiko Kumamoto	Yumiko Kumamoto
2009	"Os cinco espíritos rebeldes"	Masakatsu Yazaki	Masakatsu Yazaki
2008	"Era uma vez"	Yumiko Kumamoto	Yumiko Kumamoto
2007	"O filho"	Kaoru Osanai	Masakatsu Yazaki
2006	"Feiticeira Vermelha"	Toshiko Takashi	Yumiko Kumamoto
2005	"Yuuzuru"	Junji Kinoshita	Masakatsu Yazaki
2004	"As aventuras do menino Dai"	Hido Hirose	Yumiko Kumamoto

Fonte: COMUNIDADE YUBA, 2011.

Organização: Eduardo Mendes, 2011.

As apresentações são feitas na língua japonesa, porém devido à grande presença de brasileiros que prestigiam o evento, no ano de 2010, foi colocado um projetor de imagens (data show) que acompanhava a apresentação com legendas em português.

Fazendo parte do repertório do teatro, sempre há a inserção de músicas e danças, que variam de passos ritmados por grupos até danças clássicas. A cada ano que passa as apresentações do teatro se tornam mais elaboradas e trabalhadas, contando até com efeitos especiais de “luz negra”, sombras e chuva de papel picado, como podemos ver em fotografias das apresentações das peças de 2008 (figura 65), 2009 (figura 66) e 2010 (figura 67 e 68):



Figura 65 – Apresentação da peça
“Era uma vez” natal de 2008.
Fonte: COMUNIDADE YUBA, 2011.



Figura 66 – Apresentação da peça
“Os cinco espíritos rebeldes” em 2009.
Fonte: COMUNIDADE YUBA, 2011.



Figura 67 – Apresentação da peça
“Don to Harai” em 2010.
Fonte: Eduardo Mendes, 2010.



Figura 68 – Apresentação da peça
“Don to Harai” em 2010.
Fonte: Eduardo Mendes, 2010.

Festejos de Natal e Ano Novo

Os festejos de natal e ano novo acontecem no barracão do teatro da comunidade, como já dito, nos dias 25 e 30 de dezembro, com apresentação de músicas, danças e o teatro da comunidade. Os integrantes também aproveitam o momento para apresentar outras atividades culturais, como as pinturas, por exemplo, que ficam expostas nas paredes do teatro para observação do público que visita a festa. Geralmente também são convidados grupos musicais e músicos externos à comunidade para participarem do espetáculo. As apresentações possuem estilos variados, com músicas brasileiras, japonesas, estrangeiras, natalinas, religiosas e clássicas, como podemos ver no exemplo do roteiro de festejos do natal e ano novo do ano de 2009:

PROGRAMA DE NATAL YUBA [2009] (dia 25)

1ª Parte 音楽 "Música"

1. ピアノ Piano (Orientação e Piano: Assaka Yuba)

独奏 Solo

- 1) コモの湖 "Le Lac de Côme" -- Lissa Yuba
- 2) ニューシネマパラダイス "Novo Cinema Paradiso"-- Sumaka Tsuji

連弾 Em 4 mãos

- 3) オー・スザンナ "Oh! Suzana" -- Akane Yuba e Leo Kobayashi

2. 器楽演奏 Conjunto musical

- 1) アルビノーニのアダージョ "Adagio de Albinoni" (Tomas Albinoni) Clarinet:Yoshiki Tsuji / Piano:Assaka Yuba
- 2) スターダスト "Star Dust" (Hoagy Carmichael) Trumpet:Tadahiro Kumamoto / Piano:Yumiko Kumamoto
- 3) フルート合奏 Flautas (Orientação : Rafael Hirochi Fuchigami)
 - ・ 変ロ長調のマーチ "March in Bb" (Georg Friedrich Händel)
 - ・ たわむれ "Allegro Scherzando" (Carl Philipp Emanuel Bach)
 - ・ ルイザ "Luíza" (Antonio C. Jobim / arr. Diana Duarte)

Flauta: Missao Mochizuki, Nozomi Yuba, Yo Takahashi e Rafael Hirochi Fuchigami

3. 弦楽演奏 Conjunto musical de Cordas (somente dia 25)(Orientação:MasakatsuYazaki/Cooperação:Camerata Riopretense)

- 1) ロング・ロング・アゴー / かすみか雲か
"Long Long Ago" / "May Song"
- 2) ホーン・パイプ "Horn Pipe" (Georg Friedrich Händel)
- 3) 雪やこんこん "Inverno" (é de Quatro estações no Japão de Masaaki Hayakawa)

Violin: Mie, Yoshika, Sumaka, Lissa, Laita e Naoko. / Viola: Akane, Hiyo.

Violoncello: Assaka, Nozomi, Tadahiro e Satie. / Cravo: Yô.

4. リオ・プレット室内弦楽団演奏 Camerata Riopretense

- 1) Quarteto para Flauta e Cordas em Ré Maior (Wolfgang Amadeus Mozart)

2) Siciliana (Johann Sebastian Bach)

3) Carinhoso (Choro : Pixinguinha)

4) Por Una (Tango : Carbeza)

Violinos: Juliana Pavani Bueno, Eloísa Moriel Valença

Viola: Francisco Martin Ferreira

Violoncello: Luciana Pavani Bueno

Flauta: Rafael Hirochi Fuchigami

5. 合唱 Coral (Orientação e Piano : Fuziko Yuba)

1) 椰子の実 "Yashi no Mi"
(música:Toson Shimazaki / letra:Toraji Ohnaka)

2) メリー・クリスマス "We wish you a merry Christmas"
(canção de Natal)

3) アベ・マリア "Ave Maria" (Francesca Caccini)

4) ハレルヤ "Hallelujah" (Georg Friedrich Händel)

休憩 Intervalo

2ª Parte バレエ **"Dança"**

(Coreografia e Orientação: Akiko Ohara, Yasuko Takayama, Yoshika Tsuji & Hajimu Hiraki)

1) よさこいソーラン "Yosakoi Soram" (somente dia 25)
(Alunos da Escola Japonesa de 1ª Aliança)

2) タンゴ・エスパニョーラ "Tango Espanhola"

3) ピアノでレッスン "Ensaio com Piano" (Crianças das Alianças e Yuba)

4) ハバネラ "Habanela"

5) ピクニック "O Piquenique" & フィナーレ "Final"

休憩 Intervalo

3ª Parte 劇 **"Teatro"**

「入植祭・白浪五人男」 **"Os cinco espíritos rebeldes"**

作・演出：矢崎正勝 (Autor / Direção : Masakatsu Yazaki)

出演者 **Elenco**

Teruo Takayama / Yoshiki Tsuji / Tadahiro Kumamoto / Katsuya Yuba / Issamu Yazaki / Daigo Yuba / Yumiko Kumamoto / Yoshika Tsuji / Sumaka Tsuji / Tsuneo Yuba / Marian Imamoto / Laita Kumamoto e outros membros de Yuba

スタッフ **Ficha Técnica**

美術プラン-Arte / 音楽-Música---- Masakatsu Yazaki

照明プラン-Illuminação -- Masakatsu Yazaki

音響係-Oper.de Som----- Hiyo Yuba

照明係-Oper.de Luz ----- Mie Yuba

大道具製作-Cenário ---Teruo Takayama / Hiyo Yuba & Nozomi Yuba

小道具製作-Adereços---Masakatsu Yazaki / Teruo Takayama / Junko Tsuji

衣装製作-Vestuário ---- Mulheres de Yuba

(COMUNIDADE YUBA, 2010).

As apresentações são abertas ao público (figura 69). Geralmente autoridades locais e culturais, pessoas que têm algum tipo de ligação de parentesco ou amizade com membros da comunidade são convidadas para participar do evento. Nestes

festejos os integrantes da comunidade reservam um lugar à frente do palco para as crianças, onde é colocada uma lona, para as crianças sentarem e assistirem aos espetáculos com mais comodidade.

O barracão do teatro onde acontecem as apresentações recebe ainda uma cobertura extra (figura 70), com a colocação de hastes e lonas sobre o fundo do barracão, estendendo assim o seu tamanho.



Figura 69 – Público no festejo de Natal
Fonte: Eduardo Mendes, 2010.



Figura 70 – Preparação do barracão
Fonte: Eduardo Mendes, 2010.

Outros eventos culturais

Outros eventos culturais acontecem esporadicamente na comunidade, como por exemplo as festividades para a comemoração dos 100 anos da imigração japonesa no ano de 2008. A comunidade realizou apresentações de dança de balé, coral e contou também com outras apresentações culturais vindas de fora.

Recentemente¹³⁶ aconteceu a inauguração do ponto de cultura “cultivar a arte”, com sede na comunidade, parte das comemorações dos 76 anos do município de Mirandópolis e do projeto “Pontos de Cultura” do Ministério da Cultura do Governo Federal e da Secretaria do Estado da Cultura. A inauguração contou com a presença de várias autoridades locais e regionais e também de Célio Turino, idealizador do projeto. Na abertura do evento (figura 71) foi apresentada uma coreografia do Balé Yuba e, na sequência, se apresentaram a Camerata do Festival de Música Clássica de São José do Rio Preto e a Camerata Yuba. No mesmo evento houve o lançamento do livro “Yuba”, da fotógrafa Lucille Kanzawa (figura 72).

¹³⁶ Dia cinco de junho de 2010.

Neste livro a comunidade é apresentada através de um ensaio fotográfico, um pequeno histórico e considerações sobre a vida na comunidade hoje. Kanzawa tem raízes na comunidade, onde fazia visitas quando criança até sua juventude. Seu pai morava no bairro das Alianças e era um amigo muito próximo de Issamu Yuba.



Figura 71 – festejo de inauguração do ponto de cultura “cultivar a arte”
Fonte: Eduardo Mendes, 2010.



Figura 72 – lançamento do livro “YUBA” de Lucille Kanzawa
Fonte: Eduardo Mendes, 2010.

Como vimos, o desenvolvimento que a comunidade alcançou no campo cultural é algo que impressiona e parece sem limites. Tratam-se de diferentes formas de expressões artísticas livres, em que a força comunitária mostra suas marcas a cada forma de manifestação, seja na escultura ou no passo do balé, em que é exaltada e sentida a intensidade da vida em comum.

Quanto às práticas das artes, os teóricos anarquistas, principalmente Kropotkin, chamam a atenção para a sua importância:

o homem não é um ser que possa viver exclusivamente para comer, beber e procurar um abrigo. Desde que tenha satisfeito as exigências materiais, as necessidades a que se possa atribuir um caráter artístico se apresentarão tanto mais artísticas e ardentes. Tantos indivíduos, tantos desejos [...] Certamente hoje, que centenas de milhares carecem de pão, de carvão, de roupa e de abrigo, o luxo é um crime: para satisfazer é necessário que o filho do trabalhador esteja sem pão. Mas numa sociedade que todos comam conforme precisarem, as necessidades do que hoje chamamos luxo serão mais vivas (KROPOTKIN, 1953, p. 44).

Certamente, na Comunidade Yuba estão presentes as prática que Kropotkin pensou para uma sociedade anarquista, quanto à prática das artes. A participação de todos integrantes nas atividades culturais da comunidade confirma sua citação:

Assim quando se podem variar as ocupações e sobre tudo alternar o labor manual com o trabalho intelectual, fica-se ocupado voluntariamente, sem fadiga, dez ou doze horas. É normal. O homem que tiver feito quatro ou cinco horas de trabalho manual necessário para viver, terá ainda diante de si cinco ou seis horas, que procurará preencher segundo o seu gosto. E essas horas lhe darão plena possibilidade de obter, associando-se a outros, tudo o que quiser fora do necessário garantido a todos (KROPOTKIN, 1953, p. 45).

Quanto às horas dedicadas ao trabalho, a realidade da comunidade não atinge o imaginado por Kropotkin. Há, porém, como podemos ver uma grande flexibilidade nos horários, tendo períodos (entre safra ou pequena safra) em que os integrantes da comunidade trabalham menos horas do que o normal. Kropotkin abordando ainda sobre o assunto dizia:

É por ventura um sonho conceber uma sociedade onde, sendo todos produtores, recebendo todos uma instrução que lhe permita cultivar as ciências ou as artes, e tendo todos vagar de o fazer, se associem entre si para publicarem seus trabalhos suportando a sua parte do trabalho manual? [...] Mas uma sociedade, que dispensa a cada um dos seus membros a instrução larga, filosófica e “científica”, saberá organizar o trabalho corporal de modo a fazer o orgulho da humanidade; e a sociedade sábia tornar-se-á uma associação de investigadores, de amadores, e de obreiros, conhecendo todos um ofício doméstico e interessando-se todos pela ciência (KROPOTKIN, 1953, p. 46).

Essa colocação de Kropotkin nos lembra parte do ideal de Issamu Yuba, que considerava as práticas das artes como fundamental para uma vida mais harmoniosa. Portanto, podemos ver no anarquismo a preocupação não só econômica e política, mas sim com o que Kropotkin considera como “bem-estar”.

Além das atividades culturais, também completam como forma de lazer para os integrantes da comunidade as práticas de esportes e as TV's, vídeos e jornais, que apresentaremos neste momento.

Esportes

Baseball

Nos Esportes o que predomina é o baseball, praticado e estimulado pelo fundador da comunidade, Issamu Yuba, um dos introdutores desse esporte no

Brasil. Hoje ele continua sendo praticado na Comunidade de forma amadora, porém, alguns integrantes da comunidade se unem a outros jogadores das Alianças para formarem o time do bairro e participam de algumas competições oficiais.

Atletismo

O atletismo também é praticado pelas crianças e jovens da comunidade na Associação Cultural do Bairro das Alianças, com treinamentos nas quartas-feiras e sábados no período vespertino. Quem ministra as aulas e treinamentos é Ivone Tsuji, integrante da comunidade. Além dos jovens da comunidade outros jovens do bairro das Alianças participam dos treinamentos. No total são cerca de trinta pessoas entre integrantes da Comunidade Yuba e do bairro das Alianças que participam desta atividade. As competições ocorrem esporadicamente, geralmente nos finais de semana. Os jovens participam de competições tanto no bairro das Alianças, quanto nas cidades vizinhas.

Televisores, DVD, VHS e jornais

No espaço do barracão da cozinha, onde funciona o refeitório, existem dois *televisores*, dos quais um transmite os canais brasileiros livres e outro transmite via satélite os canais japoneses e canais por assinatura. O televisor com a programação brasileira na maioria das vezes é ligado somente à noite, enquanto aquele com a programação japonesa permanece ligado praticamente durante todo o dia exibindo programas como filmes, noticiários e esportes.

Próximo aos televisores existem também várias fitas de vídeos (VHS) e DVD's (figura 73) com conteúdos que vão desde as apresentações do balé da comunidade até jogos de baseball e filmes, na sua maioria em língua japonesa, os quais são enviados do Japão por parentes e amigos.

A comunidade também recebe diariamente um jornal de circulação na comunidade japonesa do Brasil escrito em japonês, que traz as principais notícias do Japão e dos japoneses que vivem no Brasil. Esporadicamente recebem também revistas de vários assuntos enviadas por parentes e amigos do Japão, todas escrito em japonês.



Figura 73 – TV, vídeo cassete, DVD e acervo.
Fonte: Eduardo Mendes, 2010.

4.2.3 Religião

A Religião é mais uma base do tripé idealizado por Issamu Yuba, sendo praticada pelos seus integrantes livremente, dentro e fora da comunidade, ou seja, sem que ocorra pressão pela opção de uma religião comum, ainda que a maioria de seus integrantes seja constituída por protestantes.

Até a década de 1990 Haruko Yazaki (já falecido) ministrava aulas de catecismo para as crianças e jovens da comunidade aos domingos pela manhã, e no período da tarde para os adultos. Depois de seu falecimento, ninguém ocupou seu lugar nesta função, sendo que os interessados em fazer catecismo desde então se dirigem ao bairro das Alianças.

Ainda até a década de 1990 eram feitas reuniões religiosas no refeitório comum da comunidade, geralmente uma vez por mês, por Shikatsu Yazaki. Sua morte aconteceu em 1995, e desde então não houve uma rotina de reuniões religiosas dentro da comunidade.

Outro personagem de importância religiosa foi o irmão de Issamu Yuba, Shigueru Yuba, que se ordenou reverendo pela Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. Por volta de 1930, diante da recusa de Issamu Yuba em se tornar pastor dessa igreja, Shigueru Yuba foi convidado pelo reverendo Yasoji Ito. Tendo aceitado a

proposta, depois de oito anos de formação em um seminário na cidade de Porto Alegre foi nomeado pastor na pequena igreja da Colônia Aliança (bairro das Alianças), visitando os moradores da região, inclusive na Comunidade Yuba (YUBA, 1993). Algum tempo depois¹³⁷ o reverendo foi enviado para São Paulo, onde se fixou, retornando sempre que possível à comunidade para realizar batismos e casamentos até a década de 1990, como nos foi revelado por integrantes da comunidade.

Atualmente¹³⁸, as manifestações da religiosidade dentro da comunidade se resumem praticamente à oração diária antes das refeições, onde é convocado um minuto de oração por Katsuo Takimoto, de formação cristã, com a prática do *itadakimasu*. Segundo Bartaburu (2010, p. 11) trata-se de “uma prática antiquíssima de raiz xintoísta, cuja tradução literal é ‘eu humildemente recebo’”. A oração inicia-se com o pronunciamento da palavra *mokuto* que quer dizer “silêncio”. Logo após é feito um minuto de silêncio (figura 74) para que cada um fique livre para fazer suas orações individuais e, ao término de um minuto, é proferido o *naore*, termo que indica o fim da reza.



Figura 74 – Oração feita por Takimoto antes das refeições.

Fonte: <http://www.2uol.com.br/caminhosdaterra/reportagens/152_lavrando.shtml>

Todos os dias antes do café da manhã é rezado o “pai nosso” em japonês. A participação não é obrigatória, e cerca da metade dos integrantes da comunidade participam dessa oração. Ocasionalmente alguns poucos integrantes da

¹³⁷ Não foi especificado, e nem conseguimos informações concretas sobre a data em que este fato aconteceu.

¹³⁸ Fevereiro de 2011.

comunidade se deslocam para o bairro das Alianças para assistir a missas e cultos. Há inclusive uma integrante da comunidade faz parte de uma igreja evangélica do bairro das Alianças, participando toda semana dos cultos aos domingos, onde toca piano. De acordo com as conversas informais que tivemos com alguns integrantes da comunidade, outros poucos integrantes são adeptos do budismo, possuindo seu próprio “altar” dentro de suas casas.

No caso de falecimento de integrantes da comunidade os velórios são feitos no espaço do refeitório comum, onde cantam-se músicas religiosas, fazem-se leituras da bíblia e encerra-se com o coral da comunidade, tudo em japonês. No final todos os integrantes passam pelo caixão depositando flores. O sepultamento é feito no cemitério do bairro das Alianças, onde a comunidade conta com um grande sepulcro para enterrar os integrantes falecidos.

Outras manifestações ocorrem em duas datas especiais: No dia de finados (2 de Novembro), todos da comunidade se dirigem até o cemitério do bairro da Alianças para levar flores e rezar pela alma dos ex-integrantes da comunidade. Na véspera de Natal (24 de Dezembro) todos os membros da comunidade se dirigem para o sepulcro pertencente à comunidade para fazer um resumo do ano corrente e agradecer todos os acontecimentos. Nesta ocasião também rezam para pedir uma boa festa de natal, ano novo e para que o próximo ano venha abençoado e que corra tudo bem.

A grande maioria dos integrantes da comunidade praticam o cristianismo. Acreditamos que isto é reflexo da influência dos imigrantes colonos que vieram para essa região e que passaram por empresas colonizadoras que tinham como base ensinamentos cristãos, como pudemos ver no terceiro capítulo deste trabalho. Acreditamos que essa base comum para com os preceitos cristãos fortaleça os laços familiares e de amizades.

O desapego a certos bens materiais e a vida entregue ao trabalho e ao outro como forma de recompensa divina após a morte também estão presentes no pensamento de muitos membros da comunidade. Portanto, o desenvolvimento e a sustentação da comunidade durante esses 76 anos de existência se deve também à religião.

Para além do tripé...

4.2.4 Administração

Desde o início das atividades da Comunidade Yuba em 1935, seu idealizador e criador Issamu Yuba manteve o controle administrativo e financeiro da comunidade, fato que durou até sua morte, ocorrida em 1976. Após este fato quem assumiu seu lugar foi seu filho primogênito, Tetsuhiko Yuba, que também manteve total controle administrativo e financeiro da comunidade, sendo o único com poder de decisão nos rumos da comunidade. Em janeiro de 2003, segundo Bartaburu, poucos meses antes da morte de Tetsuhiko Yuba, “os moradores mais participativos acharam por bem mudar o sistema de governo” (BARTABURU, 2010, p. 20). Segundo o atual presidente da comunidade o principal motivo da mudança na forma administrativa se deu por necessidade pois:

Quando estava uma pessoa só na administração era muito difícil. Imagina, uma pessoa só cuidando de tudo isso. Tinha que ver problema de dinheiro, compras, vendas, visitas, tudo né, aí era complicado. Então a gente achou por bem modificar a forma de administração, fazer com que todo mundo se sentisse participante das responsabilidades né. [...]. Então acho que assim como está agora é bem melhor né, porque cada um tem a sua responsabilidade, e fica também mais fácil para cada um cuidar do que precisa né¹³⁹.

Em entrevista realizada em 2006¹⁴⁰, a Secretária da comunidade nos explicou que na primeira proposta de organização os nomes das pessoas que organizaram o processo foram escolhidos por um parente que veio com uma minuta pronta de São Paulo. Assim, em 06 de janeiro de 2003 realizou-se a assembléia geral de constituição da “Associação Issamu Yuba”, que teria como finalidade “fomentar a prática de trabalhos agrícolas, artes em geral, religião, cultura, esporte e pesquisas no campo da agropecuária” (ASSOCIAÇÃO ISSAMU YUBA, 2003).

A assembléia geral de constituição da Associação Issamu Yuba contou com 35 integrantes da comunidade como sócios fundadores que, segundo a ata, votaram a favor do estatuto da associação elaborado anteriormente. Posteriormente, no mesmo dia, foi eleita a primeira diretoria conforme identificada no quadro quatro (quadro 4) abaixo:

¹³⁹ Depoimento do Presidente da Comunidade Yuba em novembro de 2010.

¹⁴⁰ Em Mendes, 2006.

Quadro 4 – Associação Issamu Yuba – 2003	
Cargo	Nome
Presidente	Tetsuhiko Yuba
Vice-presidente	Sérgio Kiyoshichi Yuba
Secretário	Satiko Yuba
2º Secretário	Sueli Nozomi Yuba
Tesoureiro	Julia Yasuko Takayama
2º Tesoureiro	Ivonne Junko Tsuji
1ª Diretor de Patrimônio	Masakatsu Yazaki
2ª Diretores Cultural e Social	Akiko Ohara e Renata Katsue Yuba
Diretores de Esportes	Kojiro Takahashi e Jorge Katsuya Yuba
Conselho fiscal	Unosuke Ichisato, Clara Yumiko Kumamoto e Missao Muchizuki
Suplentes	Samuel Eijiro Yazaki, Catherine Yo Takahashi e Yuko Naganawa

Fonte: ASSOCIAÇÃO ISSAMU YUBA, 2003.

Organização: Eduardo Mendes, 2011.

A gestão da diretoria tem duração de dois anos, quando, conforme o regimento da associação, seria feita nova eleição para substituição ou permanência nos cargos. Após a morte de Tetsuhiko Yuba, ocorrida em setembro de 2003, foi convocada uma nova assembléia, realizada no dia 06 de outubro, com o intuito de mudar o estatuto e os cargos da diretoria. Foram feitas algumas poucas modificações no estatuto, inclusive no que se refere à possibilidade de reeleição da diretoria. Enquanto o primeiro estatuto limitava a possibilidade de reeleição para apenas uma vez, o segundo retirou a existência de limites de mandatos, podendo a diretoria ser reeleita quantas vezes a assembléia decidir.

As razões efetivas da mudança dos rumos da associação neste momento não foram declaradas abertamente nos depoimentos dos integrantes da comunidade. Uma das poucas informações que conseguimos levantar é a de que um integrante da diretoria¹⁴¹ na época estaria com o nome “sujo”. Já em outro depoimento foi alegado que um integrante que se cogitou a Presidente da comunidade naquele momento, a maioria dos integrantes da comunidade não aceitaram, pois ele seria uma pessoa muito autoritária¹⁴². Portanto, não podendo ocupar o lugar da presidência naquele momento.

¹⁴¹ Reservamos-nos a não publicar o nome deste integrante, respeitando o pedido da comunidade.

¹⁴² Não nos foi revelado detalhes. Perguntado como se deu essa recusa, se foi através de voto ou exposto por algum integrante e decidido por consenso, o integrante da comunidade que nos deu essa informação, somente afirmou que “foi todo mundo que não aceitou”, não querendo dar mais detalhes sobre o assunto.

Segundo relato do atual presidente da comunidade, outro fato importante que teve peso na escolha da direção da associação naquele momento e que se reflete hoje é que antes de formar a associação, em 2003, a comunidade possuía uma dívida com um banco não especificado, o que levou dois integrantes da comunidade a irem trabalhar como dekassei no Japão, onde permaneceram por dois anos, com o objetivo de economizar dinheiro para pagar a dívida. Conseguindo juntar parte do dinheiro e contando com ajuda em dinheiro de uma província japonesa também não especificada, a dívida foi paga. O intuito dessa atitude foi evitar uma nova situação de falência para a comunidade, como as ocorridas nos tempos de Issamu Yuba, uma das quais levou à cisão da comunidade em 1956, conforme relatado anteriormente.

A comunidade durante sua história teve três vezes falência né, essa ultima vez antes de criar a associação eu e mais um ficamos no Japão trabalhando como dekassei pra tentar juntar dinheiro pra pagar a dívida. Na verdade não conseguimos juntar né, porque tem que gastar lá também né, mas nos últimos seis meses conseguimos juntar um pouco de dinheiro, aí com ajuda da província do Japão, deu dinheiro né. O banco tava pedindo (...) mil e a dívida na verdade era de (...) mil, aí a gente fez acordo né, e eu falei que se fosse pra pagar (...) mil eu não pagaria e aí decidi pagar (...) mil né, aí nós conseguimos quitar essa dívida, por isso que eu e o atual vice foi escolhido para os cargos de presidente e vice-presidente né¹⁴³

Portanto, a quitação desta dívida parece ter sido o ponto central para entendermos a escolha da diretoria na criação da Associação Comunidade Yuba, em outubro de 2003, que teve como presidente Luiz Tsuneo Yuba e seu vice Tadahiro Kumamoto. Assim, a diretoria aprovada pelos membros da associação naquele momento (após a morte de Tetsuhiko Yuba) foi a do quadro cinco (quadro 5).

Em 17 de Novembro de 2003 a ata da assembléia e o novo estatuto foram registrados no cartório oficial de registro de imóveis, títulos e documentos e civil de pessoas jurídicas na comarca de Mirandópolis, tornando-se juridicamente reconhecida como “Associação Comunidade Yuba”.

¹⁴³ Relato de Luiz Tsuneo Yuba – Presidente da comunidade em outubro de 2010.

Quadro 5 – Associação Comunidade Yuba – 2003	
Cargo	Nome
Presidente	Luiz Tsuneo Yuba
Vice-presidente	Tadahiro Kumamoto
Secretário	Célia Komako Imamoto
2º Secretário	Satiko Tomioka Yuba
Tesoureiro	Yoshiki Tsuji
2º Tesoureiro	Flávio Ko Yuba
Diretor Cultural	Renata Katsue Yuba
Diretor de relações institucionais	Masakatsu Yazaki
Conselho fiscal	Antonio Yuzo Mochizuki, Takeshi Imamoto e Hatasuke Minowa
Suplentes	Motoi Yuba, Yoko Yuba e Issamu Yazaki

Fonte: ASSOCIAÇÃO COMUNIDADE YUBA, 2003.

Organização: Eduardo Mendes, 2011.

De acordo com Satiko Yuba¹⁴⁴, Secretária da comunidade, em 2005, 2007 e 2009, anos de vencimento dos mandatos, não houve eleição e, apesar de terem ocorrido algumas poucas modificações em alguns cargos, todos concordaram sem contestações nas assembléias feitas¹⁴⁵. Até o momento¹⁴⁶ não houve outras modificações no estatuto da associação. Também foram poucas as mudanças nos cargos da Diretoria durante os novos mandatos. Em novembro de 2010 a Diretoria estava composta pelo seguinte quadro (quadro 6):

Quadro 6 – Associação Comunidade Yuba – 2010	
Cargo	Nome
Presidente	Luiz Tsuneo Yuba
Vice-presidente	Tadahiro Kumamoto
Secretário	Yarani Assaka Yuba
2º Secretário	Issamu Yazaki
Tesoureiro	Flávio Ko Yuba
2º Tesoureiro	Ranil Daigo Yuba
Diretora Cultural	Leila Sakikumamoto
2ª Diretora Cultural	Célia Komako Imamoto
Diretor de relações institucionais	Masakatsu Yazaki
Conselho fiscal	Yoshiki Tsuji, Teruo Katayama, Akiko Ohara
Suplentes	Sinue Hiyo Yuba, Julia Yassuko Takayama, Merina Keiko Yazaki

Fonte: Integrantes da Comunidade Yuba, 2010.

Organização: Eduardo Mendes, 2011.

¹⁴⁴ Através de conversa informal em maio de 2010.

¹⁴⁵ Trataremos sobre as reuniões mais a frente.

¹⁴⁶ Novembro de 2010.

Pudemos verificar nos relatos e conversas com integrantes da comunidade que os cargos da Diretoria possuem um caráter apenas burocrático, como podemos ver o exemplo da Secretária, desde nosso primeiro contato com a comunidade em 2006 até meados do ano de 2011 quando fizemos nossos últimos trabalhos de campo, quem faz o efetivo trabalho da secretaria como: receber os visitantes, atender ao telefone da comunidade, fazer os contatos necessários para consertos e a parte burocrática da comunidade foi sempre Satiko Yuba. Porém, no quadro da gestão da comunidade, o cargo de Secretária é ocupado por Yarani Yuba. Já nos cargos da presidência e da tesouraria os ocupantes dos cargos são realmente os que exercem efetivamente estas funções. Estas diferenças ocorrem por dois motivos distintos:

Um deles é sobre a manutenção de determinados cargos como os de Presidente, Tesoureiro, Secretária e Diretor de relações institucionais, pela experiência e o costume daqueles que já exercem estas funções:

Primeiramente eu não queria ser presidente, mas depois eu pensei, alguém tem que ser né. Ai eu entrei, e desde o começo o pessoal aceitou, concordou. Deu certo... ta dando certo por enquanto, acho que ta todo mundo acostumado já¹⁴⁷.

É depois da associação melhorou bastante, a gente tem mais coisas, é mais fácil de ter acesso as coisas né¹⁴⁸

O Masakatsu por exemplo ele quem cuida de relações institucionais, ele que mexe com o site daqui da comunidade e até das Alianças, ele escreve bastante coisa daqui da comunidade. Ele é quem filma, tira foto e coloca as informações no site. É ele quem sabe fazer isso. Se colocar outra pessoa lá no lugar dele não vai saber fazer tudo o que ele faz¹⁴⁹.

Levando em conta os depoimentos percebemos que nos cargos onde as pessoas exerceram de forma eficaz, trazendo benefícios e melhorias à comunidade, como nos casos principalmente do presidente e tesoureiro, as pessoas têm sido mantidas nos cargos praticamente desde o início da associação. O outro motivo colocado tanto pelo Presidente quanto pela Secretária da associação é que a mudança nos cargos que têm possibilidade de mudanças, como por exemplo, no

¹⁴⁷ Depoimento do Presidente da comunidade em novembro de 2010.

¹⁴⁸ Depoimento de integrante da comunidade em outubro de 2010.

¹⁴⁹ Depoimento de integrante da comunidade em novembro de 2010.

conselho fiscal, na direção cultural e na suplência, geralmente é feita para que os integrantes que não participaram do quadro de cargos da associação possam participar quando possível e, assim, possam sentir que a responsabilidade de participar deva ser de todos:

É bom que outras pessoas que ainda não fizeram parte da diretoria, participem, pelo menos uma vez, porque assim a pessoa vai sentir na pele as dificuldades que tem. [...] [outros integrantes] tem que participar né, porque assim a pessoa vai se sentir fazendo parte do grupo, saber que ela tem responsabilidade com a comunidade também¹⁵⁰.

A partir das colocações e depoimentos dos integrantes podemos entender os motivos da mudança/manutenção de determinados cargos e além da nomeação de alguns integrantes que não exercem efetivamente seus papéis dentro da diretoria, como foi o caso da Secretária.

Reuniões e Assembléias

Primeiramente devemos destacar que nos dias e períodos em que realizamos nossa pesquisa de campo¹⁵¹ não houve possibilidade de participar de assembléias entre todos os integrantes da comunidade. Também não tivemos acesso às atas de reuniões por decisão da comunidade e que respeitamos. Portanto, as informações sobre as reuniões e assembléias levantadas aqui estão pautadas no estatuto e nos relatos de integrantes da comunidade.

Segundo o **estatuto** da associação, as **reuniões** são encontros entre os **integrantes da diretoria** e devem acontecer pelo menos uma vez por mês para discussão de **assuntos administrativos**. Tal determinação, de acordo com **depoimentos** dos diretores, nem sempre é observada:

“O certo mesmo, que ta no estatuto, é fazer reunião todo mês né, mas não faz todo mês não, porque às vezes nem tem assunto, como é tudo família né”¹⁵²

¹⁵⁰ Depoimento de integrante da comunidade em novembro de 2010.

¹⁵¹ De março à novembro de 2010 cerca de uma a duas vezes por semana. Porém houve algumas semanas que não estive presente. Em outros períodos, de dezembro de 2010 até junho de 2011, também estive presente na comunidade esporadicamente levantando informações complementares.

¹⁵² Depoimento de Luiz Yuba, presidente da comunidade em outubro de 2010.

“Reunião precisa fazer todo mês né, mas esse ano acho que fez só uma vez”¹⁵³

O estatuto da associação prevê uma reunião por mês dos membros da diretoria e duas assembléias anuais com todos os integrantes da associação, porém os integrantes da comunidade e os diretores da Associação afirmaram que já estão acostumados com o dia-a-dia da comunidade e que sendo ela uma “grande família” não necessitam de muitas reuniões para resolver pequenos problemas. Portanto, observa-se que há um certo consenso sobre a não necessidade de se realizar as reuniões todo mês.

Outro motivo levantado foi que, na maioria das vezes, há pouca sobra de dinheiro no caixa da comunidade, o que acaba limitando algumas decisões e planejamentos feitos anteriormente pela diretoria e/ou por outros membros da comunidade durante as assembléias:

Na reunião é falado sobre muita coisa, acontece alguma coisa ai faz reunião, fazer é fácil né, mas o mais importante é dinheiro. A gente planeja, ‘Ah esse ano vamos fazer isso’, ai não consegue né, ai chega no outro ano ai ‘vamos fazer outra coisa, ai aquela primeira coisa não fez, ai ta naquele papel lá, ata né, mas se não tem dinheiro como que vai fazer?, Ai a gente ta juntando dinheiro. Maquinário quebra, ai tem que compra, isso daí é mais importante. Se tem dinheiro vai gastando nas máquinas, ai acaba dinheiro. Tem que começar a juntar de novo, ai o carro fica velho, tem que troca peça, gasta muito né’¹⁵⁴.

Porém, nos casos em que se faz necessária a tomada de uma decisão mais importante, como a compra de algo que envolva grande quantia de dinheiro, por exemplo, a diretoria se reúne para tomar a decisão em conjunto e comum acordo. Perguntado se houvesse a precisão de comprar um carro para a comunidade, o tesoureiro Flávio Yuba nos respondeu:

ai faz uma reunião assim, pessoal que ta na diretoria né. Ai quando diretoria aceita a gente compra né’¹⁵⁵

¹⁵³ Depoimento de Flávio Yuba, Tesoureiro da comunidade em outubro de 2010.

¹⁵⁴ Depoimento de Flávio Yuba, Tesoureiro da comunidade em outubro de 2010.

¹⁵⁵ Depoimento de Flávio Yuba, Tesoureiro da comunidade em outubro de 2010.

Quando a decisão a ser tomada irá afetar diretamente o dia-a-dia dos integrantes da comunidade através de mudanças de estratégias e/ou na vivência da “grande família yuba” são convocadas as **assembléias** com a participação de **todos integrantes da comunidade**, onde todos têm o direito à palavra e ao voto, quando necessário, assim decidem os rumos da comunidade. Segundo o estatuto, a **assembléia** é uma reunião geral com **todos os associados**¹⁵⁶, que deve acontecer pelo menos duas vezes por ano ou, extraordinariamente, sempre que haja necessidade, para discussão de **diversos assuntos**, sejam eles de ordem **administrativa, financeira ou de convivência**. Porém, segundo relatos, na prática, as Assembléias são feitas com a participação de todos os integrantes da comunidade (sócios da associação ou não) maiores de idade, em que todos têm o poder de participação e de voto quando necessário.

Segundo os integrantes da comunidade, as assembléias acontecem todos os anos no mês de janeiro, quando é apresentado a todos o levantamento financeiro da comunidade do ano anterior, esclarecendo quanto houve de entrada, de saída, o que foi comprado, e o que tem de sobra no caixa. Outra assembléia sempre é convocada para fins de eleição do corpo da diretoria, fato que ocorre a cada dois anos, sempre no mês de novembro.

Sobre as assembléias extraordinárias, os integrantes da comunidade nos relataram dois exemplos. Uma das assembléias referidas por membros da comunidade ocorreu quando levantou-se a hipótese de mudar o sistema de comercialização das mercadorias produzidas na comunidade¹⁵⁷. Pois com a comercialização para atravessadores, a renda que provinha de seus produtos era muito baixa, levando a comunidade a dificuldades financeiras, tendo que recorrer a empréstimos para suprir a falta de dinheiro, o que quase a levou a nova falência no ano de 2003, de acordo com os depoimentos dos integrantes da comunidade.

Outro exemplo ocorreu quando da discussão sobre a aceitação do morador *gaijin* que se casou com uma integrante da comunidade, portanto como membro de direito da comunidade. Todos os integrantes se reuniram para decidir se o brasileiro

¹⁵⁶ No estatuto e nas atas das reuniões publicadas em cartório contam como sendo sócios da Associação Comunidade Yuba somente 35 pessoas.

¹⁵⁷ Como já foi discutida neste capítulo.

seria aceito como membro definitivo da Comunidade Yuba ou não. No final das reuniões¹⁵⁸ lhe foi negada esta possibilidade¹⁵⁹.

Segundo os integrantes da comunidade, os assuntos são discutidos, e comentados por aqueles que acham necessário expressar sua opinião e, no final das assembléias, o presidente faz uma apreciação sobre o assunto discutido e a decisão que tal discussão aponta, perguntando se há objeção. Se ninguém levantar a mão, se mostrando contrário ao assunto, a decisão é aprovada por consenso. Se não, abre-se para mais discussões sobre o assunto, com o presidente estipulando um tempo para nova discussão:

“ai eu falo... ó eu vou dar 15-20 minutos pra discutir esse assunto, se não, não acaba a discussão nunca, ai não acaba reunião e não decide nada, por isso que é difícil reunião né?”¹⁶⁰

Passado o tempo estipulado, é novamente feita a apreciação pelo presidente sobre o assunto, provavelmente com alguma modificação, discutida anteriormente. Não havendo consenso, é aberta nova discussão. Se ocorrer de não haver consenso sobre o assunto naquele momento pode-se combinar outra data para apreciação do assunto, como já aconteceu no caso da decisão sobre a aceitação do morador *gaijin* como integrante definitivo da comunidade. De acordo com relatos, sobre aquele assunto foram feitas cerca de quatro assembléias. Antes deste fato ocorrido, em todas as assembléias feitas até aquele momento os assuntos foram decididos por consenso. Tal fato havia já sido levantado em trabalho anterior de monografia feito sobre a comunidade em 2006, quando um integrante nos fez a seguinte colocação:

*[...] é muito raro sair uma votação. Acho que eu não lembro de ter votação sabe, porque como é família né, todo mundo tenta resolver, alguém que tem a idéia contrária comenta as idéias, ai tem que respeitar as idéias.*¹⁶¹

Porém, no caso do *gaijin*, não foi possível o consenso, tendo sido necessário ocorrer uma votação para resolução do assunto.

¹⁵⁸ Que segundo os depoimentos no total foram quatro assembléias.

¹⁵⁹ Discutiremos mais detalhadamente deste assunto mais a frente.

¹⁶⁰ Relato de Luiz Tsuneo Yuba, Presidente da comunidade em outubro de 2010.

¹⁶¹ Depoimento de integrante da comunidade em setembro de 2006.

É, sobre esse assunto (gaijin) não houve consenso, teve todo mundo que levantar a mão pra decidir, na votação né¹⁶².

Os integrantes da comunidade não mencionaram nenhuma outra ocasião que houve votação em outras assembléias. Portanto, podemos afirmar que todas as assembléias são decididas por consenso, sendo o caso do *gaijin* uma exceção.

Sobre as assembléias, conversamos com cerca de dez integrantes, e somente um deles reclamou sobre a posição da Diretoria – mais especificamente do Presidente – em convocar poucas assembléias durante o ano para discussão de problemas que podem ocorrer internamente, relacionados a trabalho e dinheiro. O integrante considera que a decisão de convocar assembléias para discutir esses tipos de problemas seja de inteira responsabilidade do Presidente, não cabendo a ele reclamar e/ou falar quando deva ou não acontecer as assembléias.

“É, faz tempo que não tem reunião [assembléia] né, eu acho que devia ter mais reunião [assembléia], o presidente devia fazer mais reunião [assembléias], mas quem tem que ver isso é o próprio presidente né?”¹⁶³

Apesar dessa consideração por parte do integrante da comunidade quanto à falta da realização de reuniões e assembléias, acreditamos que a pouca presença destas se dê pela adequação do que está no estatuto com o dia-a-dia da comunidade, onde a prática dos costumes é vista como normal pelos integrantes da comunidade. Tanto é que a grande maioria das pessoas com quem conversamos está de acordo com a forma de administrar a comunidade por parte da Diretoria, ressaltando ainda que houve uma melhora considerável na forma de administração da comunidade depois da criação da Associação.

4.2.5 “Caixa-comum”

O “caixa-comum” é uma conta bancária em que é depositado o dinheiro proveniente da comercialização da maioria das produções da Comunidade¹⁶⁴, e de onde são retirados os recursos necessários para saldar as contas dos seus

¹⁶² Relato de Luiz Tsuneo Yuba, presidente da comunidade em outubro de 2010.

¹⁶³ Depoimento de integrante da comunidade em julho de 2010.

¹⁶⁴ Com exceção de algumas produções de alguns integrantes que ficam com a posse individual do dinheiro oriundo dessas vendas, fatos que trataremos mais à frente no trabalho.

membros e para cumprir os compromissos firmados com terceiros. Este “caixa” existe desde a criação da comunidade, quando ficava sob total gerência e manuseio de Issamu Yuba. Quando da morte do líder, o caixa passou a estar sob os cuidados de Tetsuhiko Yuba, seu filho primogênito e herdeiro da liderança da comunidade.

Como já vimos, o controle do caixa e das decisões sobre a condução da comunidade por parte exclusivamente de uma pessoa (Issamu ou Tetsuhiko) gerou para a comunidade momentos de falência devido à falta de controle administrativo. Após a criação da associação e morte de Tetsuhiko, o “caixa” passou a ficar sob a responsabilidade do Tesoureiro. Ele é quem faz o controle do dinheiro que entra e que sai na comunidade. Tudo o que é gasto em compras, viagens de baixo custo de integrantes da comunidade e os gastos corriqueiros do dia-a-dia, como uma peça de roupa, remédios, material de trabalho, é decidido pelo próprio Tesoureiro. Geralmente ele é solicitado pelo integrante que deseja comprar algo e decide a liberação da compra de determinado produto ou não.

A compra desses produtos ocorre de duas maneiras: uma delas é quando o tesoureiro dá o dinheiro diretamente para a pessoa que necessita. Outra forma corrente é quando o integrante após ter recebido a autorização para a compra, se dirige até a cidade de Mirandópolis, compra o que está precisando e assina uma nota. Essas compras são liquidadas em dias determinados e combinados com os lojistas pelo Tesoureiro, já que a comunidade tem crédito com determinadas lojas.

Para produtos, serviços ou benefícios para os integrantes da comunidade que requerem um gasto de dinheiro um pouco maior - como compra de um maquinário novo ou viagens para o Japão, por exemplo - a autorização é decidida em reunião com a Diretoria (Presidente, Tesoureiro e Secretário)¹⁶⁵. Este controle ocorre para se ter uma maior clareza do que está saindo ou entrando no “caixa-comum”, evitando assim saldos negativos. Não há um balancete semanal ou mensal que seja divulgado para os demais integrantes da comunidade, ficando a movimentação do caixa sobre total gerência e controle do Tesoureiro. Porém, na assembléia geral feita todo ano na comunidade no mês de janeiro com a movimentação do caixa-comum sendo apresentada para os demais integrantes da comunidade.

¹⁶⁵ Mais detalhes sobre as reuniões ver tópico anterior “administração”. Não conseguimos identificar o valor a partir do qual a autorização é tomada em reunião. Ao ser questionado, o tesoureiro afirmou que é muito relativo.

O tesoureiro também tem o poder de vetar a compra de algum material. Nos relatos dos integrantes foi verificado que é muito rara a proibição de compra de algo, ou de realização de alguma viagem. Ela só acontece em caso de muita escassez de dinheiro por conta de algum prejuízo, como quebra de máquina ou perda agrícola. O tesoureiro revelou que já houve casos de veto quando pessoas queriam comprar roupas constantemente ou viajar constantemente para longe (quase sempre para São Paulo).

A gente sempre libera dinheiro assim, pra viagem, porque isso também é mixaria. Mas o que não pode é a pessoa ficar querendo viajar todo mês, aí não dá né¹⁶⁶.

Em conversas informais muitos disseram que é possível viver bem na comunidade e que dificilmente as compras que se demonstrem necessárias por parte dos integrantes são vetadas.

A maneira que funciona o caixa-comum da comunidade se aproxima muito daquilo que Kropotkin sugeriu como forma econômica do anarquismo comunista, onde o trabalhador contribuisse com suas possibilidades, e consumiria seus frutos de acordo com suas necessidades.

Porém, nos relatos foi constatado que o “caixa-comum” existe e funciona, porém com alguns problemas, pois após a morte de Issamu Yuba foram-se constituindo outros “caixas individuais”. Isto ocorreu quando algumas pessoas que fazem alguns serviços de comercialização direta de sua produção foram tendo total controle sobre o dinheiro provindo dessas vendas, contribuindo esporadicamente para o caixa-comum.

Por enquanto não tá tudo no caixa-comum, ainda tem um pessoal que mexe um pouco na parte [nome da atividade¹⁶⁷] que já é meio assim, ainda não tá direitinho né, tá meio separado ainda [a pessoa] não quer pagar para um caixa [comum] assim, ainda tem um problema. [nome do produto] tem uma pessoa que faz e vende, aí [a pessoa] pega o dinheiro, na verdade é errado né, tem que entrar no caixa, no caixa-comum.¹⁶⁸

¹⁶⁶ Depoimento de Flávio Yuba, Tesoureiro da comunidade em outubro de 2010.

¹⁶⁷ Nos reservamos o direito de preservar os nomes das atividades e produtos que formam “caixas individuais”, respeitando o pedido dos integrantes da comunidade.

¹⁶⁸ Depoimento do Tesoureiro da comunidade em setembro de 2006, em meu trabalho de monografia. Nos trabalhos de campo da dissertação (outubro de 2010), quando voltamos a conversar sobre o assunto com o tesoureiro da comunidade se recusou a dar detalhes sobre a constituição de caixas individuais, posição esta que respeitamos.

É importante frisar, que para manutenção das atividades que constituem caixas individuais, a maior parte é provinda da própria pessoa responsável por determinada atividade. Porém para a manutenção de alguma dessas atividades são usados dinheiro do caixa comum, mesmo que de forma indireta, como o pagamento da conta de energia e da água. O tesoureiro da comunidade mostra preocupação com esta situação e defende que deva existir somente um caixa, o caixa comum:

quando tem reunião [assembléia] eu queria falar sobre isso, porque como é comunidade e come todo mundo junto né, já que tem caixa [comum], se não tivesse caixa [comum] tudo bem, mas como tem acho que deveria ser tudo junto né¹⁶⁹.

Conforme os depoimentos dos integrantes, a maior insatisfação destes é o ato de ter que pedir para o tesoureiro para compras de uso pessoal:

Ah, é ruim né, ter que ficar pedindo dinheiro pro tesoureiro. Não é que ele não dá, ele sempre dá dinheiro pra gente quando precisa. Só não da mesmo quando não tem, mas é ruim ficar pedindo, eu acho chato né¹⁷⁰.

Podemos perceber a insatisfação de alguns integrantes no ato de ter que procurar e pedir para o tesoureiro quando precisa comprar algo. Conversando com o tesoureiro sobre esse sistema de crédito concedido por ele para os integrantes, ele nos colocou que:

Ah, acho que por enquanto tem que ser assim pra segurar gasto né, porque sobra pouco dinheiro, quando sobra né.

Acreditamos que este sistema do caixa comum para a comunidade vem tendo êxito desde quando a administração da comunidade – e do caixa-comum – foi se descentralizando, após a criação da associação, em que, a partir deste momento, não ocorreu nenhuma falência, ao contrário, todos os integrantes afirmam que a possibilidade de acesso a bens melhorou muito depois da criação da associação.

¹⁶⁹ Depoimento do Tesoureiro da comunidade em outubro de 2010.

¹⁷⁰ Depoimento de integrante da comunidade em novembro de 2010.

O total controle sobre o que entra e sai do caixa-comum por parte do tesoureiro, exigindo dos integrantes a solicitação de dinheiro para compras de uso pessoal, é uma maneira de ter o controle financeiro da comunidade, para evitar saldos negativos. Contudo, o Tesoureiro assinalou algumas pequenas mudanças que estão ocorrendo, ou que estão planejando para com o caixa-comum, buscando evitar a insatisfação daqueles que têm que pedir dinheiro para o tesoureiro para o uso pessoal. É o que veremos a seguir.

Pequenas mudanças e propostas no caixa comum

Aposentadorias

De acordo com a Secretária da comunidade, são recolhidos INSS de todos os integrantes com idade ativa na comunidade, para que todos tenham direito de receber aposentadorias no futuro. Em 2006, quando realizamos nossa pesquisa de monografia sobre a comunidade, questionado sobre a questão das aposentadorias, o Tesoureiro nos afirmou que:

Aposentadoria também é um problema né. Então a gente tá pensando, metade [do dinheiro] põe na comunidade, tem um pessoal que já faz isso, mas tem um pessoal que segura, [...] Então estas pessoas tem conta em banco, um dia eu vou falar isso na reunião¹⁷¹.

Naquela ocasião o Tesoureiro não concordava com a total liberdade dos aposentados de gastarem suas aposentadorias individualmente, e defendia que todos deveriam contribuir pelo menos com metade do dinheiro recebido como aposentadoria para o “caixa-comum”. Atualmente, durante nossa pesquisa, o Tesoureiro nos fez a seguinte colocação sobre as aposentadorias:

“cada pessoa gasta com o que quer [...]. Eu não to (sic) querendo mais mexer em dinheiro de aposentadoria não, porque é direito deles né, aí quando quer comprar alguma coisa assim aí usa esse dinheiro. Tem umas 15 ou 20 pessoas que ta (sic) aposentado¹⁷²”.

Hoje na comunidade existem cerca de 20 pessoas que recebem aposentadorias, e conhecemos pelo menos um caso de um integrante que já tem

¹⁷¹ Depoimento de Flávio Yuba, Tesoureiro da comunidade em setembro de 2006.

¹⁷² Depoimento de Flávio Yuba, Tesoureiro da comunidade em outubro de 2010.

idade para se aposentar, mas que não conseguiu por pendências jurídicas. Aqueles que recebem o benefício ficam totalmente com o controle do dinheiro, tendo total liberdade de gastar no que quiser, sem ter a obrigação de contribuir para o caixa-comum da comunidade. O tesoureiro não quis dar mais detalhes sobre o que levou à mudança, dizendo que *“é um direito deles”*. Acreditamos que esta mudança se deu pelo bom senso de todos em entender que a aposentadoria é um direito legítimo dos mais velhos que contribuíram tantos anos para com a comunidade, além de que, em idade mais avançada, tende-se a aumentar os gastos destas pessoas com a compra de remédios, por exemplo. O fato é que, estes aposentados raramente necessitam fazer pedidos para o caixa-comum, o que acaba proporcionando um menor gasto de despesas sobre este caixa.

Assim, sobre as aposentadorias, o Tesoureiro ainda afirmou que:

“cada pessoa gasta com o que quer, por enquanto né, mas se começar a ficar só os velhos, os jovens for saindo e não ter nada pra vender, começa a apertar um pouco, aí tem que ver com o pessoal. Porque aí acho que vai ter que entrar no caixa [comum] de novo né”¹⁷³.

No depoimento vemos a apreensão do Tesoureiro sobre o futuro da comunidade, considerando a possibilidade das aposentadorias voltar a fazer parte do caixa-comum da comunidade, mas afirmando que isso somente poderá acontecer com o consenso dos demais integrantes da comunidade.

Contudo, apesar da constituição de alguns “caixas particulares”, por alguns de seus integrantes, estes configuram-se como exceções. Além disso, mesmo aqueles que constituem esses caixas continuam vivenciando o cotidiano comunitário na comunidade se alimentando no refeitório comum, participando das atividades culturais e contribuindo de alguma forma para o caixa-comum, ou para o andamento de algumas atividades na comunidade¹⁷⁴. Este fato não tira a essência da comunidade, que é a vida comunitária e a economia girando em torno do caixa comum, portanto a predominância econômica dos ideais anarquistas comunistas de

¹⁷³ Depoimento de Flávio Yuba, Tesoureiro da comunidade em maio de 2011.

¹⁷⁴ Seja através da compra com o seu dinheiro, provindo do caixa particular para compra de produtos usados na fabricação de seus produtos, que consequentemente é usado pela comunidade, ou pelo fornecimento de determinados produtos fabricados ou cultivados por estes integrantes dos caixas particulares para o uso dos outros integrantes da comunidade.

Kropotkin¹⁷⁵ tendo a máxima: **“de cada um de acordo com as suas possibilidades; e a cada um de acordo com as suas necessidades”**.

Melhorias

O que podemos afirmar de fato é que, com a criação da associação mudou-se o jeito de administrar a comunidade. Antes a administração era centralizada em uma só pessoa (Issamu Yuba no início, Tetsuhiko Yuba em seguida), e hoje ela é realizada pela Diretoria (Presidente, Secretário e Tesoureiro). É ela quem decide na maioria das vezes os rumos seguidos pela comunidade. Já em outros casos, como podemos ver no decorrer deste capítulo ocorre a participação efetiva dos demais integrantes da comunidade nas decisões, ocasiões estas, em que são convocadas as assembléias.

O fato das decisões mais corriqueiras estarem concentradas na Diretoria não impede que muitas das idéias e pedidos feitos pelos demais integrantes da comunidade – que não fazem parte da diretoria – sejam levadas/os em consideração. De acordo com os relatos dos integrantes e do Tesoureiro, quando há possibilidade financeira, esses pedidos são atendidos. Através dos relatos, todos afirmaram que depois da criação da associação e da mudança do sistema administrativo houve uma melhoria econômica, com mais possibilidades de consumir aquilo que cada um considera necessário.

Comparada às administrações de Issamu Yuba e de Tetsuhiko Yuba – ainda que com este último já houvesse um início de descentralização do poder, como já foi discutido anteriormente – podemos afirmar que a forma de administrar a comunidade a partir da criação da associação mudou, tornando-se mais descentralizada e mais eficaz, facilitando assim um maior acesso a bens de consumo e, conseqüentemente, melhorando a qualidade de vida dos integrantes da comunidade. Perguntado sobre a situação de vida depois da criação da associação, um dos integrantes nos respondeu:

É, depois da associação melhorou bastante, assim, a gente tem mais coisas. O que a gente pede é mais fácil de conseguir. Mas também nem tanto, mas melhorou bastante né¹⁷⁶

¹⁷⁵ Mesmo que seus integrantes não fazem referência ao autor.

¹⁷⁶ Depoimento de integrante da comunidade em maio de 2010.

Ainda sobre a criação da Associação, o Tesoureiro da comunidade fez a seguinte afirmação:

É, depois da associação o controle de dinheiro melhorou bem né? não é ainda cem por cento, mas melhorou bem¹⁷⁷

Hoje¹⁷⁸, em conversa com os jovens que vivem na comunidade, todos eles indicam melhorias com o início da associação, onde passaram a ter maiores liberdades. Alguns inclusive fazem parte da diretoria e ocupam cargos de importância estratégica para a comunidade, como os dois jovens que trabalham na comercialização dos produtos. Eles são responsáveis em oferecer os produtos para comercialização, procurar novos clientes, combinar preços, anotar pedidos e receber os pagamentos dos clientes, repassando o dinheiro para o Tesoureiro da comunidade. São responsáveis também pela realização de algumas compras.

Os jovens afirmam ainda que depois da criação da associação começaram a ter voz ativa na comunidade e nas assembléias, pois quando os líderes Issamu e Tetsuhiko Yuba comandavam, os jovens não tinham suas idéias levadas em conta e valorizadas pelos membros mais velhos, como revelou o entrevistado em 2006:

Antigamente nós jovens não tinha o poder de dar a palavra. Hoje a gente dá a nossa opinião também e os adultos aceitam. A gente ganhou um lugar na comunidade.¹⁷⁹

Atualmente¹⁸⁰, segundo o tesoureiro da comunidade, um dos jovens entregadores das mercadorias ocupa o cargo de Segundo Tesoureiro da Associação, sendo ele quem faz o balancete das entradas e saídas de dinheiro da comunidade.

Tudo que eu compro eu anoto em um caderno e passo pra ele. Ele também é quem vende para os mercados e já faz as anotações, o balanço de tudo né, e só passa o dinheiro pra mim, aí eu depósito ou pago as contas que tem pra pagar¹⁸¹.

¹⁷⁷ Depoimento de integrante da comunidade em setembro de 2006.

¹⁷⁸ Outubro de 2010.

¹⁷⁹ Depoimento de jovem integrante da comunidade em setembro de 2006.

¹⁸⁰ Outubro de 2010.

¹⁸¹ Depoimento do Tesoureiro da comunidade em outubro de 2010.

O jovem, Segundo Tesoureiro, está cursando bacharelado em administração, custeado pelo caixa-comum, com vistas a administrar a comunidade no futuro. O jovem integrante da comunidade ainda arrisca algumas idéias para dar continuidade à comunidade e convencer os jovens a ficar na comunidade:

Acho que a solução está em mudar um pouco o sistema. Trabalhar uma vez por semana na roça é legal, mas todo dia cansa. A pessoa poderia muito bem morar aqui e trabalhar fora. O que não pode, é ter desigualdade social. [...] Dinheiro até certa quantia, não é problema se circular. Ruim é o excesso¹⁸².

De fato, acreditamos que o futuro da comunidade está em grande parte nas mãos destes jovens, já que eles serão os adultos de amanhã tomando todas as decisões sobre a reprodução da comunidade. Muitos deles já encontraram seu lugar na comunidade, não pensando mais em sair para morar fora.

Contudo, **todos** os integrantes da comunidade entrevistados, ou com quem conversamos informalmente, afirmaram que depois da criação da associação ocorreram melhoras em todos os aspectos, principalmente no econômico. Afirmaram que hoje se come melhor, e que tem mais dinheiro para comprar utensílios, roupas e para fazerem viagens. Acreditamos que vários aspectos contribuíram para essa melhora, entre eles se destacam:

Administração menos centralizada: com a criação da associação, quando não há as assembléias gerais com todos os integrantes da comunidade, é a Diretoria (Presidente, Tesoureiro e Secretário) que **decide em conjunto** os rumos da comunidade, conversando e discutindo idéias, fato que não existia antes com Issamu e Tetsuhiko Yuba.

Maior abertura para os jovens: a partir dos depoimentos pudemos perceber uma maior abertura e participação dos jovens nos rumos da comunidade, com alguns inclusive ocupando cargos na Diretoria.

Maior entrada de dinheiro: com a mudança no sistema de comercialização, com a substituição da venda ao CEAGESP, para a venda direta a supermercados e quitandas, houve aumento da renda.

¹⁸² Depoimento de Daigo Yuba em entrevista a Bartaburu (2010, p. 21).

Maior número de pessoas que recebem aposentadoria: atualmente cerca de vinte integrantes recebem aposentadorias na comunidade, e esse dinheiro é de posse exclusiva do aposentado, podendo gastar onde considere melhor.

Possíveis mudanças de estratégias

Produção

Com o passar dos anos a comunidade vem mudando de estratégias econômicas para tentar sobreviver. Visando uma menor perda de dinheiro e produtos, seus integrantes vêm modificando os tipos e quantidades dos produtos voltados para a comercialização, como pudemos perceber quando estudamos as principais culturas cultivadas para comercialização desde o início da comunidade.

Da fundação da comunidade até a década de 1980 a avicultura poedeira foi a principal atividade. A partir de 1980 ela foi aos poucos sendo substituída pelo cultivo de goiaba, atividade que teve seu auge na década de 1990 e que por volta de 2003 passou por uma redução de área e produção. A partir de então houve uma mudança de estratégia no que tange à comercialização da produção. A comunidade deixou de comercializar com o CEAGESP, para buscar a venda direta para os supermercados e quitandas da região, o que lhe proporcionou um maior e melhor retorno financeiro. Com essa mudança a produção teve que ser modificada, gerando a necessidade de diversificá-la cada vez mais para garantir uma melhor saída de produtos, evitando que houvesse excedente de um só produto – no caso a goiaba – para não precisar mais comercializar com o CEAGESP ou atravessadores que pagavam pelo produto cerca de metade do preço que o supermercado costuma pagar. Com isso pudemos perceber uma maior diversificação na produção de outras culturas que possuem maior saída e, conseqüentemente, proporcionam o aumento da receita da comunidade. É o caso, por exemplo, do quiabo, que aos poucos ocupou o lugar da goiaba como produto mais vendido.

Pagamento de salário

Em conversa com o tesoureiro, foi-nos assinalada a possibilidade de mudança na questão de retribuição pelo trabalho com o pagamento de salários. Isso é previsto caso vier a se concretizar a instalação de uma pequena agroindústria de

polpa de frutas, doce caseiro e alimentos em conserva que seria construída dentro da comunidade:

*Estamos pensando em fazer uma **pequena empresa**, [agro]indústria de fazer polpa, a gente ta mexendo com a papelada, planta, pra mandar pra São Paulo, ai eu acho que vai sair uns 200 mil reais, de doação... não é que é doação né? é... parece que é governo lá do Japão que vai dá pra fazer, então é bom né?¹⁸³.*

O Tesoureiro da comunidade não soube explicar ao certo como funciona essa ajuda em dinheiro vinda do Japão, porém já faz planejamentos de como seria o funcionamento desta pequena agroindústria:

*“vai ser uma pequena **[agro]indústria de doce caseiro**, ai tem que fazer aquele documento pra abrir empresa, mas a gente acha que não vai fazer isso não, da muito trabalho né? É melhor assim, a gente faz, a gente vende né, pra, quando tem alguma festa ai a gente vende né [...]. Ai ta pensando em fazer verduras também, assim, conserva né¹⁸⁴”*

Flávio Yuba afirma que com o aumento da produção e comercialização dos produtos, poderia ser aberta uma empresa para vender para supermercados e quitandas.

Máquina acho que não da pra comprar né, porque pra comprar maquina, assim, ai fica mais caro. Sai acho que 35 mil. Ai a gente constrói só barracão ai depois a gente vai comprando. [...] Ai se faltar fruta a gente compra de outros, outros produtores, daqui de Aliança. Porque manga quase todo mundo tem, goiaba não é todo mundo, mas tem alguns que planta né? Mas ai doce caseiro não pode vender pra mercado, só pra consumidor, ai ta pensando ainda se vai mexer com papelada pra vender pro mercado também.¹⁸⁵

A mudança na maneira de retribuição pelo trabalho também já é um assunto que foi levantado por Flávio Yuba:

tava pensando assim, na [agro]indústria de polpa pagar um salário, salário mínimo né. Ou porcentagem, pagar porcentagem pra pessoa que produz¹⁸⁶.

¹⁸³ Depoimento de Flávio Yuba, Tesoureiro da comunidade em outubro de 2010.

¹⁸⁴ Depoimento de Flávio Yuba, Tesoureiro da comunidade em outubro de 2010.

¹⁸⁵ Depoimento de Flávio Yuba, Tesoureiro da comunidade em outubro de 2010.

¹⁸⁶ Depoimento de Flávio Yuba, Tesoureiro da comunidade em outubro de 2010.

Este é mais um caso que confirma a possível tendência de mudança nas finanças e estratégias de resistência da comunidade. Ainda, segundo o Tesoureiro, a instalação da pequena agroindústria além da intenção de levantar fundos para a comunidade, também tem de atrair alguns jovens que já fizeram parte do grupo e que hoje estão trabalhando fora. Flávio Yuba acredita que, com o pagamento de salários, a comunidade possa ter um aumento do número de jovens.

É eu sei como é, eu já saí, já trabalhei no Japão por dois anos. Então ta (sic) lá fora trabalhando não precisa ficar se preocupando com os outros. O jovem ganha dinheiro e gasta no que quer (sic) né, então é difícil voltar. [...] Então por isso, a gente ta querendo assim, fazer na comunidade pro pessoal voltar de novo. Ai tem que pensar o que precisa fazer. Salário ja não tem. Mas a gente ta (sic) pensando em dar salário também, dar um pouco, salário mínimo né¹⁸⁷.

Neste depoimento podemos ver a preocupação do Tesoureiro com o futuro do grupo com a crescente falta de jovens na comunidade. Sua proposta como uma das possíveis soluções para a fixação dos jovens na comunidade constitui-se no pagamento de salário para os mesmos, fato que vem de encontro com o que parte dos integrantes da comunidade aspira para o futuro, o de não ter que pedir dinheiro (ou parte do dinheiro) para o Tesoureiro no que tange ao seu uso pessoal. Porém, acreditamos que este benefício (salário ou porcentagem sobre a produção) só trará benefícios a comunidade se for estendido a **todos** os integrantes da comunidade. Do contrário, se for beneficiar apenas uma pequena parcela de seus integrantes, poderá gerar descontentamento por parte daqueles que não recebem tal benefício, que por sua vez poderá acarretar em desavenças entre seus integrantes. Lembrando que ao lado desse benefício o Tesoureiro assinalou que continuará existindo o caixa-comum nos moldes de hoje, ou seja, a (re)produção comunitária na comunidade continuaria existindo, porém com a diferença de que, para algumas pequenas compras de uso pessoal não seria necessário a solicitação prévia junto ao Tesoureiro da comunidade.

Estas perspectivas de mudanças aqui citadas são apenas “o que pode vir a ser” e não “o que vai acontecer”. Em linhas gerais, quando ocorrem mudanças na

¹⁸⁷ Depoimento de Flávio Yuba, Tesoureiro da comunidade em outubro de 2010.

comunidade estas acontecem de forma gradual, como podemos ver no relato do presidente da comunidade:

“Aqui as coisas são muito devagar, pra mudar alguma coisa aqui, vai muitos anos, isso se mudar né?! [...] porque o pessoal fala assim ‘se deu certo até hoje, então pra que mudar?’¹⁸⁸”

“Os mais velhos falam que é mais fácil acabar aqui [a comunidade] do que mudar¹⁸⁹”

O que podemos perceber com os depoimentos é que só haverá mudanças (sejam elas quais forem) se houver consenso entre seus integrantes, e se essa mudança trouxer benefícios para a comunidade, seja ela financeira, administrativa, moral, etc. O que podemos verificar com este trabalho, é que as mudanças que aconteceram recentemente com: a criação da associação, a dispersão do poder, a mudança na comercialização, a maior abertura para os jovens, etc. foi a maneira que a comunidade acreditou ser melhor para resistir tanto as mudanças internas quanto externas.

O depoimento do jovem integrante da comunidade confirma o que seus integrantes pensam sobre o futuro da comunidade, em que, a forma de (re)produção comunitária sempre irá existir enquanto houver a comunidade. A forma como a comunidade se organizou e se organiza, baseada na sua identidade territorial, leia-se “sistema yuba” pautadas no trabalho, arte, religião, reprodução comunitária e recentemente com uma maior abertura política para seus integrantes se caracteriza como um território *sui generis* que se destaca significativamente como forma de resistência. O diferencial por sua vez, está na forma de reprodução comunitária de seus integrantes que permitem assim uma maior resistência, já que...

...na prática da ajuda mútua, que remonta aos primeiros passos da evolução, encontramos a origem evidente e indubitável de nossas concepções éticas; e podemos afirmar que, no progresso ético do homem, a ajuda mútua – e não a luta de uns contra os outros – tem o papel principal. Em seu avanço, mesmo no momento presente, vemos também a melhor garantia de uma evolução ainda mais grandiosa de nossa espécie (KROPOTKIN, 2006, p. 234).

¹⁸⁸ Depoimento de Tsuneo Yuba, Presidente da comunidade em outubro de 2010.

¹⁸⁹ Depoimento de jovem integrante da comunidade em junho de 2010.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo da Comunidade Yuba podemos chegar a um conjunto de considerações em que:

A **comunidade é constituída por integrantes camponeses**, em que um dos principais **objetivos é sua reprodução enquanto camponês**. O campesinato por sua vez está em constante modificação, (re)criando formas diferentes de resistência a sistemas políticos e econômicos que insistem muitas vezes em sujeitar cada vez mais essa classe, como é o caso hoje do capitalismo. Logo seu desenvolvimento acontece de forma contraditória, como podemos verificar no caso da Comunidade Yuba.

A fundação e início das atividades da Comunidade Yuba se deu a partir da conjunção de vários fatos relacionados como: a imigração japonesa diferenciada nos núcleos de colonização através das empresas colonizadoras que empreendiam nesses imigrantes ensinamentos de solidariedade, perseverança, desapego financeiro e material, religiosidade, etc.; certo isolamento geográfico do núcleo de colonização que propiciou a manutenção de costumes e da cultura japonesa; a influência de autores libertários tanto em Issamu Yuba, idealizador da comunidade, como em alguns amigos do seu círculo social, além da forte influência de Issamu Yuba junto à comunidade japonesa da região.

Seu funcionamento até a morte de Issamu Yuba, além dos fatores citados acima, se deu baseado na ideologia composta pelo tripé trabalho, arte e religião, em que o trabalho deve ser comunitário, a prática das artes para o desenvolvimento pessoal e da religião como desenvolvimento espiritual; pelo acesso aos bens essenciais à satisfação das necessidades de cada um, e pela não propriedade privada de bens de produção e de propriedade, lançando assim, as bases do **“sistema yuba”** que é visto por nós neste trabalho como a **identidade territorial dos integrantes da comunidade**. Porém, o “sistema yuba” funcionava exclusivamente pelo comando de Issamu Yuba (até o seu falecimento), que estipulava quando e como deveria se desenvolver o andamento da comunidade, influenciando assim o modo de vida de seus integrantes, sendo considerado, ainda hoje, *“perto de um Deus”* como foi possível verificar nos relatos.

Essa forma centralizada de administração, aliada com o pouco senso de finanças de Issamu Yuba, levou a comunidade várias vezes à falência. Acreditamos que estes fatos ocorreram, pois o objetivo principal buscado por Issamu Yuba era a reprodução de seus ideais, leia-se do “sistema yuba”, e não o lucro, comprovando mais uma vez seu estado camponês.

Após a morte de Issamu, a liderança de seu filho Tetsuhiko não tinha a mesma influência do pai. A partir daí irão surgir os primeiros germes de dispersão do poder dentro da comunidade, que se materializou de uma forma mais ampla e aberta com a criação da “Associação Comunidade Yuba” em 2003.

Podemos verificar algumas **transformações na comunidade** ocorridas principalmente após a **criação** da “**Associação Comunidade Yuba**” que acabaram culminando em uma **pulverização do poder**, antes centralizados nas mãos de Issamu e Tetsuhiko. Os problemas e soluções hoje são discutidos mais abertamente pelos integrantes da comunidade e as tomadas de decisões são feitas pela diretoria da associação quando estas são de praxe ou de menor importância (compra de materiais, bens de consumo, consertos, visitas, etc.). Já quando as mudanças irão afetar a vida de todos os integrantes da comunidade (mudança de estratégias nas vendas da comunidade, entrada de novo integrante) estas são feitas por meio de assembléias com a participação de todos os integrantes da comunidade. Outro ponto positivo ocorre com a maior abertura para que os jovens participem das assembléias e façam parte da diretoria da associação, fato que na administração centralizada era impossível de ser pensada, afirmando assim a descentralização do poder na comunidade. Esta, por sua vez, tem trazido avanços para os integrantes da comunidade. Como podemos verificar nos relatos, todos os seus integrantes citaram uma melhoria nos aspectos administrativos, com maior participação, confiança e tranquilidade entre os membros da diretoria, principalmente financeiros, com aumento de renda, de consumo e, conseqüentemente, de bem estar, como é de praxe para classe camponesa nestes casos.

A idéia assinalada pelo Tesoureiro da comunidade de, futuramente pagar um salário para os integrantes da comunidade pode ter um ponto positivo, já que, geraria uma maior liberdade de consumo, pois não seria necessário recorrer ao Tesoureiro para o consumo de bens mais imediatos, fato que hoje gera desconforto por parte de alguns integrantes da comunidade, como nos foi relatado. Porém, a nosso ver, esse “benefício” deverá ser estendido para todos os integrantes da

comunidade, evitando assim desigualdade por parte daqueles que possivelmente ficariam sem receber.

Vale lembrar que devido às mudanças na forma administrativa da comunidade, seus integrantes não deixaram de praticar e se reproduzir conforme o **“sistema yuba”** de vivência que, por sua vez, contém várias características das teorias **anarquistas** dispostas neste trabalho como: **a não propriedade privada, a não apropriação de bens de produção, o trabalho de livre escolha e comunitário, a livre produção artística e religiosa, bases de vivência pautadas na solidariedade e ajuda mútua e na forma de consumo comunitário**, atividades que, como pudemos ver através do estudo do **território da comunidade**, configuraram seus **espaços: do trabalho, da arte, da religião, da política e da economia**. Com isso podemos afirmar que, mesmo que seus integrantes não façam menção, a comunidade vivencia hoje os ideais da corrente socialista do comunismo anarquista proposta por Kropotkin com o moto: **“De cada um de acordo com as suas possibilidades; e a cada um de acordo com as suas necessidades”**.

A Comunidade Yuba é mais uma entre tantas outras formas de resistência do campesinato que, comparada com o seu entorno, mostrou maior resistência no que tange à fixação deste camponês no campo, o objetivo principal de Issamu Yuba. Acreditamos que a forma comunitária de vivência da comunidade é que estabelece seu diferencial diante de seu entorno, fortalecendo os laços entre seus integrantes e propiciando uma melhor resistência no campo. Logo, o estudo aprofundado sobre o funcionamento da comunidade vem colaborar para as discussões e estudos do campesinato brasileiro, mostrando mais uma das formas diversificadas de resistência da classe camponesa que, por sua vez, luta dia-a-dia, buscando manter seu modo de vida com a produção de gêneros alimentícios e que carece de políticas voltadas a sua reprodução.

Encerramos este trabalho com palavras que lembram as práticas da Comunidade Yuba, levadas por um otimismo marcante de Kropotkin, onde dizia:

E será ainda pelo trabalho em comum da terra que as sociedades libertarias acharão de novo a sua unidade e apagarão os ódios, e as opressões que as haviam dividido. Podendo desde já conceber a solidariedade, esse poder imenso que centuplica a energia e as forças criadoras do homem, a sociedade nova marchará à conquista do futuro com todo o vigor da mocidade. Cessando de produzir para compradores desconhecidos, e procurando no próprio seio precisões

e gostos a satisfazer a sociedade assegurará largamente a vida e o bem-estar a cada um dos seus membros, ao mesmo tempo que a satisfação moral que dá o trabalho livremente escolhido e livremente executado e a alegria de poder viver sem esbarrar na vida dos outros. Inspirados numa nova audácia alimentada pelo sentimento de solidariedade, todos marcharão juntos à conquista dos altos gozos do saber e da criação artística (KROPOTKIN, 1953 p. 100-101).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

ALMEIDA, Rosemeire A. de. **(Re)criação do campesinato, identidade e distinção: A luta pela terra e o habitus de classe**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

_____. O conceito de classe camponesa em questão. **Revista Terra Livre**. São Paulo: AGB, Ano 19, n. 21, vol. 2, jul/dez de 2003, p. 73-88.

_____. Aliança terra-capital em Mato Grosso do Sul. In:_____ **A questão agrária na contemporaneidade e os desafios do movimento camponês no Brasil**. Egal, 2009. (mimeografado).

AKINAWA, Roberto. **Shoko Suzuki, 50 anos de cerâmica**. Museu da casa brasileira. Disponível em: <<http://www.mcb.sp.gov.br/mcbItem.asp?sMenu=P002&sTipo=5&sItem=363&sOrdem=1>> Acessado em: 14 de julho de 2010.

ARAUJO, F. G. B. de; HAESBAERT, R. (Orgs). **Identidade e Território: Questões e olhares contemporâneos**. Rio de Janeiro: Access, 2007.

BAKUNIN, M. A. **Deus e o Estado**. Disponível em: <<file:///C:/site/LivrosGrátis/deuseoestado.htm>>. Acessado em: 18 de Agosto de 2009.

_____. **Federalismo, Socialismo y Antiteologismo**. Disponível em: <<http://usuarios.multimania.es/abatir/>>. Acessado em: 18 de Agosto de 2009.

BARTABURU, Xavier, Uma terra prometida. In: KANZAWA, Lucille. **Yuba**. São Paulo: Terra Virgem, 2010.

BOMBARDI, Larissa. A dialética e a geografia agrária na obra de Ariovaldo Umbelino de Oliveira . In:_____ FERNANDES, Bernardo M.; MARQUES, Marta S. M.; SUZUKI, Julio C. (Orgs). **Geografia Agrária. Teoria e poder**. Editora Expressão popular, p. 315-337.

BRASIL. **IBGE** (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>> Acessado em: 2009, 2010 e 2011.

CHAYANOV, A. V. Sobre a teoria dos sistemas econômicos não capitalistas. In: GRAZIANO da SILVA e STOLCKE, V. **A questão agrária**. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 133-163.

COMUNIDADE YUBA. **Comunidade Yuba**. Disponível em <<http://www.brasil-ya.com/yuba/>>. Acessado em: 2009, 2010 e 2011.

DEZEM, Rogério. **‘Terrorismo Japonês’? Shindô Renmei: Uma breve história**. 2009. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/15966/1/Shindo-Renmei-Uma-breve-historia/pagina1.html>>. Acessado em: 10 de Maio de 2010.

DIVERSOS. El campesinado como clase. In: _____ (org). **Campesinos y sociedades campesinas**. Mexico: Fondo de Cultura Economica. 1979, p.207-246

FABRINI, João Edmilson e MARCOS, Valéria de. **Os camponeses e a práxis da produção coletiva**. 1ª edição. São Paulo: Expressão popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2010.

FAZITO, Dimitri. **A configuração estrutural dos arranjos familiares nos processos migratórios: a força dos laços fortes para a intermediação**. 2005. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/FamPolPublicas/DimitriFazito.pdf>> Acessado em: 05 de Maio de 2010.

FERREIRA JUNIOR, A. C. e HESPANHOL, A. N. **Os efeitos das políticas voltadas ao setor sulcroalcooleiro no estado de São Paulo**. Geografia em atos, n 6, Vol. 1, Presidente Prudente, Dez. 2006.

FLAVIEN, J. & LAJOINIE, A. (org). **A agricultura nos países socialistas da Europa**. Lisboa: Avante, 1977. 273 p. (Col. Reforma Agrária, 3).

FRANCHETTI, Paulo. Haicai, haicais. **Revista de cultura agulha**. Fortaleza, São Paulo v. 42, Dezembro de 2004. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/ag42franchetti.htm>> Acessado em: 02 de Julho de 2010.

GIARRACA, Norma. TEUBAL Miguel. Del desarrollo agroindustrial a la expansión del ‘agronegocio’: El caso argentino. In: FERNANDES, Bernardo Mançano (Org). **Campesinato e agronegócio na América Latina: a questão agrária atual**. São Paulo: Expressão Popular, 2008, p. 139-164.

GIRARDI, Eduardo Paulon. **Atlas da questão agrária brasileira**. Disponível em: <<http://www4.fct.unesp.br/nera/atlas/index.htm>> Acessado em: 20 de Julho de 2010.

GOMES, Conceição A. de Q. **A presença Japonesa no município de Mirandópolis – SP**. Monografia. Presidente Prudente, 1988.

GUTERRES, I. Os caminhos da transição. Bases teóricas e epistemológicas da agroecologia a partir da Sociologia rural. In: _____. **Agroecologia Militante**. São Paulo: Expressão Popular, 2006, p.17-27 e p. 91-95.

HEGEDÜS, A. A questão agrária. In: HOBSEBAWM, E. J. (org) **História do marxismo**, vol. 4 Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 149-171.

HOBSEBAWM, E. J. Marx, Engels e o socialismo pré-marxiano. In: _____. (org). **História do marxismo**, vol. 1 Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983, 3ª. ed. P. 33-66.

JAPIASSU, Hilton. **O mito da neutralidade científica**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. P. 8-47.

KANZAWA, Lucille. **Yuba**. São Paulo: Terra Virgem, 2010.

_____. Lavrando Arte. **Revista Terra**. Disponível em <http://www.2uol.com.br/caminhosdaterra/reportagens/152_lavrando.shtml> Acessado em: 22 de maio de 2006.

KIDO, Takeshi. Discurso Centenário da Imigração Japonesa do Rotary Clube de Mirandópolis em 17 de Junho de 2008. Disponível em: <<http://rcmirandopolis.webnode.com/news/discurso%20centenario%20da%20imigra%C3%A7%C3%A3o%20japonesa/>>. Acessado em: 02 de Julho de 2010.

KROPOTKIN, Piotr. **A Anarquia. Sua filosofia, seu ideal**. São Paulo: Imaginário, 2000. 77p.

_____. **A conquista do Pão**. Tradução de Cezar Falcão. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953. 102p. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/15242333/A-CONQUISTA-DO-PAO-PIOTR->

KROPOTKIN>. Acessado em: 06 de Junho de 2010.

_____. **Ajuda Mútua: um fator de evolução.** Tradução de Waldyr Azevedo Jr. São Sebastião : A Senhora editora, 2009. 271p. Disponível em: <http://www.4shared.com/get/efFf37m6/Kropotkin_-_Ajuda_Mtua___Um_fa.html>. Acessado em: 06 de Junho de 2010.

_____. **El Apoyo Mutuo.** Disponível em: <http://biblionline.site.voila.fr/reserve_4/el_apoyo_mutuo.pdf>. Acessado em: 05 de Janeiro de 2006.

_____. **La conquista del pan.** Traducción de León-Ignacio. digitalizada por J. de M. Jannos. 2006. Disponível em: <<http://www.hipernet.ufsc.br/foruns/autonomia/kropotkin/conquista/index.html>>. Acessado em: 15 de abril de 2006.

_____. **Palavras de um revoltado.** Tradução de Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Imaginário : Ícone Editora, 2005.

MARCOS, V. **Comunidade Sinsei (u)topia e territorialidade.** Dissertação (Mestrado). Depto. de Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 1996.

_____. **Alternative per la produzione agricola contadina nell'ottica dello sviluppo locale autosostenibile.** Tese (Doutorado). Università degli Studi di Genova. Genova/Italia, 2004.

_____. Da teoria à práxis: os coletivos espanhóis e a produção coletiva na ótica anarquista. **Anais do VII Encontro Nacional da ANPEGE.** Niterói-RJ: UFF, set/2007.

_____. A práxis anarquista ou “uma sociedade anarquista é possível”. In: _____. **Construindo (u)topias: produção coletiva e comunitária e outras formas de organização alternativas para a produção camponesa no Século XXI.** Relatório Técnico Científico. São Paulo: USP/CNPq. Jan/2008. p. 17-75.

_____. A construção do território camponês entre velhas e novas utopias. **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina.** São Paulo: USP, mar/2005. p. 8523-8542.

_____. **Solidariedade que tece redes: as estratégias de reprodução e recreação camponesa nos assentamentos do alto sertão paraibano** (CC Território e campesinato: referenciais para uma análise geográfica). Anais do XIV Encontro Nacional de Geógrafos, Rio Branco-AC, UFAC, jul/2007.

_____. **Construindo alternativas: a produção agroecológica através da mandala**. Anais do III Simpósio Nacional de Geografia Agrária, II Simpósio Internacional de Geografia Agrária, Jornada Ariovaldo Umbelino de Oliveira. Presidente Prudente-SP: UNESP, nov/2005.

_____. Alternativas para a produção agrícola camponesa na ótica do desenvolvimento local autosustentável. **Revista Eletrônica da AGB Três Lagoas-MS**, V. 1, ANO 3, N. 3, Maio/2006, p. 27-50.

MARTINS, José de Souza. **O cativo da terra**. 7ª Ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

MENDES, Eduardo R. **A vida e obra do geógrafo anarquista Piotr Alexeevich Kropotkin e seus ideais na atualidade: estudo de caso da Comunidade Yuba em Mirandópolis-SP**. Monografia. Três Lagoas, 2006.

_____; ALMEIDA, Rosemeire A. de. Algumas considerações sobre o geógrafo anarquista Piotr Kropotkin e a comunidade rural Yuba em Mirandópolis (SP). **Revista Nera**. Ano 10, N. 11. Presidente Prudente, 2007.

MORAIS, F. **Corações Sujos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MULATINHO, H. V. **Palma: a construção de uma comunidade utópica (1924-1970)**. Tese (Doutorado). Depto. de Antropologia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 1982.

NUNES, Paulo H. F. **As relações Brasil-Japão e seus reflexos no processo de ocupação do território brasileiro**. Revista Geografia - Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Geociências - v. 17, n. 1, jan./jun., 2008.

OCADA, Fábio Kazuo. A Cultura e o Habitus Japonês: ingredientes da experiência. **Anais do XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais**. Ouro Preto - MG, 2002. <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/gt_mig_st41_ocada_texto.pdf> Acessado em: 05 de Julho de 2010.

OLIVEIRA, A. U. de. Questões teóricas sobre a agricultura camponesa. In: _____. **A agricultura camponesa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1991, p.45-72.

_____. **Modo capitalista de produção, agricultura e reforma agrária**. São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dg/gesp>>. Acessado em: 07 de Julho de 2009.

OTA, Junko. A língua falada nas comunidades rurais nipo-brasileiras do Estado de São Paulo – considerações sobre *koronia-go*. **Synergies Brésil**. nº 7, 2009, p. 49-56. Disponível em: <<http://ressources-cla.univ-fcomte.fr/gerflint/Bresil7/ota.pdf>>. Acessado em: 22 de Julho de 2010.

PAULINO, Eliane Tomiasi. **Por uma geografia dos camponeses**. São Paulo: Ed. UNESP, 2006.

PREZIA, Benedito e HOORNAERT, Eduardo. **Esta terra tinha dono**. São Paulo: FTD, 1989.

PROUDHON, Joseph. **O que é a propriedade?** 2ª Edição. Tradução de Marília Caeiro. Lisboa, Portugal: Editora Estampa, 1975. Disponível em: <http://www.4shared.com/get/swJqrY2J/Proudhon_-_O_Que__Propriedade.html>. Acessado em: 12 de Agosto de 2010.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução: Maria Cecília França. São Paulo: Editora Ática, 1993.

RAVAGNANI, A. S. **Estudo de uma comunidade japonesa, vivendo numa pequena propriedade agrícola, no município de Guaraçaí-SP**. Guaraçaí, 1987. 98 p. Trabalho de conclusão de curso. Centro Universitário de Três Lagoas - UFMS.

RIZZI, F. A Internacional Comunista e a questão camponesa. In: HOBBSBAWM, E. J. (org) **História do marxismo**, vol. 6 Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, 2ª. ed., p. 219-247.

SAKURAI, Célia. **Imigração japonesa para o Brasil. Um exemplo de imigração tutelada- 1908-1941**. En: XXII Encontro Nacional da ANPOCS. GT 9 migrações internacionais. Caxambu-MG, 1998.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SÃO PAULO, SEADE (Fundação Sistema Estadual de Análise de dados). **SP Demográfico - Estatísticas vitais do Estado de São Paulo**. A inversão da pirâmide etária paulista. Ano 10, nº 3, Abril de 2010. Disponível em: <http://www.seade.gov.br/produtos/spdemog/abr2010/spdemog_abr2010.pdf> Acessado em: 13 de Novembro de 2010.

SASAKI, E. M. **Um Olhar sobre o 'Movimento Dekassegui' de Brasileiros ao Japão no Balanço do Centenário da Imigração Japonesa ao Brasil**. Disponível em: <<http://www.discovernikkei.org/en/journal/article/3330/>>. Acessado em: 15 de Julho de 2010.

SHANIN, Teodor. Lições camponesas. In: _____ FABRINI, João E. (orgs). **Campesinato e territórios em disputa**. São Paulo: Ed. Expressão Popular: UNESP. Programa de pós graduação em geografia, 2008, p. 23-47

_____. **Naturaleza y lógica de la economía campesina**. slp: Anagrama, sdp. p. 15--39.

SILVA, Edima A. **Comunidade Yuba – uma realidade agrícola e cultural em Mirandópolis**. Monografia. Presidente Prudente, 1988. 72p.

SUZUKI, Teliti. **A imigração japonesa no Brasil**. Ver. Inst. Est. Bras. SP, n ° 39, pg. 57-65, 1995. <<http://filetram.com/download/megaupload/books/302775084/teliti-suzuki-a-imigra%C3%A7%C3%A3o-japonesa-no-brsil-pdf>>. Acessado em: 05 de Julho de 2010.

TAVARES, L. A. **Campesinato e os faxinais do Paraná: as terras de uso comum**. 756 p. Tese (Doutorado) Depto. de Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 2008.

WAWZYNIAK, Sidinalva, M. S. **Histórias de estrangeiros: Passos e traços de imigrantes japoneses (1908-1970)**. Tese (Doutorado) Depto. Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2004.

WEISSEL, E. A Internacional Socialista e o debate sobre a socialização. In: HOBBSAWM, E. J. (org) **História do marxismo**, vol. 5 Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984 2ª. ed., p. 227-249

WOODCOCK, George. **História das idéias e movimentos anarquistas - Vol. 1 A idéia.** Tradução de Júlia Tettamanzy. Porto Alegre: L&PM, 2002.

_____. **História das idéias e movimentos anarquistas - Vol. 2 O Movimento.** Tradução de Júlia Tettamanzy. et. al. Porto Alegre: L&PM, 2002.

_____. **Os Grandes Escritos Anarquistas.** 3ª Ed. Tradução de Júlia Tettamanzy e Betina Becker. Porto Alegre: L&PM, 1985.

WOORTMANN, Klaas. “Com parente não se negueia.” O campesinato como ordem moral. In:_____ **Anuário Antropológico 87.** Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 1990.

YAZAKI, Masakatsu. **Associação Comunidade Yuba.** (folheto). São Paulo, 2003.

YOSHIOKA, Remei. **Por que migramos do e para o Japão: Os exemplos dos bairros das Alianças e dos atuais dekassegus.** Tese (Doutorado). Depto. de Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1994.

ZIBECHI, Raúl. Ecos del subsuelo, resistencia y política desde el sótano. In: CECEÑA (coord.). **De los saberes de la emancipación y de la dominación.** Buenos Aires: Consejo Latino Americano de Ciencias Sociales – CLACSO, 2008. Disponível _____ em: _____ <
http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/grupos/cecen/06zibe.pdf>. Acessado em: 05 de Fevereiro de 2011.